



LOVE IS A
BURDEN. LOVE
IS A GIFT.

CALICO

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CALLIE HART





Callie Hart

Calico

Livro Único



Tradução Mecânica: Bia

Revisão Inicial: Day, Cátia, Bea, Jess, Carol, Liette,
Daise, Mari, Aurora

Revisão Final: Dani

Leitura Final: Silvia

Data: 09/2017

Calico Copyright © 2016 Callie Hart

Sinopse

Coralie

Doze anos atrás, fugi para me manter viva.

Port Royal, Carolina do Sul, era minha casa. Eu nasci lá. Eu me apaixonei lá. E quase morri lá. Nunca pensei que voltaria. Agora, depois de tantos anos, tenho que voltar e enterrar o homem que fez da minha vida um inferno. Algumas noites, eu costumava chorar para dormir, rezando para que meu pai morresse. Outras noites eram diferentes. Outras noites, havia ele.

Callan Cross.

Meu primeiro confidente. Meu primeiro beijo. Meu primeiro amor. Meu primeiro tudo: Callan foi a cola que me manteve junto quando tudo estava desmoronando. Ele era meu salvador. Ele estava lá para mim sempre que eu precisava dele...

Até que ele não mais.

Todas as noites, eu vi o amor da minha vida enquanto dormia.

Eu nunca pensei que teria que enfrentá-lo novamente.

Callan

Doze anos atrás, eu fodi com tudo.

Viver a vida atrás da lente de uma câmera às vezes é mais fácil do que lidar de frente com ela. Risca isso. É sempre mais fácil. Há mais de uma década, sou um mestre da minha arte, tirando fotografias em todo o mundo. No entanto, apesar de todos os países que visitei, as coisas incríveis que vi, as belas mulheres que fodi, meu coração permaneceu em pedaços.

A única mulher que já amei e sempre vou amar é Coralie. E estou decidido a mostrar a ela que estamos destinados a estar juntos. Mesmo que isso signifique desenterrar os ossos do passado no processo.

Uma vida e mil quilômetros ficaram entre nós.

Agora, não há tempo, não há espera, não há distância, não há viagens, vou torná-la minha.

Um

Callan

Callan Cross é um babaca

AGORA

Assistir a um funeral apenas para mijar em uma lápide, é algo realmente muito fodido. Há muitas coisas sobre mim que são muito fodidas, mas hoje, a minha necessidade de urinar na sepultura recém-enterrada de um homem morto, está no topo da lista.

Eu só fui a um funeral. Isso não é normal para um homem de vinte e nove anos. Eu tive sorte com as perdas. Não quer dizer que conhecidos, amigos ou colegas de trabalho não morreram. Mas esse primeiro funeral foi uma confusão, assim, eu jurei nunca mais participar desses eventos sentimentais estúpidos. Eu uso o meu trabalho como desculpa.

A Geographic Nacional¹ me fez um convite para ir ao Nepal para tirar fotos dos leopardos na neve. Mas eu tenho trabalhado em uma merda de moda - aliás, coisa que eu odeio fazer - em Paris. Eu consegui uma grande campanha comercial, no meio do nada, para vagar como um tolo em Idaho, tirando fotografias estruturais para uma jurídica/arquiteta/empresa farmacêutica. Minhas desculpas são variadas. Eu só não vou. Prefiro sufocar com meu próprio vômito. Mas desta vez... Desta vez, vou fazer uma exceção.

¹ Revista da Sociedade Geográfica Nacional dos Estados Unidos. A revista aborda temas como geografia, ciências, história, cultura, eventos atuais e fotografia.

— Você vai voltar para Carolina do Sul? Eu pensei que você odiava lá.

Rae, a garota com quem tenho transado durante os últimos três meses, rola em seu estômago e acende um baseado que ela acabou de enrolar. Ela está nua, e a fraca luz da lâmpada de cabeceira projeta sombras sutis na cavidade entre suas omoplatas, deslizando para a base da sua coluna na curva acentuada de suas nádegas. Eu conheci Rae em uma dessas merdas de moda horríveis. Era um trabalho para uma revista da alta costura. Metade de seu rosto estava pintado de azul-turquesa.

Ela estava usando um pedaço de seda que mal cobria as mesmas curvas que eu estou vendo agora. O estilista local tinha criado um ninho de pássaro falso em seu cabelo, com um pintassilgo falso, e isso me fez sentir realmente, muito desconfortável. As aves geralmente tinham esse efeito sobre mim.

Rae estava sentada em uma cadeira, inclinando-se para frente, e eu tinha dito a ela para abrir as pernas um pouco mais para que o tecido que ela usava caísse em seu meio. Rae fez o que lhe foi pedido e muito mais. Ela separou as pernas, tanto quanto podia, e, então deliberadamente deslocou o material do vestido completamente para fora do caminho. Ela não estava usando roupas íntimas. E ela não parecia se importar que houvesse outras duas pessoas no estúdio quando gentilmente acariciou seu dedo médio sobre sua boceta.

Os modelos não tem senso de vergonha. Eles estão tão acostumados a estarem nus e a serem manipulados de lá pra cá. Eu tinha bastante experiência trabalhando com eles para saber que eles não são tímidos. Rae estava tentando chamar minha atenção, e funcionou. Mas eu não a deixei saber, é claro. Continuei tirando fotos, tentando não sorrir, enquanto o diretor da revista ficou ruborizado e quase desmaiou.

Rae soprou a fumaça de maconha através do nariz e, em seguida, me oferece. Eu recusei. — Como um fodido bebê. — ela diz. — Você deve apenas fazer isto. Entregue-se. Deixe ir. Você seria um inferno de muito menos tenso. Quem morreu, afinal?

Rae não gosta que eu não beba, fume ou use drogas. Eu não me encaixo bem em seu estilo de vida. Ela coloca mais coca em seu nariz do que a maioria das estrelas de Hollywood com quem trabalho. Eu bato em sua bunda, rosnando sob minha respiração quando sua carne

salta. — Um homem que era meu vizinho. Um que eu não gostava muito.

Rae revira seus olhos. — Seu ex-vizinho de um milhão de anos atrás? Você é um homem desconcertante, Callan. Eu treinei quinze posições sexuais que poderíamos fazer neste fim de semana, e você prefere comer sanduíches de pepino e beber café frio com um bando de pessoas velhas e estranhas. Devo dizer que estou ofendida.

— Fique ofendida. Eu vou de qualquer maneira. E isso é tudo. Estarei de volta na terça-feira. Então, posso foder você como você quiser. — Eu meio que queria que ela fosse embora, mas eu tinha o hábito de expulsá-la do apartamento logo depois de transarmos. Isso a incomodava muito, e embora haja muitas mulheres que eu poderia estar fazendo sexo aqui em Nova York, Rae é descomplicada. Ela não quer um relacionamento. Ela não espera que eu proponha casamento em algum momento. Ela fode como um demônio, e tem a mente mais suja da face da terra. Eu tenho tentado deixá-la dormir aqui, embora me perturbe um pouco compartilhar meu espaço pessoal. Completamente nu, salto para fora da cama e começo a recolher as roupas e meus pertences pessoais para levar comigo para Port Royal.

Um terno. Um par de jeans. Um par de Chuck Taylors². Duas camisetas. Três pares de cueca boxer. Três pares de meias. Todo o resto é equipamento da câmera - minha Leica, e minhas lentes. Meu tripé, e meu kit de limpeza. Baterias. Filtros. Tampas de lente extra.

A Leica é uma velha câmera de filme. Eu uso uma Canon digital para o trabalho, porque os clientes querem ver o produto final antes de deixar o edifício, e isso é impossível quando você tem que ir para casa revelar o filme. No entanto, quando as fotos são para mim, eu sempre uso a Leica. Está tão velha. Mas foi a primeira câmera que eu comprei, quando eu ainda era uma criança. Eu guardei dinheiro por dois sólidos anos, levando minha mãe a todos os lugares e anotando recados antes que eu tivesse dinheiro suficiente para comprá-la de segunda mão. Uma vez, quando eu estava na faculdade a deixei cair e meu coração quase explodiu fora do meu peito de tanto medo. Felizmente ela sobreviveu. Na maioria das vezes ela sobrevive. Agora ela tem um belo e estranho vazamento de luz, cores e imagens distorcidas. É como se estivesse assombrada ou algo assim. Fantasmas e sombras obscuras pairam nos fundos dos autorretratos e das paisagens urbanas quando eu as revelo.

² Modelo de tênis da marca All Star.

Rae se vira de costas, seios expostos, buceta a mostra, dá outra longa tragada. Seu cabelo castanho avermelhado está esparramado sobre o colchão ao redor de sua cabeça como uma poça de sangue. — Você vai me trazer uma lembrança? — ela pergunta. — Algo realmente cafona e deprimente. Algo que eu possa colocar no meu chaveiro talvez. — Seu rosto está de repente escondido atrás de um véu de fumaça.

— Provavelmente não. Port Royal não é uma cidade turística. E possivelmente eu iria esquecer.

— Justo o suficiente.

Esta é a dinâmica de nosso arranjo: Rae me pergunta algo, e eu sou brutalmente honesto em responder, ela não fica com raiva. Perfeito. Funciona em ambos os sentidos, também. Ela não mente para mim. Não joga nenhum jogo mental estranho. Nós dizemos um ao outro exatamente o que estamos pensando, e na maioria das vezes isso ajuda a manter as coisas em um ritmo suave. Sem sentimentos feridos. Sem expectativas não satisfeitas.

— Você vai entrar em contato com sua antiga namorada de escola quando você estiver na cidade? Isso é o que acontece quando as pessoas voltam para casa, para funerais, não é? — Rae pergunta. Ela faz uma careta, mas não está zangada comigo. Ela está, sem dúvida, triste que ela não será capaz de participar. Ela não percebe que o que ela disse me deixou com raiva, no entanto. Eu viro minhas costas para ela, pegando minha camiseta do chão para vesti-la. Pego um par de boxer limpas a visto também, minha pele parece quente e espinhosa.

— Não. Sem namorada do ensino médio, ou outra merda para mim.

— Ela deixou você? Vocês tiveram uma briga antes de terminarem? Qual era o nome dela?

— Não existe namorada da escola. Eu fui virgem até os dezoito anos. — Eu pressiono as palavras, esperando que Rae ouça o quão seco e irritado eu soei, assim ela não vai mais se aprofundar no assunto, mas ela pode ser um pouco alheia às vezes. Ou isso, ou o meu tom irritado a torna ainda curiosa.

— Mas você amou alguém no ensino médio? Você deveria? Todo mundo se apaixona por alguém no ensino médio.

— Não, eu não.

— Mentiroso. — ela se levanta da cama e caminha nua para a varanda. E depois se inclina contra a parede, me observando. Ela cruza os braços por baixo de seus seios – os mesmos seios em que eu gozei a cerca de vinte minutos atrás - e levanta uma sobrancelha para mim. — Eu estava fodendo o meu professor de educação física quando eu tinha dezesseis anos. Ele era meu crush da escola.

— De forma alguma, essa informação não me surpreende, Rae.

— Ele era casado. Tinha três filhos. Fiquei fascinada pelo fato de que ele tinha cabelo. Todos os pequenos punks desagradáveis da minha sala ainda estavam na fase de crescer pelos em suas bolas e Mike era repleto deles.

— Isso é uma informação muito perturbadora.

— Que eu gostava de estar com caras peludos?

Eu jogo um monte de revistas no colchão - e então eu me abaixo para dar uma olhada embaixo da cama. Meus sapatos estão por aqui, em algum lugar, eu sei que eles estão. — Não. O fato de você ter dormido com um homem casado, com três filhos e você não parecer tão arrependida sobre isso. Isso é perturbador. Droga. Meus sapatos não estão aqui. Porra.

— Ele era o único que estava traindo, Callan. Era ele quem estava mentindo para sua esposa e filhos quando ele se esgueirou comigo à noite. Ele disse a eles que iria jogar boliche com os amigos do trabalho, quando na verdade ele estava me encontrando em um motel para que ele pudesse foder minha pequena boceta.

— Então, ele era um mentiroso e pedófilo. Maravilhoso. Você viu um par de sapatos de couro preto em algum lugar por aqui?

— Ele não era um pedófilo. A idade de consentimento em Maryland é dezesseis anos. Então eu já era responsável por mim.

Eu me levanto e olho para ela. — Isso faz tudo isso estar bem, então.

— Por que você está tão zangado, baby? — Ela se afasta para longe da parede da varanda e volta para dentro. Ela coloca as mãos no meu peito e faz o mesmo ronronar suave que ela faz quando eu desço sobre ela. — Você está irritado por que eu estava fodendo um cara mais velho na escola e você não estava fodendo ninguém?

— Quantos anos ele tinha? — pergunto.

— Trinta e oito. — Rae fala orgulhosamente com um movimento em seu cabelo. Ela olha para mim, o desafio brilhando como vidro em seus olhos azuis cristalinos. — Isso é engraçado, na verdade. — ela diz. — Eu acabei de perceber. Isso significa que mesmo naquela época, ele ainda é nove anos mais velho do que você é agora.

— Sim. Isso é muito hilário. — eu digo, mas eu não estou rindo. Eu pego suas mãos e as retiro do meu peito. — Eu realmente não me sinto bem te fazendo lembrar de um velho pervertido que se aproveitou de você. — É meio estranho que ela esteja tão orgulhosa.

— Você está com ciúmes. — ela sussurra, levando suas mãos até seu rosto para que ela possa morder suas unhas infantilmente. — Callan, você está morrendo de ciúmes. Isso é fantástico.

Me curvo para baixo, de modo que estamos no nível dos olhos um com o outro. — Eu não estou. Estou cansado. E eu acho que sua bússola moral está quebrada. É isso aí. Isso é tudo.

Ela me dá um sorriso malicioso. Seus lábios estão cheios e manchados de vermelho brilhante de seu batom, inchados pelos golpes que eles receberam quando eu fodi sua boca não muito tempo atrás. Esses lábios são parte da razão pela qual eu realmente não posso desistir dela. Eles me fazem lembrar de alguém. — Sua bússola moral está quebrada também, idiota. — ela me diz. — Você não é melhor do que eu.

— Veja, é aí que você se engana. A minha bússola moral funciona perfeitamente. Eu só escolho ignorá-la. Isso é algo completamente diferente.

Rae parece pensar sobre isso. — Então, quem é pior, eu, a mulher que não sabe bem das coisas, ou você, o homem que peca com pleno conhecimento de suas ações?

Retorno o sorriso perverso de Rae, sentindo meu interior assumir uma sombra negra. — Eu. Eu sou o pior. Você sabe disso.

Ela concorda com a cabeça, porque ela sabe. — Até mesmo porque isso foi dito na revista High Lite.

— High Lite?

Rae assente com a cabeça. — Comprei uma cópia ontem. Seu rosto está estampado nas duas páginas centrais, eles o apresentaram como se você fosse um maldito revolucionário ou algo assim. — Sua voz é salpicada com algo que soa estranhamente semelhante à inveja. Fiz

uma entrevista com uma jornalista que trabalha para a High Lite há cerca de um mês. Ela disse que iria empurrar esse artigo sobre o meu trabalho até o limite, mas que eu não deveria prender a minha respiração. E eu não fiz. Na verdade, eu tinha esquecido sobre isso até agora.

— Eles escreveram coisas terríveis sobre mim? — pergunto.

Rae acena com a cabeça. — Muito ruim. Não consigo imaginar o que você fez para merecer um editorial tão severo. — Mas ela pode imaginar perfeitamente bem. Ela viu como eu converso com as pessoas às vezes. Ela viu como eu posso ser abrasivo quando esfregam a minha ferida. A boca de Rae puxa para cima em um sorriso travesso. — A manchete diz: Callan Cross é um babaca.

— Agradável. Eu não sabia que se poderia escrever — babaca — em uma revista.

Rae encolhe os ombros. — Eles são sensacionalistas. Eles podem fazer o que quiserem.

— Qual era o slogan?

Rae se coloca em sua melhor voz de leitora de notícias, que é realmente bastante impressionante. — Ele é alto, moreno e selvagemmente bonito, e ele é o fotógrafo mais conhecido da América. Aos vinte e nove, Callan Cross já conquistou o mundo. Agora ele está pensando em jogar tudo fora, com uma imagem brutal.

— Eu gosto da parte alto, moreno e bonito.

— Eles disseram que você era arrogante e potencialmente delirante.

— Quem dá uma merda para o que eles pensam de mim como pessoa? O que eles disseram sobre o meu trabalho?

— Incendiário. Selvagem. Excitante. Transcendental. Havia alguns outros adjetivos jogados ao redor, mas eles ficaram um pouco fanáticos. Então parei de ler depois de um tempo. Só olhei para as fotos.

— Elas ficaram boas, certo? — eu dei a revista alguns autorretratos que tirei de mim mesmo no ano passado. Meu perfil foi uma silhueta, no fundo ramos de árvores e um céu frio de inverno com tons visíveis de azul e roxo sobreposto a imagem. A jornalista me perguntou se eu tinha criado os autorretratos no Photoshop e foi aí que

as hostilidades começaram. Eu tinha dito a ela, não, eu não tinha usado o Photoshop. Eu tinha usado um ampliador para misturar as duas imagens juntas, uma em cima da outra, e tudo era feito à mão. Ela me encarou sem expressão, como se ela não pudesse acreditar nessa merda, e eu soube imediatamente com quem eu estava lidando: Outro moderninho com uma conta no Instagram, jogando um filtro em uma selfie e chamando-o de arte.

Enfurecedor.

— Elas eram muito escuras e tortuosas. — diz Rae. — Normalmente, quando você tem sua foto em uma revista, é uma coisa boa quando as pessoas podem ver seu rosto. Afinal, você é um homem bonito.

— Obrigado. Eu não me importo com as pessoas vendo meu rosto, no entanto. Eu quero ser completamente sem rosto.

Rae franziu o cenho. Ela joga para trás as coberturas na cama e sobe, chutando minhas revistas para o chão. — Você é delirante. — ela me informa. — Estou morrendo de sono agora. Acho que vou te ver quando você voltar de sua pequena excursão para o sul.

— Você vai. — Eu não a beijo para dizer boa noite. Esse não é o tipo de pessoas que somos. Eu continuo a procurar meus sapatos, meu sangue inexplicavelmente queima em minhas veias, até perceber que eu nunca vou encontrá-los. Onde quer que estejam agora, já não estão no meu apartamento. Uma vez que aceitei isso, eu pego minhas chaves e saio. Rae está profundamente adormecida, e ainda estará dormindo no momento em que eu voltar, sem dúvida, mas eu não estou nem perto de estar cansado. Estou ligado. Nervoso, preciso saber o que a jornalista escreveu sobre mim.

Encontro uma cópia da High Lite Magazine em uma banca na 5ª avenida, e paguei por ela com uma nota de dez dólares amassada. Eu ando em círculos, enquanto a leio.

O jornal fala sobre o meu trabalho - diz coisas impressionantes, e eu gosto disso. Ela me chama de narcisista, que é um disfarce que eu não me importo de usar, eu acho. Tudo isso é verdade. Em meados do artigo, ela escreve sobre meus antecedentes. Começa a falar sobre minha falecida mãe. Eu intencionalmente não lhe disse nada sobre a minha família, mesmo que ela tenha pedido. No final da entrevista, ela menciona a primeira foto que eu recebi o reconhecimento, há anos atrás. Eu estou cheio de raiva quando viro a página e vejo a porra impressa. Sem meu consentimento. Eu passei os últimos dez anos

tentando enterrar essa imagem, e ainda assim ela está em cores, monopolizando metade da maldita página de imóveis em uma das maiores revistas de estilo de vida do país. Toda vez que eu vejo essa foto, parece que eu engoli lâminas de barbear e vou lentamente sangrar até a morte.

É a foto de uma menina. Seu olho direito está inchado e machucado, e seu lábio está aberto. Ela tem sangue seco em seu queixo, e está chorando. A garota estava olhando diretamente para mim quando eu tirei a foto. Ela estava nua e ferida, seu sangue e suas lágrimas eram reais. Eu nunca deveria ter compartilhado essa foto. Era profundamente pessoal. Profundamente doloroso. Era uma conversa silenciosa compartilhada entre dois adolescentes danificados, que estavam apegando-se a sobrevivência.

Eu não tinha o direito de compartilhar a imagem com o mundo, mas eu fiz de qualquer maneira. Eu me arrependi todos os dias desde então.

Eu realmente sou um cafajeste.

Dois

Coralie

Lutar ou Fugir

AGORA

Minha mãe me colocou esse nome por causa do oceano. Ela amava a raridade orgânica do coral. Era seu sonho viajar para a Austrália e nadar na Grande Barreira de Corais, para que ela pudesse ver a dimensão formada por pedregulhos repletas de algas, todas aglomeradas, estendendo-se abaixo dela até onde os olhos pudessem ver. Ela costumava me mostrar muitas imagens desbotadas na velha e desgastada Enciclopédia Britânica que mantinha escondida debaixo do seu lado da cama que compartilhava com meu pai. Ironicamente, minha mãe não podia nadar, no entanto. Ela estava sempre falando sobre o aprendizado, mas ela nunca parecia se dar conta disso.

Ela morreu quando eu tinha doze anos, o que colocou um ponto final em seus planos de viajar pelo mundo e explorar o mar. Seis meses depois da sua morte, eu ainda pensava que minha mãe estava dirigindo na chuva e perdeu o controle de seu carro. Mas então descobri que ela dirigiu até a ponte Palisade e colocou um fim na sua vida de propósito. Meu pai sabia como apertar seus botões, ele os empurrou por anos, e ela simplesmente chegou a um ponto em que a promessa da Grande Barreira de Corais, a promessa de me ver graduar, a promessa de envelhecer e morrer dormindo, não foram suficientes para justificar a vida de tormento por mais tempo.

Eu tinha encontrado uma carta endereçada a mim no escritório do meu pai, onde explicava tudo isso. Até então, eu tinha estado com o coração partido, devastada que minha mãe tinha sido tirada de mim tão cruelmente. Quando li a carta, o papel balançando violentamente em

minhas mãos trêmulas, eu deixei de sofrer. Parei de chorar. Comecei a ser feliz, porque ela não estava sofrendo mais. Pelo menos ela tinha saído, e isso era algo. E eu não fiz até muito mais tarde.

— Você não quer que eu vá com você? É um voo longo. Pelo menos deixe-me levá-la ao aeroporto. O trânsito é um pesadelo a essa hora do dia. — Ben, meu namorado, me ajuda a levar minha mala pelos degraus da nossa casa em Palos Verdes. Quando saí da Carolina do Sul, fui para o Canadá. Então vim para a Califórnia e parei de fugir, no entanto. Parecia bastante longe, dado que meu pai que se recusava firmemente em cruzar o estado, e o sol me fazia feliz. Eu deixei Ben colocar minhas malas no porta-malas do meu carro, sabendo que ele realmente não queria vir para o aeroporto comigo, muito menos Port Royal. Na verdade, eu tenho certeza que apenas a possibilidade o fez sentir coceiras por dentro.

— Eu estou bem, sério. LAX³ está a trinta minutos de distância. Você deve ficar. Você tem trabalho a fazer, além disso... Eu não sei, preciso fazer isso sozinha. Isso faz sentido? — Isso nem mesmo faz sentido para mim - eu deveria estar segurando qualquer apoio que está sendo oferecido para mim agora, mas eu não vou. Um profundo sentimento de vergonha inunda-me sempre que penso em minha casa. Eu não quero levar Ben lá. Eu não quero que ele pise dentro da casa onde eu cresci, caso contrário ele vai se lembrar e guardar isso com ele. E eu vou saber que quando ele olhar para mim, ele estará vendo aquele lugar e tudo o que eu contei a ele sobre o que aconteceu lá, e eu não vou ser capaz de suportar isso.

Ben assente, franzindo a testa. — Ok. Se precisar de mim, pode me ligar a qualquer hora. Você sabe disso, certo? Vou pegar o primeiro avião.

— Eu ligo. Obrigada. — Eu o beijo na bochecha, e ele me abraça, me acariciando levemente nas costas. Não é o mais romântico adeus.

— Quatro dias. Isso realmente não é muito tempo. Vejo você em breve, Cora. — Ele fica na garagem e acena um gesto de despedida. Eu dirijo direto até PCH⁴ até chegar à Hermosa Beach, e então estaciono na rua lateral, abro a porta do carro, empurro meus dedos pela garganta e vomito.

Eu me sinto muito, muito mais leve depois disso. Quando estou no avião e meu coração bate violentamente contra meu peito como um

³ Aeroporto Internacional de Los Angeles.

⁴ Pacific Coast Highway: Rota do Estado da Califórnia.

punho batendo contra uma parede de tijolos, eu percebo a estupidez que fiz. Eu não tinha forçado meu vomito em mais de sete anos.

Sete anos.

Bulimia nunca foi sobre autoimagem para mim. Tratava-se de ansiedade e controle. Levei anos para superá-la. O que eu fiz foi pisar num território incrivelmente perigoso. A coisa mais preocupante é que eu nem pensei nisso. Tenho vinte e nove anos agora. Eu tenho um bom trabalho. Uma bela casa. Um namorado estável. Eu não deveria ter que me preocupar com coisas como distúrbios alimentares, e, contudo aqui estou eu, sentada em um avião, congelando minha bunda, me perguntando se eu vou continuar a fazer-me vomitar quando eu estiver de volta em Port Real.

Fumantes consomem um maço por dia. Os alcoólatras bebem como um poço sem fundo. Talvez eu fique tão doente que volte para o hospital. Eu não sinto nada quando penso nisso. Eu me sinto... vazia. Penso que a verdadeira emoção virá quando eu dirigir meu carro alugado nas ruas daquela pequena cidade, vendo aquelas casas familiares com seus pilares coloniais e seus gramados arrebatadores, e seu barco pantanoso na costa. É quando eu sinto que perdi completamente o controle do meu corpo.

— Senhora? A senhora está bem? Sua respiração ficou acelerada de repente. — A mulher no assento ao meu lado tem um olhar simpático, os olhos cheios de preocupação através de seus óculos enormes. — Eu normalmente não diria nada querida, mas você está inquieta desde que decolamos. Você simplesmente não parece que está se sentindo bem. Você tem medo de voar? É isso?

Eu olho fixamente para ela por um momento em silêncio antes de suas palavras infiltrarem em minha cabeça. — Sim. Sim, eu odeio voar. Fico muito ansiosa.

A mulher acena. Se inclina para mais perto, acenando para que eu faça o mesmo. — Você quer algum Klonopin⁵ querida? Eu sempre consigo alguns quando estou voando. Tenho um tesouro na minha bolsa.

Eu estou prestes a dizer não, tenho a intenção de fazê-lo, mas de repente me vejo estendendo a mão, a mulher coloca pequenas pílulas

⁵ É um dos nomes comerciais de clonazepam. Droga que tem muitos efeitos sobre o cérebro, mas neste caso é usado para reduzir o pânico.

brancas na minha palma. Eu nem sei como isso acontece. — Vamos lá, querida. São seis. Você pode guardar algumas para a próxima vez. Não fique louca agora. Não vá engolir todas de uma vez. Eu não quero ser responsável por você ficar dopada.

— Oh, eu vou ter cuidado. Eu prometo. — Se eu fosse me matar, eu faria da mesma forma que minha mãe. Eu dirigiria meu carro para fora de uma ponte. Haveria algum tipo de simetria nisso, eu acho. Eu não posso dizer a ela, embora. Eu aprendi um tempo atrás que você não pode apenas dizer o que diabos você está pensando ou as pessoas vão assumir que você está mentalmente perturbada.

A mulher – cujo nome é Margo – me dá sua minúscula garrafa de água para beber a medicação que ganhei, e então ela fala comigo durante trinta minutos sobre seus gatos. Sem filhos, Margo substituiu sua descendência inexistente por alguns bebês peludos e se sente extremamente orgulhosa disso. Eu digo a ela que sou alérgica, e ela solta um gemido terrível, como se ela estivesse imaginando sua vida sem seus preciosos gatinhos, podendo nunca mais acaricia-los.

— Você, pobre doce menina. — diz ela. — E os cachorros? Você pode fazer com os cães?

Eu sinto que deveria me opor a expressão — fazer com os cães — porque soa sexual e eu definitivamente não quero ter sexo com cães, mas no final não me incomoda. Margo não entenderia, e eu particularmente não quero discutir sobre sexo e cães na mesma frase. Em vez disso, eu digo a ela que sim, eu posso — fazer com cães — e que meu namorado tem um pastor alemão. Ben não tem um cachorro, mas mentir parece ser uma maneira inteligente de preencher o tempo agora.

Quando pousamos em Charleston, eu disse tanta merda sobre este animal imaginário que estou realmente pensando em adotar um cachorro. Margo se despede quando saímos do avião, e eu a deixo ir enquanto desço o corredor, indo para o balcão de locação de automóveis. A notícia da morte de meu pai veio de repente. Eu não esperava, portanto, realmente não tive tempo para fazer a reserva. Felizmente, quando eu chego à recepção, eles têm muitas opções para escolher. Talvez seja o Klonopin, ou talvez seja o fato de que eu realmente não quero estar aqui e estava apenas pensando em dirigir sem rumo para uma ponte, mas eu ridiculamente decido pelo mais poderoso e perigoso carro que eles têm, um Porsche Cayman. Eu nunca dirigi nada tão extravagante ou descaradamente estúpido antes. Estou realmente surpresa que eles tenham um carro com fortes probabilidades de se chocar a um poste.

Callan era fascinado por carros. Quinze anos atrás, ele teria adorado dirigir essa coisa. Deus, quero dizer, ele provavelmente tenha um agora. De vez em quando, alguém diz o seu nome. Eles leem um artigo sobre ele e percebem que somos da mesma pequena cidade na Carolina do Sul, e eles comentam sobre a estranha coincidência. Você o conhece? Vocês passaram algum tempo juntos quando eram crianças? Às vezes eu lhes digo a verdade. Às vezes, admito conhecê-lo, talvez até digo, sim, nós éramos vizinhos, acredite ou não. Mas na maioria das vezes, eu balanço a cabeça e digo-lhes não. Eu não tenho ideia de quem ele é. É mais fácil dessa maneira. É melhor.

— Coralie Taylor? É... é você, menina? Por Deus. É melhor você não estar planejando passar na frente da minha casa se você não vai entrar para dizer olá. Eu sei que você foi educada com boas maneiras, menina.

Friday Beauchamp às vezes cuidava de mim quando eu era criança. Ela era a única mulher que meu pai deixava entrar dentro da sua casa; Ele não era estúpido o suficiente para ir contra Friday. Ela era grande, mesmo naquela época, do tamanho de um trailer de dupla largura, meu pai diria, e agora ela é ainda maior. Seu temperamento era coisa de lendas. Ela bateu no meu traseiro tantas vezes que eu quase desisti de me sentar completamente durante um ano inteiro.

Friday pode ter sido dura às vezes, mas ela também foi generosa e gentil quando eu precisei. Quando eu estava tão cansada que mal conseguia me levantar. Quando meu corpo doía tanto que eu só queria morrer. Ela limpava meus cortes e fez curativos uma e outra vez, me implorou para que eu ficasse com ela em sua modesta casinha, e eu chorei e lhe dizia que eu iria, mas depois voltei para casa de qualquer maneira. Ela sabe que eu nunca voltaria aqui, para este lugar, e não iria vê-la. Ela sabe que eu fui criada com boas maneiras, porque foi ela quem me ensinou. Deixei-a dobrar-me em seu abraço, e o cheiro de água-de-rosa e creme de cabelo inunda meus sentidos, trazendo de volta uma enxurrada de memórias, dolorosas e doces, maravilhosas e terríveis ao mesmo tempo. É o suficiente para trazer lágrimas aos meus olhos.

— Se você fosse qualquer outra pessoa, menina, eu diria sinto muito por sua perda. — ela me diz. — Mas sei que foi melhor.

— Sim. É difícil, eu acho. — Eu digo coisas assim o tempo todo quando digo às pessoas que meu pai morreu. Parece que é o que eles esperam de mim, e eu odeio decepcionar as pessoas.

Friday se inclina para longe, segurando-me ao comprimento do braço para que ela possa conseguir uma boa olhada de mim. — Isso não é nem perto de difícil. Esta é a coisa mais fácil do mundo. Seu pai morreu. Ele era um velho bastardo rancoroso e merecia cada último momento de dor que ele viveu antes de morrer. Não há problema em ficar aliviada, Coralie.

Eu apenas aceno e Mmhm... Espero que ela pare de falar sobre ele logo. Friday conhece minhas táticas de me esquivar o suficiente para me ler. Ela me puxa para os degraus que levam a sua varanda, onde um bule chá já está suando na sombra. Dois copos altos estão colocados lado a lado, e uma parte de mim acha divertido. Estou tão acostumada a Califórnia agora; Em Los Angeles você nunca encontraria um sinal tão aberto de hospitalidade. Friday serviu os dois copos, não porque ela sabia que eu viria em algum momento, mas porque ela sabia que alguém faria, eles sempre fazem, e ela queria estar pronta para receber seu convidado.

— Sente-se, querida. Preciso ouvir tudo sobre seu estilo de vida Hollywoodiano. — Friday, apesar de ser uma mulher grande, move-se com graça enquanto atravessa a varanda e se senta em uma de suas cadeiras de Adirondack⁶ pintadas de branco. — Eu sei o que se passa lá fora. Todas essas moralidades soltas voando ao redor. Todos aqueles meninos bonitos com dentes clareados. É um milagre que uma mulher possa realizar qualquer trabalho. Você recebe comissões para pintar todas aquelas celebridades, hein? — Ela diz tudo isso de uma só vez, antes mesmo de eu ter chance de me sentar.

Quando estou confortável, respiro fundo e começo pelo início. — Eu não vivo em Hollywood. Eu moro no sul da cidade, bem no oceano. Eu recebo comissões, mas eu não pinte nada para alguém famoso ainda. E eu nunca fui em Hollywood. Mesmo se eu fosse, eu não estaria olhando para meninos bonitos com dentes branqueados. Eu tenho um namorado, lembra? Ben? Eu lhe falei sobre ele na última vez que enviei um e-mail.

⁶ Típica cadeiras norte-americana usada na área externa da casa, elas podem ter muitas cores, mas tradicionalmente são brancas e são feitas de barras de madeira separadas umas das outras, tanto o assento quanto o encosto.

— E-mail? Querida, você sabe que eu não leio nenhum e-mail. Eu não posso trabalhar nessa máquina louca. O que há de errado com uma carta normal? O serviço postal ainda está funcionando, não está?

— Sim. Embora não muito bem. — concordo. — Você ainda está tomando sua insulina? — Friday tornou-se diabética ao longo dos últimos anos. Sempre que eu encontro tempo para ligar e ver como ela está indo, o tema de sua medicação sempre é evitado por ela. Sentada bem a sua frente, olhando-a diretamente olhos, torna mais difícil para ela mentir ou se esquivar da pergunta.

— Quando preciso menina. Eu não vejo a necessidade de bombardear meu corpo a cada cinco segundos do dia.

— Você vai ficar doente se você não tomá-la da maneira correta. — eu a repreendo. — Você poderia ficar cega. Perder as pernas. Você quer isso?

— Que tipo de pergunta louca é essa? E eu que pensei que você era inteligente. Claro que não quero perder minhas malditas pernas.

Friday sempre se torna hostil quando você aponta a verdade. Eu não me ofendo. — Então comece a fazer o que você precisa fazer. As doses de insulina não foi uma sugestão. Foram ordens médicas.

Friday faz um som de descontentamento, recusando-se a olhar para mim. Ela serve mais um pouco de chá doce e empurra o copo para mim. — Eu vi aquele ali vindo para casa mais cedo. — Ela aponta para o outro lado da rua, em direção à casa que tenho evitado olhar. Ambas as casas, na verdade. À esquerda, a casa dos Cross, onde Callan cresceu, e a casa ao lado desta, o prédio de três andares onde eu existí nas sombras por dezessete anos.

— Ele cresceu, se isso faz sentido para você. O menino nunca parou de crescer.

Eu pisco lentamente olhando para a casa do outro lado, tentando entender o que Friday está me dizendo. — Callan? Callan voltou para casa?

Friday suspira pesadamente, movendo-se em sua cadeira. — Não foi isso que eu disse? Ele voltou esta manhã em um pedaço horrível de merda que se parecia com um carro. Tenho certeza de que havia fumaça saindo do capô

Callan não deveria estar aqui. Callan está em Nova York. — Eu sei disso porque eu sempre sei onde ele está. Eu nunca quis notá-lo tanto, mas o cara tem contas de mídia social, e, bem, às vezes eu olho.

Friday joga os ombros para trás e seu peito considerável sobressai ainda mais. — Então Callan tem um irmão gêmeo, porque um cara alto, com cabelos escuros entrou naquela casa há cinco horas atrás e se assemelhava a ele.

Depois do sermão que me dei no avião sobre não me fazer vomitar mais, é engraçado o quanto eu quero enfiar meus dedos na minha garganta de repente. O Klonopin que Margo me deu ajudou a amenizar os momentos agudos do dia, mas agora parece que tudo está distorcido e minha cabeça está prestes a explodir.

— *Como?* Como assim ele está de volta? Eu não entendo. — Dizer a ele sobre meu pai nem sequer passou pela cabeça. Callan o odiava tanto quanto eu. De jeito nenhum ele gostaria de voltar aqui e cumprimentá-lo. Dada a nossa história e cada coisa comovente que aconteceu aqui, ele voltar era a última coisa que eu estava esperando. Jesus Cristo, como diabos eu vou lidar com isso?

Ao meu lado, Friday limpa a garganta. — Eu o chamei depois que fiquei sabendo menina, o mesmo fiz com você. Vocês eram unha e carne enquanto cresciam. Ele foi seu primeiro amor. Eu tive que trazê-lo de volta aqui para apoiá-la.

— Oh meu deus Friday, eu não posso acreditar... — eu parei de falar. Estou perigosamente perto de perder a paciência e atacar a velha, e tenho certeza que ela só pensou que estava ajudando, mas... Maldição. Callan aqui é a última coisa que eu preciso. Quero calma, tranquilidade e paz, e a única coisa que Callan Cross pode oferecer agora é confusão. Eu respiro fundo e depois começo de novo. — Callan e eu não somos mais amigos Friday. Nós não temos sido por um tempo muito longo. E agora ele voltou aqui, pensando que eu precisava dele ou algo assim, e vai ser tão estranho. Eu não posso... Eu não posso nem olhar para ele.

Friday me ouve falar, mas posso dizer que ela tem algo a dizer pela expressão em seu rosto. Seus lábios estão pressionando cada vez mais juntos, tornando-os brancos, e suas sobrancelhas estão praticamente se juntando. — Só porque você não pode olhar para ele, não significa que ele não possa olhar para você. Você sabe o que ele fez quando eu disse a ele que seu pai estava morto?

— Riu?

— Não, ele não riu. O que você tem? Senhor, tenha misericórdia. — Eu olho para o meu doce chá, sem dizer nada, mas Friday empurra meus botões. — Aquele menino se quebrou em lágrimas. Ele pode ter negado, mas eu podia ouvir em sua voz. Agora ouça-me. — Ela aponta seu dedo para mim, sacudindo-o em meu rosto. — Quando você vê-lo, certifique-se de não jogar suas garras nele, você ouviu? Ele pode ter algo que gostaria de lhe dizer primeiro.

Eu balanço a cabeça lentamente, sentindo um estranho oco, um tipo de dormência trabalhando seu caminho através de minhas entranhas. — Já se passaram doze anos, Friday. Se qualquer um de nós tivesse algo a dizer, teríamos feito há muito tempo.

Três

Callan

Fantasma

AGORA

A casa cheira a naftalina. Eu não estive aqui em mais de dez anos, desde que minha mãe morreu. E embora tenha contratado uma pessoa para vir limpar uma vez por mês e se certificar de que nada fique deteriorado, você pode dizer assim que você entra pela porta que ninguém mora aqui. É uma concha. Um mausoléu cheio de fantasmas. Eu queria vendê-la há um tempo, mas ela só ficou no mercado por três semanas e eu já estava ficando louco, dizendo ao agente imobiliário para tira-la de sua lista. Parecia... Uma traição. Eu sabia que, enquanto Malcolm Taylor estivesse vivo, Coralie nunca voltaria para casa, mas eu não podia ter certeza. Minha mente imaginava essa cena, onde ela voltaria um dia e bateria na minha porta, finalmente querendo me ver, e ela encararia um estranho. Isso não era algo que eu poderia tolerar. Mesmo dentro do vasto abraço de uma cidade como Nova York, eu sabia que ela estava lá fora em algum lugar, e ela poderia precisar de uma cópia da minha chave novamente para fugir e se esconder no meu antigo quarto, como fez por anos quando éramos adolescentes.

Agora há algo vivo frio dentro de mim, como uma serpente. Nunca estive lá antes. Não naquela época, quando eu estava com ela. Não, a coisa fria, glacial e vazia que vive dentro de mim apareceu no dia seguinte ao da morte de minha mãe. Isto me disse que era inútil se preocupar com as pessoas. Isto me disse que era inútil considerar o que eles pensam, sentem ou desejam da vida. Insistia que os sentimentos de outras pessoas não passavam de uma inconveniência que iria dificultar minha própria felicidade. Isto me disse para esquecer tudo sobre Coralie. Eu corri dele por um tempo, mas lentamente, gradualmente,

me resignei ao fato de que estava certo. Tinha razão em tudo. Eu parei de me preocupar com os sentimentos de outras pessoas. Fechei-me para o mundo e dei-lhes a personalidade do grande Callan Cross. Eu fiz tudo o que isto queria que eu fizesse. Tudo, menos uma coisa. Eu nunca poderia esquecer Coralie, a menina ao lado, não importa o quão duro eu tentei. Além disso, eu não queria. Ela ainda é a única parte do meu passado que eu não descartei da minha vida. Ela é um fragmento de vidro sob minha pele ou a única coisa que está me impedindo de perder a minha merda completamente, dependendo do dia, da hora e do lugar.

Agora, ela é o vidro.

No dia em que meu pai foi embora, eu tinha catorze anos. Quando entro na minha antiga casa, a primeira lembrança que me atinge é a minha mãe de joelhos no corredor, soluçando incontrolavelmente com uma tesoura na mão direita. Sua mão esquerda estava sangrando por toda a superfície do chão, e seu rímel escorria pelo seu rosto em rios negros. Eu não precisava perguntar o que tinha acontecido; Eles estavam discutindo por semanas. Mesmo em dois momentos diferentes, eu podia ouvir meu pai gritando que ele não a amava mais. Não queria mais ficar com ela. Não me queria mais. Ele nunca a machucava. Não com os punhos. Suas palavras machucavam muito mais.

Enquanto caminho pelos outros cômodos da casa, mais lembranças voam para mim, lançando-me de volta ao tempo. Minha mãe me ensinou a jogar xadrez na mesa da cozinha. Meu pai xingando quando se queimou tentando acender a luz piloto no aquecedor de água. Eu arranquei o assoalho no chão ao lado da lareira para esconder o dinheiro feito com minhas fotos. Meu pai, irritado com alguma coisa ou por nada, lançando as primeiras fotografias que eu tinha revelado na lixeira. Empurrando-as no fundo, e depois me dizendo que ele me daria uma cintada se eu sequer pensasse em pegá-las outra vez.

As lembranças de Coralie não começam até chegar ao segundo andar da casa e estou parado do lado de fora do quarto antigo da minha mãe. Minha mãe estava acamada na última vez que vi Coralie. Eu estava parado do lado de fora do quarto dela. Mamãe estava dormindo, e Coralie estava de pé no corredor, exatamente onde estou parado agora, me encarando. Eu nunca vi tanta dor nos olhos de uma pessoa.

Eu queria me levantar, ir até ela, pegá-la nos meus braços, dizer-lhe como estava arrependido, mas era tarde demais para isso. Coralie tinha uma mala na mão, e eu sabia que ela estava indo embora. Ela balançou a cabeça para mim e foi isso. Eu sabia que era o fim da vida

de Callan Cross: Parte Um estava começando. Demorou dois anos para a Parte Dois vir e me esmagar de uma vez por todas.

Cada único pedaço da mobília dentro da casa está coberto com capas, formando figuras estranhas devido a forma dos sofás, mesas, prateleira e o relógio de parede do meu avô. Eu não removi nenhum deles. Eu não vou ficar tempo suficiente para justificar a remoção dos móveis, afinal. O único quarto que me incomodou foi meu antigo quarto. Os cartazes de bandas ainda estão pendurados em toda parte. Minha mãe me deixou pendurar um quadro de cortiça, que ainda está com bilhetes de viagens, ingressos de filmes, concertos, amostras de arte, museus... Qualquer coisa que eu nunca fui ou vi. Minha cama está bem feita, ostentando o mesmo conjunto de lençol que eu tinha quando eu era adolescente - um azul escuro e simples, embora um pouco desbotado agora. Meus velhos troféus de futebol e basquete ainda estão na prateleira. Aposto que todas as minhas roupas velhas ainda estão lá dentro, agora provavelmente um pouco esfarrapadas por causa das traças que podem ter entrado e feito a festa.

Eu não vejo nenhum desses detalhes, no entanto. Na verdade não. Estou muito distraído com as fotografias. Elas estão em toda parte. Fotografias que vieram da mesma Leica que eu trouxe de volta comigo para Port Royal. Fotografias de tudo o que eu vi e que me fez pensar ou questionar, ou sentir alguma coisa. Principalmente, as fotografias são de Coralie, porque durante muito tempo ela foi tudo o que eu vi, pensei, questionei ou senti.

Ela parece tão jovem, malditamente jovem. Bonita. Inocente.

Eu me viro e saio do meu quarto. Meu telefone começa a tocar no meu bolso. Eu o pego quando vou direto para o quarto da minha mãe no final do corredor. Suas roupas estão todas aqui, embrulhadas em sacos e penduradas anonimamente em fileiras no interior. Angela Rickers: R & F pisca na tela do meu celular. Eu pego uma das muitas caixas de sapatos empilhadas sob os sacos de roupa e rasgo a tampa, para remover os sapatos de salto preto de dentro e deixa-los no chão. Em seguida volto para o meu quarto com a caixa de sapatos na minha mão, ignorando o toque que ainda está soando alto nos alto-falantes do meu celular. Angela é uma das editoras da Rise & Fall Magazine - ela provavelmente quer que eu aceite um emprego e eu não estou na porra do clima para falar com ela sobre isso agora.

Meu coração está batendo exageradamente rápido quando eu derrubo as fotos de Coralie e as amontoio uma em cima da outra dentro

da caixa de sapatos. Eu não posso olhar para elas. Eu não posso vê-las. Eu não posso vê-la.

Voltar aqui foi uma ideia idiota. Eu deveria ter pensado melhor. Eu poderia estar lambendo a boceta descomplicada de Rae, coberta com seu suor doce agora, e em vez disso estou de volta aqui neste inferno, e eu não sei o que fazer comigo mesmo. Eu estava errado antes. A casa não cheira apenas como naftalina.

Cheira a morte, também.

Quatro

Coralie

Ponto de vista

ANTES

Quando as pessoas dizem que odeiam o ensino médio, eu sempre quero rolar os olhos. Ir para a escola é praticamente a melhor parte do meu dia. Significa que não estou em casa. Significa que estou relativamente segura. Se eu fosse inteligente o suficiente, eu estaria registrada como uma tutora AP⁷ e eu estaria de volta aqui por horas a cada noite, ajudando as pessoas a melhorarem suas notas. Infelizmente, eu não sou esperta o suficiente. Eu sou uma estudante média. Eu não sou a estrela mais brilhante no céu, mas tão pouco sou a mais burra. Eu me viro. Isso significa que eu tenho que me esconder na biblioteca e fazer o meu trabalho antes de ir para casa, caso contrário meu pai estará em minhas costas e eu não vou ter um segundo para mim. Eu moraria na biblioteca se pudesse.

Eu estou escondida na seção de ficção, metade da minha tarefa de Literatura Inglesa terminou no meu joelho na minha frente, quando eu ouvi sobre a festa.

— Não se preocupe cara. Já está tudo ajustado. Eles já têm dois barris escondidos no porão. O álcool não será um problema. Meninas, por outro lado... — Eu reconheço a voz. É Darren Weathers, o capitão da equipe de basquete, e ele parece animado. Ele sempre está. Ele é o epítome da animação de Port Royal High.

— Eu não estou bebendo, cara. Temos um jogo amanhã à noite. Você nunca tentou correr para cima e para baixo em uma quadra com

⁷ É um curso que ajuda os alunos com seus exames.

uma ressaca? — Essa voz que eu não tenho tanta certeza. É profunda, o que significa que deve ser facilmente reconhecível, mas não é. Ele continua falando, e eu continuo sem saber. — Não podem adiar até o fim de semana? Uma quinta-feira não é exatamente a melhor noite para uma festa.

— Maldição Cross, não seja uma mãe assim. Você tem quinze anos. É suposto você querer beber e foder as garotas da escola, não ter oito horas de sono e se esconder atrás da sua maldita lente de câmera a cada momento de vigília do dia. Você é uma parte da equipe. Você precisa contribuir.

— Tudo bem, tudo bem. Que porra você quer que eu faça?

Callan Cross. Seu nome é Callan Cross. É incrível que eu não reconheci sua voz mais cedo, considerando o fato de que o cara vivia ao meu lado toda a minha vida. Ele é muito popular, no entanto. Ele sempre parece ter a cabeça baixa, olhando para o chão. Tenho certeza de que ele nem sabe que eu sou sua vizinha. Eu ouço um som de tapas, seguido pela risada de hiena desagradável de Darren.

— Esse é o espírito. Tudo que você tem que fazer é encontrar cinco garotas para trazer para esta festa. Todos nós temos que fazer isso. Caso contrário, vai ser uma grande festa de salsicha, e eu já estou doente até a morte de capturar vislumbres do seu pau no vestiário. Você entende?

Cross também ri. — Você está com ciúmes, idiota. Não foi minha culpa que eu fui abençoado com dezessete centímetros e você foi amaldiçoado com três. Você já viu essas coisas estranhas sobre sucção na parte de trás de revistas pornô? Isso pode ajudar. Ah, filho da puta! Sai fora!

Darren obviamente não aprecia os comentários de Cross. Parece que ele está tentando estrangulá-lo ou algo assim. Eu me encolho de volta, tentando evitar os livros que caem das prateleiras em cima da minha cabeça, chovendo sobre mim e nos meninos no próximo corredor. Eu não faço um som. Por alguma razão, parece uma péssima ideia que eles saibam que estou aqui. Eventualmente eles param.

— Sua mãe sabe o quanto meu pau é grande Callan. Por que você não pergunta a ela sobre isso.

Callan geme. — Sério cara? Um deslize com minha mamãe? Lamentável.

— Tanto faz. Tenho certeza que ela vai confirmar que eu sou um amante gentil se você perguntar. Me ligue quando voltar para sua casa. Talvez precise pedir um favor.

— Que tipo?

— Do tipo preciso que você me leve em um lugar. — Callan faz um barulho irritado, mas então os vejo fazendo algum tipo de aperto de mão estranho por meio da abertura criada pelos livros caídos, e me parece como se isso tudo fosse apenas parte da ligação adolescente do sexo masculino. — Mais tarde cara. — Darren bate no ombro de Callan e depois desaparece fora de vista, deixando meu vizinho de cabelos escuros para trás.

O que acontece a seguir é estranho. Callan permanece imóvel, e parece estar olhando para o chão. Eu vejo seu rosto em perfil - a linha altiva forte de seu nariz, a linha igualmente forte de sua mandíbula, a maneira como sua testa está enrugada como quando aparentemente ele pensa muito profundamente sobre algo.

Ele sopra um suspiro longo, infeliz saindo de seu nariz e então ele se abaixa fora de vista. Livros começam a aparecer na prateleira, bloqueando a abertura para o próximo corredor. Parece que os livros também foram derrubados no chão do outro lado também. A maioria dos caras teriam deixado, provavelmente. Não os importava fazer uma confusão em uma biblioteca do ensino médio, mas não Callan.

Meu coração quase sobe na minha garganta e foge quando ele de repente está ali na entrada do meu corredor, usando um olhar surpreso em seu rosto. — Oh! — ele diz. Por um tempo, parece que isso é tudo o que ele vai dizer, mas então ele continua. — Você teve alguma concussão? Algum daqueles caíram em sua cabeça? — ele aponta para os livros espalhados ao meu redor.

— Não. Estou bem.

— Você não parece bem.

— Bem, eu estou.

— É grosseiro escutar conversas dos outros, sabe?

— Eu não estava. Eu... Eu estava aqui antes. Eu não pude evitar de escutar.

Callan inclina a cabeça para a esquerda um pouco, estreitando os olhos para mim. O começo de um sorriso se forma em seus lábios. — Sobre meu pau de 17,5 cm? — ele pergunta.

Minhas bochechas também poderiam explodir em chamas. Elas estão instantaneamente vermelhas e quentes. No entanto, foda-se esse cara se ele acha que pode me envergonhar. — Eu duvido muito que você tenha um pênis de dezessete centímetros, Callan Cross. — Eu tento soar entediada, mas a verdade é que eu nunca disse a palavra pênis em voz alta antes, e eu quase me engasgo com ela. Oh Deus. Agora estou pensando em engasgar com seu pênis. Callan olha para longe, seu sorriso assumindo seus traços. Parece que ele está tentando não rir.

— Você é minha vizinha. — diz ele. — A filha de Malcolm Taylor?

— Sim. — Meu pai é famoso em Port Royal. Não é nenhuma surpresa que Callan saiba quem ele é. Meu pai costumava estar no exército, mas ele foi ferido, uma honrosa saída com um pagamento de compensação enorme. Tudo o que ele faz nestes dias é beber em torno da cidade, criticando os locais e geralmente causando problemas. Mas eu? Sim, estou surpresa que ele saiba quem eu sou.

Callan olha para mim, ainda amontoada sob uma pilha de livros no chão e ele acena com a cabeça. — Nós não temos aulas juntos. Você percebe isso?

— Eu sei... Eu sei disso. — respondo.

— Seu nome é Coral.

— Coralie.

— Está certo. Você tem um rosto interessante, Coralie.

Eu levanto, pegando um livro e colocando-o ao meu lado. — O que isso deveria significar?

— Significa que eu gosto do seu rosto. Não é perfeitamente simétrico. As pessoas são atraídas por outras pessoas com rostos perfeitamente simétricos. É o que se chama de — beleza clássica —. Você, Coralie Taylor, não tem uma beleza clássica.

— Uau. *Obrigada.*

Callan encolhe os ombros do fato de que ele me ofendeu. Sua boca está ligeiramente mais cheia de um lado. — Você já notou isso?

Eu me olho no espelho. Então sim. Eu notei. — Houve uma época em que o lado direito da minha boca era exatamente da mesma forma e tamanho que o lado esquerdo, mas não mais. Tenho uma cicatriz no interior do meu lábio que faz um lado parecer diferente.

Callan franzi o cenho para mim. Eu não estou acostumada a meninos franzindo o cenho para mim. Eles normalmente não me veem. Ele deixa cair sua mochila a seus pés, e então se agacha a cinco metros de distância, ainda me sondando com os olhos. — Você tem uma mancha escura em seus olhos. Parece... parece como aquela tempestade maciça que sempre está furiosa em Júpiter.

— Não posso dizer que alguém já tenha comparado olhos com isso antes, mas tudo bem.

— E seu nariz...

De repente eu quero lançar um livro nele. — Por que você está fazendo isso? Por que você está apontando todas as minhas imperfeições e zombando delas?

Callan senta-se em linha reta em seus calcanhares, balançando nas pontas de seus pés. Ele quase cai de lado, mas consegue se equilibrar. — Não são imperfeições, Coralie. São diferenças entre você e o resto do rebanho. Eles deixam você interessante. Eu gosto do interessante. Eu definitivamente não estou zombando delas.

— Então, o que você ia dizer sobre o meu nariz?

Ele enrugando o seu próprio. — Eu ia dizer que está ligeiramente virado para cima no final.

— Oh Deus. — eu cubro meu rosto com minhas mãos.

— É isso! Você tem um nariz de botão muito bonito. Isso é tudo que eu ia dizer.

— Bem, pare. Você está me assustando.

Callan sorri, mostrando sua própria imperfeição, um dente dianteiro ligeiramente inclinado, apenas inclinado tão ligeiramente de lado. É estranho que ele não esteja usando aparelhos. As pessoas parecem muito preocupadas com os dentes retos, e não é como se sua mãe não pudesse pagar o plano dentário. Ela é médica, viver naquela grande casa velha ao lado da nossa deve significar que eles não vivem mal. Callan percebe o que eu percebo e fecha a boca. — Você me deixaria tirar uma foto de você algum dia? — ele pergunta.

— Que tipo de foto?

— Apenas um retrato. Do seu rosto. Nada estranho.

— Talvez. Eu não sei. Eu preciso pensar sobre isso.

Isso parece agradá-lo. Callan esfrega uma mão sobre as costas da outra, acenando com a cabeça. — Bom. Então, deixe-me saber, eu suponho. Você sabe onde pode me encontrar.

— Eu sei.

Ele se levanta e, em seguida, pega um livro caído de cima das minhas pernas, colocando-o de volta na prateleira ao lado dele. É o mais próximo que ele chegou a mim desde que começamos nossa estranha conversa, e eu realmente, realmente noto a proximidade. Olhando para mim, Callan me oferece a mão, presumivelmente para que ele possa me ajudar. Eu não aceito. — Na verdade, estou trabalhando aqui em baixo. — digo a ele.

— Justo. Vejo você por aí, Coralie Taylor.

Pegando sua bolsa, Callan desliza os braços pelas alças e está prestes a se afastar. Não sei o que me possui, mas chamo ele. — Callan?

— Mmm? — ele pressiona os nós dos dedos na borda do canto da estante.

— O que o torna diferente do resto do rebanho?

Ele pisca para mim. — Meu pênis de 17,5 cm, é claro.

Minhas bochechas queimam novamente. Callan deve notar, porque sorri. Sua expressão muda subitamente, embora, como se ele estivesse pensando em alguma coisa. — Ei, Coralie Taylor. O que você diria sobre vir a uma festa esta noite?

Eu nunca bebi álcool antes. Ao longo dos anos, meu pai tem bebido o suficiente para afogar toda a Marinha dos EUA, mas nunca toquei em uma gota. Eu não sei por que eu concordei em ir à festa, mas Callan estava olhando para mim com travessura em seus olhos, e ele era tão estranho, e acho que fiquei intrigada. Ele me deu o endereço

onde eu deveria aparecer e depois desapareceu, e eu fiquei com uma série de perguntas.

- 1) Eu teria a coragem de aparecer em um encontro dos meus colegas do ensino médio?
- 2) Eu teria coragem de aparecer sozinha?
- 3) O que diabos eu ia usar se eu fosse?
- 4) Como eu ia explicar onde eu estava indo para o meu pai?

As perguntas um e dois eram complicadas. Fui para casa e papai estava fora, ainda no bar, provavelmente. Decidi equilibrar meus níveis de coragem baseados em quão bem eu me sentia em tudo o que eu achava para vestir, então eu abordei a questão três. Eu fiz uma busca em meu próprio guarda-roupa, me sentindo cada vez menos confiante - sempre fui o tipo de garota de jeans e camiseta. As roupas de festa nunca foram minha coisa, e além disso, não é como se meu pai alguma vez me comprasse qualquer coisa extravagante. Não havia nenhuma maneira de eu ir a qualquer lugar se eu tivesse que usar minhas próprias roupas.

Eu sabia que não deveria, e eu definitivamente não me senti muito bem com isso, mas percebi que a única maneira de encontrar algo decente era revirar as caixas no sótão. As coisas velhas da mamãe. Meu pai dificilmente é um cara sentimental, mas por alguma razão ele nunca chegou a dar as roupas de mamãe para caridade, ou simplesmente jogá-las fora. Eu subi para o sótão, lembrando-me de levar um novo rolo de fita para fechar as caixas quando eu terminasse de mexer nelas, e então segui minha missão.

Agora que estou aqui, continuo me assustando, imaginando que eu posso ouvir a porta da frente se fechar. Eu não quero voltar para a casa de mãos vazias, no entanto. E se Malcolm realmente estivesse em casa, eu seria capaz de ouvi-lo batendo de um lado para o outro, caminhando bêbado para as coisas enquanto ele faz o seu caminho pelo térreo. Eu acalmo meus nervos e me movo rapidamente em vez disso, segurando minha respiração.

Há muito tempo atrás, alguém, provavelmente Friday, embalou em algumas caixas as roupas de minha mãe com o máximo de cuidado. Pequenos saches de lavanda e outras flores com cheiro doce foram colocados entre as camadas de roupa dobradas, e mesmo depois de todo esse tempo, o perfume permanece quando abro a primeira caixa. De início encontro apenas calças, camisas de botões e camisetas. Mas

do mesmo na segunda caixa. Na terceira caixa contém moletom, roupas de ginástica, além de alguns pares de sapatos que nunca iram caber, não importa o quão duro eu tente colocar meus pés dentro. Mamãe era baixa - apenas um metro e meio. Eu sou mais alta do que isso agora, mas eu sou magra e graciosa como ela era. Eu ainda me encaixo nas suas roupas, embora Friday insistia que eu não terminei de crescer. Que eu ainda tenho mais uns trinta centímetros ou mais para crescer. Estou meio triste por isso. Vestir secretamente as roupas da minha mãe me fez sentir perto dela ao longo dos anos. Quando eu não pudei mais fazer isso, sentirei como se estivesse perdendo outra pequena conexão com ela.

Eu prestei atenção quando abri a quarta caixa. Dentro tinham vestidos nas cores vermelho, preto, azul marinho e verde, individualmente envolvidos em papel de seda, uma grande quantidade de diferentes materiais e estilos. Eu lido com cada vestido com muito cuidado, fechando os olhos brevemente cada vez que eu tiro um novo para ver se eu tenho alguma lembrança de minha mãe vestindo-os há muito tempo. A maioria deles, eu não me lembro. Alguns deles sim.

Escolho um vestido preto, curto, que não me lembro, e o mantenho contra meu corpo, sabendo que vai caber. Um cordão pesado decora o decote, onde o material mergulha para baixo. Eu não tenho exatamente os maiores seios, mas eu vou ter um decote notável neste vestido. Ser sexy nunca esteve no topo da minha lista de prioridades, mas por algum motivo hoje eu quero me sentir bem. Eu quero ficar bem. O sorriso tortuoso de Callan Cross pisca na minha cabeça e com uma carranca, tento rejeitar a ideia de que eu quero me sentir atraente por causa dele.

Eu não sou uma freira em treinamento. Eu sou uma adolescente, e eu tenho andado no trem louco da puberdade nos últimos dois anos, então eu passei a notar os garotos. Eu notei como eles passaram de barulhentos, abrasivos, e de cheiro estranho em minha vida, para uma distração barulhenta, abrasiva, de cheiro estranho, mas não houve um garoto em particular que pegou minha atenção. Nem sei se Callan Cross me chamou a atenção, mas acho que estou interessada em descobrir.

Empacoto as caixas e as fecho novamente, colocando-as de volta na posição exata em que as encontrei, e guardei o vestido lá embaixo no meu quarto. Eu não tenho uma fechadura na porta do meu quarto. Eu queria ter, mas papai diz que uma fechadura seria um perigo para a segurança. Eu sei a verdade. Eu sei que ele não quer que eu possa o deixar de fora. Empurro o banco pesado que está no pé da minha cama

contra a porta, e então tiro a roupa e deslizo o vestido sobre a minha cabeça, me contorcendo e manobrando para fechar o zíper nas costas. Assim como eu suspeitava, ele se encaixa. Na verdade, eu mal reconheço a garota olhando para mim em meu espelho de corpo inteiro. Eu pareço... Eu pareço uma mulher. E meu decote é assassino.

— Coralie! — O som da porta da frente batendo no andar de baixo envia uma onda de adrenalina, disparando sobre mim. Largo a escova que estou segurando na mão, é pesada, banhada em prata, e faz um estrondo alto quando bate no assoalho. O som viaja bem nesta casa velha. Lá embaixo, meu pai certamente ouviu o estrondo. Meu coração começa a bater em meu peito. — Porra.

Ainda não cheguei a descobrir a resposta à pergunta quatro. Eu não tenho ideia do que vou dizer ao meu pai para que fique tudo bem eu querer sair depois de escurecer. Eu não tinha planejado estar em um dos vestidos da mamãe quando eu abordasse o assunto com ele. Eu tenho cerca de quinze segundos para sair do vestido e escondê-lo, caso contrário eu estarei em sérios problemas.

Foi complicado o suficiente conseguir fechar o zíper, mas abri-lo novamente é ainda mais difícil. Eu travo uma batalha contra o tecido, tentando tirá-lo sobre minha cabeça sem desfazer os fechos corretamente. Eu posso ouvir os pesados passos de papai subindo as escadas, batendo lentamente cada passo quando ele fica cada vez mais perto. Eu posso dizer muito de como ele sobe as escadas. Se ele está com raiva, ele vai subir os degraus de dois em dois, cada golpe de sua pisada soando como um tiro. Se ele está cansado e já tomou uma bebida no caminho de casa, ele vai se mover muito mais devagar, como está agora. Se ele já bebeu algumas cervejas, ele pode estar em um bom humor, ou um humor extremamente mau. É sempre uma roleta russa com ele.

Eu finalmente consegui arrancar o vestido sobre a minha cabeça, mas ele já alcançou o topo das escadas. São necessários sete passos para chegar do topo da escada até a porta do meu quarto, então é o tempo que eu tenho que correr até meu armário e puxar uma camisola enorme. Sem tempo para calças. Não há tempo para nada. Eu nem estou usando um sutiã. Minha porta do quarto range enquanto meu pai tenta empurrá-lo para abrir. Ele xinga do outro lado da madeira de três polegadas.

— Coralie? Abra essa maldita porta agora, moça.

Eu escorreguei nas tábuas do chão em minha pressa para empurrar o banco para fora do caminho. Bato no chão e ralo meu joelho - ele arde dolorosamente. Não há tempo para inspecionar o quão ruim é o dano. Estou levantando e empurrando o banco da entrada para que ele possa entrar.

A porta explode aberta e lá está ele, ofegante, os ombros rapidamente engatando para cima e para baixo. Ele tem apenas quarenta e dois anos, mas hoje parece muito mais velho. O declínio permanente de sua boca o faz parecer irritado em todos os momentos. O que ele é. Há linhas nos cantos de seus olhos que nunca estiveram lá antes, quando minha mãe estava viva, mas seria tolice minha tentar amansá-lo, e voltar as coisas para como estavam naquela época. Ele ainda estaria cheio de fúria. Ele ainda era um monstro.

— O que eu disse a você sobre bloquear esta porta?

— Eu não queria. Só queria espaço para fazer ioga, papai. Eu precisava do quarto para... — ele tira sua mão da porta e me pega de surpresa, sua palma colidindo com o meu rosto. Ele provavelmente estava apontando para bater na minha bochecha, mas em vez disso ele fica com minha mandíbula, que é agonizante para mim e provavelmente tão doloroso para ele. Eu caio para trás, tropeçando sobre o banco que acabei de afastar do caminho, e então sento pesadamente sobre ele. Eu aperto minha boca fechada, sabendo por experiência que ele só vai ficar mais irritado se eu gritar.

Meu pai sacode a mão, apertando os dentes. — Droga, menina. O que diabos há de errado com você? — Claro que ele se machucou quando bate em mim é minha culpa. Sempre é. — Diga-me por que diabos a sua perna está sangrando. — ele comanda.

— Eu... tropecei. Eu caí.

Papai foca em mim, abrindo e fechando ambas as mãos em punhos agora. — Você fez isso de propósito, não foi? Você quer que as pessoas pensem que eu bati em você ou algo assim. Você é uma vagabunda, Coralie. Você é como sua mãe.

Não importa para meu pai que ele me vença. Não importa que ele tenha me marcado, cicatrizado e me machucado de maneiras piores do que este arranhão minúsculo no meu joelho. Ele simplesmente não gosta de ver sangue, a menos que ele cause isso. Eu cubro meu joelho raspado com ambas as minhas mãos, tentando remover o ferimento de sua linha de visão. — Eu não, papai, eu juro. Foi um acidente. — Minha

voz é silenciosamente calma, de alguém que se desculpa. Alguém usando suas desculpas para cair em ouvidos surdos.

— Não me venha com essa merda, moça. Vamos lá. Levante-se. Fique de pé agora mesmo! — ele está praticamente rugindo. Aprendi há muito tempo que é importante que eu faça o que me disser o mais rápido possível, em relação ao meu pai. Salto de pé quando ele se lança na sala e puxa para trás o punho fechado, pronto para lançá-lo no meu estômago ou no meu ombro. Ele parece quase desapontado por ter feito o que ele me disse antes de chegar até mim. Se eu não tivesse feito, eu teria sofrido as consequências.

Depois do tempo que ele bateu na minha cara corretamente com um poderoso gancho direito e partiu meu lábio, ele percebeu o quão difícil era ocultar um dano visível como aquele. Ele tem deixado contusões nos meus braços e pernas desde então. Meu estômago e minhas costas. Minhas nádegas. Estas áreas do meu corpo estão sempre escondidas dos olhos curiosos do público em geral.

— Você não tem ideia de quão sortuda você é, Coralie. — ele assobia. — Outros pais não levam esse tipo de merda de seus filhos. Tem sorte de eu não ter enviado você para morar com sua tia em Charleston.

Eu adoraria ir morar com a tia Sarah em Charleston, mas não há como ele realmente me deixar sair. Eu pensei em apenas embalar minha mochila e pegar um ônibus um par de vezes, mas então eu penso sobre a realidade do que aconteceria quando eu chegasse ao meu destino. Tia Sarah, a irmã mais velha de meu pai, acredita que ele pendurou a maldita lua. Ela nunca aceitaria que ele me machucasse. Ela iria me acusar de mentir, chamá-lo e dizer-lhe o que eu disse. Ele viria me pegar e minha vida terminaria. Ele ficaria com tanta raiva. Ele provavelmente acabaria me matando.

— Eu sei, papai. Eu sinto muito. Eu vou ser mais cuidadosa, eu prometo. — eu sussurro.

— Entre no banheiro. — ele comanda. O medo faz com que minhas mãos e pés formiguem. Coisas ruins acontecem no banheiro. É como se ele pensasse, porque estamos em um espaço fechado e ele pode trancar a porta, que o mundo nunca saberia o que ele faz. Eu não quero ir com ele para o banheiro agora, mas estou plenamente consciente do que acontecerá se eu recusar. Vai ser muito ruim.

Passo por ele, meus ombros cedendo em meu corpo enquanto tento me fazer parecer menor para que eu não faça contato com ele. Eu

ando descalça pelo corredor, sabendo que ele está bem atrás de mim e ele está borbulhando de raiva.

Dentro do banheiro, meu pai me gira e me empurra para que eu tenha que me sentar na beira da banheira.

— Fique aí. — ele me diz. Ele abre o armário sobre a pia e puxa algum spray antibacteriano e pega algumas bolas de algodão do vidro no peitoril da janela. O álcool e o spray pica conforme ele aplica sobre o meu joelho. Ele não menciona a sombra roxa que está prestes a se formar no meu rosto agora.

— Você está arrependida mesmo? — ele murmura em voz baixa.

— Eu estou. Eu realmente estou. — Na minha cabeça, eu tento estar em outro lugar, em qualquer outro lugar, menos neste banheiro escuro com meu pai afagando suavemente uma bola de algodão sobre meu joelho sangrando. Ele se move devagar e cuidadosamente, olhando quando a bola de algodão vem vermelho com meu sangue.

— Você é uma garota tola. Olhe para mim. Deixe-me ver como você está triste. — Eu olho para ele, e meus olhos devem parecer muito vagos. Papai vê o que ele quer ver, no entanto. — Ah, lá está você. Sim, isso é melhor. Posso ver agora. Você vai ter mais cuidado no futuro. Você sabe como eu não gosto de puni-la. — Ele traça seus dedos para o lado do meu rosto, escovando meu cabelo para trás atrás de meu ouvido ternamente. — Eu tive um dia difícil, menina. Você sabe como pode ser às vezes. — Só Deus sabe como meu pai acha que ele teve um dia difícil, mas eu aceno a cabeça obedientemente. Ele se inclina e ajoelha no chão à minha frente, e minhas palmas começam a suar. — Por que você não está vestindo corretamente, querida? — ele sussurra.

— Eu estava me trocando.

Ele balança a cabeça. — Ok. — Esquivando para baixo, ele coloca sua boca sobre o corte no meu joelho e suga suavemente, fazendo um som baixo em sua garganta. Puxando para trás, ele diz. — Não fique tão preocupada, Coralie. Você é minha filha. Nós compartilhamos o mesmo sangue. Tudo bem para mim fazer isso.

Mas não está bem. Eu sei bem o suficiente que outros pais não estão lá sugando os cortes e arranhões de suas filhas adolescentes. É errado, e é ruim.

Papai se senta em seus calcanhares e olha para o meu joelho, e ele tem um olhar preocupado, com fome em seus olhos. Preciso sair desse banheiro.

— Eu quero ir a uma festa esta noite. — deixo escapar. — Eu gostaria... Estaria tudo bem se eu saísse? Só um pouco. Todo mundo do meu ano vai. — As palavras saem rápidas, todas em um borrão e juntas. Entrei em pânico no meio delas, e tudo se confundiu. Papai franziu o cenho, parecendo menos faminto e mais horrorizado agora.

— Você quer sair? Para onde?

— Para uma festa. É apenas algumas quadras de distância. Eu estarei em casa às onze.

— Haverá garotos lá? — Eu sei que este é um truque. Se eu disser não, ele vai saber que eu estou mentindo porque eu só disse que todos do meu ano estão indo. Se eu disser sim, ele vai perder a cabeça. Eu posso dizer pela energia selvagem, violenta derramando fora dele que eu cometi um grande, grande erro mesmo trazendo o tema festa. — Bem? — Ele coloca uma mão de cada lado meu na beira da banheira, inclinando-se para frente.

— Sim, haverá garotos. — eu sussurro.

— Então você quer sair e foder com um monte de meninos adolescentes? É isso?

— Não! — Eu me inclino para longe dele, vacilante. — Eu não quero isso.

— Você é uma puta mentirosa. Você quer foder. Diz! Diga-me a verdade, Coralie. Diga-me que você quer foder.

Se minha vida fosse um filme, esta seria a parte em que a câmera se afastaria do meu pai e de mim. Seria a parte que o diretor quer poupar o espectador, porque é apenas muito gráfico e violento e nojento para ser visto, mesmo em um filme classificado como adulto. Você veria as costas da cabeça do meu pai. Você veria as lágrimas brotando em meus olhos. Meu lábio balançando.

Eles usariam algum efeito especial extravagante para que a lente da câmera de alguma forma se afastasse do grão de madeira, e então você, o espectador, estaria no corredor, do outro lado da porta trancada. Você me ouviria chorando. Você ouviria o som inconfundível de pele batendo na pele. Você ouviria meu pai gritando comigo. Eu gritando em geral. Você seria capaz de dizer pela forma como a câmera finalmente

escureceu que algo terrível está acontecendo comigo no banheiro, e você se sentiria desconfortável e escandalizado, e então nós passaríamos para a próxima cena.

Infelizmente, este não é um filme, e não há câmera para poupar os detalhes. Esta é minha vida. Este é meu pai, deslizando a mão pela minha coxa, inclinando-se para mim, rosnando e mostrando os dentes.

— Diga. Isto.

Eu não posso acalmá-lo e dar o que ele quer desta vez, no entanto. Eu simplesmente não posso. Se eu pronunciar as palavras que ele quer ouvir da minha boca, estarei em tantos problemas. Nos últimos dois anos, ele foi patinando em direção a uma eventualidade que eu sei que vai acontecer um dia. Eu sei, além do cabelo puxado e os tapas, há mais por vir. Eu consegui evitar até agora, mas eu vejo a maneira como ele olha para mim. Eu senti seus olhos em mim quando nós jantamos. Eu mantive minha cabeça baixa, meus olhos em meu prato, e eu rezei tanto para que hoje não seja o dia em que eu descubra quão longe ele irá. Agora, com algumas cervejas nele e fogo em suas veias, eu sei que sem dúvida eu vou assinar algo se eu disser a palavra *foda*.

— Eu não quero ter relações sexuais até me casar. — eu sussurro. — Eu não olho para os garotos assim.

Meu pai agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para lado, empurrando seu rosto para o meu. Uma vez, minha mãe olhou em seus olhos e viu amor e carinho lá, tenho certeza, mas tudo que vejo é ódio e raiva. — Você deve saber agora que eu posso dizer quando você está mentindo, Coralie. Eu vi você crescer de um bebê para o começo de uma prostituta enganosa. Eu sei exatamente o que está acontecendo na sua cabeça, e é imoral. Toda vez que você vê um menino na rua, eu sei o que você está pensando. Você. Quer. Foder.

Eu balanço a cabeça. — Não, não, não. Eu não. Eu juro que não.

Meu pai se inclina tão perto de mim que o fim de seu nariz está tocando o meu. Eu posso ver a teia de aranha fina de veias roxas que se espalham em suas bochechas, e eu posso sentir o álcool em sua respiração. — Me olhe nos olhos e diga isso de novo. Eu quero acreditar em você, ok? Eu quero acreditar em você, mas você faz isso tão malditamente difícil.

Eu mal posso vê-lo através das minhas lágrimas, pisco afastando-as, estou assustada demais para levantar minha mão e secar meus

olhos. — Eu nunca quero ter relações sexuais. — eu digo. — Não até eu me casar.

— Não sem minha bênção?

Eu aceno com a cabeça tristemente. — Claro, papai. Nunca sem sua bênção.

Ele me põe sob seu olhar por um minuto e é o minuto mais longo que eu já vivi. Eu vejo uma sucessão de emoções em seu rosto - raiva, tristeza, curiosidade, desejo - e é como se eu tivesse acabado de girar a roda em algum tipo de jogo. Eu não sei em qual emoção ele vai permanecer, e meu coração está batendo fora do meu peito como uma britadeira apenas pensando sobre o que vai acontecer se ele ficar com a luxúria.

Finalmente, cai em si, balançando a cabeça como se estivesse muito decepcionado comigo. Estou aliviada, mas também estou muito preocupada. Decepcionado é melhor do que ligado, mas este ainda é o meu pai. Ele ainda faz coisas terríveis quando está desapontado.

— Você não pode ir a uma festa, Coralie. Você não pode socializar com meninos adolescentes. Eles só estão atrás de uma coisa. Me deixa puto pensar neles a despindo com os olhos. Eu mataria qualquer um que tentasse te tocar. Você sabe disso. E eu sei que sempre há álcool nessas festas. Aqueles cabritinhos de merda estariam todos vagando com seus pênis duros, seus cérebros engarrafados com cerveja, e você é tão inocente, Coralie. Você é tão doce. Eles iriam se aproveitar de você, ok? — Ele fica de pé, correndo as mãos para trás através de seus cabelos ralos. — Então não. Você ficar aqui comigo. Vamos. Levante-se.

Eu fico de pé, e minhas pernas estão prestes a ceder com meu peso. Estou tão cheia de adrenalina e pânico que minha visão parece borrada, desfocando nas beiradas. Ele às vezes passa de louco a muito afetuoso, e é o que eu acho que aconteceu por um momento. É o que eu acho até que seu punho vem voando do nada e me bate no lado da cabeça. Meu cérebro parece como um chocalho, o interior do meu crânio como um pinball, batendo cada sino em seu caminho e ao redor. Escorregando para trás um passo, eu bato no lado da banheira, e não há nenhum outro lugar para ir se não para baixo. Tenho espasmos de dor quando eu desmorono na banheira, todo o ar correndo para fora dos meus pulmões com um grunhido agonizante.

A luminária acima do espelho se agita, lançando sombras enlouquecidas pelas paredes enquanto meu pai se aproxima da banheira. Ele aparece por cima, vejo seu rosto obscurecido pela luz

acesa atrás de sua cabeça, e eu percebo que ele poderia facilmente me matar. Seria assim, tão fácil para ele acabar com a minha vida agora. Ele está em um lugar tão escuro; Ele provavelmente se arrependeria mais tarde, mas agora, aqui, com tanto álcool inundando seu corpo, ele não pensaria duas vezes.

— Desculpe, papai. Eu sinto Muito. Eu... Eu não quero ir. Quero ficar aqui, com você.

Ele só fica lá, e eu ainda não consigo ver seu rosto, então é difícil saber o que ele está pensando. Minha visão é turva, e o contorno de seu corpo parece confuso e distorcido. Ele parece tremular, como um fantasma em um filme de terror ruim. Eu teria menos medo de um fantasma, no entanto. Após um minuto, ele lentamente se afasta. Meu coração está em minha garganta enquanto ele silenciosamente sai do banheiro e fecha a porta atrás dele.

Eu choro sem barulho. Eu deito na banheira, meus braços e pernas emaranhados, as orelhas ardendo, embrulhada em tanta dor que mal consigo me mover, e eu choro pelo que parece uma vida inteira.

Estou assim há horas. Somente quando ouço o baixo murmúrio da televisão lá embaixo, sigo cautelosamente para fora da banheira, o corpo doendo, e rastejo de volta para o meu quarto.

Parece estranho que apenas algumas horas atrás eu estava experimentando um vestido de minha mãe e pensando em um garoto. Agora, Callan Cross é a coisa mais distante da minha mente. Talvez se a minha vida fosse um filme, ele de alguma forma saberia que eu estava sofrendo e triste e ele iria escalar alguma árvore convenientemente colocada fora da janela do meu quarto. Ele bateria no vidro e entraria no meu quarto, e ele de alguma forma faria tudo isso milagrosamente melhor. Isso não é o que acontece, no entanto. Callan não aparece na minha janela, e eu não vou à festa. Arrasto o meu edredom do colchão e deslizo para debaixo, e olho para o brilho prata de fios a três centímetros do meu rosto, e vejo por quanto tempo posso ficar sem respirar.

Eu ouvi uma vez que é impossível se matar prendendo a própria respiração. E realmente é.

Cinco

Callan

Shane

AGORA

Eu acordo e meu pau está latejando como um louco. Não é uma ereção matinal normal. É uma exigência insistente, dolorosa, cortesia do sonho erótico fodido que eu estava tendo. Coralie estava em suas mãos e de joelhos, olhando para mim por trás de franjas desbotadas e sombrias - eu sei que ela não tem mais franjas, mas em meus sonhos seu cabelo é exatamente como era quando tínhamos dezessete anos - e ela estava choramingando, fazendo sons suaves e urgentes enquanto ela rastejava através do piso de madeira do meu apartamento em Nova York. Engraçado como meu cérebro mistura a Coralie do meu passado tão perfeitamente no meu AGORA. Eu sonho com ela muitas vezes. O tempo todo, de fato. Houve momentos ao longo dos anos, que quase me deixou louco. Vendo-a tão vividamente todas as noites quando eu fecho meus olhos, cheirando seus cabelos, sentindo sua pele na minha, acordando e não encontrando ela ao meu lado? Isso é pura tortura.

Deitado na cama com o sol da manhã inundando as janelas do meu quarto é ainda mais torturante já que eu sei que ela deve estar aqui agora. Cavalos selvagens não podiam arrastá-la de volta para a casa ao lado, mas ela deve estar perto. Talvez ela fique com Friday. Talvez em um motel nos arredores da cidade. Onde quer que ela esteja, é como se eu pudesse sentir sua presença, como se meu corpo fosse um diapasão e eu tivesse sido atingido, cada molécula em meu corpo tocando com eletricidade na perspectiva de vê-la.

Fiquei deitado na cama em que dormi desde criança, mal acordado, minha mão apertando meu pau, e penso no que farei quando

finalmente colocar os olhos em Coralie. Será um momento tão agri-doce. Naqueles primeiros três segundos, quando nossos olhos travarem um no outro, ela estará processando seu choque. Vou bebê-la, saboreando cada centímetro dela antes de ela ficar zangada e fugir de mim.

Meus pensamentos flutuam. Eu cochilo, e uma parte do meu cérebro pensa que estou acordado e minha mãe está me chamando do corredor, pedindo água. Isso é tudo o que ela sempre pareceu fazer no final. Tudo que ela sempre quis. Água. Cubos de gelo quando ela não poderia realmente engolir adequadamente mais. Por mais doente que estivesse nunca parou de rir. Todo dia, eu a ouvia rir de alguma coisa.

Lá fora, alguém começa a usar uma serra elétrica, e todos os pensamentos de minha mãe e Coralie desaparecem como fumaça. Eu sou puxado para fora do meu estado de sonho e de volta à realidade, e eu percebo que tenho que mijar como um maldito cavalo de corrida. Quando encaro o banheiro e cuido disso, eu penso sobre as coisas que eu preciso fazer hoje.

Visitar Shane. Visitar a mãe. Comprar mantimentos. Ir prestar meus sentimentos a Friday. Ir à funerária e espreitar como um assustador filho da puta até ver Coralie. Para ser honesto, eu dirigiria lá agora mesmo e sentaria no estacionamento até que ela aparecesse. Não importa o quanto do dia eu perderia. É uma ideia supremamente ruim, embora. Vê-la pela primeira vez não deve acontecer quando ela está fazendo arranjos para o enterro de seu pai. Deve ser mais tarde, em um momento muito mais sexy do dia. Logo depois de eu correr oito quilômetros e estiver coberto de suor, por exemplo.

Shane era meu melhor amigo na escola. Encontro-o na loja de ferragens que sua família possui há trinta anos, e o filho da puta parece ter ganhado 20 kg. Seu rosto também está obscurecido pela barba mais ridícula. Antes de raspar a minha, ela era cortada e cuidadosamente arrumada, mais moderna do que homem selvagem. Shane parece ser uma porra de um sem teto.

Eu não disse a ele que voltei, puramente para que eu pudesse passar e o surpreender, e do olhar atordoado no seu rosto enquanto eu ando em sua direção, eu consigo meu objetivo.

— Você está de brincadeira comigo, porra! — ele grita, batendo uma etiquetadora de preços no balcão na frente dele.

Um velho que estava a poucos metros de distância de Shane olhando para os autoadesivos e de costas para mim leva uma mão em seu peito, fazendo um som sufocante. — Jesus Cristo, Shane

Willoughby, o quê, em nome de Deus, está errado com você? Eu tenho um marca-passos, maldição! — ele se vira e eu vejo que é o Sr. Harrison, meu professor de biologia da escola. Ele já era muito velho quando eu estava matriculado em Port Royal High, e agora ele parece que tem um pé na cova, pobre bastardo.

Ele bate palmas e imediatamente começa a sacudir a cabeça como se tivesse visto um fantasma. — Bem. Eu nunca pensei que eu o veria algum dia. — diz ele.

— Quer dizer que você esperava que não acontecesse. — eu respondo, oferecendo a minha mão para ele apertar. Sr. Harrison balança meu braço para cima e para baixo, olhando para mim através de seus óculos grossos de aro.

— Você parece mais velho. — ele me aconselha. — Provavelmente bebendo demais.

— Definitivamente.

— Fumando demais.

— Sem dúvida.

Ele lança um olhar nebuloso na minha virilha, uma sobrancelha cinza espessa subindo lentamente. — Dormindo com muitas mulheres, eu aposto também.

Eu amo que ele esteja olhando para o meu pau como se estivesse prestes a sair da minha calça e tentar defender-se. — Cem por cento verdadeiro. — eu digo, rindo. — Eu simplesmente não posso evitar.

— Esse sempre foi seu problema Cross. Você nunca pôde. — A cabeça do Sr. Harrison balança para trás e ele ri, profundo agarrando o seu lado com a mão livre. — Não se preocupe comigo. Eu só estou com ciúmes. Eu não tive tanta diversão quanto vocês rapazes, quando eu usava roupas de um homem mais jovem.

Ele se despede e sai da loja, e Shane está lá com os braços cruzados em seu peito, olhando para mim.

— Posso pegar uma chave Phillips número um e um pacote desses parafusos, por favor? — eu sorrio de orelha a orelha, tentando não rir.

— Você está brincando certo?

Eu luto seriamente para endireitar a minha expressão até que eu pareça mais sério. — Não. De modo nenhum. Você sabe como eu gosto de um bom parafuso.

Shane pega a etiquetadora e atira em mim. Ele estava apontando para a minha cabeça, mas eu a pego no ar e seguro como uma arma, apontando-a diretamente em seu rosto. — Bem, você não parece tão feliz em me ver. — eu digo. — Eu estava esperando uma surpresa maior. Uma chuva de papel picado. Uma cerveja gelada e um aperto de mão no mínimo.

— Você não vai beber cerveja nenhuma minha, idiota. Você tem sorte de eu não ter atirado um machado agora mesmo, em vez da etiquetadora. — ele parece genuinamente chateado, o que definitivamente não é uma coisa boa.

— Sinto muito cara, ok?

— Você não sabe o que significa esta palavra. — Shane sai de trás do balcão e toma a etiquetadora de minhas mãos. — Você deveria ser meu padrinho, cabeça de merda. Os padrinhos não abandonam seus amigos um mês antes do casamento para encontrar um substituto em tão curto prazo. Tive que pedir ao irmão de Tina. Foi uma traição.

— Eu sei eu sei. Eu sinto muito. Isso foi há três anos, no entanto, Shane. Eu pensei que você já teria superado isso. — Eu realmente pensei. Eu não pensei por um segundo que ele ainda estaria chateado sobre o fato de que eu fui chamado para um trabalho no último minuto antes de seu casamento. Casamentos são tão sem importância. Fico sempre surpreso quando os caras parecem apreciá-los. Sempre assumi que as pessoas aceitam, porque as exigências sociais exigem. Parece que Shane não compartilha do mesmo pensamento que o meu.

— Foi o dia em que prometi amar e proteger minha esposa para sempre. Como você pode pensar que já superei isso? Preciso de pelo menos mais três anos. E você deve provavelmente me comprar um Tesla ou alguma merda também. Isso pode ajudar.

— Se comprar um Tesla vai fazer você se sentir melhor, eu vou fazer acontecer.

— Você não pode pagar por um Tesla, seu filho da puta. Você trabalha por migalhas. Você e eu sabemos disso.

Eu trabalho por migalhas. Quando mamãe morreu, eu estava completamente atordoado pelo fato dela ter me deixado dinheiro. Na

verdade, bastante dinheiro. Sem ele, eu nunca teria sido capaz de viver a vida que levo agora. O salário de fotógrafo é bastante patético, mesmo quando eles estão no topo da cadeia alimentar. A menos que você seja David Bailey ou Ansel Adams, você pode muito bem se esquecer de fazer seis números. Mesmo cinco números são impressionantes.

— Eu vou fazer acontecer. — eu digo, sorrindo. — Você me conhece.

— Sim. Eu conheço. Isso é o que me preocupa.

Peguei o no ombro, puxando o rosto. — Foda-se cara. Vamos. Me dê um abraço. Você sabe que quer.

Shane não poderia ficar bravo comigo por muito tempo. Apesar de tentar, uma vez que estamos cara a cara, ele nunca conseguiu mais de cinco minutos, no máximo. Ele geme, abrindo os braços, atirando-me um olhar cansado quando eu o abraço, batendo nas costas dele.

— Você cheira a gordura Shane.

— Você cheira a perfume feminino. O que você faz? Toma banho naquela merda?

— Não é perfume feminino. É muito caro, colônia viril. Diz *homem* no frasco e tudo mais.

— Se você tivesse usado isso na merda do colegial, você teria sido espancado.

Shane tenta se afastar - eu estou surpreso que ele já não tenha - mas eu seguro ele apertado. — Você já me perdoou?

— Não. Me larga, cara.

— Não até que me perdoe.

Ele me bate no lado. — E aqui estava eu pensando que você era um homem em seus vinte e poucos anos, e acontece que você é uma menina de doze anos, afinal. Estou me sentindo muito tolo agora, Cross. Você também deveria estar.

— Diz. Diga isso e eu vou largar você.

— Urgh, tudo bem! Eu perdoo você. Eu não deveria, mas eu perdoo. Tina vai te chutar nas bolas se ela te vir pela cidade, cara. Espero que você ainda possa correr rápido, porque ela não é tão indulgente quanto eu.

Eu soltei Shane, batendo nas costas dele. — Eu sei eu sei. Eu ainda tenho uma cicatriz de quando ela jogou aquela lâmpada de lava em mim de volta no primeiro ano. — Tina e Shane estiveram juntos por aproximadamente desde sempre. Eu não consigo me lembrar de uma época em que eles não eram um casal. Ela estava permanentemente furiosa comigo durante todo o ensino médio por levar Shane no caminho errado. Em uma ocasião especial, ele ficou tão alto que começou a tropeçar e ela teve que deixar seu recital de orquestra para vir buscá-lo antes que seus pais passassem e o visse desmaiado na beira do Main Street com seus jeans ao redor de seus tornozelos. Eu a tinha ajudado a levá-lo para dentro da sua casa e subido escada acima até sua cama, que era onde ela tinha agarrado a lâmpada de lava e a atirou na minha cabeça. Escapei, graças a Deus, mas o vidro quebrado caiu sobre mim e deixou algumas marcas que eu ainda carrego até hoje.

Shane pega uma caixa ao lado do balcão e empurra a cabeça para trás, fazendo sinal para que eu o siga. Assim que saímos, sou atingido por uma sucessão de memórias - lembranças de longos verões, suados e quentes trabalhando aqui com Shane, a fim de ganhar algum dinheiro extra para novas lentes e câmeras descartáveis. O cheiro do lugar me arrastou de volta no tempo, aos dias de levantar às cinco da manhã e transportar madeira, dias de chegar em casa às oito para encontrar minha mãe no chão do banheiro, ninguém lá para ajudá-la.

E inúmeros dias de Coralie.

Os Verões com Coralie sempre tiveram tantas magias e glórias, dores e medos.

— Você já a viu? — Shane pergunta, largando a caixa com um baque a seus pés. Ele aponta para uma pilha de pinho fresco cortado, e eu tiro a minha camisa, caindo facilmente em nossa rotina de tantos anos atrás. Levantar, medir, serrar, empilhar. De novo e de novo.

— Viu quem? — eu finjo ignorância. Eu gosto de pensar que não sou tão previsível. Em Nova York, as mulheres que eu fodo, sem dúvida, acham que eu sou deliciosamente misterioso e estranho, mas infelizmente este não é o caso em Port Royal e com Shane. Shane sabe como me ler, como se soubesse ler as probabilidades em qualquer pista ou buraco de apostas. Ele é um maldito profissional.

Ele me dá um olhar que ameaça violência. — Você é patético. — ele me diz.

— Não. Não, eu não a vi. Ainda não.

— E? — ele me passa um taco de madeira e eu pego dele.

— E estou pensando sobre isso. Eu não sei ainda. — Não sei onde vou vê-la. Não sei o que vou dizer. Não sei se fugir de volta para Nova York seria para melhor ou para pior. Há um monte de fatores em jogo, aqui. — eu corto a tábua de madeira ao meio, segurando as duas juntas para me certificar de que possuem o mesmo tamanho, e então eu as coloco na pilha enorme pela porta dupla aberta que leva para fora na doca de carregamento. Shane está olhando para mim como se eu fosse um alienígena espacial, quando eu me viro. — O quê?

— Você teve mais de dez anos para descobrir isso, Cross. Você deve saber exatamente o que está acontecendo agora. Você estava apaixonado por ela então. Você está apaixonado por ela agora. Simples.

Eu odeio essa palavra. Faz-me explodir com urticárias e Shane sabe disso. — Não é tão simples assim. Você sabe como ela se sente sobre mim. Não é como se eu pudesse persegui-la, cumprimenta-la, perguntar-lhe o que está acontecendo e tudo estará perdoado.

— Eu sei como ela se sentia sobre você há doze anos. — diz Shane. — E sim, ela estava brava com você. Mas ela ainda o amava. Você não pode simplesmente desligar essa merda. Você nunca deveria ter a deixado ir embora.

Paro de triturar o pedaço de madeira em minhas mãos, juntando os dentes. Eu não fico bravo com muitas coisas, mas a situação com Coralie... Essa é uma das únicas coisas que faz meu sangue ferver. Shane é um amigo, um fantástico, incrível amigo que vai aturar a minha merda muito mais do que ele nunca deveria, mas ele não tem ideia do que ele está falando agora. Eu quero mastigá-lo e manda-lo pro inferno, mas como eu disse: ele já está com uma quantidade razoável de merda de mim. Preciso morder minha língua. Atrás de mim, ele suspira.

— Ok. Eu vou assumir do seu completo e absoluto silêncio que você quer me arrancar minha bunda agora, mas você não pensou nisso, Cal? Você não pensou sobre como sua vida seria agora se você não tivesse a deixado ir embora naquela noite?

— Claro que tenho.

— E? Não valeria a pena lutar um pouco mais?

Eu fico em silêncio, pensando sobre o quanto de luta teria levado para fazê-la ficar. Teria sido horrível. Teria sido brutal. Eu teria que me rastejar nas mãos e nos joelhos, pedir desculpas até que eu ficasse sem

fôlego, eu teria que engolir meu orgulho e implorar. Eventualmente, ela teria mudado de ideia. Ela teria ficado. Shane não sabe nada sobre o que aconteceu naquela noite, no entanto. E ele não tem ideia do que teria sido para nós dois se Coralie tivesse ficado para trás em Port Royal. Não teria sido um doce cheiro de rosas, e felizes para sempre, isso é certo.

Respiro fundo, jogando mais lenha para o lado. — Não havia nada a ser feito, cara. Foi como era para ser. Eu fodi tudo e ela foi embora. Fim.

Ele não diz nada, mas tenho certeza que ele não concorda comigo. Continuamos a trabalhar em silêncio, e depois de alguns minutos Shane começa a cantarolar. Esta é uma oferta de paz dele, uma desculpa de certa forma. A canção é Journey, Don't Stop Believing - a música que nós estourávamos em nossos alto-falantes do carro, sem cinto, no alto de nossos pulmões sempre que nós estávamos dirigindo em qualquer lugar. Ele canta o primeiro verso e o refrão antes que cedo e me junto a ele.

Eventualmente, nosso zumbido se transforma em letra, e então estamos cantando a música juntos, gritando nosso caminho através do coro final e tocando guitarra imaginária por absolutamente nenhuma razão. Quando chegamos ao final da música, Shane joga minha camisa em mim, rindo.

— Se vista seu idiota. Estou cansado de olhar para o seu tanquinho. De qualquer forma, como diabos um fotógrafo fica assim?

— Isso se chama fazer exercício, meu amigo. Você deve tentar isso algum dia.

— Eu arrasto madeira e construo merdas o dia inteiro. Eu deveria ser rasgado se esse é o seu argumento.

Eu grunhi, cedendo. — Talvez você deva parar de comer cheeseburgers duas vezes a cada refeição então. E substituir alguns dos seis packs que você bebe todas as noites por água, seria sem dúvida, um movimento sábio, também.

Shane rola os olhos. — Eu sou um homem casado agora. Essa não é punição suficiente em minha vida?

Eu aceno, rindo, enquanto eu visto minha camiseta de volta. — Sim, bem, eu acho que você vai ter que aguentar o barril que você está

carregando então, amigo. Deixe-me saber se você quer vir correr às vezes. Eu vou devagar para você.

Shane rosna na parte de trás de sua garganta, balançando a cabeça. — Seja como for, cara. Que tal isso? Eu vou correr com você quando você resolver sua merda com Coralie. — ele pisca para mim, tirando uma arma imaginária e apontando-a para a minha cabeça. — Eu não vou correr e comprar alguns tênis novos, eu acho, hein?

Seis

Coralie

Fita vermelha

AGORA

Ben deixou três mensagens no meu celular desde que cheguei a Port Royal. Eu continuo olhando para o ícone piscando no canto superior direito da tela, sentindo-me doente a cada segundo que passa. Nos últimos dois anos, Ben esteve lá por mim. Mais ou menos. Ele me encorajou o melhor que pôde, mas é ele um homem de cara real. Ele não sabe como falar sobre emoções ou como está se sentindo. Conheci-o logo depois que eu tinha me recuperado do meu distúrbio alimentar, e o meu terapeuta tinha dito que ele precisava saber o quão sensível eu estava. Ben não tinha sido tão bom em ouvir quando tropecei nas palavras, tentando explicar um pouco do que tinha acontecido comigo na casa de meu pai. Eu não tinha lhe contado tudo, nem sequer cheguei perto, mas eu disse a ele o suficiente. Ele ficou estranho, zangado e quieto, e então ele era apenas... nada. Ele fingiu que eu nunca tinha dito nada sobre isso. Na época, eu estava meio feliz. Se Ben fingisse que nunca tinha acontecido, eu poderia fingir que nunca tinha acontecido, também.

Ele nem mesmo mencionou como voltar para casa estava afetando meu estado mental, no entanto, e isso parece uma pergunta que uma pessoa normal teria feito. Desde que passei pela fronteira da cidade de Port Royal, não pude pensar nele sem sentir um peso angustiante no meu peito, no entanto. Eu não me sentia assim em Los Angeles. Eu estive ciente desse fato desde que a sensação chegou, esta incapacidade de respirar corretamente, e eu estive forçando meu cérebro desde então, tentando descobrir o que eu estava sentindo. Levei

um tempo para descobrir que eu não estava sentindo nada, e isso só fez meu peito ficar mais apertado. Então eu não ouvi as mensagens de Ben.

Tenho certeza que ele está um pouco preocupado agora. Eu disse que iria ligar quando chegasse ao meu hotel, mas em vez disso eu bebi vinho seco do mini-bar e adormeci em uma banheira cheia de água fria. Acordei tremendo e quase azul à uma da manhã, e depois passei a próxima hora tentando me aquecer.

Estou bem fodida. Eu sempre soube disso, é claro, mas estar fodida nunca realmente parecia ser uma opção quando eu estava em casa com Ben. Parecia incrivelmente antissocial beber excessivamente, assistir pornografia e fazer-me vomitar em intervalos aleatórios durante a semana. Eu estive em meu melhor comportamento nos últimos anos, e eu nem percebi que eu estava tentando duramente.

Agora que estou sozinha, não parece tão irracional ser uma bagunça completa. Parece que meu estado natural, e cada parte de mim quer voltar para ele.

Eu me sento mais reta, puxando a bainha da minha saia lápis apertada, tentando descer nas minhas pernas, tentando torná-la mais longa, enquanto eu espero por Ezra Mendel. Se tivesse escolha, teria ido ver John Bickerdale primeiro, o diretor da funerária que está lidando com o enterro de meu pai, mas não havia muito sentido. Até que eu falei com o advogado do meu pai, como eu deveria saber se ele tinha um plano financeiro em vigor para quando ele morresse? É estúpido para mim, desembolsar milhares de dólares em um caixão e nas taxas do diretor fúnebre, se ele tivesse algum tipo de política no lugar. Então aqui estou. Suando. Pendurada. Sentindo como se o sol estivesse prestes a cair na terra, e eu não tenho meios de escapar do meu destino.

Ezra finalmente entra no escritório apertado em que eu estive sentada nos últimos quinze minutos, um copo de café em uma mão e uma cópia do New York Times na outra. Ocasionalmente, Ezra sempre ia em casa para ver meu pai - suponho que, se é possível que alguém tenha sido amigo de meu pai, então é isso que Ezra foi - e ele trazia estranhos assados que sua esposa havia feito. Meu pai os jogava no lixo no segundo em que o homem saía. Ele envelheceu muito desde que eu o vi pela última vez, embora ele ainda esteja usando os mesmos óculos minúsculos com as armações de arame, e ele ainda tem cabelos longos, selvagens, embora a maior parte dele tenha ficado branco agora em vez do cinza de aço que eu lembro.

— Coralie. Que prazer ver você. Obviamente, teria sido muito melhor em circunstâncias menos pesadas, mas...

Aceno seu sentimentalismo. — Está bem. Nós não precisamos fazer isso. — Ele, juntamente com todos os outros em Port Royal, deve saber exatamente o que eu pensava de meu pai. Que não havia amor perdido entre nós. Ele não pode pensar por um segundo que estou de luto pelo velho. Ezra me dá um aceno de cabeça, fazendo um pouco de beicinho.

— Claro. Bem, seja como for, ainda é um prazer colocar os olhos em você novamente. Você se tornou uma linda jovem.

Não digo nada. Não é um prazer vê-lo. No passado, quando meu pai lançava uma fivela de cinto contra as minhas costas, cortando a pele, quando eu estava coberta de hematomas e mal conseguia andar, Ezra colocou os olhos em minhas lesões e ele nunca disse uma palavra.

— Posso ver que você desenvolveu a resistência de seu pai, Coralie. — reflete Ezra. — Eu não acho que vou encontrar outra pessoa capaz de esconder seus sentimentos tão bem. Ele era um pouco fechado, seu velho.

— Ele odiava todo mundo. — eu digo de forma uniforme. — Ele simplesmente nunca quis que eles soubessem. Ele estava constantemente tentando mascarar seu desdém.

Ezra me dá esse olhar. O que significa que ele está tentando descobrir se estou sendo rude. Se eu quero dizer que meu pai o odiava. Meu pai nunca disse de qualquer maneira, mas a julgar por seu humor negro sempre que o homem na minha frente fez uma visita, eu estou disposta a apostar que ele fez.

Ezra pisca e olha para longe. — Tudo certo. Bem, tenho certeza que você tem muito em mente no momento, Sra. Taylor. Você deve ter muito para organizar com antecedência o memorial do seu pai. Que tal fazer isso rápido e tranquilamente?

— Seria perfeito.

Abrindo a gaveta superior de sua mesa, Ezra tira uma pequena pilha de papéis, juntando-os antes de colocá-los na madeira gasta na frente dele. Tocando a almofada de seu dedo indicador contra a folha superior de papel, ele limpa a garganta, franzindo o cenho para mim. — A primeira coisa que você deve saber Sra. Taylor, é que seu pai deixou uma quantia considerável de dinheiro para você em seu testamento.

Mais de cento e cinquenta mil dólares, na verdade. Assumindo que você quer vender a casa, que ele também deixou para você, então temos perto de meio milhão de dólares.

Penso em rastejar de volta para a banheira no hotel mais tarde, e quão bom vai ser deixar a água fria entorpecer o meu núcleo. — Eu não me importo com nenhum dinheiro. Eu não quero.

Ezra faz uma pausa, digerindo essa informação. Ele procura através do texto preto impresso no papel à sua frente, e pelo aspecto das coisas, ele está procurando algo. — Ah sim. Eu sabia que tinha visto algo nesse sentido. Eu só não achei que seria um problema, então eu não li corretamente. Afirma na vontade de seu pai que para receber as posses de sua falecida mãe, você deve aceitar tudo o que seu pai deixa, incluindo dinheiro e propriedade.

— Isso não faz sentido. Ele guardou em caixas as coisas de minha mãe e as deixou para se desintegrarem no sótão. Ele não teria dado a mínima se eu ficasse com elas. — Embora eu pareça convencida desse fato enquanto falo, eu sei que não é verdade. Papai sabia que as coisas de mamãe seriam as únicas coisas de interesse para mim quando ele fosse embora. Ele sabia que esta era uma última maneira de tentar me controlar. — O que acontece se eu me recusar a aceitar tudo isso? O que acontece com as coisas da mamãe?

Ezra franziu o cenho para o papel novamente. — Seu pai deixou instruções muito específicas para que o conteúdo do sótão fosse queimado.

Filho da puta rancoroso. Meu sangue parece que está crescendo ao redor do meu corpo em uma carga de raiva, fazendo com que minhas mãos e pés formigam. — Bem. Então eu pego tudo. Eu recebo as coisas da mamãe. Fim?

— Fim, sim. Seu pai também deixou para trás uma soma de dez mil dólares para o serviço de enterro e custos de funeral. Ele pediu que seu serviço fosse realizado na Igreja Católica St. Regis of Martyr em Glendale e Cranforth, e que uma missa à meia-noite fosse realizada.

— Ele não pode fazer isso. Ele não pode simplesmente exigir que uma missa de meia-noite seja realizada em sua honra. Ele pode?

— O padre in situ em St. Regis assinou juntamente com ele quando seu pai criou sua vontade. Você precisará comparecer a St. Regis e discutir o assunto com ele se você tiver quaisquer perguntas. Tenho medo de não ser particularmente visto o que pode e não pode na

Igreja Católica. Na fé judaica, sentamos Shivá⁸ por sete dias para um ente querido, então uma missa a meia-noite não parece excessivo demais, se você me perguntar.

— Minha mãe que era católica. Meu pai nunca colocou um pé dentro de uma igreja quando eu era criança. Nem uma vez. Mamãe costumava me levar e ele se sentava em casa e bebia até ficar cego.

É muito óbvio pela maneira como os ombros de Ezra incham em direção a seus ouvidos que este tópico - o tópico de meu pai ser um fodido completo - não o faz se sentir a vontade. Foda-se, entretanto. Não é exatamente confortável para mim, também. Se eu tiver que me sentar com essa merda, fingindo me importar e ficar de luto, então Ezra tem que lidar comigo sendo um pouco hostil ao longo do caminho.

— Seu pai tornou-se um membro predominante da comunidade católica aqui em Port Royal, Coralie. Ele tem sido um frequentador de igrejas regular agora, desde o quê? Sete anos? Whew. É incrível como o tempo passa rápido quando você não está prestando atenção.

Acho isso chocante. Dado que meu pai sempre fazia o inferno sempre que mamãe me levava para a igreja, eu sempre achei que ele teria corrido na direção oposta. Acontece que ele era um participante regular? Estou perplexa. — Existe alguma coisa que me impede de simplesmente cremá-lo e não realizar qualquer tipo de cerimônia? — eu pergunto. Eu preferiria que o corpo do velho fosse queimado e preso em um recipiente de plástico barato, então eu poderia levá-lo para casa e despejar o que resta dele no banheiro, mas Ezra já está balançando a cabeça. — Receio que isso não seja possível. Seu pai foi muito particular na forma como ele formulou sua vontade, em todos os aspectos. Ele doou uma grande quantia de dinheiro para St. Regis também, e assim a administração lá é bem consciente de seus desejos. Haveria algum tipo de ramificações legais para você se, como executora legal de sua vontade, você não aderisse a seus desejos.

Basicamente o que ele está me dizendo é que, se eu quero as coisas da mamãe de volta, eu preciso rebater a linha e jogar bem. Assistir a homenagem na igreja Malcolm, dar lhe um enterro apropriado, e aceitar seu dinheiro. Pensar em ter que fazer qualquer uma dessas coisas faz com que a bile inche na parte de trás da minha garganta, mas eu tenho tido tanto tempo sem qualquer conexão com

⁸ É uma antiga tradição judaica em que os enlutados, durante a shivá, não se sentem em cadeiras de altura normal.

minha mãe. Eu provavelmente faria qualquer coisa para pegar suas coisas.

— Ok, tudo bem. Então o que acontece agora? Eu tenho que assinar alguma coisa, ou ir e registrar alguma coisa? Eu só quero continuar com essa coisa. Encerrar tudo, por assim dizer.

— Sim, sim. Você deve querer voltar para sua vida, tenho certeza. Em resposta à sua pergunta, não, você não precisa fazer mais nada. Além de organizar o serviço e aceitar a posse das contas de seu pai, tudo o resto será tratado por mim e pelas autoridades apropriadas. Nesse meio tempo, se você precisar de acesso ao dinheiro que seu pai lhe deixou rapidamente, então há...

— Eu não. Obrigada, Ezra. Eu vou deixar você saber sobre o serviço. — Eu me levanto, puxo minha saia lápis para baixo, e eu aperto a mão de Ezra, que é o que se espera de mim.

— Eu sei que seu pai foi duro com você quando você era criança, — ele diz suavemente. — Mas eu queria que você voltasse para visitá-lo pelo menos uma vez depois que você partiu, Coralie. Algo aconteceu com ele. Ele se suavizou, por falta de uma palavra melhor, à medida que envelhecia. Um pai solteiro, tentando transformar uma menina em uma jovem mulher? Isso não é tarefa fácil. Tenho certeza que se você tivesse passado algum tempo com ele como uma adulta...

— Adeus, Ezra. Obrigada pelo seu tempo. — Tenho certeza que se eu tivesse passado algum tempo com meu pai como uma adulta, eu teria assassinado ele. Pego minha bolsa e os papéis que Ezra oferece para mim, e então me apresso para sair de seu escritório o mais rápido possível com a saia apertada. Eu não estou acostumada a usar saltos. Uma pintora dificilmente fica perante um cliente. Eu fico atrás de uma tela o dia todo na minha galeria e mal falo com outra alma. Eu uso jeans e uma camisa rasgada na melhor das hipóteses. Muitas vezes eu permaneço no meu pijama, de modo que esta vestimenta, esse fingimento, é quase tão abominável para mim como a minha proximidade com a casa onde eu cresci.

Lá fora, o sol do meio-dia é alto, batendo em Port Royal com um furioso senso de propósito. Tudo cheira a ozônio e borracha queimada. A calçada parece pegajosa sob os pés, meus calcanhares pisando no asfalto negro amolecido. Assim que eu estou sentada no carro, eu tiro os sapatos estúpidos de meus pés e os jogo sobre o meu ombro no assento traseiro, mas isso não é suficiente para deter a minha frustração. Eu subo os quadris e estendo ao redor, desabotoando minha

saía e arrastando-a pelas minhas pernas, tirando-a descontroladamente do meu corpo. A saia vai para o banco de trás em uma bola, e eu sento no banco do motorista, ofegante e irritada em minha calcinha e a blusa solta que eu usei para ver Ezra, lutando contra o desejo de machucar alguém ou algo assim.

Ezra sai de seu escritório dez minutos depois; Ele abaixa a cabeça, os olhos no chão, fingindo não ter me visto, mas eu sei que ele viu.

Como quando eu era criança.

Sete

Coralie

Suicídio

AGORA

Eu estou muito mais confortável no vestido solto de verão que visto quando volto ao hotel. É muito tentador apenas subir de volta na cama e colocar no canal de compras, mas eu não posso sair daqui até que todas essas porcarias de regras que meu pai estabeleceu fossem respeitadas. Se eu apenas me mantiver firme hoje, possivelmente as engrenagens necessárias para serem postas em movimento poderiam estar prontas até ao anoitecer, e eu poderei sair daqui a alguns dias.

Oito chamadas perdidas de Ben agora. Deixo o meu telefone na mesa de cabeceira junto à cama, esperando que a bateria descarregue logo.

A mulher idosa com o cabelo azul que me registrou em meu quarto ontem acena para mim enquanto eu me apresso através do lobby. — Senhora. Taylor? Senhora Taylor? Temos um maravilhoso coquetel ao pôr do sol esta noite. Seria um prazer se você pudesse se juntar a nós.

Sorrio, balançando a cabeça. Eu diminuo o passo, mas não paro de andar. — Isso parece maravilhoso, mas eu tenho medo que já prometi estar em outro lugar. Obrigada pelo convite, no entanto.

A mulher - Ellen May, de acordo com o crachá - me dá outro sorriso, mas eu posso ver o olhar em seus olhos. Ela provavelmente quer me perguntar por que eu molhei todas as minhas toalhas e as deixei na minha cama. Ela provavelmente quer saber por que eu pedi

um enorme café da manhã, com uma porção dupla de bacon, e então não toquei em nada. Nem mesmo no café.

Eu aceno alegremente para ela enquanto saio pelas portas giratórias do hotel. São quase três horas agora. Eu cresci correndo o labirinto das ruas estreitas em Port Royal - passei minha juventude, antes de mamãe morrer, passeando em pântanos e através do canavial, arrastando varas ao longo de trechos infinitos de cercas brancas e o mármore ao longo do calçadão, observei as pequenas bolhas de sabão caírem na água. Conheço esta cidade. Eu conheço a vista, o som, o cheiro, a sensação, e eu ainda conheço cada edifício que está aqui.

A Igreja Católica do St. Regis Mártir é talvez o marco local mais conhecido. Sua torre é coberta de ardósia e não é a mais alta das torres de igrejas, mas é o ponto mais alto no horizonte de Port Royal, e seus sinos ainda soam ao meio-dia todos os sábados e domingos. Quando minha mãe estava viva, ela costumava me trazer aqui nos fins de semana para podermos assistir os jovens casais passando pelas altas portas arqueadas de madeira, vestidos com ternos e vestidos de casamento, esquivando-se do arroz e pedaços de papel colorido de seda que eram jogados. Eles sempre caminhavam lentamente para seus carros enfeitados, 'recém-casados' pintado com tinta spray nas janelas traseiras, rindo todo o caminho, e eu me lembro de pensar que felicidade como essa fazia com que as pessoas aparentemente, pelo menos por fora, terem perdido todo o senso comum e inteligência.

Eu dirijo até St. Regis, rangendo meus dentes. Não me lembro de haver um estacionamento ao redor do lado do edifício de pedra antiga, mas quando eu chego ao local, lá está, e é claro que sempre esteve aqui. Três outros carros estão estacionados em vagas aleatórias, pelo menos quatro ou cinco vagas os separam, e me sinto compelida a manter esse espaço. Eu estaciono no canto mais afastado, mais longe possível de todos os outros que eu posso. Isso me parece estranho - por alguma razão, eu teria pensado que as pessoas estacionavam os carros meio que juntos numa igreja, todas reunidas em um show de solidariedade ou algo assim. Algo como, toque aqui e sinta o amor de Deus. Acontece que católicos não gostam da ideia de terem uma imagem ruim tanto quanto qualquer outra pessoa, no entanto.

Encontro o padre na sacristia fazendo flexões. Ele está suando por sua camiseta cinza, e seus pés estão descalços, embora um par de tênis de corrida esteja junto à entrada da sacristia, e um par de meias esteja dentro deles.

Ele é jovem, talvez apenas trinta e cinco anos, e sinto os calos de suas mãos quando ele agita a minha.

— Muito bom finalmente conhecê-la, Sra. Taylor. Desculpe, normalmente esse horário pra mim é tranquilo. É o único momento que eu consigo fazer exercícios.

— Certo. Os sacerdotes têm de se manter em forma também. — Isso parece um comentário hilário, uma vez que a grande maioria dos padres que conheci sempre teve excesso de peso e provavelmente não se abaixavam para coletar seus próprios jornais há anos.

— Eu sou Sam. Conheci bem o seu pai. Sinto muito por sua perda. — diz ele.

— Obrigada. Isso é muito gentil. — Ser uma cadela para o padre Sam não está no topo da minha agenda. Ele sorri com os olhos, e ele parece realmente ferido em meu nome. Estar no modo glacial seria como chutar um filhote de cachorro. — Presumo que esteja aqui para organizar o serviço memorial de seu pai. Malcolm realmente escolheu as passagens das escrituras que ele gostaria que eu lesse. A música que ele gostava já foi escolhida também.

— Ótimo. Então o que eu preciso fazer exatamente?

O padre Sam encolhe os ombros, ainda recuperando o fôlego de suas flexões. — Uma vez que o corpo tenha sido liberado do necrotério, você só precisa marcar uma data. Normalmente, leva cerca de dez dias para organizar tudo.

— Dez dias? — Eu sinto que o tapete marrom trançado sob os meus pés de repente se abriu e um buraco se formou no chão, tentando me puxar abaixo. — Não posso ficar aqui por dez dias.

As sobrancelhas de Sam apertaram-se, seus olhos castanhos se nublaram com preocupação. — Se houver algo que eu possa fazer para acelerar as coisas do meu lado, tenha a certeza de que vou fazê-lo, é claro. Geralmente os membros da família gostam se certificar a dar o aviso aos conhecidos do falecido, assim estes podem fazer arranjos de viagem, por exemplo. E os floristas, os fornecedores, o pessoal... todas essas coisas levam tempo para organizar.

Eu não sei o que o pessoal de Sam acha que eu vou precisar para esta coisa, mas parece que ele está esperando uma cerimônia realmente grande. — O que você quer dizer com o necrotério liberar seu corpo?

— Bem, se seu pai tivesse uma morte normal, — ele encolhe os ombros — como um ataque cardíaco ou pneumonia, seria bastante rápido, só um atestado assinado por um médico. Mas como ele foi assassinado...

Um estranho zumbido começa a tocar nos meus ouvidos. Posso ver a boca do sacerdote Sam movendo-se, mas não consigo ouvir nada acima do zumbido; É tão intenso e violento que parece que está prestes a sacudir o interior da minha cabeça e transformá-la em geleia. Eu levanto uma mão, parando Sam em suas palavras. — Me desculpe, você pode repetir isso? A parte do assassinato.

Os olhos de Sam crescem gordos e redondos, brancos em toda parte. — Você não sabia?

— Recebi um telefonema. Foi-me dito que ele tinha falecido. Ele tem sido alcoólatra desde que eu me lembre. Eu achei...

Sam balançou sua cabeça de um lado para o outro, olhando um pouco cinza de repente. — Malcolm estava sóbrio há dez anos, Coralie. Quero dizer, eu só estou aqui por três, então eu só posso atestar por aqueles anos, mas foi o que ele me disse. Ele me mostrou o chip que deram a ele no AA. Não, Malcolm foi esfaqueado até a morte. Eles o encontraram de bruços na estrada que sai da Ponte Palisade com uma faca de cozinha no peito.

— Ponte de Palisade?

Sam acena seriamente. — O xerife Mason disse que não estava lá há muito tempo. Talvez algumas horas. Eles ainda estão procurando o criminoso. Ou criminosos. Malcolm era um grande homem. Poderia ter sido qualquer um, é o que todos nós sabemos no momento. Estou tão surpreso que a polícia não lhe ligou e disse. Certamente deve ser procedimento padrão? — ele parece genuinamente perplexo, e eu quase sinto pena dele.

Eu estava experimentando uma vibração de emoção semelhante, até que ele me disse onde o corpo do meu pai foi encontrado. Ponte de Palisade. A mesma ponte onde minha mãe morreu. Seria muita coincidência meu pai ter sido atacado e brutalmente assassinado exatamente no mesmo lugar onde minha mãe morreu. O que só pode significar uma coisa: ele se matou. Ele enfiou a faca no peito, estilo hari kari, e a polícia não disse nada ao pobre e inocente padre Sam por uma razão muito boa. As pessoas que se matam não são permitidas ter um enterro católico. As pessoas que se matam não podem ser enterradas em terra consagrada. Por um momento fugaz, terrível, penso em

denunciá-lo para Sam. Arruinar os planos funerários de meu pai dificilmente compensará os anos de miséria que ele me fez passar, mas isso pode me fazer sentir um pouco melhor. Meus lábios estão se separando, meu cérebro já está juntando as palavras, mas depois me lembro do meu encontro com Ezra, à cláusula em que eu não recebo os pertences de minha mãe se eu não lhe der o serviço ridículo que ele tanto queria. Eu estou disposta a apostar que a cláusula ainda conta se Sam se recusa a supervisionar esta missa a meia-noite de Malcolm.

— Uau. Eu realmente não tinha ideia. — eu murmuro. — Vou me certificar de passar na delegacia depois que eu terminar aqui com você. — Eu não sou muito convincente em tentar transmitir surpresa, mas Sam ainda coloca a mão no meu ombro e dá-lhe um aperto reconfortante.

— Ele está descansando agora, Coralie. Não há necessidade de se preocupar mais com ele. — Sam não percebe que meu pai provavelmente está dançando em carvão em brasa em algum lugar ao sul da fronteira teológica; Tenho certeza que Malcolm nunca confessou o pesadelo que ele colocou minha mãe e eu antes de encontrar Jesus e deixar essa vida. Se ele tivesse, Sam estaria um pouco mais ciente da minha atitude ‘não dou a mínima’. Eu faço uma nota mental para chamar Ezra e questiona-lo por não me contar sobre o suicídio.

Sam me abraça quando ele se despede, o que me faz sentir um pouco desconfortável, e completamente insatisfeita. Tanto para amarrar esta coisa em um arco puro e dar o fora daqui. Parece que vou ficar presa aqui por pelo menos uma semana, mesmo se eu conseguir apressar as coisas. Abro o carro, atiro minha bolsa no banco de trás e, em seguida, congelo de repente agarrada por um medo que me consome, paralisa. A parte de trás da vaga onde eu escolhi para estacionar o carro tem vista para o cemitério na parte traseira da igreja, e no cemitério ensolarado, Callan Cross está sentado estilo indiano na frente de uma lápide de mármore cinzenta pálida.

Eu só posso ver a parte de trás da cabeça, mas eu o reconheço absolutamente em qualquer lugar. Quando nós éramos adolescentes, ele costumava cortar o cabelo bem baixo, assim eu poderia correr minha mão sobre o espetado curto dele, arranhando levemente com minhas unhas enquanto ele se derretia com o carinho. Eu amei quando ele deixou crescer um pouco, embora. Quando estava longo o suficiente para começar a se enrolar, pequenos cabelos escuros que sempre me deixavam tão ciumenta. Está assim agora.

Seus ombros estão mais amplos do que costumavam ser. Ele era largo nas costas quando tinha dezessete anos, mas mesmo assim era óbvio que ele iria ficar mais alto, maior, mais forte quando ele atingisse seus vinte anos. Agora estou sentada aqui, olhando para suas costas, me lembrando de cavar minhas unhas nestes cabelos na primeira vez que eu fiz sexo.

Eu imediatamente quero entrar no carro e sair daqui, mas alguma parte mórbida e cruel minha quer que eu sofra. Quer que eu fique à beira da parede coberta do cemitério e o espione como uma tarada. Eu faço isso, apoiando meus cotovelos contra a pedra desmoronando e os dedos retorcidos, ignorando o fato de que minha posição é desconfortável, permitindo que meus olhos parem e bebam a vista da minha alma gêmea.

Meu coração canta e chora em partes iguais.

Callan está falando, seus ombros se movendo para cima e para baixo enquanto ele respira fundo e lento, e eu gostaria de poder ouvir o que ele está dizendo. Só há uma pessoa com quem ele possa estar falando tão confortavelmente em um cemitério, e é Jolene Cross. Ao longo dos anos, eu fui atingida com ondas sucessivas de dor sobre o fato de que eu nunca consegui dizer adeus a Jo. Ela ainda estava viva quando eu fugi de Port Royal, embora muitas vezes confinada à sua cama e incapaz de ficar em pé por longos períodos de tempo. Eu sinto um soluço formando na parte de trás de minha garganta; Eu deixo crescer e doer lá, mas eu não o deixo sair. Eu permito a queima da tristeza no interior de meu corpo hoje em dia, mas nunca no exterior. É muito. Muito para lembrar. Demais para sofrer. Muito para deixar dentro de mim, uma vez que estou farta de sentir melancolia.

Callan se inclina para trás, apoiando-se com as mãos, que estão plantadas na grama atrás dele, e eu me vejo fascinada pela forma como seus músculos torcem em torno da estrutura de seu braço, robusto e forte. Acho que vejo as linhas negras de uma tatuagem avançando pelo comprimento de seu antebraço direito, mas estou muito longe para ver corretamente. Ele costumava me pedir que fizesse desenhos nele quando eu era adolescente. Horas passadas com minha língua saindo da minha boca enquanto eu me concentrava em círculos concêntricos, caricaturas e traçados. Ele era meu bloco de notas vivo, andando e falando, e ele nunca parecia se importar.

— Está tudo bem, Coralie?

Eu quase salto para fora da minha pele ao som da voz atrás de mim. Eu giro ao redor, e Sam ainda está em seu equipamento de treino, uma sobralheira levantada em uma curva. Ele era todo condolências e se-há-qualquer-coisa-eu-pode-fazer na reitoria, mas agora que ele me pegou espionando as pessoas no cemitério ele está parecendo um pouco irritado. Bem, ele deveria, tenho certeza.

— Desculpa. Apenas tomando fôlego antes de voltar para o carro. — eu digo. Eu encolho os ombros, tentando enganá-lo como se eu não estivesse encarando as costas de Callan Cross. — É tão calmo aqui. Tranquilo. Com tudo o que está acontecendo no momento, eu só precisava de um segundo para me recompor.

Sam quase parece acreditar em mim. Isso é, até a voz de Callan chamar, ecoando da maneira mais enervante em torno do vale pequeno formado pelas árvores altas que revestem o perímetro do cemitério. — Coralie?

Faz mais de dez anos que eu ouvi esse homem dizer meu nome, e mesmo assim, neste momento, parece que acabei de ouvi-lo dizer ontem.

Você tem que ficar. O que posso fazer para que você fique?

Eu instintivamente me dobro, meus ombros movendo para cima em torno de meus ouvidos. Sam franze o cenho, espiando por cima da minha cabeça para ver quem estava gritando meu nome. O cenho franzido se aprofunda. — Você conhece esse homem? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça.

— Bem, ele está vindo nesta direção.

Minhas mãos movem-se freneticamente, lutando para arrancar as chaves do carro da minha bolsa. — Obrigada novamente pelo seu tempo, Sam. Eu entrarei em contato com as informações do...

Uma mão pousa sobre o topo do meu ombro, mal fazendo contato, enviando uma violenta onda de saudade e dor através de meu corpo. Quando éramos mais jovens, Callan sabia exatamente como me tocar para me fazer desmoronar. Ele poderia me fazer esquecer tudo, menos ele, diariamente. Parece que ele não perdeu essa habilidade. — Coralie Taylor. — ele diz suavemente. — Eu sabia que você estava por perto.

Eu fecho meus olhos. Paro de respirar.

Ouço Sam se apresentar e escuto enquanto Callan fala atrás de mim, sua respiração deslizando pelo meu pescoço e meus ombros nus. Ele sempre estava quente. Parece que isso não mudou, também. Eu posso sentir o calor derramando dele, queimando em mim, deixando os minúsculos cabelos na parte de trás do meu pescoço, costas e braços em pé.

—...minha mãe. Parece ótimo lá atrás. Obrigado por cuidar tão bem do lugar. — Callan está falando, mas há uma nota ausente em sua voz. Ele não está realmente pensando nas palavras que saem de sua boca. Não realmente pensando em Sam, ou o fato de que o túmulo de sua mãe foi bem cuidado. Ele está inclinado á mim, à maneira que eu me inclino nele, como nossas almas são malditos ímãs, incapazes de resistir ao poderoso chamado um do outro.

Eu balanço minha cabeça, não pronta para me virar e enfrentar esse fantasma fazendo estragos com meu coração. — Obrigada Sam. Eu realmente tenho que ir. Eu vou volto depois que falar com as pessoas na funerária. — Eu corro por ele, torcendo as alças da minha bolsa com as duas mãos, os olhos no chão, com medo de olhar para cima. Pelo menos agora tenho minhas chaves na minha mão. O carro emite um sinal sonoro quando eu desbloqueio. Chego para abrir a porta do motorista, mas outra mão chega lá antes da minha, puxando a alavanca.

— As maneiras do sul não estão mortas, sabe? — Eu olho para cima, e o rosto de Callan está tão dolorosamente perto do meu. Seus olhos castanhos escuros são exatamente como eu me lembro, profundos, como a escuridão interminável que você vê quando olha para o fundo de um poço. Isso pode soar romântico, mas não é. É enervante. Como se estivesse olhando para a eternidade, e se você se aventurar muito perto do limite, você pode simplesmente cair e cair. Queda para sempre. Quando eu olhei pela última vez sua página do Facebook, me odiando a cada segundo, ele tinha uma barba cheia. Ela se adequou a ele, mas ele deve ter raspado recentemente. Agora a barba escura que marca sua mandíbula, em vez disso, possui apenas alguns milímetros de comprimento.

As covinhas que sempre marcaram suas bochechas ainda estão lá, e de fato, cresceram mais desde o colegial. E aqueles lábios, lábios que me lembro com uma intensidade surpreendente como eles me beijaram pela primeira vez, ainda estão cheios, corados e mordíveis. Curvam-se em um sorriso perverso enquanto os olhos de Callan examinam minhas feições, sem dúvida lembrando os contornos, as

curvas e as elevações do meu rosto. — Ei, bluebird. — ele sussurra meu apelido. — Tenho sonhado com você.

Deus, eu não posso ficar tão perto dele. É preciso tanto esforço para me afastar. Ironicamente, a maneira como inclino meus ombros significa que eu estou de frente para ele, porém, e minhas costas arqueiam automaticamente, pressionando meu peito mais perto dele. Não posso evitar. Não importa o que eu faça, sempre foi difícil negar a forma como meu corpo reage sempre que estou ao redor deste homem.

Ele é o mesmo de sempre, e ainda assim ele é muito diferente. Deus, eu não tinha ideia de que eu me lembraria ou sentiria tanto quando eu olhasse para ele assim. Eu não estou pronta, não estou preparada. É muito difícil.

— Oi Callan. — eu sussurro. — Eu tenho que ir.

Ele balança a cabeça. — Você realmente não tem.

— Eu tenho. Tenho de estar em algum lugar.

Ele balança a cabeça novamente, mas não diz nada.

— Eu tenho que estar também. — diz Sam, completamente alheio à tensão que está prestes a explodir um buraco de tamanho nuclear no estacionamento de St. Regis. Nem Callan nem eu olhamos para Sam enquanto ele diz adeus e sai, entrando em um dos carros estacionados e se afastando. Nós ficamos muito, muito quietos, olhando um para o outro.

— Você está pensando em dizer qualquer coisa, bluebird? — ele sussurra.

Minha língua está grudada no céu da minha boca, recusando-se a funcionar. Eu tento colocar palavras fora de minha boca, quando cada parte de mim quer permanecer silenciosa para sempre. As últimas palavras que eu disse a Callan Cross foram estas:

Não me siga. Eu sinto muito. Adeus.

Se eu disser algo, minhas últimas palavras para ele serão mudadas. Permaneceu o peso do comando que dei enquanto fugia de sua casa durante tanto tempo, tropeçando às vezes na dor, quando me sentia fraca e perdida e me odiando por dizer-lhe para não vir me encontrar. Mas agora que estou em uma posição para mudar isso, não sei se devo. Os anos desde que saí de Port Royal foram difíceis, mas eu sobrevivi, não é? Eu consegui. Se eu mesmo pronunciar uma palavra

para Callan agora, vou acabar machucada novamente. É quase garantido. E eu não posso suportar esse tipo de desgosto nunca mais. Eu simplesmente não posso. Eu engulo, olhando para sua mão, que ainda está na maçaneta da porta do carro. Meu estômago embrulha quando vejo as linhas negras de rabisco marcadas em sua pele.

Familiar. Tão familiar. Um pássaro minúsculo voando, linhas traçadas rapidamente que se dividem. Eu costumava desenhar essas aves em todos os lugares. Sem pensar, estendi a mão e agarrei seu braço para que eu pudesse virar e dar uma olhada melhor. Com certeza, é uma das últimas coisas que eu desenhei nele. — O que... o que diabos é isso? — eu pergunto.

Callan tira o braço para longe de mim, apressadamente rolando sua manga. Ele olha para longe, apertando os olhos para a distância. Há rugas finas entre suas sobrancelhas agora - linhas que não estavam lá antes. Gostaria de saber se foi por estresse, ou se foi apenas a quantidade de tempo que se passou.

— Essa foi a última coisa que você deixou comigo. — diz ele em voz baixa. — Eu deveria ter pedido ao tatuador para incluir alguém disparando a maldita coisa para fora do céu, certo? Provavelmente deveria ter havido muito sangue. Teria sido uma representação melhor.

— Você não deveria ter feito isso. — Eu estremeço com a tatuagem que ele fez do meu rabisco, odiando o fato de que ele tinha rastreado, linha por linha. Foi um momento confuso, apressado quando eu estava distraída, tentando dizer-lhe algo terrível. Estive fora por duas semanas em Nova York no Instituto de Belas Artes. Ou pelo menos era o que Callan tinha pensado.

— Por que não? — Callan se inclina contra o carro, impedindo-me de abrir a porta. Bloquear meu caminho é um movimento bem pensado para me impedir de correr, mas ele faz parecer que está apenas ficando confortável para que possamos conversar. Para que possamos conversar, como velhos amigos.

— Por que. Você deveria se esquecer de mim. Você não deveria ter uma lembrança permanente.

— É isso que você fez? Se esqueceu de mim? — Callan nunca foi de medir suas palavras. Ele olha para mim, ligando-nos com esta conexão feroz que faz meus dedos do pé enrolar dentro de meus sapatos. Ele sorri um sorriso sem humor e infeliz. — Eu não penso assim. Você não precisava de uma tatuagem para ser assombrada por mim a cada dia, não é? — Ele levanta seu pulso, mostrando-me a tinta,

afinal. — Eu não precisava disso para ser atormentado por lembranças do passado, Coralie. Eu tenho meu próprio cérebro para isso. Eu não poderia ter me esquecido de você, mesmo se eu tivesse tentado. Os mares poderiam ter congelado. Os céus poderiam ter caído sobre a terra. O tempo poderia ter parado, e eu nunca teria sido capaz de limpar você da minha memória — Ele chupa o lábio inferior em sua boca, mordendo ele da mesma forma que costumava fazer, e meu mundo inteiro gira em seu eixo.

Ainda não o superei. Eu nunca fiz. Eu nunca farei.

Mas não posso estar com ele.

Eu coloco minha mão em cima de seu aperto firmemente. — Eu tenho que ir Cal. Eu realmente tenho que ir.

Ele mergulha seu queixo em direção a seu peito e olha para mim por debaixo de suas sobranceiras arqueadas, seus olhos estreitados. — Esta não é a última vez que nos veremos bluebird. Vamos nos encontrar na próxima semana ou mais. Port Royal é uma cidade pequena. Partilhamos os mesmo amigos.

— Nós costumávamos ter os mesmos amigos. Não conheço mais ninguém aqui.

— Então é isso? Você não vai ver Shane ou Tina?

Quando ele fala seus nomes, é como se ele estivesse colocando bombas dentro do meu peito. Eu não pensei neles por tanto tempo. Eu não queria sentir a falta deles. Mas assim que ele os menciona agora, estou dominada por uma onda de nostalgia. — Não acho. Eu não acho que seria uma boa ideia.

Callan faz uma cara, sua expressão cheia de raiva e descrença. — Isso é ridículo. Essas pessoas estavam lá para você no dia que deu tudo errado. Eles sentem sua falta, não a viram há mais de uma década, e você nem vai visitá-los?

— Qual seria o ponto? A pessoa que eles conheciam está morta e enterrada. Ela morreu mil, terríveis, dolorosas, mortes devastadoras antes que ela finalmente não voltasse à vida. Eles nem me reconheceriam agora.

Ele se inclina perto, e eu nem consigo pensar direito. Ele cheira diferente. Ele nunca usava pós-barba ou colônia antes, mas agora ele está usando algo que parece acentuar seu próprio perfume natural, enchendo minha cabeça, dificultando a concentração. — Porra eu

conheço você, Coralie Taylor. — Ele apunhala o próprio peito com o dedo indicador. — Porra, eu conheço. Dei uma olhada de volta nessa biblioteca e eu reconheci você. Eu sempre fiz e sempre vou. Isso nunca vai mudar. Você pode fugir por dez anos. Você pode mudar seu cabelo... usar roupas diferentes... mas não há nada que você possa fazer para esconder sua alma da minha. É tarde demais para isso.

Voltar a Port Royal tem sido horrível até agora, mas esse momento aqui? Este é um dos piores momentos de toda a minha vida. Porque Callan está certo. Nós juntamos nossos destinos há muito tempo, fundindo nossas vidas de uma maneira tão irrevogável, e eu sei que não há nenhuma maneira que eu vou me recuperar dela. Eu não posso me permitir estar com ele, e então eu sei que estou destinada a sentir como se todo relacionamento que eu embarco fosse provisório. Um compromisso. Uma sombra do que poderia ser se eu estivesse com ele. Eu nunca vou ser capaz de dar meu coração a mais ninguém, porque Callan Cross ainda tem ele e ele não parece disposto a devolvê-lo tão cedo.

— Apenas esqueça, ok. Você e eu sabemos que há muito pouco motivo para lembrar. Não vamos nenhum dos dois chegar a qualquer lugar. — digo a ele.

— Besteira. Isso me levaria muito longe. E ter uma conversa cinco minutos comigo poderia resolver algumas coisas em sua vida, também, tenho certeza.

— Temos mais de cinco minutos, Cal. Estamos além de tudo isso. Você nunca deveria ter voltado para Port Royal em primeiro lugar. Você odiava meu pai tanto quanto eu. Nunca pensei que em um milhão de anos você voltaria para isso.

O rosto de Callan fica em branco por um segundo. Ele se endireita, afastando-se do carro, finalmente movendo fora do caminho. Dando um passo para trás, ele enfia as mãos nos bolsos. — Eu precisava de você quando minha mãe morreu Coralie. Eu poderia ter me apoiado em você. Então sim. Acho que pensei que estar aqui para você, e se você precisasse de mim, seria bom. Não vim aqui para prestar meus sentimentos para seu pai. Eu vim aqui por você.

Ele tira a mão do bolso, e segura algo para mim. — Meu número. Eu sei que você está louca agora, mas este lugar... este lugar faz algo para você, o mesmo que faz para mim. Você vai precisar de mim em algum momento, quando o peso de toda a nossa história pressionar

você e você sentir que não consegue respirar. Quando isso acontecer, você deve me ligar. Mesmo que seja só para gritar comigo.

Eu olho para o retângulo do cartão branco, não realmente enxergando claramente através da minha visão turva. Eu não sei como, mas meus olhos se encheram de lágrimas. Eu sempre planejei estar aqui quando Jo morresse. Eu sempre soube que eu estaria por perto para Callan, que eu iria segurar sua mão e carregar a maior parte de sua dor quanto pudesse. Parecia que meu coração tinha sido rasgado para fora do meu peito quando ouvi que ela tinha falecido. Eu sabia o quão eu a decepcionei. Por semanas eu pensei em voltar aqui. A ideia de que Callan estava sofrendo era quase demais para suportar. Mas eu também estava sofrendo.

Eu olho para longe, apertando minha mandíbula. Callan suspira pesadamente. Ele coloca o cartão de visita com seu número sob o limpador de para-brisa do carro. — Tenha cuidado nessa coisa bluebird. — sussurra Callan. — Você nunca conseguiu dirigir muito bem um carro de câmbio manual.

Oito

Callan

A Regra dos Terços

ANTES

— A regra dos terços é tudo sobre a perspectiva. Você não pode simplesmente manter o foco de sua imagem bem no centro. Não se você quiser uma imagem dinâmica. Você tem que aderir à regra dos terços. A composição é... whoa! É tudo. — eu tropeço, consigo me endireitar, e depois tomo um gole da garrafa quente que estou segurando ferozmente na minha mão direita. A cerveja dentro da garrafa está quente, também. O gosto velho. Ao meu lado, Shane se balança enquanto tenta caminhar ao longo da beirada do meio-fio, sorrindo como um imbecil.

— Se você diz homem. — ele me dá um polegar para cima.

— É verdade. Se você inclinar o objeto ou a característica focal da imagem para baixo e ligeiramente para a direita ou para a esquerda, dá a fotografia... — eu paro para arrotar. — dá-lhe... energia. Interesse. Tensão.

— Oh, e você sabe tudo sobre tensão, certo? Do tipo sexual. Cara, você viu como Tara McFee estava te dando o olhar ‘venha-me-foder’ mais cedo. Eu te odeio tanto, seu idiota. Os peitos dela são, ridículos.

— E o cabelo dela também. — respondo. — Parece que ela enfiou o dedo em uma tomada.

— Quem dá a merda para o cabelo dela, Cal? Você estaria muito ocupado sufocado naquela dupla de taças G dela para notar qualquer coisa acontecendo acima de seu pescoço.

Eu rio disso, porque eu suponho que seja verdade. Os peitos de Tara McFee são realmente imensos. Por alguma razão, eu não me importei em ficar na festa e tentar aliviá-la de seu sutiã, no entanto. Passei noventa por cento da noite vigiando a porta, esperando alguém entrar. A pequena rata da biblioteca. Eu não estou tão surpreso que ela nunca apareceu, no entanto. Eu tenho estado ciente de sua existência nos últimos anos, mas nunca a vi em situações sociais. Ela está sempre sentada em silêncio em algum lugar sozinha, cabeça baixa, rabiscando ou estudando. Geralmente ambos. Eu vi alguns de seus desenhos sobre seu ombro quando eu estive na biblioteca. Ela nunca soube disso, é claro. Ela nunca soube que eu acho que ela é muito talentosa. Ela gosta de desenhar pássaros.

Continuamos andando, passando a cerveja de um para o outro até que ela acabou, e então Shane joga a garrafa na rua. Ele grita quando a garrafa bate no chão e envia fragmentos de vidros quebrados como milhares de diamantes sobre o asfalto. Nós corremos - ou caminhamos embriagados - pela rua principal, rindo mais ruidosamente do que é socialmente aceitável às três da manhã, e então estávamos somente a quatro quarteirões de casa.

A luz do quarto de mamãe está acesa.

— Foda-se. — Eu cavo meus dedos no lado do meu rosto, sem saber por que isso é bom, ou por que parece acabar com o pânico que estou sentindo agora. — Estou prestes a ter minha bunda chutada. — eu digo a Shane.

Ele fica com o rosto estranho, fazendo careta para mim. — Droga, cara. Desculpa. É um saco ser você.

— Sim, sim. Tanto faz. Espero que sua mãe também esteja acordada, e ela saia com o cinto.

Shane ri, de boca aberta. Golpeando-me no ombro, ele pisca para mim. — Ela está tomando melatonina nos últimos meses. Vai dormir às dez e não acorda até de manhã. Eu poderia ter um concerto de rock na sala agora e ela estaria lá em cima, roncando como um tronco.

— Dane-se.

— Revoltado.

Shane vai embora, e eu levo um momento para cheirar meu próprio hálito antes de eu entrar na casa: está ruim. Mesmo se eu tivesse uma bala ou chiclete, o que eu não tenho, não iria mascarar o

cheiro de bebida em mim. Dentro da casa, eu posso ouvir a TV da minha mãe em seu quarto ruidosamente silencioso. A luz traseira da cozinha está ligada, e uma refeição de micro-ondas meio comida está no balcão com um garfo em pé na parte de cima da lasanha endurecida que permanece dentro da bandeja de plástico. Um copo de café vazio está na pia.

A mudança de turno da mamãe no hospital a deixa atrasada no tempo. Ela normalmente caminha pela porta à meia-noite e aquece algo no micro-ondas, já que ela não terá chance de comer o dia todo. O café não é parte de sua rotina normal, no entanto. Ela deve ter precisado de alguma cafeína que fluísse através de suas veias para assim poder permanecer acordada. Isso não é bom para mim. Puxo o garfo da lasanha e coloco-o ao lado do copo na pia. A refeição de micro-ondas vai para o lixo.

No andar de cima, a porta de mamãe está bem aberta, e a mulher está esparramada na cama, ainda usando seu uniforme azul, o controle remoto da TV apertado em uma das mãos. Saturday Night Live está repetindo na tela, embora seja quinta-feira. Ela se agita quando eu entro na ponta dos pés no quarto e desligo a televisão, mas ela não acorda. Graças a Deus. Vou ser interrogado de manhã sem dúvida, mas por enquanto ela não tem ideia da hora que eu voltei, ou que eu estou enlouquecendo.

Eu coloco pasta de dente em minha escova e entro em meu quarto, tentando escovar em silêncio - as cerdas esfregando para frente e para trás em meus dentes soam altas o suficiente para acordar os mortos. Eu estou tentando puxar a corrente da minha cortina com a mão esquerda, o material preto baixando torto e desigual, quando eu noto uma forma pequena e enrolada de uma menina dormindo no telhado da varanda em frente ao meu quarto.

O telhado em questão - a estreita, área de três metros de largura de betume plana no topo do piso térreo, uma janela saliente ao lado - é apenas grande o suficiente para acomodar a garota adormecida. Está coberta com um cobertor fino, braços envoltos em torno de seu corpo, joelhos dobrados debaixo de seu queixo. No escuro, com tão pouca luz da lua, mal posso distinguir suas feições, embora seus lábios pareçam azuis. Lembro-me de uma ilustração que eu vi uma vez quando eu era criança. Branca de Neve, cercada por sete anões de aspecto sinistro. Eu tinha certeza, quando eu tinha sete anos de idade, que aqueles anões pretendiam fazer mal a Branca de Neve.

Coloco a escova de dente na minha mesa, uso ambas as mãos para puxar para cima a janela rígida do caixilho, e então eu me inclino para a noite e cuspo a pasta de dente que estou segurando na minha boca.

— Ei. Ei, Coralie. — eu me inclino para fora da janela um pouco mais, a janela escavando em meu estômago, me fazendo sentir um pouco de dor. Eu ainda estou tão cheio de cerveja. Deus, eu vou sentir vontade de morrer amanhã. — Coralie Taylor! — eu sibilo, inclinandome ainda mais para fora da janela. Se ela não acordar logo, eu vou acabar vomitando pelo lado do maldito prédio. Ela permanece enrolada em uma bola, envolta no cobertor verde pálido, fino, apesar de eu chamar seu nome.

Eu volto para o quarto e pego um par de lápis da minha mesa. Eu tenho jogado basquete há quatro anos e eu sou bom nisso. No entanto, graças a todo o álcool dentro de mim agora, o meu alvo parece estar um pouco ruim quando eu jogo o primeiro lápis; ele atinge a calha abaixo do telhado estreito e salta fora, caindo na terra e desaparecendo na selva de arbustos abaixo.

— Merda.

Eu tento de novo, e desta vez eu bato direito no braço de Coralie. Ela pula para cima, ofegante, as mãos puxando o cobertor verde, colocando-o apertado em torno de si mesma. Eu nunca vi ninguém parecer tão em pânico. — Whoa, whoa, whoa! Foda-se, desculpe. Coralie, ei, está tudo bem. Sou só eu. É Callan.

Através da lacuna entre nossas duas casas, Coralie estreita seus olhos em mim, apertando-os no escuro. — Callan? O que você está fazendo?

— O que você está fazendo? Você poderia rolar e cair do telhado dormindo.

— Eu não vou. Ou pelo menos ainda não. — Ela parece exausta. Há círculos escuros sob seus olhos, e... e seu lábio está rasgado. Agora que meus olhos se adaptaram à noite um pouco, eu posso ver seus traços muito mais claros de fato, e parece... parece que há um profundo hematoma roxo florescendo no lado direito de sua mandíbula.

— O que aconteceu com você? No seu rosto?

Coralie cobre a mandíbula com uma mão, desviando o olhar. — Oh. Sim. Eu caí da minha bicicleta.

Meu cérebro está nublado até este ponto, mas por alguma estranha razão eu posso agora sentir tudo afiando, entrando em foco, o álcool queimando em meu sistema. — Sua bicicleta? Nunca vi você andando de bicicleta.

Ela sorri. — Tenho certeza de que há muitas coisas que você não vê, Callan Cross. Como foi sua festa?

— Ridícula. — eu digo, lembrando das tetas de Tara McFee. — E sem sentido, e juvenil. Fiquei até tarde. Você não apareceu.

— Eu queria. — ela sussurra. Mal posso ouvi-la. Quatro quarteirões de distância, um único carro arranca para rua Principal, o escapamento fazendo um barulho como um tiro. Mal posso ouvir a voz de Coralie Taylor.

— Você deveria voltar para dentro. Vá para a cama. — digo a ela.

Ela pega o betume no telhado embaixo dela, sem olhar para mim. — Tenho pesadelos quando durmo lá dentro.

— Então você deve vir dormir na minha cama. Eu vou manter minhas mãos para mim mesmo, eu juro. — Eu olho para ela, e seus olhos lançam para os meus, redondos como pires. — Não se preocupe. Eu estou brincando. — eu digo.

Ela respira profundamente. — Bom.

— Mas eu vou buscá-la de manhã, Coralie. Eu vou bater na sua porta da frente, e eu vou te levar para a escola.

— Oh, Deus, por favor... não. Isso seria muito ruim. — Ela parece assustada de repente.

— Por que não?

— Porque meu pai... ele não gosta que as pessoas venham em casa. Especialmente meninos.

— Mas eu sou seu vizinho.

— Ainda assim. Ele odeia estranhos aqui. Ele é protetor.

— De você?

Ela me dá um estranho, estranho olhar. — De tudo. Eu. A casa. Tudo dentro dela. Não tenho permissão para ter pessoas aqui.

— Nunca?

— Não. Nunca.

— Tudo bem. Eu não vou bater. Mas eu estarei esperando fora da minha casa às oito. Você vai andando comigo?

Ela pensa sobre isso por um segundo. Eventualmente, ela concorda. — Apenas não venha para a casa.

— Eu não vou, eu prometo.

— Ok.

— Vou deixar minha janela aberta. Se você quiser vir dormir na minha cama depois de tudo, apenas me ligue. Não me importo de cair no chão.

Coralie pisca um pouco mais para mim. Eu não posso dizer se ela está considerando aceitar esta oferta, ou se ela está se perguntando como eu posso ser tão desprezível e persistente. — Eu tenho certeza que vou ficar bem aqui mesmo. — diz ela lentamente, sua voz vacilante.

— Bem. Como eu disse. Se você mudar de ideia...

Eu me inclino para trás, e eu fico lá, observando-a por um segundo. Ela parece tão frágil, sentada ali toda amontoada assim. Eu não gosto disso. Nos últimos anos, eu fiquei com garotas na escola, impulsionado por esse poderoso desejo de mandá-las colocar as mãos dentro da minha calça. O desejo que me impulsiona agora não é esse, entretanto. Eu sou pego desprevenido pelo quanto eu quero cuidar desta menina pálida e interessante, empoleirada no telhado em frente ao meu quarto.

Ela é como o mais raro dos pássaros, em perigo e em risco de extinção, e eu quero envolver meu corpo em torno dela, a fim de protegê-la, não para ter algum tipo de gratificação sexual. Não é como se ela não fosse bonita; ela tem essa estranha, etérea qualidade que me faz sentir um pouco tonto. Se eu for honesto, isso poderia realmente ser a cerveja, mas tanto faz. Eu gostaria de beijá-la. No entanto, eu gostaria ainda mais de ter certeza de que ela está segura.

Eu tiro minha camisa do Nirvana sobre minha cabeça e a descarto no chão, e então os jeans também. Eu desmaio na minha cama, em cima dos lençóis, me perguntando se eu vou encontrar uma borboleta ferida e frágil enrolada em uma bola perto de mim quando eu acordar.

Eu não encontro.

nove

Coralie

Gumbo⁹

AGORA

Xerife Mason é uma mulher que, por alguma razão, me surpreende. Eu estava esperando um cara velho, barrigudo com um bigode encerado grande e um chapéu de vaqueiro. Em vez disso, Amanda Mason é uma loira de trinta anos, magra como um palito, com uma marca de nascença de forma estranha em seu rosto, abaixo do seu osso da bochecha direita, se parece com um minúsculo selo postal.

— Nós estamos concluindo como suicídio, sim. Estávamos pensando em esperar até depois do funeral, no entanto. Duvido que Sam vai desenterrá-lo ou qualquer coisa. Não parece que ele teria estômago para isso.

Duvido muito que Sam tenha estômago para isso, também. Eu sorrio para Mason, batendo os dedos contra a papelada que eu preciso dar para o necrotério do condado para que eles possam liberar o corpo do meu pai. — Obrigada, Xerife. Eu sei que é um pouco desonesto, mas eu aprecio isso. Tenho certeza de que meu pai também.

Ela me dá um sorriso doce, franzindo os lábios. — Francamente, Coralie, eu não me importo tanto assim com o seu pai. Ele fez um show muito bom indo na igreja e ajudando na comunidade, mas eu conheço uma alma ruim quando eu vejo uma. Chame de intuição sulista. E as pessoas falam, é claro. Falam sobre como ele travava você e sua mãe.

⁹ O Gumbo é o prato mais marcante da culinária Cajun da Louisiana (sul dos Estados Unidos). É um guisado ou uma sopa grossa, geralmente com vários tipos de carne ou mariscos, que se come com arroz branco, podendo constituir uma refeição completa.

Um homem que bate em uma mulher perde o direito de chamar-se assim, se você quer saber. Ainda assim. Eu não quero nenhuma dor de cabeça. E as pessoas deveriam ser enterradas onde elas querem ser enterradas, independentemente de como elas acabam mortas. Não cabe a nós julgar as pessoas nesta vida. Isso vai acontecer do outro lado, sem dúvida, quando nos encontramos com o nosso criador.

É estranho ouvir alguém tão jovem falando sobre Deus. Eu acho que eu estive longe há tanto tempo que eu esqueci que é mais comum que as pessoas sejam crentes em torno destas partes. Parece tão... fora de moda.

Eu saio da delegacia, ainda me sentindo brutalizada pelo meu desentendimento com Callan. O necrotério do condado já está fechado por hoje. Eu não posso levar a papelada lá sem ser capaz de entregá-la a alguém pessoalmente, aparentemente, e eu realmente não sinto vontade de voltar para o meu hotel, então eu dirijo o Porsche até a casa de Friday. Parece perigoso. O lugar de Callan está bem do outro lado da rua, assim como minha antiga casa; estar dentro de um quilômetro da vizinhança de qualquer uma dessas casas é um convite a problemas e dor na minha vida, mas preciso vê-la. Ela é a única pessoa capaz de me ajudar a conseguir um controle sobre a minha vida. Parece que tudo está girando freneticamente fora de controle, e se eu não corrigir minha trajetória agora, então eu vou afundar até o final da semana.

Quando abre a porta da frente, Friday está vestindo um enorme roupão e um par de chinelos velhos, cabelo em rolos enormes, e ela está erguendo uma espátula na mão. Ela a passa para mim. — Perfeito. Você mexe enquanto eu termino o pão, garota.

É claro que ela não tinha ideia de que eu estava vindo, contudo, mais uma vez esta é a maneira em Port Royal, alguém sempre vai aparecer para o jantar se você fizer comida suficiente. Na cozinha, a pequena mesa de jantar retangular que eu usava para comer quando eu era criança já está arrumada para cinco pessoas. — Esperando uma grande festa esta noite, Friday? — perguntei. Ela me guia em direção a uma enorme panela de gumbo, que cheira incrível.

— Claro que estou. Você é uma delas.

Eu realmente não sinto vontade de ficar aqui se outras pessoas vão estar também, mas novamente, alguma companhia pode ser exatamente o que eu preciso. Está levando tudo o que tenho para eu não ir beber em um estupor de volta na minha cama king size esterilizada agora.

— Você ainda pode fazer isso como eu te ensinei, garota? — pergunta Friday.

Eu faço um som de mmmm, inalando o cheiro quente, picante e delicioso que sai da grande panela de guisado no fogão. — Claro que posso. Não tão frequentemente como eu gostaria, no entanto. Meu namorado, Ben, ele não gosta de comida picante. Lhe dá indigestão.

Friday para de amassar a massa do pão e coloca sua mão na cintura, me lançando um olhar muito descontente. — Garota, você não pode estar com um homem que não come comida picante. Deve significar que ele é terrível na cama. Sem paixão. Sem fogo.

Eu ri. Friday e eu nunca falamos sobre minha vida sexual. É incrivelmente estranho que ela esteja se referindo a isso agora. — Nós estamos bem, obrigada.

— Estar bem, não é bom o suficiente, Coralie. Você é uma mulher ardente agora. Totalmente crescida. Você tem necessidades que devem ser atendidas. Um garoto sofisticado de Los Angeles que não come nenhum alimento picante não vai atender a essas necessidades, tão certo quanto ovos são ovos.

A verdade é que Ben nunca me fez gozar. Não corretamente. Ele conseguiu com os dedos algumas vezes, e uma vez com a boca, mas eu não quero compartilhar essas informações com a mulher idosa em pé do outro lado da cozinha. Seria apenas combustível para o fogo. — Estou feliz, Friday. Isso é bom, não é?

— Eu não vejo você fazendo cambalhotas.

— Estou muito velha para cambalhotas.

Friday bate a massa do pão com o punho, fazendo um som brutal. — Besteira! Você nunca é velho demais para cambalhotas. Inferno, mesmo minha irmã mais velha dá pulos e consegue plantar bananeira. Será seu septuagésimo aniversário no próximo mês, e ela encontrou um homem para tirar vapor dos seus ouvidos.

— Tuesday? Tuesday está namorando? — A mãe de Friday foi uma mulher pragmática. Ela nomeou suas filhas nos dias da semana em que nasceram: Friday¹⁰, Tuesday¹¹ e Wednesday¹². Wednesday

¹⁰ Sexta-feira

¹¹ Terça-feira

¹² Quarta-feira

morreu de pneumonia um ano antes de eu nascer, mas eu conheço Tuesday muito bem.

Friday acena com uma certa gravidade. — Sim senhora. Ela conheceu seu namorado em uma ponte durante a noite em Pickens County. Ele é um bombeiro aposentado, se você pode acreditar nisso.

Friday sempre assume que eu terei dificuldade em acreditar nas coisas que ela me diz. É uma forma de falar, é claro, mas me sinto aquecer cada vez que a ouço dizer isso. Isso me lembra de ouvir suas fofocas por horas quando eu era mais jovem, enquanto cozinhávamos, ou liamos ou assistíamos TV juntas, durante os breves períodos de tempo quando meu pai me permitia vir aqui.

Ela começou a cantarolar depois de um tempo, e caímos em um silêncio fácil. É difícil acreditar que já faz doze anos desde que fizemos isso. Embora eu mantivesse contato com ela, através de cartas (raras) e telefonemas (pelo menos uma vez ao mês). Eu começo a sentir a calma sobre mim enquanto eu mexo e ela cantarola.

Uma batida forte eventualmente perturba o silêncio. Friday lança um olhar por cima do ombro. — Pode abrir para mim filha? Se não eu nunca vou conseguir colocar isso no forno.

— Claro. — Eu vou e abro a porta, segurando a espátula da mesma forma que ela fez quando ela atendeu a porta para mim. Eu estava muito perto de usá-la como uma arma quando vejo o homem que está de pé do outro lado da porta. — Você tem que estar brincando comigo.

Callan Cross segura uma garrafa de vinho, seus lábios formando um sorriso tenso. Ele parece incrível. Ele está usando uma camisa de botão, de um marrom profundo, com um padrão estampado em preto impresso sobre ele. Os punhos, que ele enrolou até nos cotovelos, são um pouco mais escuros, perto do roxo. Jeans skinny preto e um par de All Star lhe dão uma vibração de hipster novaiorquino sem esforço. Ele colocou algum tipo de produto em seu cabelo, domando seus cachos. Basicamente, ele parece comestível.

— Eu sei. — ele diz, estremecendo. — Eles não tinham Malbec na loja de bebidas. Eu tive que pegar uma mistura.

— Por que você está aqui, Callan?

— Porque Friday me convidou mais cedo. E porque eu sabia que você ia estar aqui.

— Eu nem sabia que iria estar aqui.

— Claro que você sabia. — ele disse, passando por mim. — Onde mais você estaria em uma noite de terça?

Isso é certo, é claro. As noites de terça-feira eram sempre a noite de jantar na casa de Friday. De volta ao ensino médio, eu estava aqui todas as noites de terça durante anos. Terças eram sempre complicadas para Callan: Ele tinha basquete e então futebol, dependendo da época, mas ele vinha aqui e me pegava depois de cada jogo, suado e descabelado, fazendo-me sentir coisas que eu não sabia como lidar naquela época. Estou surpresa que Callan ainda se lembre do meu ritual das noites de terça de muito tempo atrás, quando isso deslizou totalmente da minha mente.

— Callan. — Eu sou severa, quase ao ponto de ser quase grossa. — Eu não quero ver você agora.

Callan Cross, meu lindo Cal, o cara com quem sonhei por tanto tempo, encolhe os ombros. — Muito ruim. Eu não tive um quiabo bem preparado em anos. No entanto. Se você quiser sair, você é mais do que bem-vinda. — ele sorri de forma mais irritante, passando por mim e indo pelo corredor, gritando enquanto ele anda. — Friday! Friday, onde está você, você mulher sexy. Eu não posso me conter por mais tempo. — Eu assisto suas costas desaparecer pela porta da cozinha, e parece tão normal seguir depois dele. Tão normal que ele esteja aqui, e ele está agindo como se tudo isso fosse para acontecer.

Eu quero andar em linha reta fora da casa de Friday, descer os degraus da sua varanda, voltar para o meu carro e ir embora, mas eu não posso. A chave do meu carro está em minha bolsa, que está em cima da mesa de jantar de Friday. Se eu tivesse uma pista sobre como fazer ligação direta em um carro, e eu não estivesse preocupada com pagar por danos à empresa de alugueis, eu iria totalmente forçar a janela do maldito Porsche aberta e deixar as minhas coisas aqui. Infelizmente, ladra de carros não foi meu passatempo adolescente.

Eu só fico ali, ouvindo a voz de Callan enquanto ele fala com Friday na cozinha. Ele diz algo, a voz dele é um ruído baixo e familiar, e Friday guincha com risos; ele sempre soube como conseguir uma reação de uma velha senhora. De repente, toda esta situação é demais. Eu não posso fazer isso. Deus sabe como Callan pode. Basta estar na mesma cidade que ele, respirar o mesmo ar, ver o mesmo nascer do sol e o mesmo pôr-do-sol, reviver as mesmas lembranças que ele, é muito difícil. Eu quero estar de volta na Califórnia, de volta na minha pequena

bolha segura. Eu não quero ter que enfrentar isso, o fantasma do meu pai e as amargas doces lembranças de um homem que eu amei tanto, que uma vez eu teria morrido por ele.

Agora, eu só sinto que estou morrendo, e eu não sei o que fazer.

— Coralie?

Eu giro ao redor, e uma mulher saindo do banco do passageiro de um sedan vermelho está olhando para mim como se ela estivesse vendo um fantasma. Eu conheceria seu cabelo reto e escuro em qualquer lugar. O registro agudo de sua voz também é uma coisa que eu nunca poderia esquecer. Tina Fulsom.

Tina foi uma líder de torcida na escola. Não do tipo que aterrorizou os níveis mais baixos do sistema de castas do ensino médio, ou dominou sua popularidade sobre as outras crianças menos populares. Não, a escola de Port Royal nunca sequer tinha líderes de torcida como essas. Tina era uma garota cheia de curvas, tinha enormes seios, mesmo antes que o resto de nós tivéssemos sutiãs de treino, e ela parecia estar sempre em algum tipo de cruzada: uma cruzada para salvar a floresta tropical / crianças famintas na África / moradores de rua de New York / a biblioteca pública / declínio do iate clube de Port Royal. Em sua mão, ela estava sempre carregando uma prancheta completa com uma caneta em um pedaço de corda, e ela tinha a maneira mais irritante de atrair você passeando nos terrenos da escola, encorajando as pessoas a assinar o que parecia uma petição infinita e incrivelmente inútil.

O problema de Tina era que ela era muito empática. Ela sentia a dor de todo mundo a tal ponto que os pais dela a fizeram parar de assistir as notícias em seu último ano, depois que sua mãe a encontrou parada ao lado da estrada gritando, seus olhos para fora, com uma visão de arrancar coração sobre a situação do cachorro perdido em Charleston.

Agora, Tina já está crescida quando ela se aproxima devagar da casa de Friday. — Oh meu Deus, eu não posso acreditar que você está aqui. — diz ela. Sua voz falha, claramente à beira da ruptura. — Eu sinto muito que você teve que pisar de volta em Port Royal.

Atrás dela um outro rosto que eu reconheci sai do sedan: Shane Flood. O cara alto e magro do ensino médio, sempre lutando para encontrar calças que acomodassem suas pernas ridiculamente longas, parece ter crescido mais nos dias de hoje. Os estudantes costumavam dar-lhe o inferno sobre o intervalo de três ou quatro centímetros entre

os tornozelos e o fundo do jeans. A primeira vez que vi Callan batendo em alguém foi quando ele acertou um gancho de direita em um jogador de basquete espertinho que ousou zombar de Shane Flood. Shane não diz nada. Ele sobe os degraus na minha direção, e quando chega no terceiro degrau, ele já está alto o suficiente para que ele possa me abraçar e me envolver em seus braços. Quando eu olho para baixo, suas calças são tão longas, que ele teve que as dobrar um par de vezes.

— Você deveria ter dito adeus. — ele me diz baixinho. — Doze anos é muito tempo para não ver seu rosto, Taylor. Apenas cruel, na verdade.

Estou entorpecida quando eu alcanço e retorno seu abraço. — Às vezes você precisa ser cruel para ser gentil, certo?

— Gentil com você, talvez. Todos ficamos muito mal por não saber o que aconteceu com você. Um minuto você estava aqui, e depois no próximo...

Soltei Shane, lançando os olhos no chão. — Sinto muito. Às vezes, não importa o quão duro você tente, o suficiente é apenas o suficiente, você sabe? Eu tinha que ir. Se eu tivesse ficado, algo terrível teria acontecido.

— Tentei encontrar você no Facebook. — diz Tina. Lágrimas descendo por suas bochechas, perseguindo ao longo da constelação de sardas que ela sempre esperava que fosse desaparecer à medida que envelhecesse. Estou meio aliviada ao ver que elas não sumiram, no entanto. Ela, de alguma forma, seria uma pessoa diferente sem elas. Tanto tempo passou que ela é, sem dúvida, uma pessoa diferente de qualquer maneira, eu tenho certeza, mas ver o salpicos de manchas marrons através da ponta do seu nariz e suas bochechas é reconfortante de certa forma.

— Eu sei. Eu nunca realmente me preocupei com a coisa toda de mídia social. — eu digo. — Não é o meu estilo. — A menos que eu esteja procurando por ex-namorados, é claro. Tina acena como se ela entendesse, abrindo os braços para me puxar para um abraço também. Ela está usando uma camisa folgada, então eu não tinha notado um inchaço até agora, quando eu o senti pressionando contra a minha própria barriga. Eu me inclino para trás, surpresa.

— Oh, wow! Você está grávida?

Tina concorda. Ela parece bastante feliz que ela poderia estourar aqui e agora. — Vinte e duas semanas. Muito inesperado, mas muito bem-vindo ao mesmo tempo.

Eu olho para baixo no estômago de Tina, um pouco surpresa e horrorizada. Que estranho. Tina segura minha mão e a orienta para seu estômago, pressionando a palma da minha mão contra o pequeno arredondamento duro dela, e o sangue corre para o meu rosto. Seria incrivelmente rude arrancar minha mão, mas eu estou de repente tomada pelo medo. Não quero tocá-la assim. Eu realmente não quero.

Tina faz uma cara de desculpas. — Desculpe, Coralie. Acho que ele está dormindo agora. Ele geralmente acorda depois de comer, no entanto. Muito irritante. Nós podemos tentar novamente mais tarde.

— Você pode... você pode dizer quando ele está dormindo?

Tina ri, brilhante e alto. — Claro. Você começa a perceber quando eles param de chutar e de se mexer. No início é um pouco assustador. Tê-los se mexendo vinte e quatro horas todos os dias é frustrante, mas, ao mesmo tempo calmante. Você sabe que eles estão vivos pelo menos. Quando eles param por períodos mais longos, você começa a se preocupar achando que algo não está certo. Acontece que eles apenas dormem em períodos mais longos enquanto eles crescem.

Eu faço uma careta antes que eu possa me conter. Normalmente eu sou um mestre em esconder os meus pensamentos, mas este deslize passa por mim antes que eu possa controlá-lo. Tina percebe, naturalmente. Ela sorri o sorriso de uma mulher em êxtase sobre os hormônios do bebê. — Não é tão estranho quanto parece. Você se acostuma com isso muito rapidamente. A maioria das mulheres adoram estar grávida. É uma experiência tão gratificante. Acho que você não tem filhos ainda, Coralie?

— Não. Não, eu só... eu não tive tempo. — Eu sou uma casca oca de uma pessoa.

— Ela só não tem o cara certo com ela ainda, isso é tudo. — Atrás de mim, Friday se aproximou de nós. O cabelo louco e duro que é muito curto para voltar no seu rabo de cavalo está em pé, apontando para todos os lados. Antigamente aquele cabelo foi preto, mas agora é puro branco. Ela mudou de seu roupão para uma bonita camisa floral e uma saia longa, balançando até seus joelhos. — É melhor vocês entrarem agora. Callan abriu uma garrafa de vinho, e eu juro que ele está tentando beber toda a coisa antes que a comida esteja pronta.

— Jesus. — Shane se apressa nos últimos degraus e entra na cozinha, provavelmente para pôr fim a bebedeira de Callan antes que ele realmente acabe com a garrafa. Tina segue depois dele, dando um abraço em Friday antes de desaparecer dentro.

— Pensei que você poderia estar pensando nisso. — diz Friday, colocando minha bolsa no balanço da varanda. — Pensei que talvez você estivesse pensando em me abandonar.

— Eu estava. — O alívio inundou através de mim. Eu posso sair. Eu posso ir sem ter que ver Callan novamente esta noite, o que me faz sentir a cabeça leve. Por um segundo eu estou tão feliz que eu poderia beijar Friday por me dar uma saída, mas então eu vejo o olhar em seu rosto e minha felicidade desaparece. Ela não quer que eu vá embora.

— E quanto tempo irá demorar para você me perdoar se eu sair? — pergunto.

— Eu estarei com você pela manhã, menina. Você me conhece. Mas você é melhor do que isso. Fugir não vai fazer nenhum favor a ninguém. Nem para você. Nem para aquele rapaz lá dentro. Nem para seus amigos. Nem para mim. Para ninguém.

Eu penso sobre isso por um segundo. — Ele não vai deixar isso passar em branco, Friday. Não é como se pudéssemos passar por esta refeição sem ele fazer ou dizer algo que me aborreça. E ele já fez isso uma vez hoje.

— Então deixe ele te aborrecer. Deixe isso passar sobre você. Se essa é a pior coisa que você acha que vai acontecer, então você tem que ficar. Vocês dois estão crescidos agora. Ambos são adultos. Vocês podem discutir seus problemas e superá-los, não importam quais eles sejam. E se vocês não estão destinados a serem amigos ou amantes, ou mesmo conhecidos, então você pode pelo menos dizer que você fez tudo o que podia para fazer as pazes. Isso já é alguma coisa, certo?

Fazer as pazes? Fazer as pazes levaria mais tempo e esforço do que eu posso oferecer agora. Seria preciso um milagre. No entanto, Friday parece um cachorro de rua. Nunca a vi parecer assim. Ela sempre foi mais propensa a me intimidar ou me coagir a fazer algo que ela considera bom para mim, mas neste momento em particular, ela parece triste.

— Ugh. Tudo bem. Ok. Mas, por favor... não me coloque sentada ao lado dele. Eu não posso...

Friday sorri, piscando brilhantes dentes brancos para mim. — Não se preocupe garota. Eu mesma vou sentar ao seu lado. E se aquele rapaz estiver pensando mesmo em te dar problema, acredite em mim, eu não vou deixar passar a chance de colocar meu pé na bunda dele.

Callan

Eu sou mais um bebedor de uísque do que um bebedor de vinho, mas trazer uma garrafa de uísque para Friday teria sido uma péssima ideia. Ela teria praticamente confiscado logo que eu entrasse pela porta de qualquer maneira. Além de um pequeno copo de creme de menta uma vez em uma lua azul, eu nunca vi a velha senhora beber.

No entanto, estou em extrema necessidade de uma bebida forte quando Coralie volta para a cozinha. E por falar em duro... uma certa parte do meu corpo está se dirigindo por esse caminho com uma rapidez preocupante e eu acho que não há qualquer coisa que eu possa fazer sobre isso. Coralie é tão bonita. Ela sempre foi tão estranha quando nós éramos jovens. Eu me lembro de que Darren Weathers estava completamente e totalmente confuso quando eu lhe disse que eu estava levando Coralie ao baile. Ele tinha me perguntado por que ela acima de todas as outras meninas que eu poderia escolher, e eu lhe disse a verdade. Eu lhe disse que ela era a pessoa mais fascinante que eu já tinha tido a sorte de colocar os olhos. Ele franziu a testa, apertando os olhos para ela, um olho fechado, a cabeça inclinada para um lado, e disse que ele achava que sim, e cada um à sua própria. Ela tinha esse magnetismo nela que era impossível negar. Agora, todos esses anos depois, ela cresceu um pouco, mas ela ainda é extraordinária de se olhar.

Seus olhos verdes ainda estão assombrados como sempre. A mancha escura em sua íris, a que eu disse a ela que parecia a tempestade furiosa em Júpiter, ainda está lá. Seu lábio inferior ainda é uma fração mais cheia de um lado do que no outro, embora não seja tão notável quanto era quando ela tinha quinze anos.

Eu não consigo parar de olhar para suas malditas clavículas, enquanto ela carrega a enorme panela de quiabo do fogão e a coloca no

meio da mesa. Eu sempre amei suas clavículas. Elas eram pronunciadas e sensíveis. Eu costumava passar meus dentes ao longo delas, lutando para me impedir de gozar como um pequeno punk, sempre que ela gemia ou se contorcia contra mim.

Eu olho para cima, e Coralie está franzindo o cenho para mim, obviamente sabendo exatamente o que eu estou pensando, quando ela me pega olhando para a graciosa coluna de sua garganta.

— Então. Coralie. Você está vivendo em LA? Em que você está trabalhando? — pergunta Shane.

— Eu ainda sou uma pintora. — diz ela, com a voz entrecortada.

— É claro! Eu não posso acreditar que eu esqueci sobre isso. Você sempre foi tão talentosa. Então você tem seu trabalho em galerias? — Tina não me olhou duas vezes desde que ela entrou no prédio, definitivamente ainda chateada sobre a coisa do padrinho, mas ela parece estar muito interessada em concentrar sua atenção em Coralie. Coralie se senta no único assento restante à esquerda na mesa, na minha frente. Ela parece muito irritada quando ela atira um olhar de lado, não tão amigável, para Friday. Ela sorri de volta, aparentemente fingindo não sentir o frio ártico soprar através de sua pele.

— Sim, às vezes. — diz ela. — No entanto, normalmente, eu vendo meu trabalho na comissão. As coisas geralmente são compradas e pagas antes mesmo de iniciá-las.

Tina olha espantada. — Uau. Isso é incrível. Você deve ser muito procurada.

Coralie dá de ombros sem jeito. Ela sempre achou difícil aceitar elogios sobre seu trabalho. Parece que isso não mudou.

— Você conhece muitas pessoas famosas? — Tina pergunta. Eu sei que Shane ama a mulher, mas eu sempre tive esse sonho que ele vai acordar uma manhã e decidir que se apaixonar e se casar com Tina foi o maior erro de sua vida. Merda, eu sei. Mas então eu sou uma pessoa de merda.

Coralie coloca algumas colheres de quiabo em seu prato, olhos fixos em sua comida. — Não. Quase nunca. Eu trabalho em casa. Eu tenho um estúdio no jardim na parte de trás da minha casa. É... tranquilo. Eu prefiro dessa forma.

Tina parece murcha. — Isso é uma pena.

— Na verdade, eu não tenho que conhecer ninguém na maioria das vezes. — Coralie diz suavemente. — É bastante bom.

Coralie entrega a colher de servir a Tina, que entrega diretamente a Shane para que ele possa servir a comida para ela como uma criança do caralho. — Eu não acho que eu gostaria de ficar presa em um cômodo o dia todo sozinha. — diz ela. — Suponho que seu trabalho seja bastante semelhante a isso, não seria, Callan?

Oh. Então finalmente, ela fala comigo. Dou-lhe um sorriso de merda apertado. — Não. Eu estou cercado por pessoas durante todo o dia. O garoto que entrega o meu café. O garoto que atende o meu telefone. O garoto que altera a iluminação. O pessoal da maquiagem e cabelo.

— Eu realmente estava me referindo a fotografia de vida selvagem. Sabe? Como a que o impediu de vir ao nosso casamento.

— Ahh. Sim. Suponho que a vida de fotógrafo de vida selvagem pode ser bem solitária. — Eu não pareço envergonhado, arrependido, ou mesmo ligeiramente com remorso. Se é isso que ela está esperando, ela pode ir se ferrar. Shane olha para sua esposa, que se recusa a reconhecer o seu apelo silencioso por civilidade e em vez disso sorri tristemente para Coralie.

— Sinto muito que não convidamos você para o casamento, Coralie. Nós apenas não tínhamos ideia para onde enviar o convite. Pedimos a Callan, mas...

— Não é culpa de Callan que não pudemos enviar um convite de casamento para ela, Tee. — diz Shane. — Vamos apenas cortar isto pela raiz agora mesmo, podemos? Tem sido um tempo muito longo desde que todos nós compartilhamos uma refeição juntos. Não vamos estragar isso.

Sentada em sua cadeira, Tina cruza os braços sobre o peito, apertando os lábios enquanto ela olha para mim. — Que tal isso. Não vou mais falar sobre Callan nos últimos minutos, deixando você para baixo, se ele pedir desculpas a você. Sinceramente.

— Ele já pediu.

— Quando?

— Mais cedo esta manhã.

— Bem, ele não se desculpou comigo.

— Eu realmente sinto muito, Tina, por ter que cumprir as minhas responsabilidades de trabalho. Nada teria me trazido maior prazer do que participar de seu casamento. Tirar fotografias de ovos de tartaruga incubada em uma praia na Costa Rica empalidece comparando em assistir você esmagando o bolo de casamento no rosto deste pobre bastardo.

— Oh meu deus. Por que você é tão idiota? — Tina se inclina para trás em sua cadeira, e eu vejo que não é só Shane que está ficando um pouco mais redondo na cintura. Eu penso em mencionar isso, mas então pego o olhar que Friday está usando e aperto minha boca fechada. Jesus, a mulher poderia congelar o inferno com aquele olhar se ela realmente quisesse isso.

Antes que ela possa exigir que eu peça desculpas a Tina de uma forma mais genuína e menos sarcástica, eu decido que pode ser melhor eu fazer isso do meu próprio jeito. — Ok. Você está certa. — eu digo a ela. — Foi horrível eu não comparecer. Eu deveria ter feito isso de alguma forma. Eu realmente sinto muito. Eu acho que essas coisas são sempre mais importantes para as pessoas do que eu percebo. Se vocês renovarem seus votos em uma década, eu estarei lá com sinos. Você tem a minha palavra.

Tina parece um pouco chocada. Ela provavelmente não esperava que eu reagisse dessa maneira, apesar dela me chamar de idiota, com esse comportamento moderado e dando-lhe o que queria. Se eu aprendi alguma coisa nos últimos dez anos, trabalhando com mulheres altamente nervosas, é que é muito melhor aceitar suas falhas e concordar com suas exigências do que ir a guerra com elas. Por mais horrível que pareça, não me importo se Tina explodir um vaso sanguíneo me infernizando. No entanto, eu me importo com Friday. Eu não quero estragar sua noite. Ela me dá um aceno de aprovação.

Tina e Shane passaram os próximos trinta minutos enquanto comemos, disparando pergunta após pergunta a Coralie. É realmente ensolarado todos os dias na Califórnia? Será que ela já viu Leonardo DiCaprio no supermercado? Será que ela tem um namorado?

Quase que eu engasgo com o quiabo quando ela diz sim para a última pergunta. Ela é jovem e ela é incrivelmente bonita, então é claro que ela tem um namorado. Isso não devia ser um choque para mim, que ela estaria com alguém; afinal de contas eu tenho corrido atrás da metade da população feminina de Nova York ao longo dos anos. Acho que eu nunca pensei que eu teria que ouvi-la falar sobre estar com outra pessoa. Nunca me ocorreu que um dia, talvez, eu estaria sentado

na mesma mesa de jantar com ela, comendo uma refeição, e ela poderia estar me contando sobre algum babaca chamado Ben.

Eu odeio o nome Ben.

— Sim. Ele é um advogado. Ele trabalha principalmente em casos pro bono para a cidade. — Coralie diz, deslizando uma garfada de comida em sua boca; parece que ela vai passar mal.

— Tão legal! Ele faz muito trabalho de caridade, então? — Tina pergunta.

Coralie assente.

Então, este idiota do Ben é um maldito santo pelo o que parece. Ele é estável, faz boas obras na comunidade, e ajuda outros em necessidade. Ele já me faz querer socar alguma coisa. Eu nunca quero conhecê-lo.

— Você acha que vai acabar casando com ele? — Pergunta Tina.

Coralie deixa cair o garfo no prato e isso faz um barulho alto. Quiabo derrama em toda parte, em toda a toalha de mesa. — Merda, eu sinto muito. Friday, fique sentada. Está tudo bem, eu vou limpar.

No entanto, Friday já está de pé e pega um pano molhado da pia. — Tudo bem, filha. Você fica sentada agora. Responda à pergunta de senhorita Tina. Foi uma boa pergunta.

— É claro que ela não vai. — eu digo. — Ela não vai se casar com Ben.

Todo mundo se vira e olha para mim. As sobrancelhas de Shane estão vincadas na sua testa, e Friday parece atordoada. Talvez eu não devesse ter sido tão assertivo na minha declaração, mas é a verdade. As mãos de Coralie se apertam ao redor do guardanapo branco que ela segura, e eu posso ver o horror em seus olhos.

— Por que eu não me casaria com Ben?

— Porque você me disse há doze anos que nunca se casaria. Você parecia bastante inflexível no momento.

— Isso foi há doze anos, Callan. Eu poderia ter mudado de ideia agora, não é?

Eu balancei minha cabeça. — Não é possível. Desculpe.

— Besteira. Por que não é possível? Eu costumava odiar maionese. Agora eu não posso comer batatas fritas sem ela.

— Isso não é a mesma coisa e você sabe disso. — Eu posso sentir minha temperatura subindo, aproximando-se do ponto de ebulição. Não há nenhuma maneira que ela fosse...

Coralie empurra a cadeira para trás, limpando sua garganta enquanto ela se levanta da mesa. — Eu não sou boa o suficiente para casar com alguém? — ela diz. — Estou muito danificada? Muito louca? Eu estou arrastando muita bagagem em torno de mim? É isso, Callan?

— Não, não é isso que estou dizendo. Nem perto disso.

— Então o quê? Você não pode saber a profundidade do meu relacionamento com meu namorado, e se eu me casaria com ele.

Eu me inclino sobre a mesa. — Oh, mas eu sei. Eu sei. Sei perfeitamente. Você pode dizer sim, se ele pedir. Você pode até mesmo chegar na merda da igreja no dia do seu casamento. Mas você sabe tão bem quanto eu que no momento em que você começar a caminhar pelo corredor, você veria que isso era errado. Que você não deveria fazer isso. Porque só há um homem na face da terra que você deveria se casar, e certo como a merda que não é com o Ben Bom Samaritano. É comigo.

Respire.

Respire.

Respire, droga.

Coloco minha colher suavemente na minha tigela, meus ouvidos queimando como se estivessem pegando fogo. Eu posso sentir minhas veias e capilares se expandirem, abrindo mais para o sangue que está passando por meus braços e minhas pernas, meu torso e minha cabeça. Foda-se, eu me sinto como... Eu não me senti assim em anos. Não desde que eu era adolescente, ainda lutando com meus hormônios e minhas emoções fugitivas.

Shane, Tina e Friday... todos os três sentados em absoluto silêncio, olhando para a comida. Coralie paira sobre mim do outro lado da mesa. Ela parece ter crescido nos últimos segundos. Ela está mortal ainda, congelada como uma ameaçadora estátua de mármore de Boudicca que eu vi uma vez no Museu de Londres, seus olhos soltando fogo e enxofre. Suas mãos tremem pelos lados.

— Você... você não fale assim comigo, Callan. Você... não... comece a falar comigo sobre casamento. Você não deveria nem estar aqui. Por que você voltou? Por quê? Para me atormentar? Para quebrar o meu coração? Porque me deixe te dizer... — Ela pega a bolsa e luta para colocar as alças sobre o ombro. — Eu não posso ser mais atormentada. E meu coração não pode estar mais quebrado. Ambas as tarefas já estão completas.

Eu não posso vê-la ir. Estou tão cansado de assistir ela saindo da minha vida. Eu olho para uma pintura na parede, apertando meu maxilar enquanto ela sussurra uma desculpa na orelha de Friday e a beija na bochecha. Eu continuo a olhar para a pintura enquanto ela murmura um adeus muito fraco para Shane e Tina, e ainda olho para a pintura enquanto ela corre para fora da sala, a porta da frente da casa batendo cinco segundos depois.

A pintura é de Algie, um cão pequeno que a Friday costumava ter, presumivelmente morto há muito tempo agora. Parece que ele está rindo de mim do retrato de óleo e lona; o pequeno merdinha sempre gostava mais de Coralie do que de mim.

Shane limpa a garganta, levando mais uma colherada de quiabo em sua boca. — Bem. — ele diz em torno de seu ensopado. — Eu vou admitir que honestamente foi melhor do que eu pensava.

Dez

Coralie

Feliz aniversário, esquisita

NAQUELE TEMPO

A primeira vez que Callan Cross bate na minha porta, não estou tão aterrorizada como deveria. Nos últimos seis meses, ele me levou para a escola todas as manhãs, mas ele me alcança a seis quarteirões abaixo da estrada, longe o suficiente da minha casa para que não tenha nenhuma chance de meu pai nos ver juntos. Todas as manhãs, ele chega sem fôlego ao meu lado, sorrindo de orelha a orelha, seus fones de ouvido do walkman emaranhados em uma confusão em torno de sua garganta, à beira de estrangulá-lo, e todas as manhãs sem falta ele me diz que eu deveria — parar de fazer os olhos¹³ — caso contrário, ele iria me beijar.

Eu nego a parte de fazer os olhos, mas eu secretamente quero que ele me beije. Nós não chegamos perto disso - nem sequer seguramos as mãos - mas parece para mim, e às vezes acho que parece para ele também, que somos mais do que apenas amigos.

Então sim. Esta manhã é diferente porque Callan não me alcança na rua. É um sábado, e ele chega à porta da frente e bate polidamente na vidraça como se fosse completamente normal e não um motivo de preocupação. Em qualquer outro dia, suas ações seriam motivo de grande ansiedade. Mas hoje não. Hoje é especial. Abro a porta e lá está ele em toda a sua glória, brandindo um sorriso assassino em seu rosto e um pacote embrulhado em papel azul em suas mãos.

¹³ A expressão em inglês “make eyes” seria como o nosso “olhar 43” ou olhar de paquera.

— Feliz aniversário esquisita. — ele me diz.

Meu coração parece como um balão flutuando para cima, para cima, para cima em meu peito. — Você é o esquisito. — eu dou um passo para trás, a fim de deixá-lo entrar na casa, e Callan entra, nem mesmo tentando esconder sua curiosidade enquanto ele olha ao redor do corredor e na sala de estar à nossa direita.

— Você percebe, — ele diz, oferecendo o pacote azul embrulhado para mim. — que é realmente fodido que seu pai saia da cidade em seu aniversário todos os anos. A maioria dos pais querem ficar por perto e comemorar o nascimento de seus filhos com eles.

Pego o presente dele, tentando não corar muito ferozmente quando nossos dedos se tocam. — Meu pai não é como o pai de todo mundo. Obviamente.

Um olhar tempestuoso passa sobre o rosto de Callan, suas sobrancelhas juntas formando uma linha confusa. — Sim. Bem. Obviamente.

Estranhamente, o meu pai esteve fora cada vez mais recentemente. E ele não tem levantado a mão para mim com tanta frequência quanto fazia. Isso não quer dizer que ele me esqueceu completamente, mas minhas contusões têm sido mais raras. Menos histórias vívidas em preto e azul e roxo. Eu não quero falar sobre meu pai, no entanto. Nem quero pensar nele. Hoje não. Enrolei meus dedos em torno da forma do pacote, sentindo estranhas camadas e formas dentro. — Eu deveria abrir isso agora? — eu pergunto, sussurrando.

— Você deve absolutamente abrir isso agora. Eu estive imaginando, toda a semana, a expressão que você vai fazer quando você ver o que está dentro. Devo ter minha satisfação. Exijo isso.

Olho ao redor, mordendo meu lábio. — Aqui? No corredor?

Callan balança as sobrancelhas. — Não. Lá em cima no seu quarto. Quero ver que tipo de criatura você é.

— Você sabe que tipo de criatura eu sou.

— Errado. Eu só vou ser capaz de dizer quando eu ver que cartazes de banda você tem pendurado em suas paredes.

É irônico que ele pense que eu teria permissão para essas coisas. Ainda assim, inclino a cabeça para a escada larga atrás de mim, indicando que ele deve me seguir; eu gosto da ideia de Callan Cross no

meu quarto. Ele assobia enquanto me segue para dentro do meu quarto, um olhar de confusão e então desespero passando sobre seus traços. — Jesus, Coralie. Eu não sabia que você era de uma longa linhagem de rigorosos Quakers¹⁴. Onde estão todas as suas coisas?

Eu lanço meus próprios olhos ao redor de meu quarto, tentando imaginar como ele está vendo isto pela primeira vez, através de novos olhos: As paredes brancas planas; os lençóis brancos simples e capa de edredom; A cômoda de madeira simples de gavetas na extremidade do quarto; minha escrivaninha, onde meu trabalho escolar está bem organizado; O pequeno divã, que costumava ser de minha mãe, ao final da minha cama bordado com pássaros.

— Eu sei. É simples. Chato.

Callan parece horrorizado quando ele gira em seus pés, absorvendo o nada. — Para alguém que desenha e pinta tão bem, CT, este lugar está seriamente faltando cor.

— Eu sei, eu sei. Se dependesse de mim...

Callan exala, empurrando para fora o ar em seus pulmões em um lento, longo suspiro. — Certo. Malcolm. Ele não vai deixar você ter isso do jeito que você quer?

Eu balanço a cabeça. — Ele diz que quando eu sair e for para a faculdade, ele nunca deveria saber que eu estive aqui.

— Porra.

— Sim.

Callan caminha até a janela e olha para fora, para baixo na pequena área do telhado onde eu dormia às vezes. — Isso pode aguentar nós dois? — ele pergunta.

— Provavelmente.

— Bom. — ele abre a janela deslizante e sobe antes que eu possa objetar. Sentando-se no estilo indiano no teto abaixo, ele se vira e sorri de volta para mim através da abertura. — Você pode ver totalmente o meu quarto daqui. — diz ele. — Você em me espionando?

¹⁴ Quaker é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade.

Tenho certeza que devo estar corando. — Não! Por que, em nome de Deus, eu faria isso? — eu estou ofegante quando saio pela janela e me sento ao lado dele. Nossos joelhos se tocam - não é o mais sexy dos lugares para dois corpos se encontrarem, mas eu me deleito nos lugares que nos conectamos. Cotovelos. As partes superiores de nossos braços ocasionalmente. Às vezes Callan coloca a mão no meu ombro, quando estamos andando pelos corredores da Port Royal High, e tenho certeza que ele não tem absolutamente nenhuma ideia do efeito que ele tem sobre mim.

— Isso parece irregular. — digo, manipulando seu presente enquanto tento ignorar a pressão entre nossos joelhos e a pressão que se forma em meus pulmões. — Que diabos é isso?

— Você está acostumada às pessoas dizerem o que eles compraram para você antes de abrir seus presentes, Sra. Taylor? Porque de onde eu venho, as pessoas geralmente gostam que seja uma surpresa.

Acho que ele sentiria pena de mim se eu contasse a ele sobre o único presente utilitário - calcinhas - que recebo da minha tia todos os Natais, então não menciono isso. Em vez disso, eu mostro minha língua para ele.

— Cuidado. — ele me aconselha. — Eu terei isso um dia desses.

Ai cara. Beijar alguém com língua é um conceito estranho que sempre foi um tanto repellido por mim no passado. Mas pensar na minha língua na boca de Callan, e a dele na minha... é o suficiente para me deixar tonta. Tão tonta que nem consigo olhá-lo agora. Lentamente, eu deslizo meu dedo dentro do embrulho, abrindo o pacote em uma extremidade. Eu sou metódica à medida que vou abrindo as outras áreas do papel, e ainda mais, quando eu cuidadosamente a dobro.

Dentro, eu encontro um livro: Guia do artista para desenhar pássaros, Volume II. Na capa, um desenho de cor bonita de um passarinho é retratado capturado no voo, e minha caixa torácica parece estar sendo espremida. Em cima do livro repousa mais dois presentes – uma lata de metal contendo cinquenta lápis de cor que aparentemente se transformam em tinta aquarela quando molhados, e ao lado dela uma câmera descartável Kodak alojada em cartão amarelo e azul brilhante. Sob o livro, um enorme pacote de material dobrado. Reconheço imediatamente como morim¹⁵.

¹⁵ Morim é um pano leve e fino de algodão.

— Isso... isso é incrível. — suspiro.

— Eu não consegui achar o primeiro volume. — diz Callan, apontando para o livro e depois coçando a nuca. — Eu procurei de cima a baixo, mas acontece que eles finalizaram as impressões ou algo assim. Não se preocupe. A mulher da loja disse que não importa se você começa aqui ou lá. E eu achei que você já era muito boa em desenhar pássaros, então...

Sinto vontade de chorar. É uma reação normal quando alguém lhe dá um presente? Eu não tenho ideia, mas eu faço o meu melhor para evitar que isso aconteça enquanto eu folheio as páginas, ficando cada vez mais animada com cada nova ilustração e tutorial.

— E o material. Eu sei que não é o melhor para pintar, mas eu pensei que se você usasse em uma tela, pode parecer rústico ou algo assim.

Semanas atrás eu disse a Callan que meu pai se recusou a me comprar materiais para pintar, porque ele considerou um desperdício de dinheiro. Quando eu tive a coragem e ousei pedir-lhe algumas telas, ele me deu cotoveladas tão duras nas costelas que doeu respirar por uma semana. É incrível que Callan tenha pago por todas essas coisas maravilhosas para mim. Incrível que ele se lembrasse.

— Se você fosse um pássaro, que tipo você seria? — Callan pergunta calmamente. Ele parece mais perto de repente, como se ele estivesse se debruçando em mim. Seu braço escova-se contra o meu, enviando agulhadas quentes e frenéticas disparando em meu pescoço e minhas costas.

— Eu não sei. Suponho... acho que seria um pássaro azul. — digo, olhando para a página. — Eles são meus favoritos. Temos muitos pássaros azuis Bayou aqui na Carolina do Sul. Eles são muito... — Minhas palavras travam na minha garganta quando Callan descansa o queixo no meu ombro nu, olhando por cima do meu ombro. Sua respiração percorre meu braço, e meus sentidos estão cheios da proximidade, do calor e do cheiro dele.

— Bonitos? — Callan acaba por mim. — Você sabe que eu acho que você é muito bonita, não é Coralie?

Eu fecho meus olhos. — Eu... eu não...

— Porque eu acho. E se você diz que seria um pássaro azul, então eu adoraria se você fosse minha Bluebird.

A atmosfera da Terra parece de alguma forma sem oxigênio, enquanto eu tento repetidamente encher meus pulmões. Dentro, fora, dentro, fora - não importa quão profundamente eu tento expandir meu diafragma, eu não pareço ser capaz de respirar.

— Coralie? Ah merda. Eu não quero te chatear. Diga-me se estou sendo um idiota aqui. Deus, estou sendo um imbecil, não estou? Eu só pensei... — ele se inclina, sentado em linha reta, nossos corpos já não mais se tocando, e o medo corre por mim. Eu começo a falar, embora eu não tenha a mínima ideia do que eu quero dizer.

— Não. Não, você não está sendo um idiota. Eu apenas não... eu não estou exatamente...

— Na minha?

— Estou definitivamente na sua, Callan Cross. — eu sussurro. Parece que eu esperei uma eternidade para dizer essas palavras, mesmo que eu realmente nunca imaginei que seria corajosa o suficiente para falá-las. Elas deslizam para fora da minha boca tão facilmente agora, sem constrangimento ou medo. Sinto o jeito que ele se acalma ao meu lado.

— Eu também estou na sua, Coralie Taylor.

— Isso é uma coisa boa, eu acho.

Ele faz uma pausa, e depois diz: — Eu acho que sim, também. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz. Ele soa do jeito que quando está feliz - não da mesma forma que ele soa quando está sendo arrogante e brincalhão. Não, ele normalmente só tem essa textura suave e gentil em sua voz quando ele está falando de algo que tem significado para ele, o que é pouco frequente. Parece muito especial que ele esteja falando sobre nós, eu e ele, com esse tom de voz.

Ambos sentamos e mergulhamos nas poucas frases com as quais acabamos de separar, até que finalmente Callan diz: — Então, o que você propõe que façamos sobre essa apreciação mútua um do outro?

Eu arrumo a coragem de olhar para ele, virando a cabeça para um lado, e estou possuída pela imediata e intensa necessidade de desviar o olhar novamente. Ele só disse que eu era bonita, mas ele é o único que se parece com uma pintura de Michelangelo. Ele é o único que para as garotas no corredor da escola e faz com que elas sussurrem sobre ele por trás das mãos em concha. É quase demais suportar que

ele está tão perto de mim e ele está me olhando como se ele quisesse me levar em seus braços e me segurar lá para sempre.

— Eu não sei. — eu digo.

— Eu não vou te beijar.

Uma sacudida de vergonha me inunda. Parecia que eu queria que ele me beijasse? Oh Deus. — Não, não, claro que não. Claro que não. Isso seria...

— Seria incrível. Coralie, é claro que vou beijar você eventualmente. Só parece que agora não é o momento que está destinado a acontecer. Isso faz sentido?

Eu aceno lentamente. Com toda essa conversa sobre eu gostar dele e ele gostar de mim, ficaria um pouco artificial se começássemos a chupar o rosto imediatamente. — Eu sei. Entendi. Outra hora. Há muita pressão agora.

— Exatamente. Que tal em vez disso discutirmos sobre isso? — Ele pergunta, me dando um sorriso largo enquanto ele se aproxima e pega a câmera Kodak descartável de cima do livro no meu colo.

— Eu estava pensando em perguntar sobre isso, sim. A fotografia é a sua coisa, não a minha. Eu sinto que isso pode ter feito acidentalmente seu caminho em meu pacote de aniversário. — eu pego a câmera dele, segurando-a no meu rosto para que eu possa ver uma versão minúscula e deformada dele através do visor.

A versão irregular de Callan balança a cabeça. — Não, foi inteiramente intencional. Sim, a fotografia é a minha coisa, mas... — ele levanta um dedo indicador. — Eu esperava que você também gostasse. Eu estava meio que esperando que talvez você participasse de um pequeno desafio comigo?

Abaixo a câmera, franzindo o cenho para ele. — Que tipo de desafio?

— O melhor tipo. O tipo onde você é você e eu sou eu, e vemos onde nos encontramos no meio. Quantas fotos tem no filem nessa câmera, Coralie?

Olho para baixo e verifico a pequena janela no topo da carcaça da câmera. — Diz que há trinta e uma.

— Ótimo. Havia trinta e dois mais cedo, mas eu usei uma das suas fotos antes de lhe dar seu presente.

— Você usou? Trapaceiro. Do que você tirou uma foto?

— Isso vai ser uma surpresa quando eu lhe mostrar como revelar o filme no final do mês, não é? — ele sorri, a ponta de sua língua cutucando entre os dentes. — O resto desses disparos, eles são para você tirar. Eu estava pensando que talvez você pudesse tirar uma nova foto todos os dias durante um mês, e eu poderia fazer o mesmo, e, em seguida, no final do mês, podemos comparar todas as coisas que vimos.

Eu viro a câmera com cautela em minhas mãos, não tenho certeza sobre o que ele está pedindo de mim. — Eu não sei, Cal. Quer dizer, eu vi suas fotos. Elas são lindas. Eu não tenho olho para coisas assim. Tenho certeza que qualquer foto que eu tirasse ficaria horrível.

— Não é verdade. Enfim, isso não é sobre quem leva a melhor imagem. Isto é sobre as coisas que você vê ao longo do dia que a afetam de algum jeito. As coisas que fazem você sentir algo. As coisas que a movem. Quero saber essas coisas. E... acho que quero compartilhar essas coisas com você também.

Ele olha para suas mãos. Nunca o vi inseguro de si mesmo, mas Callan parece que pode estar um pouco perdido agora. Há muitos fatores que poderiam ter me levado a ser corajosa. Talvez o fato de eu saber que ele se preocupa comigo agora e que o conhecimento tenha aliviado alguns dos pânico que ele faz, não faz dentro de mim, ou talvez tenha algo a ver com o fato de que é meu aniversário e papai foi pescar, mas de qualquer forma isso acontece. Eu sou valente. Estendo minha mão e lhe dou a mão. Ele explode em um sorriso enquanto olha para minha palma, e então lentamente ele levanta sua própria mão e a coloca na minha.

— O que você acha, então? — ele diz, sugando seu lábio inferior em sua boca. Uma profunda covinha se forma em sua bochecha esquerda enquanto tenta suprimir seu sorriso. — Você está no jogo?

Eu hesito. E então. — Certo. Claro. Parece que pode ser divertido.

Callan balança a cabeça, ainda tentando disfarçar o fato de que ele está à beira de irradiar alegria. No entanto, ele não pode esconder o prazer em seus olhos. — Eu odeio dizer isso, mas eu tenho que ir logo. Mamãe disse que não estava se sentindo bem mais cedo. Ela precisa de mim para fazer algumas coisas para ela. A que horas o seu pai vai voltar?

— Não até tarde, provavelmente.

— Bom. Então... minha mãe, ela meio que perguntou se você gostaria de vir jantar. Ela disse que queria te conhecer. — Ele parece tão desconfortável quando ele me diz isso. Eu tenho visto a Sra. Cross partir para o trabalho em seu uniforme cedo, na parte da manhã às vezes. Ela canta enquanto coleta as contas e as cartas circulares da caixa de correio no final de sua entrada, e ela canta enquanto ela entra em seu Ford batido e se afasta. Ela é alta e magra, de cabelos escuros como Callan. Eles têm as mesmas maçãs do rosto cheias e orgulhosa. Ela é uma mulher muito bonita. A luz do sol parece brilhar fora dela, da mesma forma que brilhou fora da minha mãe. Meus nervos aumentam novamente. Conhecer a mãe de Callan soa adorável, mas também muito intimidante ao mesmo tempo. E se ela me odiar? E se ela achar que estou muito quebrada para namorar seu filho?

— Não há motivo para ficar tão assustada. — diz Callan, esfregando lentamente o polegar na parte de trás da minha mão. — Eu sei que a maioria dos caras da minha idade odeia seus pais, mas minha mãe é um tipo de fodona. Ela é muito legal.

É engraçado como ele pode aliviar meus medos com apenas algumas palavras. — Está bem então. Isso seria ótimo. — digo a ele. Eu acompanho Callan até lá embaixo, ainda agarrada ao livro que ele me comprou contra o meu peito, e eu sinto que estou flutuando. É uma sensação maravilhosa. Callan me abraça na porta da frente, e meu pulso acelera. Nós nos abraçamos antes - breves apertos de adeus de vez em quando - mas agora nossos corpos se alinham, se conectam e permanecem conectados. Seus braços apertados em torno de mim, suas mãos descansando na parte de baixo das minhas costas, e ele respira fundo e lentamente na curva do meu pescoço. A partir de hoje, eu estive viva por dezesseis anos, e esta pequena coleção de segundos, um empilhado em cima do outro, é de longe o momento mais emocionante de todos os segundos e minutos, horas e dias da minha curta existência. Enquanto Callan me segura, meu rosto descansa contra seu peito, minha orelha pressiona contra o eco de seu batimento cardíaco, eu não estou preocupada. Eu não estou pensando sobre meu pai, ou como eu vou sobreviver amanhã ou na próxima semana, ou no próximo mês. Eu só estou aqui, sendo segurada por ele, e é perfeito.

Incerto, Callan se inclina para que ele possa olhar para mim. Por muito tempo, meu objetivo diário tem sido me afastar do meu corpo, estar fora dele, em algum outro lugar, então eu sou uma observadora na dor e humilhação que tenho que suportar. Mas não agora. Esta é a

primeira vez que eu sinto meu corpo como um presente, e eu quero estar nele, fundido e selado dentro do meu sangue e osso, então eu posso ter este momento em que Callan está olhando para mim como se ele acabasse de ganhar a loteria.

Lentamente, fração por fração, centímetro por centímetro, ele se inclina para baixo, seus olhos acendendo com o que parece nervos e antecipação. Uma parte de mim sabe que ele vai me beijar, mas meu cérebro está repetindo suas palavras no telhado que ele não iria. Ainda não. É só quando seus lábios estão contra os meus, mal tocando minha boca que eu percebo que isso realmente está acontecendo. Eu já vi muitos alunos se beijando nos corredores na escola, mas eu não tinha ideia de que isso seria assim. Como se o tempo estivesse parado, a terra dá uma parada obstinada, quando sua alma começa a cantar. Eu caio, derreto, queimo e voo tudo de uma vez. Eu o beijo de volta, abrindo a boca para ele, cambaleando pela intensidade da emoção que sinto por ele enquanto ele toma o meu rosto em uma mão. Seus dedos traçam uma linha macia abaixo da minha orelha, parando na nuca do meu pescoço, e cada pelo em meu corpo está em pé.

Me curvo para ele, e Callan xinga em um suspiro enquanto ele com cuidado, gentilmente me prova com sua língua.

— Callan Cross, solte essa garota neste instante, você me ouviu?

Callan me solta como se eu tivesse estourado de repente em chamas, dando um gigante passo para atrás, um olhar horrorizado em seu rosto. Por cima do ombro, Friday está passando pelo portão da frente com um guarda-sol de babado amarelo agarrado em sua mão direita. Ela parece que está prestes a cometer assassinato. Algie lança pelo caminho, latindo e rosnando, mostrando os dentes a Callan.

— Ah não. Desculpe, esqueci que ela estava vindo para me fazer um café da manhã de aniversário. — eu cubro minha boca com minha mão, tentando não rir enquanto Friday faz um caminho mais curto para um Callan muito assustado.

— O que deu em vocês dois? — ela exige, me golpeando com a sombrinha. — Vocês não podem se pegar assim aqui fora na porta da frente para o mundo inteiro ver. E num sábado também, tão perto do maldito Sabbath. Eu juro, eu deveria torcer os pescoços de vocês dois. — Entretanto, ela sorri daquela maneira mal-humorada dela, e eu sei que ela não está realmente chateada.

— Desculpe Sra. Beauchamp. No entanto, nós não estávamos nos pegando. — Callan diz.

— Parecia isso de onde eu estava. E também não me chame de Sra. Beauchamp. Eu nunca fui casada. Você tem algodão doce no cérebro, garoto? Me chame de Friday ou nada.

Esta não é a primeira vez que Callan encontra Friday - eles vivem do outro lado da rua, e em uma cidade como Port Royal, isso quase faz de você família - mas esta é obviamente a primeira vez que ele foi pego beijando uma garota por ela. Ele não está lidando muito bem.

— Desculpe, Friday. Eu... eu provavelmente deveria ir.

— Eu acho que sim. — Friday coloca uma mão em um quadril amplo, franzindo o cenho para ele. Quando ele realmente não se move, ela faz um som de grunhido descontente e agita além de mim para dentro da casa, carregando seu guarda-sol em uma mão e um saco de mantimentos na outra. — Certifique-se de não ficar muito tempo aí fora, senhorita. — ela me diz. Chamando Algie atrás dela, ela desaparece.

Uma vez que ela se foi, Callan começa a rir. — Droga. Não foi assim que planejei.

— Eu sei. Ela é... outra coisa.

— Uhummm. — Callan suspira, dando um passo em minha direção. Ele segura minha mão, apertando-a levemente. — Eu realmente tenho que ir. Eu vou te ver mais tarde para o jantar? — eu aceno, e ele suavemente beija minha testa, bem entre meus olhos. — Feliz aniversário, bluebird.

Onze

Coralie

Rendição

AGORA

Tento ligar para Ben, mas a linha está ocupada. Com quem diabos ele está falando às dez e meia em uma noite de terça? A mãe de Ben liga, por vezes tarde, mas sempre em uma quarta-feira ou sábado, e mesmo ela, não tem assunto para mais de uma hora. Quando eu tento novamente à meia-noite, a linha ainda está ocupada.

Eu ando inquieta ao redor do meu quarto de hotel, meu sangue fervendo, como uma panela em fogo brando. Callan realmente não tem o direito de falar comigo dessa maneira. Nós não somos mais próximos. Nós não somos próximos há muito tempo. Mesmo se tivéssemos mantido contato e ainda nos falássemos de vez em quando, ainda assim seria altamente inapropriado ele dizer que o único homem que eu deveria me casar é ele. Quer dizer, o que diabos ele estava pensando? E apenas cuspir isso na frente de todos? Isso era loucura. Puramente e absolutamente loucura, porra.

Eu liguei para a recepção e pedi uma garrafa de Pinot Grigio. A mulher na recepção me diz que vai enviar, mas que a licença do hotel termina às doze horas em ponto, por isso não vou ser capaz de pedir mais nenhuma encomenda. Eu altero minha encomenda e peço duas garrafas de Pinot Grigio no lugar. Ela não parece feliz, mas me diz que irá enviar. Quando as garrafas frias chegam, eu sento no chão do banheiro com o chuveiro ligado ao meu lado, e eu bebo. Eu bebo até que uma das garrafas esteja vazia e eu lutando para abrir a tampa de rosca da segunda. Elegante.

Meu celular toca à uma da manhã. A voz de Ben parece apertada e estressada. — Ei, Cora. O que está acontecendo? Eu tenho tentado falar com você há dois dias. Eu estava doente de preocupação!

— Desculpe. Eu apenas estava tendo um péssimo momento aqui. Tanta coisa para fazer, e eu tive que lidar com... pessoas. — eu domino a arte de parecer sóbria, mesmo quando eu não estou. Eu pareço perfeitamente normal enquanto falo ao telefone. O mesmo, porém, não pode ser dito sobre Ben.

— Ótimo. Eu... você precisa de mim para fazer algo? — ele sempre fala as palavras correndo, juntas, quando bebe. Estranho que ele esteja acordado e bêbado em uma noite de semana, no entanto. Ele sempre policia minha ingestão alcoólica para dois copos de vinho no jantar quando ambos têm de levantar para trabalhar na manhã seguinte.

— Não, não há nada que possa fazer. — digo a ele. — Você andou bebendo?

— Mmm, apenas um par de cervejas... com os caras, depois do trabalho.

Ele nunca sai para beber com os caras do trabalho. Ele me disse repetidamente que eles são todos idiotas embriagados, e por que diabos ele iria querer sair com eles depois do expediente? Uma suspeita coça na parte de trás da minha mente, mas eu opto por ignorá-la.

— Ótimo. Talvez você deva ir para a cama, então. Você sabe o quão ruim suas ressacas são se você não dorme. — Minha própria ressaca será épica, mas eu não tenho nada para fazer amanhã, além de entregar os papéis no necrotério.

— Sim, você está certa. Boa noite, Cora. Te amo.

— Mmm. Eu também. — eu desligo o telefone, e pela milionésima ouço a voz de Ben dizendo, ‘Você fez de novo, Cora. Você não disse que me ama. O que há?’

Eu disse a ele um total geral de três vezes que eu o amo, e cada uma delas foi mentira.

Eu nunca superei Callan. Nem perto disso. No jantar, quando ele disse que eu nunca iria me casar, ele estava certo. Posso me enganar em pensar que é o que eu preciso para seguir em frente na minha vida, mas eu sei. Eu sabia que era a coisa errada a fazer, porque eu poderia tentar o quanto quisesse, eu nunca fui capaz de parar de amar Callan. Não houve nenhum espaço em meu coração para qualquer outra

pessoa, porque esse bastardo me teve desde o primeiro dia. Sem sequer tentar, e com um país inteiro nos separando, Callan tem exercido um abraço poderoso e terrível sobre mim que eu não tenho sido capaz de me livrar. Pior ainda, eu nem sequer tentei me livrar. Eu deixei isso me dominar e arruinar por muito tempo. Foi auto indulgente de minha parte acreditar que não há nada que eu pudesse fazer sobre isso, quando na verdade havia muito que eu poderia ter feito.

Eu poderia ter ido vê-lo. Ter tido um encerramento. Eu poderia ter falado sobre o meu relacionamento com ele na terapia, em vez de recusar cada vez que o assunto veio à tona. Eu poderia ter tentado amar alguém. Ou pelo menos tentado mais.

Há outras razões porque eu não fui capaz de esquecê-lo, é claro. Sombrias, horríveis, agonizantes razões que ele nem sequer conhece. Eu as mantive dele, e enquanto ele estava sentado na costa leste durante todos esses anos, rancoroso daquela foto estúpida, eu me sentei na costa oeste, rancorosa em algo muito pior. Eu não poderia dizer a ele naquela época, embora, e com toda certeza não há nenhuma maneira que eu vá dizer a ele agora. Isso iria servir para quê? Absolutamente nada, é isso.

Estou pensando em beber a segunda garrafa de vinho e ir dormir. No meio da segunda garrafa, eu penso em colocar o resto no frigobar e ligar para Callan para que eu possa gritar com ele. Apesar de quão eu queria queimá-lo, eu fiquei o cartão chique que ele colocou sob o limpador de para-brisas do Porsche, então eu tenho o número dele. Eu poderia fazê-lo. Eu tenho tantas palavras que poderia gritar com ele. O resto do vinho nunca chega na geladeira. Eu acabo com a garrafa, perguntando-me turvamente se eu ainda tenho um problema com bebida. Em casa, em LA, eu posso ter alguns copos com jantar, mas dificilmente todas as noites. Talvez uma ou duas vezes por semana, se muito. Não, eu não acho que tenho um problema com álcool. Eu tenho um problema com Port Royal, e eu tenho um problema com Callan, e com o meu pai morto, e com os fantasmas e as memórias e a dor me esperando em cada esquina. O álcool é um mecanismo de enfrentamento temporário, assim como me fazer vomitar no caminho para o aeroporto.

Mesmo quando eu lavo o rímel manchado do meu rosto, eu sei que não posso confiar no álcool, ou em um ressurgimento do meu distúrbio alimentar para lidar com esta situação, no entanto. Isso tem que parar. Seria muito fácil me apoiar nessas muletas, e então onde eu estaria? Na reabilitação? Ben organizando uma intervenção para mim,

porque eu não posso comer uma única refeição sólida sem forçar-me a vomitar de novo? Ele odiaria isso. E eu também. Não. Foda-se. Eu tenho lutado por anos de terapia. Eu já estive em duas crises. Eu não quero nunca visitar esse lugar escuro novamente. Estou bem à frente de tudo isso. Eu tenho que estar.

Se apenas Callan tivesse ficado em Nova York. Lidar com arranjos do meu pai teria sido difícil, mas eu acho que eu poderia ter conseguido. Eu provavelmente teria sido capaz de seguir através da farsa de um funeral e o serviço sem desmoronar e destruir tudo à vista. Talvez. Com ele aqui, fica tudo dez vezes mais difícil. Encontro-me mais e mais furiosa a cada segundo quando percebo que ele aparecer aqui, realmente era a coisa mais egoísta, desonesta e cruel que ele poderia ter feito para mim.

É evidente que eu não estou no meu juízo perfeito, enquanto pego o telefone e ligo para a recepção por um táxi. Ligar para Callan e dar-lhe o inferno não é suficiente. Preciso vê-lo cara a cara para que eu possa ver seu olhar com os meus olhos quando eu chamá-lo de todos os nomes possíveis. Eu preciso ser capaz de olhar diretamente para ele quando eu suplicar para ele voltar para casa em Nova Iorque.

O concierge me diz que vai retornar quando meu táxi chegar, mas eu estou muito agitada para esperar no meu quarto. Eu coloco minha jaqueta, embora provavelmente esteja mais quente do que o inferno lá fora, e eu vou lá para baixo para o lobby principal esperar. Um táxi azul e branco estaciona do lado de fora da entrada principal quinze minutos depois, e eu subo sem me preocupar em verificar se é mesmo meu. Eu dou o endereço ao motorista e então eu me sento no banco traseiro, olhar fixo fora da janela, sem enxergar. Eu acho que o motorista me pergunta alguma coisa, mas quando eu não respondo ele faz o resto da viagem pela cidade em silêncio.

Do lado de fora da casa de Callan, eu pago-lhe com uma nota de vinte e digo-lhe para ficar com o troco. Sinto a revolta por dentro enquanto eu me apresso pelo caminho para a porta da frente, tentando o meu melhor para não lançar os olhos para o edifício à minha direita. Minha antiga casa poderia muito bem ser a casa de Horror em Amityville. Eu não posso olhar para ela sem entrar em pânico e querer correr para longe e rápido dela; até mesmo estar próxima está me fazendo suar frio, apavorada.

Não há luzes acesas dentro da casa de Callan. Eu bato na porta da frente, usando a palma da minha mão para fazer o máximo de barulho, e o som das batidas ressoam por todo o bairro adormecido.

Nesse ritmo eu vou acordar Friday, bem como todos os outros na rua, mas eu não me importo. Se Callan acordar e me deixe entrar, porra, eu não poderia me importar menos com quem mais eu acordar.

Luzes se acendem em um quarto no segundo andar três portas para baixo, mas as luzes no segundo andar permanecem insistentemente desligadas, na casa em frente a mim. — Foda-se, Cross! — eu assobio, batendo na porta ainda mais forte.

Sem luzes. Nenhuma resposta. Nada se movendo lá dentro também. Dou um passo para trás e encaro o local, bufando. Ótimo. Ele não quer responder a maldita porta? Isso não é realmente um problema. Vou entrar de uma forma ou de outra, e então ele não terá escolha a não ser lidar comigo.

Invadindo a casa pela lateral, eu mantive minha cabeça para baixo e para a esquerda, ainda me recusando a fazer contato visual com o lugar ao lado. Eu vou em busca de uma pedra no pedaço de terra ao lado da casa de Callan – uma parte de terra que costumava ser repleta de flores e belos arbustos verdes que Jo teve tanto orgulho uma vez. Lá, com certeza, onde sempre estive, estava uma grande pedra, preta com um brilho azul metálico - vulcânica, e totalmente fora de lugar em um canteiro de flores na Carolina do Sul. Eu pego a pedra, totalmente preparada para lançar a coisa através de uma janela no térreo se preciso, mas quando eu olho de soslaio para o escuro e eis que vejo o mesmo molho de chaves que Callan sempre manteve lá para mim. Elas agora estão enferrujadas, o anel de metal preso às chaves está completamente coberto de sujeira, mas são exatamente as mesmas.

A visão delas me faz entrar em pânico. Ah, porra. Talvez eu não deveria estar fazendo isso. Talvez eu não deveria estar correndo no meio da maldita noite, invadindo casas que não pertencem a mim. Eu posso ser presa por isso? Há todas as chances de que Callan vai querer prestar queixa na hora que eu tirá-lo da cama e começar a ameaçá-lo com violência.

Eu considero a perspectiva de sentar em uma cela de prisão na delegacia da Xerife Mason por um segundo, e então eu decido que vai valer a pena se Callan entender e ir embora. Eu uso as chaves, colocando a mais fina na fechadura da porta da frente com força suficiente que o metal protesta e a porta se abre, rangendo exatamente da mesma maneira que costumava fazer quando eu era criança. Estranho, as coisas que permanecem as mesmas, quando tanta coisa muda.

— Callan. — minha voz ecoa na escuridão. Eu entro na casa sem parar para pensar, me preparando para o assalto aos meus sentidos, e o cheiro do lugar me atinge como um soco no estômago. Não velho ou úmido ou mofo, ou mesmo como a antiga casa costumava cheirar há muito tempo. Só cheira a Callan. Na outra extremidade do corredor, o relógio velho do avô que Jo amava tanto estava coberto com um lençol branco. Com uma investigação tímida do piso térreo, vejo que cada peça de mobiliário no local foi coberta com lençóis contra a poeira também. E Callan está longe de ser visto.

Eu corro até a escada para o segundo andar, um pouco hesitante, agora que eu sei que ele esteve aqui. E recentemente. A porta do antigo quarto de Jo está fechada. A porta do banheiro está entreaberta, no entanto. Luar derrama através da pequena janela, lançando dedos prateados longos de luz sobre o armário e pia, onde uma única escova de dente azul permanece ao lado de um tubo de pasta de dente.

Encontro-me em pé ali, olhando para isso. Em algum lugar na cidade de Nova York, outros pertences de Callan estão cuidadosamente dobrados em armários e gavetas. Seus livros estão empilhados de forma ordenada nas prateleiras. Seus registros são arquivados por ordem alfabética, assim como eles sempre foram, ao lado de sua antiga vitrola. Seus sapatos estão provavelmente em desordem debaixo de sua cama, como eles sempre estiveram, também. De repente, meu coração parece pesado, muito pesado para carregar dentro de mim por mais tempo. Em algum momento, a minha escova de dente foi feita para estar ao lado da dele. Meus sapatos estariam amontoados juntos com os dele sob nossa cama. Nós conversamos sobre isso. Sonhamos acordados, realmente. Em nossas cabeças, nós criamos esta vida excepcional juntos, e foi incrível. Haveriam brigas e divergências, é claro. Haveriam muitas, mas os doces momentos em que nos amávamos e faríamos a vida do outro melhor, simplesmente pela alegria de fazer a outra pessoa feliz, esses foram os momentos que teríamos vivido.

Enquanto eu fico ali, ainda olhando para sua escova de dente estúpida, lembrando tudo o que dissemos uma vez, eu percebo que me sinto roubada. Esta vida foi tirada de mim, e a vida que vivo agora está tão distante de meus sonhos que eu nem sequer a reconheço como algo que eu sempre quis para mim. Eu entro no banheiro, pego a escova de Callan, e eu a deixo cair no vaso sanitário. Ela se recusa a desaparecer como uma boa escova de dente, quando eu dou descarga, então eu apenas a deixo lá, não me importando que ele vá encontrá-la em algum momento e saber o quão patética eu sou.

Endireito-me antes de abrir a porta do quarto de Callan. Vê-lo totalmente vestido e discutir com ele em uma mesa de jantar é uma coisa, mas vê-lo seminu e dormindo vulnerável... isso é algo completamente diferente. Eu não sei se eu sou forte o suficiente para lidar com a dicotomia de emoções que tal visão irá produzir. Como se vê, era uma tarefa inútil reunir-me de qualquer maneira. Quando eu entro no quarto, prendendo a respiração, tentando não respirar, eu vejo que sua cama está feita e ele nem sequer está aqui. Ele não está em casa, em sua cama? São duas e meia da manhã, e é um dia de semana. Ele não tem vivido aqui por muito tempo, tanto quanto eu posso dizer, então onde diabos ele está? Bebendo em algum bar tarde da noite com uma garota?

Eu odeio que este é o primeiro lugar em que minha mente vai. Callan é uma pessoa altamente sexual. Ele sempre foi, e não há nenhuma dúvida de que ainda é agora. É notável que eu não tinha contemplado o fato de que ele poderia ter uma namorada em Nova York até agora. Seu discurso anterior de casamento foi definitivamente um bom indicador de que não está envolvido em qualquer coisa séria no momento, mas independentemente disso, poderia haver alguma menina hipster pequena e bonita com óculos de aro preto esperando por ele em Tribeca, ou Brooklyn Heights, ou qualquer outro bairro que ele tenha se estabelecido.

Ela é provavelmente uma escritora ou algo assim. Ela provavelmente tem blog.

Minha garganta parece como se tivesse engolido vidro moído. Eu tento engolir o sentimento quando entro no domínio de Callan e passo as tábuas do piso, permitindo que as coisas voltem a mim peça por peça: Nevermind, o cartaz na parede que eu preguei após Callan fazer acidentalmente um buraco no gesso; a parede de cortiça cheia de ingressos de cinema e shows. Deus. Tantos fomos ver juntos. Clube da Luta. O Senhor dos Anéis. 10 coisas que eu odeio em você. The Green Mile. Nós não tínhamos sequer idade suficiente para ver a maioria deles na época, mas Shane trabalhava no cinema Village 8 Theater e nos colocava para dentro depois de um pequeno suborno.

Eu não posso acreditar que ele manteve os mesmos lençóis. Desbotados e lavados agora, eles são mais cinza do que azul, mas eles ainda são os mesmos. Eu sinto que tomei ácido, e eu sou Alice, caindo em um buraco de coelho há muito tempo perdido que costumava ser tão familiar para mim, mas agora parece estranho e alheio. Por direito, eu deveria estar tentando fazer meu caminho de volta para fora do

buraco maldito, mas eu não estou. Eu estou em queda livre, nem mesmo me importando, me perdendo na fumaça e espelhos de memórias empoeiradas que vem correndo até mim.

Eu me sento na beira da cama de Callan, sobrecarregada com todo o amor e dor que existiu entre nós neste quarto uma vez. Alguns dos momentos mais formativos da minha adolescência aconteceram aqui. Outros na casa ao lado, no meu próprio quarto. E outros no porão do meu pai.

Eu tenho lutando bravamente para me convencer de que estar aqui em Port Royal não é mais que uma inconveniência para minha vida agora, mas a verdade é que eu estou tão assustada e traumatizada por encontrar-me de volta aqui que eu mal posso respirar. Eu nem tenho consciência do que estou fazendo quando me deito no colchão e chuto meus sapatos, curvando-me em posição fetal, abraçando meus joelhos no meu peito.

De repente eu estou tão exausta. Meus ossos parecem pesados dentro do meu corpo, me puxando para baixo no colchão, Recusando-se a me deixar me mover. Deitar aqui é a pior ideia que eu tive em um longo tempo, mas eu não consigo reunir a energia para me importar. Callan está lá fora flertando com uma menina em um bar ou está sentado em um banco conversando com sua namorada blogger de óculos de aro preto pelo telefone, e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Nem há qualquer coisa que eu deveria querer fazer sobre isso.

Foda-se ele. Foda-se ele por voltar aqui. Foda-se ele por me ferir e me amar, e ter essa aparência tão malditamente perfeita, e por me fazer sentir coisas que eu não quero sentir.

E foda-me pelo que fiz, também.

Callan

Meu cérebro parece como se tivesse sido conservado em álcool. Friday não estava impressionada com o meu comportamento no jantar, mas, novamente eu não acho que ela ficou impressionada com qualquer

um de nós. Ela xingou sob sua respiração quando ela se levantou e colocou o ensopado em recipientes de plástico Tupperware após a saída de Coralie.

— Aqui. Tome isso. Leve para casa. — ela me disse, empurrando um recipiente em minhas mãos, e depois um maior nas de Shane. — Vocês não podem nem mesmo ter uma conversa civilizada em minha casa, então vocês podem sair até que tenham dominado a arte da etiqueta social. — Então ela, sem cerimônia me empurrou, Shane e Tina na calçada, bufando para nós quando ela bateu a porta da frente, e essa foi a última vez que a vimos. Cinco horas se passaram desde então. E aquelas cinco horas foram preenchidas com Tina gritando comigo por ser um idiota, Shane colocando Tina em seu carro e dizendo-lhe para ir para casa, e então Shane e eu enchendo a cara em algum bar chique novo, bar cheio de jovens que não estavam aqui quando eu deixei a cidade.

— Você tem certeza que quer ir para casa agora? — eu pergunto, cutucando Shane no intestino com meu recipiente de quiabo frio. Estamos de pé no final da calçada da minha casa, balançando como talos flácidos de milho. — Você está bêbado. Tina vai te matar.

— Tina não vai me matar. Ela vai... — ele soluça. — Ela vai te matar da próxima vez que te ver. Ela está bem consciente de que você é uma má influência. Não é confiável, diz ela.

— Hmm. Bem, perdoe-me se eu não tiver pressa em encontrar sua esposa entre agora e o momento que eu deixar esta cidade insignificante então.

— Eu entendo. — Shane arrota, batendo no peito com o punho fechado. — Se eu fosse você, eu não iria querer também. Então. O que você vai fazer sobre...? — Dobrando a cabeça em direção a porta ao lado, ele levanta a sobrelanceira. — Sabe. Coralie Taylor, e todo aquele, ‘nunca mais fale comigo’?

— Ela não disse que eu nunca poderia falar com ela novamente.

— Ela não precisa. Foi muito, muito óbvio, Cal. Ela prefere enfiar garfos quentes nos olhos do que ter outro bate-papo com você, quando ela estava correndo o inferno longe de você.

Ele está certo, e eu odeio isso. Deus, meus olhos estão ardendo como um louco. Eu estou tão bêbado e tão cansado, e a enormidade do dia ameaçando enfraquecer meus joelhos. Se eu deixá-lo, eu vou quebrar cada pedaço do mobiliário dentro da casa assim que passar

pela porta, e eu não quero isso. Eu não quero ficar com raiva e violento, só porque ver Coralie pela primeira vez em tanto tempo não foi como eu esperava. Foi precisamente como eu esperava, e isso, bem...

Ela tem razão de estar com raiva de mim. Ela tem razão de estar furiosa. Publicar aquela foto foi realmente uma jogada de babaca. — É melhor você voltar para sua esposa grávida antes que ela envie um grupo de busca, gritando pelo meu sangue. — eu digo, batendo no braço de Shane. Ele me puxa para um abraço, enfia o dedo indicador em minhas costelas, e então ele anda pela rua, rindo baixinho sob sua respiração.

Quando eu chego à porta da frente, encontro-a aberta por um centímetro.

Que inferno? Depois de viver em Nova York por tanto tempo, eu não cometeria o erro de deixar a porta da frente aberta. Eu simplesmente não faria isso. Eu praticamente tenho TOC sobre isso no meu loft, o que torna o fato desta porta estar destrancada ser altamente impossível. É preocupante. Quando eu era criança, eu costumava jogar baseball, apenas por diversão. Eu costumava levar um dos sacos de compras da minha mãe para o fundo do jardim e recolher todas as maçãs estragadas que tinham caído das árvores, e então meu pai e eu costumávamos ficar na estreita doca no final de nosso quintal. Ele arremessava as maçãs para o ar, e eu rebatia, explodindo em risadas quando a fruta amolecida explodia cada vez que a madeira de cedro do meu taco conectava-se com elas. O rio que atravessa Port Royal, serpenteando o seu caminho ao redor da parte de trás das casas na nossa rua, ficava repleto de pedaços de maçã, e papai tinha esse olhar em seu rosto, como se tivesse descoberto que ele era o melhor pai na face da porra do planeta. O ar estaria cheio de açúcar e luz solar, e eu pensava que talvez ele não teria que ir embora depois de tudo.

Ele fez, no entanto. Foi embora. Eu nunca bati maçãs no rio novamente, embora eu mantivesse o taco de beisebol. Como o homem da casa, eu sabia que tinha que proteger minha mãe; Eu mantive o taco escondido na abertura estreita entre a moldura da porta da frente e da estante no corredor, que é onde ele ainda fica, juntando poeira.

Eu o pego agora, enrolando meus dedos em torno da madeira velha e gasta, escaneando a escuridão com olhos desfocados. Eu não posso ver nada. Estou bastante bêbado, e por mais que tente eu não consigo ajustar minha visão ao escuro. Acender uma luz poderia ser uma decisão fatal, no entanto. Se alguém está à espreita, esperando que eu tropece neles para que eles possam quebrar uma lâmpada sobre

a minha cabeça, a última coisa que eu quero fazer é ajudá-los, mostrando-lhes exatamente onde estou.

Deus. Por que eu tenho que estar bêbado justo nesta noite de todas as noites? Vou ficar furioso e de ressaca pela manhã. Eu provavelmente vou estar pronto para uma luta então. Agora, eu sinto que estou prestes a desmaiar ao pé da escada. Eu me viro para plantar um pé na frente do outro quando eu ando pelo andar de baixo da casa, em busca de intrusos. Quem quer que tenha entrado está seriamente silencioso como um ninja, ou eles não estão aqui embaixo. Cada cômodo está mais vazio do que o próximo.

Está no segundo andar, então. Eu tento não fazer barulho quando eu subo na ponta dos pés até as escadas, mas a velha madeira range com cada passo. A janela do banheiro ainda está perfeitamente fechada. Eu estou começando a suspeitar que o vento soprou de alguma forma a porta da frente aberta (altamente improvável), mas então eu vejo a minha escova de dentes no vaso sanitário e eu sei que alguém esteve aqui. Alguém com um perverso senso de humor.

Filhos da puta.

Eu levanto o taco alto sobre a minha cabeça, pronto para ir para cima em quem eu encontrar no meu quarto, mas quando eu chuto a porta, eu imediatamente reconheço o pequeno ser humano enrolado no meio da minha cama. Eu encontrei-a tantas vezes assim antes, quando éramos adolescentes.

A escova de dentes faz sentido agora.

Fiz barulho suficiente para acordar os mortos quando eu chutei a porta aberta agora a pouco, e ainda assim Coralie dorme, sem saber que eu fiquei vasculhando ao redor da casa como um louco durante os últimos dez minutos. Eu abaixo o bastão, sentindo o estresse efervescendo em minhas veias um segundo atrás, derreter e ser substituído por um sentimento estranho, oco.

Coralie está deitada na minha cama. Por quê? Por que diabos ela está deitada na minha cama? Ela gritou comigo no jantar, correu para fora da casa como se eu fosse o diabo encarnado e ela não podia esperar para ficar longe de mim. E agora, ela entrou na minha casa e ela subiu na minha cama e adormeceu, como se fosse a coisa mais normal do mundo? Houve momentos em Nova York, ou Camboja, ou a Islândia, ou onde quer que eu estivesse no mundo, onde eu voltei para a minha cama e desejei que quando eu abrisse a porta eu a encontraria assim. Eu estava tirando fotos no Zimbábue para a Time Magazine uma

vez; Eu tive o pior dia de merda, fiquei na mira de uma arma, enquanto o carro do jornalista, Carl, foi saqueado e, em seguida, bombardeado. Carl e eu fomos obrigados a ficar do lado da estrada de terra e ver como nosso único meio de transporte sumia em chamas. Nós tínhamos mantido a boca fechada. Eu não tinha dado um pio quando nossos atacantes arrancaram a câmera do meu pescoço e passou-a em torno de seu grupo, segurando o visor até seus rostos com cautela, como se esperassem ver coisas terríveis e mágicas através do vidro. Em alguns países, a câmera teria sido esmagada no chão, mas não na África. Qualquer coisa vale algo na África. Eu sabia que ia ser capaz de comprar a Canon novamente no mercado local em um par de dias se eu segurasse minha língua, então eu fiz. Carl e eu tivemos que caminhar cerca de 30 quilômetros de volta ao nosso acampamento no calor escaldante. Até o momento em que voltamos para o hotel que estávamos hospedados, eu estava muito cansado e miserável até mesmo para caminhar através da porta do meu quarto.

Eu sabia que ela não ia estar lá. Eu sabia que ela não estava e ainda uma parte de mim esperava que de alguma forma, incrivelmente, ela estivesse. Eu não queria caminhar através da porta e perceber que eu estava sozinho, ainda sem ela, e por isso eu fiquei no corredor por três horas com a testa encostada na pintura descascada, e eu tentava respirar através da dor.

Aqui e agora, de volta a Port Royal, eu não consigo processar a imagem de Coralie finalmente dormindo na minha cama. Dou um passo em direção a ela e isso me atinge maravilhosamente, eu estou ridiculamente bêbado. Foda-se. Eu quero acordá-la. Falar com ela. Descobrir o que a trouxe aqui. Alguma merda deve ter acontecido para ela fazer o seu caminho dentro desta casa, tão perto da casa de seu pai ao lado. Eu não posso despertá-la enquanto estou nesse estado, embora. Só iria deixá-la louca. Pego o canto do edredom na minha cama e a cubro, e então eu volto para fora do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Eu preciso de café. Eu preciso de litros dele, e eu preciso disso em meu corpo agora. Eu não posso foder nada. Eu não posso. Se ela acordar e ficar com raiva de mim, vai ser a última vez que isso acontece. Eu sei disso.

Eu sonho que estou me afogando. Quando eu acordo, eu estou com falta de ar, arranhando cobertores pesados em cima de mim que me cobrem, e Callan está sentado na cadeira de balanço velha de sua mãe ao lado da cama, me observando. Há um olhar severo no rosto e um taco de beisebol descansando sobre seu colo. Ele rola isso para frente e para trás, para cima e para baixo em suas coxas.

— Você costumava dormir tranquilamente. — ele sussurra. — Tudo poderia estar tão, tão fodido, e você ainda assim você dormia profundamente.

Um pote de café vazio repousa na mesa de cabeceira ao lado da minha cabeça. Meu coração começa bater fora do meu peito quando eu vejo a caneca descansando em cima da cópia maltratada de Catch 22 ao lado dele. É uma caneca que me lembro bem. Comprei-a para Callan quando nós tínhamos dezesseis anos, logo após sua mãe ser diagnosticada com linfoma de Hodgkin. Eu não posso nem olhar para ela.

— Você sabe, eu tenho todo o direito de estar com raiva de você também. — Callan diz suavemente. Ele parece cansado. A camisa vermelha escura que ele usava no jantar na casa de Friday - parece uma eternidade atrás - foi desabotoada para revelar uma camiseta branca lisa por baixo. Há olheiras sob seus olhos, e sua barba está mais grossa do que estava no jantar, de alguma forma. Eu quero rastejar para fora da cama e direto em seus braços.

Em vez disso, eu sussurro. — O quê? — Minha voz é rouca e gutural.

— Você. — ele diz. — Eu fiquei aqui sentado, olhando para você, e tem sido brutal, Coralie. — Ele balança a cabeça, desviando os olhos. Eu tenho a sensação de que é a primeira vez que ele desviou o olhar desde que eu estou aqui, em sua casa, em sua cama. — Por muito tempo agora, eu estive pensando sobre o que eu diria a você para que você me perdoasse. Eu estive pensando sobre todos os argumentos que eu poderia usar para fazer você ver que eu não merecia você ter me deixado.

Eu não me sinto pronta para me endireitar, mas eu tenho que estar. Estou em desvantagem agora, deitada, então eu lanço-me em uma posição sentada, fazendo uma careta quando a cabeça começa a martelar. — E? O que você planejou? — pergunto.

Ele dá de ombros. — Meu plano de ataque sempre foi me desculpar profusamente. Imaginei que eu apenas diria que sinto muito

até que você realmente sentisse, acreditasse realmente que eu quis dizer isso. Eu me ofereceria a andar sob carvões em brasas por você. Fazer tudo e qualquer coisa para compensar a dor que eu causei.

— Mas, então? — Há definitivamente um mas. Eu posso ouvi-lo em sua voz.

Callan pega sua caneca e a vira, bebendo até que não sobre nada. Eu suponho, a partir da cara azeda, que o café que ele estava bebendo ficou frio. — Mas então... — ele diz. — Eu me sentei aqui e vi você surtar em seu sono, e eu percebi uma coisa. Eu percebi que eu tenho todo o direito de estar com raiva de você, também. Você mentiu para mim, Coralie.

Calor cora meu rosto. Eu me sinto como uma merda. Eu bebi um inferno mais cedo, e parece que minha ressaca está aparecendo antes do previsto. Eu não deveria me sentir tão ruim, no entanto. Não é o meu estômago ou minha cabeça que está me fazendo sentir horrível agora, no entanto. É pânico, medo e vergonha. — O que você quer dizer?

Callan se inclina para frente, apoiando o queixo na mão. — Você mentiu para mim. Por dois anos, você mentiu para mim e disse que estava machucada por praticar esportes? Eu era seu namorado, Coralie. Você disse que você me amava. Você jurou que nada poderia ficar entre nós. Você disse que você era minha. Você sabe o que isso significa, não é?

Eu não posso lidar com isso, porra. Tê-lo aqui, olhando para mim tão intensamente, falando comigo desta maneira, dizendo estas coisas para mim, é trazer de volta muitas memórias. Isso está me machucando de uma forma que eu não tenho sido machucada há muito tempo.

— Eu sei. — digo a ele. — Isso significa que nós éramos crianças estúpidas. Nós nunca iríamos funcionar, Callan. Estávamos destinados a terminar em algum momento.

— Besteira do caralho. — ele diz isso em voz baixa, com indiferença, como se ele estivesse me pedindo para passar o sal ou algo assim. — Nós sempre iríamos funcionar. Nós nunca fomos apenas crianças estúpidas, Coralie. Quando Shakespeare escreveu Romeu e Julieta, ele nem sequer chegou perto do que tínhamos. Você sabe que eu estou certo. Não, isso significa que você era minha responsabilidade. Eu era seu namorado. Eu era o cara que ia proteger e cuidar de você, e você não me deu a porra da chance. Você mentiu para mim, você disse que estava bem. Você me disse que seu pai era bom com você, super protetor com certeza, mas bom. Quando o tempo todo ele estava

manipulando você e te machucando em lugares que ninguém... — ele engasga com as palavras. — Ninguém jamais via. Eu deveria ter o matado, porra, pelo que ele fez com você. Eu deveria ter o dilacerado. Eu deveria ter te mantido a salvo, mas você tirou essa oportunidade de mim.

Fogo caminha através de mim, selvagem e imparável. Eu quero pular para fora da cama e bater-lhe com tanta força que sua cabeça saísse fora de seus ombros. Como ele se atreve a colocar o que aconteceu comigo sobre ele. Fui eu quem se machucou. Eu era a única que sofreu em silêncio. Eu era a única que vivia com o medo, o pânico e os pesadelos. — Eu salvei você disso. — eu assobio. — Eu não disse a você para você não se preocupar. Eu não queria...

Eu paro quando uma lágrima rasga pelo rosto de Callan. Eu estou completamente e totalmente atordoada. Callan com raiva limpa a lágrima de seu rosto com as costas da mão, franzindo a testa. — Você não tinha o direito. Você me fez sentir inútil. Eu não precisava ser salvo da verdade, Coralie. Eu precisava saber que estava tudo bem, e todo esse tempo você não estava. Isso foi basicamente minha culpa. — Ele se levanta, esfregando as mãos sobre seu rosto. — De toda a forma, eu sinto muito, ok? Desculpe por ter vendido aquela foto sua. Desculpe por não ter visto a verdade quando, provavelmente, estava bem na minha cara. Eu estava tão envolvido cuidando da minha mãe, que talvez eu não estivesse vendo as coisas tão claramente naquela época. Mas nunca finja que não éramos pra valer, Coralie. Nunca finja que o que sentíamos não era uma coisa importante, consumidora, poderosa e para toda a vida, porque eu sei que você ainda sente, porra.

— Como? Como diabos você pensa que sabe isso sobre mim, Callan? — eu mal posso falar. Eu me sinto gritando com ele, batendo os punhos contra o peito dele, mas eu não tenho a energia. Minha dor me ultrapassa, trazendo lágrimas aos meus próprios olhos. Eu corro contra eles, eu não quero ser fraca, mas este momento estava para chegar a muito tempo. Eu poderia muito bem estar tentando voltar para trás as areias do tempo.

— Por quê? — Callan pega uma caixa de cima da mesa e a joga na cama. A tampa desliza para fora, e no interior há pilhas e pilhas de fotos de nós juntos, de mãos dadas, beijando, imagens minhas dormindo, rindo, colocando minha língua para fora... tantas fotos. — Eu acordo às vezes e eu não posso respirar, Coralie. Assim como você faz. Eu ando na rua e vejo você em todos os lugares. Assim como você me vê. Eu me encontro dentro de alguma mulher que acabei de

conhecer e é a sua boca que sinto na minha, eu sinto suas mãos no meu corpo, eu ouço sua voz chamando a porra do meu nome. Você não pode me dizer que você não está me imaginando dentro de você cada vez que você faz sexo com outra pessoa, Coralie. Você simplesmente não pode, porque eu sei que não é verdade. — Ele anda de um lado a outro, correndo suas mãos através de seu cabelo, olhos sem piscar fixados no chão na frente dele.

Se eu disser que ele está certo, será como admitir algo final e terrível e para mim mesma. Admitindo que eu nunca vou seguir em frente, não importa onde eu estou ou com quem estou. Eu sempre precisarei dele. Eu não estou pronta para fazer isso.

— Não... não é verdade, Callan. Eu sinto muito.

Callan para de andar, voltando-se para olhar para mim. Ele parece que está ficando frustrado. — Mais uma vez. — ele diz. — Mais uma vez, eu chamo de besteira.

— Nós não estamos mais na escola, Cal.

— Estou plenamente consciente disso.

— Então você não pode simplesmente chamar isso de besteira.

— Eu posso. Se você não continua me amando, Coralie, que porra você está fazendo aqui? Por que você invadiu minha casa e deitou em minha maldita cama, onde você sabia que eu ia encontrá-la?

Eu arremesso as cobertas, ficando em pé para que eu possa ficar cara a cara com ele. — Eu vim aqui para lhe pedir para sair, ok? Eu não quero você aqui. Eu não preciso de você aqui. Você é...

Ele se aproxima, de modo que seu peito é pressionado contra os meus. — Eu sou o quê? — ele rosna.

— Você está fazendo isso mais difícil. Ainda mais difícil do que tem que ser!

Ele suspira, inclinando a cabeça ligeiramente. Ele é muito mais alto que eu. Sempre foi. Ele parece que ficou maior agora, no entanto, de alguma forma mais imponente. Eu sinto que eu poderia me absorver se ele realmente quisesse, eu me pegar em seus braços e pressionar-me para dentro dele até que não houvesse mais nada. — Você está fazendo tudo isso por si mesma, Coralie Taylor. — ele sussurra. — Lutar é duro. Estar com raiva é duro. Odiar a si mesma e me odiar, é duro. E você sabe o quê? Mentir para si mesma é duro, também, porque você sabe a

verdade, assim como eu. Recusando-se a admitir para si mesma deve ser a coisa mais difícil de todas.

— Foda-se, Callan! — Eu bato minhas mãos contra seu peito, tentando afastá-lo, mas ele me agarra pelos pulsos. — Me solta!

Ele lentamente balança a cabeça de lado a lado. — Eu cometi esse erro uma vez, bluebird. Eu não vou fazer isso de novo.

— Então o quê, você vai me sequestrar? Me acorrentar à sua maldita cama e me forçar a amá-lo? — Eu tento me afastar de novo, mas ele me segura firmemente. Se fosse qualquer outra pessoa restringindo-me assim, eu seria um desastre gritando agora. Eu iria dar uma joelhada nas bolas e procurar algo afiado e pontudo para esfaqueá-lo.

— Pare com isso! — Callan estala. — Isso é o suficiente. Se você realmente não queria estar aqui, você não teria vindo em primeiro lugar. E você sabia antes mesmo que pôs os pés dentro desta casa que eu não ia a lugar nenhum. Não havia nenhuma maneira que você pensou seriamente que eu ia sair. Então isso significa que você me queria.

— Você está sonhando! Oh meu Deus, você é quem está delirante. Eu não quero você. — Eu não posso acreditar que ele ainda pensa isso. Ele deve ter desenvolvido um puta hábito de usar drogas em Nova York e estar chapado pra caralho agora para até mesmo pensar isso.

Callan olha para mim, os olhos faiscando com fúria e algo muito mais assustador. — Então por que todo o seu corpo está tremendo agora? Porque eu posso sentir seu coração martelando em seu peito? E não me diga que é porque você está com raiva. Não minta para mim.

Eu olho para mim mesma e vejo que ele está certo. Callan ainda está me segurando, mas agora ele mal está aplicando pressão. Minhas mãos estão tremendo como louca, junto com meus braços e pernas, e o resto de mim também. Eu sinto que não posso tomar uma maldita respiração.

— Diga-me o que você está sentindo. Agora. O que você está sentindo, Coralie?

— Estou, estou apenas... — Eu não posso nem pensar direito. É muito injusto da parte dele estar fazendo isto comigo. — Eu não quero que...

— Eu sei que você não quer fazer isso. Eu não sou um idiota. Mas cansei de me sentir como merda, ok? E estou cansado de pensar onde

nós dois estaríamos se nós apenas desistíssemos e fôssemos vulnerável por apenas cinco malditos segundos. Então admita. Apenas me diga o que você está sentindo.

Estou repensando aquele joelho nas bolas no momento. Eu imagino quão satisfatório o movimento ascendente rápido seria enquanto Callan afunda como uma pedra no chão do quarto. Só que, quando eu imagino, não se parece satisfatório em tudo. É uma sensação injustificada e irresponsável, para não mencionar inútil. Desde que deixei Port Royal, endurecer meu coração, tornar-me forte, lidar com tudo o que aconteceu aqui, tem sido meu único foco. Eu não tive tempo para mais nada. Agora, eu estou perdendo isso; Callan está jogando uma bola de demolição no muro alto de tijolos que eu passei tanto tempo construindo e parece que está tudo prestes a desabar.

— Eu me sinto... perdida. — eu sussurro. — Eu me machuquei. Eu me machuquei tanto. — Eu olho para o rosto do homem que roubou meu coração há muito tempo, e eu sei sem dúvida que eu ainda estou profundamente apaixonada por ele. É uma constatação paralisante e uma que eu tenho negado por muito tempo. A expressão de Callan é feroz, protetora e possessiva, tudo de uma vez. Como ele pode se sentir assim depois de tanto tempo? Como ele pode ainda querer me amar? Ou mesmo estar perto de mim depois de tudo o que nos fizemos passar?

— Eu me machuquei, também. — ele disse em voz baixa. — Mas você tem a capacidade de fazer isso parar de doer, bluebird. Assim como eu posso tirar sua dor. Cada pedaço dela. Eu não vou descansar até o passado estiver morto e enterrado e você estiver feliz, se você me permitir. Por favor. Por favor... por favor, permita-me.

Se eu estivesse mesmo vagamente sã agora, eu diria que não e correria para fora da casa antes que ele pudesse me parar. Seria o mais seguro, a coisa mais inteligente para fazer. E, no entanto, eu não quero. Eu estou tão cansada de tentar. Eu estou tão cansada de lutar contra todos os desejos que tenho. Eu estou tão cansada de fingir que não estou ainda completamente perdida neste homem, e eu estou tão cansada de estar sem ele. Lentamente, cheia de horror e de alívio, eu deixo meu corpo cair contra ele. Com a testa encostada ao amplo espaço de seu peito, deixo escapar um suspiro profundo que parece que veio das profundezas da minha alma.

— Eu não sei como permitir. — eu sussurro. — Não mais. — Eu quase me fecho novamente quando Callan solta meus pulsos. Suas mãos sobem lentamente, até que, ele está cobrindo meu rosto com as

palmas das mãos. Ele não me faz olhar para ele. Ele me permite ficar inclinada nele, e o calor de suas mãos me castiga, me traz de volta a outros lugares e momentos em que ele fez a mesma coisa. É quase como se eu pudesse sentir o amor derramando fora dele e em meu corpo, e me atinge que é um alívio que eu não mereço.

— É fácil. — Meu rosto queima onde Callan coloca a boca contra a minha pele. Seus lábios passam contra mim quando ele fala baixo e suave. — Apenas deixe. Pare de lutar. Pare de tentar tão duro me odiar. Odiar-me parece seguro, eu sei, mas me amar seria muito melhor. Como alguma coisa terrível pode vir de algo tão bonito? O jeito que eu amo você é lindo para mim, bluebird. Não me assusta. Não me deixa irritado, ou me faz sentir enganado. Amar você é apenas parte do que me faz, quem eu sou. Eu sabia disso no momento em que te conheci, e você também.

Eu fecho meus olhos. Ele faz parecer tão fácil, como se fosse tão simples como respirar, mas como pode ser? Eu preciso dizer-lhe que eu tenho que ir para casa. Eu preciso lhe dizer que eu estou falando sério, eu realmente quero que ele saia de Port Royal, pelo meu bem. Mas como? Eu sinto que estou em casa pela primeira vez em anos. Minúsculas faíscas elétricas de pânico me mordem quando penso sobre ele me deixar.

— Eu vou te beijar logo, bluebird. — Callan sussurra em meu cabelo. — E se você não me parar, eu vou tocar em você. Eu vou tirar a roupa de seu corpo e eu vou beijar cada centímetro de você. Eu quero sentir você derreter para mim. Eu quero sentir o seu corpo cantar para mim. Eu não espero te foder. Eu não vou estar dentro de você. Vou ficar com todas as minhas roupas se isso faz você se sentir melhor. Eu só preciso te abraçar, e sentir sua pele sob minhas mãos.

— Não acho que...

— Eu estou beijando você agora. — Callan se inclina lentamente, inclinando meu rosto para ele, dando-me tempo para virar e puxar para trás, mas eu estou presa, colada a um ponto, incapaz de operar meu corpo, incapaz de fazer qualquer coisa além de ficar muito quieta quando ele abaixa a boca para a minha. Sinto-me tonta. Sem folego. Eufórica. Eu sinto tantas emoções ao mesmo tempo, todas agitando-se dentro de mim, brigando por atenção. Tudo desaparece como ruído de fundo quando ele coloca seus lábios levemente sobre os meus, embora. Callan se tornou um homem. Ele é mais alto, mais amplo, mais musculoso do que ele era antes, e ainda assim ele ainda tem o mesmo

gosto. Ele ainda me beija com a mesma intensidade feroz que fazia meus dedos do pé enrolarem.

Eu quero chorar.

Eu tenho sentido falta disso por tanto tempo. Quando ele move sua boca sobre a minha, seus lábios cheios aplicando a mais deliciosa pressão, eu sufoco um soluço, tentando não me desfazer. Callan bufa gentilmente quando ele envolve seus braços em torno de mim, segurando-me a ele.

Isto é tão estranho. Eu desisti de querer isto. Eu pensei que nunca iria acontecer novamente. É surreal que ele esteja me segurando agora, me beijando, fazendo-me sentir assim, quando eu pensei que nunca iria vê-lo novamente. Callan mantém sua palavra e lentamente começa a tirar minhas roupas. Minha camisa é a primeira a ir. Ajudando-o a despir-me parece que estou encorajando-o, mas, novamente eu mal podia tentar impedi-lo enquanto o material translucido desliza sobre minha cabeça.

Callan faz um gemido gutural e profundo quando ele se inclina para trás e olha para meu corpo. Nenhum homem jamais me olhou assim antes. Houve momentos em que eu me senti como se eu fosse invisível na verdade, especialmente com Ben. Ele não parece me ver em tudo. Neste momento, os olhos de Callan estão deleitando-se em mim como se eu fosse a iguaria mais exótica conhecida pelo homem, e ele não pudesse ter o suficiente.

— Merda, Coralie. Eu preciso de você nua. Agora, porra. — Ele me agarra, as mãos trabalhando rápido quando ele desfaz meu jeans e puxa-o para baixo em minhas pernas, quase levantando-me para que ele possa puxar o material do meu corpo. Estou apenas de roupas íntimas então, tão parada quanto possível, perguntando-me o que diabos ele vai fazer a seguir. Ele vai rasgar meu sutiã e minha calcinha do meu corpo, da mesma maneira que ele fez com minhas outras roupas? O Callan que eu conhecia iria, mas ele teria sido um pouco tímido sobre isso. Este Callan é novo para mim, um mistério completo. Ele é um homem. Ele não parece intimidado ou com medo de nada. Ele é inebriante, me deixando louca sem mesmo me tocar propriamente. A maneira como ele olha para mim é o suficiente. Jesus, o olhar em seus olhos é criminal. Nenhuma mulher poderia resisti-lo. Ele é puro sexo, cru. Eu estou em uma séria desvantagem. Eu ainda estou tão brava com ele, eu posso sentir isso dentro de mim fervendo, em algum lugar no fundo, mas porra. É quase imperceptível sobre o rugido ensurdecedor da minha necessidade.

Callan engancha seus dedos debaixo das alças do meu sutiã, me olhando, sem piscar, olhos escuros e sem fundo. Ele passa as mãos para trás sobre meus ombros, debaixo das alças, sobre meus ombros, até que ele atinge o fecho na parte de trás. Eu paro de respirar. Ele costumava passar horas desfazendo o fecho no meu sutiã; Ele costumava achar engraçado, especialmente se estávamos na escola. Ele não se atrapalha agora. Ele se abre no seu primeiro toque, mal resistindo a ele. Meus seios saltam livre, meu sutiã deslizando para longe quando Callan o guia para fora do meu corpo.

— Porra, Coralie. Você é ainda mais bonita do que eu me lembro.
— Sua voz soa tensa, pouco mais que um sussurro, mas eu posso ouvir o seu desejo, grosso e pesado.

— Eu sou a mesma. — eu digo a ele. — Eu não mudei.

Sacudindo a cabeça, Callan estende a mão para tocar cuidadosamente meus mamilos. Ele aperta suavemente, fazendo minha respiração parar na garganta. — Você mudou. Eu mudei também. Nós dois mudamos. Nós não somos as mesmas pessoas que éramos antes, bluebird.

Eu não sei se ele está certo ou se está errado. Eu não sei se é para o melhor ou para o pior. Tudo o que sei é que meu corpo ainda conhece o seu, ainda reconhece e quer ele de uma forma como nenhum outro. Ele se abaixa e leva meu mamilo em sua boca, acariciando sua língua apertada sobre a carne, e minha cabeça gira.

— Porra, Callan. Eu... — Eu nem sei o que dizer. O que eu quero. Isso não é inteiramente verdade. Eu quero ele. Eu quero ele tanto, mas eu não sei como pedir isso. Ele disse que não ia me foder. Ele disse que iria ficar de roupa, e tudo que eu quero agora é sentir sua pele na minha, senti-lo deslizar em mim enquanto ele me segura em seus braços e diz que me ama.

— O quê, bluebird? Diga-me o que você quer. Diga-me. — Callan corre suas mãos em volta do meu corpo e agarra minha bunda, apertando. Ele me puxa para ele, e eu posso sentir sua ereção pressionada contra mim, presa entre nossos corpos. Ele geme, bufando uma respiração profunda de seu nariz, e eu espelho ele, gemendo na parte de trás da minha garganta.

— Eu não quero... Eu não quero nada. Eu só...

— Sua boca está dizendo uma coisa, mas o seu corpo conta uma história muito diferente, Coralie. E eu sei qual eu pretendo ouvir. — Ele

me vira e agarra-me pelos meus quadris, curvando-me. Eu suspiro quando ele toma minha calcinha e a puxa para baixo com força levantando meus pés para que ele possa livrar-se dela de uma vez por todas. Então eu estou nua, exposta. As mãos de Callan correm em minhas costas, sobre meus quadris e para baixo em minha bunda. Eu me sinto tão vulnerável. Dividida entre dois polos extremos: lhe dar um tapa na cara, pegar minhas roupas e correr para fora daqui, ou apenas saltar sobre ele, fode-lo. Deixá-lo fazer o que quer de mim. Me usar.

Eu estou debatendo qual destes cursos de ação devo escolher quando Callan toma a decisão por mim. Estou molhada, seriamente excitada e perturbada, e Callan deixa a questão cem vezes pior quando ele cuidadosamente insere lentamente um dedo dentro de mim. Eu perco toda e qualquer capacidade de pensar com clareza. Na verdade, meu cérebro para de funcionar completamente.

— Diga-me que você não quer que seja meu pau, Coralie. Diga-me, e eu vou saber que você está mentindo. Eu posso sentir o quão apertada você é. Eu posso sentir o quanto você quer isso. — Ele desliza outro dedo em minha buceta, e eu não posso evitar mais. Meu corpo age de seu próprio acordo, e eu estou empurrando de volta contra ele, moendo contra sua mão.

— Isso é o que eu pensava. — Callan para de repente, retirando todo o contato. Um minuto ele está tão perto quanto pode estar, me tocando, dentro de mim. O próximo ele apenas... se foi. Eu choramingo, arqueando as costas, a minha pele em arrepios. — Tudo o que você tem que fazer é falar, bluebird. Tudo que você precisa fazer é pedir. Vou te dar o meu pau. Eu vou te dar tudo que você precisa e muito mais. Eu sei como cuidar de você. Você confia em mim?

É uma pergunta estranha: você confia em mim? Nós estivemos separados por tanto tempo. Eu mal o conheço mais. E, no entanto, eu faço. Conheço-o em um nível que ultrapassa a amizade ou mesmo família. Ele é simplesmente uma parte de mim, e então eu encontro-me confiando nele independentemente. Eu não deveria. Não é seguro.

— Coralie. Diga-me. Eu não estou brincando. Diga.

— Tudo bem. Tudo bem! Eu quero você. Porra, eu quero você, ok? — eu não posso acreditar que ele está me fazendo admitir isso. Sinto-me fraca e ao mesmo tempo poderosa. Callan soa como um animal selvagem quando ele me segura. Suas mãos são ásperas, puxando-me, me guiando de volta. Ele libera-me por um momento, e eu me viro. Ele

está puxando sua camisa sobre a cabeça, e eu estou de repente sobrecarregada com adrenalina. Eu estou realmente fazendo isso. Está realmente prestes a acontecer. Callan Cross está prestes a me foder. Ele chuta a calça e cueca para fora, puxando os dois para baixo ao mesmo tempo, e então ele está nu. Ele está nu e ele está de pé na minha frente, espalmado seu próprio pênis, rosnando baixinho. Ele é magnífico.

— Deite-se no chão e afaste as pernas, bluebird, — ele comanda. Sinto-me completamente fora de minha mente, mas eu faço isso de qualquer maneira. Callan está sobre mim, estudando cada último centímetro de mim. A expressão mais intensa em seu rosto. Ele sacode a cabeça, seus lábios curvando-se em um lado. — Você está prestes a gozar forte. — ele me diz. — Você não tem nenhuma ideia do caralho.

Ele me mostra, no entanto. Ele não toca minha buceta novamente. Ele detém-se sobre mim, ainda balançando a cabeça, e então ele bate-se dentro de mim. Ele é enorme, tão duro e rígido. Eu sinto que eu tive o vento batido fora de mim. Callan range seus dentes, triturando-os junto, enquanto ele lentamente empurra-se em mim. Eu posso sentir-me apertando em volta dele quando ele aumenta a velocidade, fodendo-me mais forte. Nenhum de nós vai durar muito tempo, eu posso dizer.

Callan sibila, praguejando quando eu cavo minhas unhas em suas costas. Logo eu estou ofegante, mal me segurando, e Callan está tremendo. Ele lambe e morde o meu pescoço, sugando duro, apertando meus seios enquanto ele empurra contra mim. Nossos corpos se encaixam perfeitamente; meu clitóris parece que está pegando fogo quando ele mói sua pélvis contra a minha, causando uma maravilhosa fricção.

— Porra, Callan. Eu vou gozar. Eu vou... — Falar se torna impossível. Minhas costas arqueiam no chão, Callan xinga. Ele pressiona a testa contra a minha, os olhos bloqueando nos meus, mandíbula apertada quando ele me fode ainda mais forte. Eu desmorono, obscurecendo minha visão enquanto meu orgasmo queima através de mim. Eu não posso respirar. Quando eu faço, é para gritar o seu nome, para suplicar e implorar-lhe para não me deixar.

— Eu não vou, bluebird. — ele sussurra em meu cabelo. — Não se preocupe. Eu não vou a lugar nenhum. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Doze

Callan

Friday

AGORA

Ela se foi quando eu acordei, e eu odeio isso. O toque desagradável do meu celular está explodindo em volume total. O rosto de Rae me cumprimenta quando eu vejo o identificador de chamadas. Deus sabe quando ela definiu essa foto para si mesma em meus contatos, mas ela está usando o mesmo rosto safado que ela usa quando eu estou fodendo ela, sua cabeça inclinada para um lado, os lábios ligeiramente separados, o cabelo espalhado em torno de sua cabeça contra o travesseiro. Eu não ficaria surpreso que ela estava se fodendo com um vibrador quando bateu a foto. Eu atendo a chamada, porque eu conheço Rae. Se eu não responder agora, ela vai me ligar a cada cinco minutos do resto do dia até que eu atenda.

— O que há? — eu digo ao telefone, apalpando meu pau. Eu não estou duro, mas meu pau está latejando como um bastardo. A noite passada foi uma loucura. Eu não fodi ninguém com esse tipo de intensidade em muito, muito tempo. Espero que Coralie tenha problemas para caminhar, onde quer que ela esteja.

— Ei lindo. Só pensei em checar, ver quando volta para casa? Acho que deixei minha roupa íntima em sua casa na outra noite.

— Você sempre deixa suas roupas íntimas na minha casa.

— Eu sei. Mas estas eram boas. Eu quero de volta.

Eu gemo, esfregando os olhos. O relógio na minha mesa de cabeceira diz que é uma da tarde; O sol estava chegando quando

Coralie e eu terminamos nossa aventura mais cedo. Eu definitivamente não me sinto como se tivesse sono suficiente. — Rae... Eu não sei o que dizer a você. Você pode pedir ao porteiro para entregar se você realmente quer de volta. Caso contrário, eu estarei em casa em uma semana ou assim. — Eu posso praticamente ouvi-la de mau humor na outra extremidade do telefone.

— Mas onde está a diversão em entrar. Se o porteiro me deixar entrar, você não estará lá para me foder.

— Pede ao porteiro que te foda. Tenho certeza de que ele ficaria mais do que feliz em agradar.

— Hmm. — Rae faz uma pausa, como se estivesse considerando isso como uma opção. Ela provavelmente está. — Tudo bem então, Cross. Eu vou te ver quando você chegar em casa. — Ela desliga, a linha fica em silêncio. Levo um segundo para pensar em chamá-la de volta e dizer-lhe para não foder o porteiro na minha cama, pelo menos, mas então eu desisto e me levanto.

Eu desço o andar de baixo em minhas boxers e meu coração explode fora do meu peito quando eu vejo uma figura sentada na mesa da sala de jantar. A princípio acho que é a Coralie. Mas não é. É Friday, de todas as pessoas, sentada à mesa, comendo cereal de uma tigela que eu não reconheço. Ela deve ter trazido de casa. — Jesus Cristo, Friday! Você me assustou pra caralho. Você trouxe seu próprio cereal para cá?

A velha não levanta a cabeça para olhar para mim. Ela coloca outra montanha de cereais em sua boca, franzindo as sobrancelhas, enquanto ela olha para frente da janela do outro lado da sala. — Você e aquela garota têm muitos fantasmas pairando sobre vocês, Callan Cross. Você sabe disso?

Friday sempre foi um pouco fora de si. Mesmo quando éramos jovens, ela dizia coisas estranhas sobre espíritos e o que ela chamava de — assombrações — Se alguém bebeu demais ou bateu em seus animais, ou falhou em um teste, foi porque eles foram vítimas de uma assombração. Era divertido quando criança ouvi-la falar, mas agora eu percebo que era apenas uma maneira de perdoar as falhas de alguém. Talvez erroneamente em alguns casos.

— Do que você está falando, Friday? — Eu passo por ela indo para janela, onde as cortinas estão parcialmente abertas, permitindo que apenas um estreito feixe de luz dourada entre na sala, a outra forma escura. — Eu não acredito em fantasmas. Eles não são reais.

— Claro que são garoto. — Friday fala em torno de sua comida. — Eles são tão reais quanto você e eu. Apenas menos... — Ela para de mastigar e olha para o teto, seu corpo imóvel, como se estivesse ouvindo algo. Depois de alguns segundos, ela encolhe os ombros e continua comendo. — Não consigo lembrar o que eu estava dizendo agora. Deixa pra lá.

Eu estou com minhas mãos em meus quadris, observando-a quando ela leva mais comida a boca. — Não que eu não ame os hóspedes em casa, Friday, mas há algo em que eu possa ajudá-la?

Ela arqueia uma sobrancelha para mim, me olhando uma vez mais da cabeça aos pés. — Bem. Você poderia começar colocando algumas calças. É um começo.

É hilário pensar que a deixar entrar na casa está bem - Deus sabe por que eu até me preocupo em trancar a maldita porta, todo mundo parece saber onde a chave sobressalente está - mas o fato de ela então querer que eu coloque uma calça é quase demais para suportar. — Friday...

— Você pode ouvir alguma coisa? — ela pergunta, segurando uma mão. Ela usa o mesmo rosto vago que ela fez há um momento. — Parece alguém rindo lá em cima, garoto. Uma mulher. Tem alguém lá em cima?

Eu fiz uma varredura muito boa do andar de cima quando eu levantei só para ter certeza de que Coralie não estava no quarto da minha mãe ou algo assim, mas ela não estava. E mesmo que ela estivesse lá em cima em algum lugar, duvido muito que ela estaria rindo sozinha agora. — Eu juro, eu estou sozinho aqui. Ou pelo menos eu achava que eu estava antes de eu vir para baixo e encontrar você aqui. E para constar, eu não posso ouvir nada.

Friday aperta os lábios. — Dizem que as pessoas perdidas ouvem enquanto envelhecem. Parece-me que eu ouço mais e mais. — Ela coloca outra colher de cereal em sua boca, grunhindo — Eu vim ver se você a levou para entrar naquela casa. — ela murmura.

— Para próxima porta? Não. Como eu poderia? Como posso fazer com que ela faça alguma coisa? Você a viu na noite passada. Ela não quer nada comigo.

Friday aponta sua colher para mim, arqueando uma sobrancelha em uma curva selvagem. — Não seja grosseiro comigo, garoto. Eu a vi correndo fora daqui esta manhã, antes do sol. Eu sei que você a viu depois que vocês estavam discutindo como crianças em minha casa.

— E ainda assim você ainda pensou que eu tinha outra mulher lá em cima?

Ela balança a cabeça um pouco. — Não é da minha conta o que as pessoas querem fazer. Hoje em dia, vocês, pessoas de Nova York... o bom Senhor sabe o que se passa na grande cidade. O que é inaceitável aqui pode ser muito bem lá.

Debater a moral do século XX com uma mulher em posse de uma mentalidade do século XVIII é uma tarefa inútil e cansativa. Eu me escoro contra o encosto da cadeira oposta a Friday e dou-lhe um olhar severo. — Por que eu persuadiria Coralie a ir ao lado, Friday? Não há razão para ela fazer isso. Não há razão para se sentir pior do que ela já se sente, apenas por estar de volta aqui.

— É importante. — ela responde. — Ela tem que enfrentar o que aconteceu lá, garoto, caso contrário ele vai pendurar sobre sua cabeça como uma espada pelo resto de seus dias. Ela nunca vai avançar. — Aponta a colher.

— Talvez você devesse falar com ela então. Vá com ela. Eu duvido muito que ela me queira com ela.

Friday dá-me um olhar que implica a minha falta de QI. — Seja esperto, rapaz. Que bom eu seria, enfrentar seus demônios com ela? Ele não era meu pai. Não era o meu relacionamento. — Ela faz uma pausa. Parece que ela está medindo suas palavras, tentando decidir o que dizer a seguir. Eventualmente, ela diz: — E também não era meu filho dentro dela, era?

Eu nunca fui eletrocutado antes, mas eu imagino que seria muito parecido com isso. Todas as terminações nervosas que eu possuo, mesmo aquelas que eu não sabia que possuía, estalam e disparam imediatamente da maneira mais dolorosa. Estou literalmente cansado por suas palavras. — Eu... eu não achei que alguém soubesse disso. Eu não achei que ela tivesse dito nada. — eu sussurro.

Friday empurra sua tigela de lado e sai da mesa. Ela faz o seu caminho para mim, lentamente, fazendo uma careta, como se o movimento a machucasse. Dado o seu tamanho crescente e idade, provavelmente não. Ela para na minha frente, estendendo a mão para que ela possa colocá-las em meus ombros nus. — Coralie nunca me negou nada, Callan. Não em todos os anos que eu ajudei a criá-la. Mas ela nunca me contou isso.

— Então, como...

— Há tantas coisas que podem ferir uma pessoa tão profundamente nesta vida, rapaz. Eu testemunhei aquela garota perder a mãe dela. Eu testemunhei ela sofrer nas mãos de seu pai. Mas quando ela saiu de Port Royal, era como se sua alma tivesse sido arrancada de seu corpo. Para Coralie, foi a dor final. E só perder um bebê pode fazer isso.

Treze

Coralie

Vida

NAQUELE TEMPO

— Jo sabe que estou aqui?

Durante os seis meses que estive entrando na casa dos Cross depois do anoitecer, nunca me ocorreu que a mãe de Callan talvez não soubesse.

— Mmm. — Callan diz, pressionando seus lábios contra o meu cabelo. — Sua furtividade e modo invisível são impressionantes. Mas sim. Ela sabe. Eu disse a ela. Espero que você não se importe.

Enquanto a maioria dos rapazes adolescentes estão fazendo qualquer coisa em seu poder para esconder as coisas de seus pais, Callan e sua mãe têm um relacionamento único. Vê-los juntos é muito especial. Sua dinâmica é mais de amigos próximos que o relacionamento entre mãe e filho normalmente. A primeira vez que eu conheci Jo, eu tive medo. Fique nervosa. Mas quando entrei na cozinha, as mãos entrelaçadas na minha frente, as unhas cavando em minha própria pele, ela colocou meu rosto em suas mãos e disse: — Linda garota, você se parece com sua mãe. Que presente. Que coisa maravilhosa que aconteceu. — e eu sabia que ia amá-la quase tanto como meu namorado.

Ela nunca perguntou sobre meu pai.

— Não. Eu não me importo. Será que ela importa? — Seria terrível se Jo decidisse que ela não aprovava minhas idas nas pontas dos pés para o quarto do filho dela de 17 anos bem depois da meia-noite.

Dormir na mesma cama que ele, tê-lo me segurando até que eu caia na inconsciência - é a única coisa que me mantém sã às vezes. É difícil não dizer a Callan a verdade. Se ele soubesse que meu pai me machucava, ele perderia a cabeça. Ele não seria capaz de aceitar isso, e eu não seria capaz de parar meu pai de lhe rasgar membro a membro quando ele fosse para casa confrontá-lo.

Claro, esconder as contusões é difícil. Mas Callan tem sido paciente, não me forçou nem uma vez. Está ficando cada vez mais difícil parar; Eu o amo mais do que qualquer coisa nesta vida. Quando suas mãos estão em mim, debaixo de minhas roupas, em meus seios, seus dedos me provocando debaixo da minha calcinha, eu quero muito mais. Quero me entregar a ele. Eu quero-o mais do que eu pensei que eu poderia querer qualquer coisa, contudo cada vez eu consigo pará-lo. Eu sei que se dependesse dele, Callan e eu teríamos dormido juntos meses atrás. Mas como eu disse, ele é paciente, ele é gentil... e por sua vez ele nunca viu a marca dos dedos pretos e roxos em meu estômago, nas minhas costas, no topo dos meus braços e minhas coxas.

Eu sinto que estou vivendo duas vidas: a vida onde eu sou despreocupada e fácil com Callan, na escola e depois do anoitecer, muito tempo depois que meu pai desmaia em uma névoa embriagada, e então a vida onde eu apanho e sou manipulada, empurrada e intimidada, permanentemente presa pelo medo de que um dia algo muito pior acontecerá.

Eu tremo fora de meus pensamentos, correndo meus dedos para cima e para baixo no peito de Callan quando eu deito com minha cabeça descansando em cima dele. Ele faz um som satisfeito, ligeiramente frustrado do contato, mas ele não se move para me tocar. — Eu estive pensando... — diz ele.

— Sobre?

— Sobre nosso pequeno desafio de fotografia. Acho que não devemos desenvolvê-lo mais.

— Veja. Eu disse que o meu seria terrível. — Eu me encolho, lembrando o fato de que a maioria das minhas imagens eram inteiramente pretas ou inteiramente brancas no início, sobre ou sob expostas ao ponto onde o foco do quadro era indiscernível. Callan tinha ficado espantado por eu ter sido capaz de conseguir isso com uma máquina descartável. Com o tempo, ele me ensinara o suficiente sobre iluminação para saber o que eu faria e não seria capaz de fazer, no entanto. A primeira vez que tínhamos desenvolvido uma de minhas

fotos tinha saído claramente, ele gritou tão alto que Jo tinha batido na porta do quarto, preocupada que algo terrível tivesse acontecido.

— Suas fotos estão incríveis, bluebird. — ele sussurra — Eu tive uma ideia ainda melhor. E se nós continuássemos esse projeto por anos? Devemos mantê-los até o nosso décimo aniversário juntos ou algo assim.

— Oh? — Eu rio. — E o que te faz pensar que vou ser capaz de tolerar você por dez anos?

Callan me empurra de brincadeira, apoiando-se para que ele se incline sobre mim, uma expressão escandalizada em seu rosto. — Oh, eu quero mais que dez anos. Eu quero muito mais. Eu vou ficar gordo e velho, e vou ter um pente ridículo como do Sr. Harrison de Biologia, e ainda vou esperar que você esteja tirando fotos para mim, seu demônio.

Ele me faz cócegas, e eu me enrolo em uma bola, tentando afastá-lo, não fazer xixi, e manter minha camisa para baixo, ao mesmo tempo. Milagrosamente, administro os três. — Eu nunca poderia estar com um cara que tem um pente. — eu ofego.

— Bem, então, eu acho que vou ter que conseguir uma peruca realmente ruim em vez disso. — Callan sorri para mim, enquanto ele se abaixa, seu corpo pairando sobre o meu. Ele me beija, lento e profundo, fazendo minha cabeça rodar. Ele sempre tem o gosto de ter escovado os dentes. Entre minhas pernas onde Callan se colocou, eu posso sentir o quanto ele me deseja. A primeira vez que eu o senti duro contra o meu corpo, enlouqueci um pouco. Nós só estávamos namorando por duas semanas, e beijar ainda era novo e surpreendente. Eu me afastei, e Callan estava tão corado que era quase cômico. Eu pensei que ele estava paralisado por constrangimento até que ele pegou minha mão e colocou em si mesmo através de suas calças.

— Isto é o que você faz comigo, bluebird. — ele sussurrou em meu ouvido. — Você me deixa louco.

E ele me enlouqueceu muitas vezes desde então. Eu sufoco um gemido enquanto ele moe contra mim, respirando pesadamente em minha boca — Um dia desses... — ele me diz, sua voz soando tensa. — Um dia desses... — Mas ele não pergunta. Ele não exige saber qual dia ele vai realmente ter. Há algo dentro dele que sabe que eu não estou pronta. Seu ser inteiro está de alguma forma sintonizado com o meu de uma forma que me assusta às vezes, porque eu sinto o mesmo com ele. Eu o conheço. Parece que há uma parte de mim que reconhece tudo o que ele já sentiu e sempre sentirá. Somos espelhos um do outro.

Estamos em uma estrada, uma estrada sem asfalto, e nós continuamos batendo em curvas depois de curvas, onde uma decisão precisa ser feita, e por sorte, por destino, ou pura força de vontade continuamos a tomar as decisões que significam que temos que ficar juntos. As decisões que significam que nós conseguimos permanecer espelho de cada um.

É assustador se sentir assim tão jovem. Pelo menos é o que a Friday me diz que eu deveria estar sentindo, de qualquer maneira. No entanto, não consigo reunir os níveis adequados de pânico. Estou muito aliviada por saber que Callan Cross é a outra metade da minha alma, e tive a sorte de ter nascido bem ao lado dele.

Ele morde o meu lábio suavemente, rosnando um pouco — Então, o que você acha? — ele pergunta — Continuamos a tirar nossas fotos. Daqui a dez anos, vamos revelá-los todas de uma vez? — Ele arrasta os dentes sobre o meu pescoço, rindo quando eu suspiro.

— Mas eu meio que gosto de ficar presa com você em um quarto escuro por horas. — digo sem fôlego.

— Não se preocupe. Ainda podemos fazer isso.

— Então claro. Acho que parece divertido.

Nós nos beijamos mais, mas Callan finalmente empurra para longe de mim, virando-me e puxando-me para ele, para que ele esteja me segurando por trás em seus braços. — Você percebe que eu me masturbo mais do que qualquer outro homem de dezessete anos na face deste planeta. — diz ele sonolento.

Nós adormecemos rindo.

Fico presa no meu caminho para fora da casa de manhã. É cedo, nem sequer seis ainda. Jo está normalmente adormecida, exausta por trabalhar em turnos tão longos, mas não esta manhã. Ela está sentada na mesa do café com as mãos envoltas em uma caneca de café enquanto eu tento deslizar silenciosamente para fora da porta da frente.

— Coralie? Coralie querida, você pode entrar aqui por um segundo, por favor?

Quase salto da minha pele. — Merda. Jo, desculpa, eu... não te vi aqui.

— Eu sei, menina. Desculpe, eu não queria assustá-la.

Eu estou tentando desfazer minha expressão assustada quando eu cautelosamente entro na cozinha, tentando não enlouquecer. Eu nunca deveria ter mencionado sobre Jo saber da minha estadia noturna ontem à noite. Se eu não tivesse, o universo, sem dúvida, não me embaraçaria assim agora.

— Eu sei que você precisa se preparar para a escola, — Jo diz. — mas há algo que eu queria falar com você primeiro. — Há círculos escuros sob seus olhos, e seu cabelo é um pouco bagunçado, caindo para fora do rabo que ela amarrou na parte de trás de sua cabeça. Ela está cada vez mais cansada. Não mencionei nada a Callan - não queria parecer rude - mas esta manhã ela parece ter corrido uma maratona e depois se recusou a dormir por uma semana.

— Certo. Claro. Se for sobre eu ficar...

— Não, não, não é isso. — Ela balança a cabeça, olhando para o fundo de sua xícara de café. O conteúdo interno reuniu um filme leitoso no topo; Duvido muito que o líquido ainda esteja quente. Ela pede para me sentar ao lado dela, o que eu faço, ficando cada vez mais ansiosa por segundo. — É outra coisa. — diz ela — Eu definitivamente não deveria estar falando com você sobre isso antes de Callan, mas eu só, eu não sei o que mais eu deveria fazer. — Lágrimas se juntam em seus olhos, os mesmos olhos castanhos, suaves, gentis que ela divide com seu filho, e um peso sombrio puxa meu interior. Eu sei o que ela vai dizer. Eu não tenho ideia de como, mas de repente eu sei que isso não é bom em tudo.

Jo respira fundo. — Estou doente. — diz ela. — Muito doente. Já estou por um tempo agora, mas eu... Eu queria esperar. Meu médico estava esperançoso que submeter a um tratamento de quimioterapia poderia consertar as coisas. Infelizmente... infelizmente, não foi esse o caso.

Sento-me imóvel, atordoada, incapaz de dizer qualquer coisa, piscar, engolir, até mesmo compreender vagamente o que ela está me dizendo.

— Eu pensei que seria melhor esperar até que eu soubesse exatamente quanto tempo eu tenho antes que eu disse-se a ambos. E agora, bem, agora eu sei. Meus médicos acham que ainda sobraram oito

meses. Talvez um ano se eu continuar com o meu tratamento. Não sei se posso...

Eu comecei a chorar, incapaz de me conter. Nenhum som sai da minha boca, mas eu sou atingida pela onda poderosa de tristeza que esmaga em mim. O rosto de Jo se enrugando em uma máscara de dor. Ela pega minha mão na dela, esfregando os dedos para cima e para baixo sobre a minha — Oh, doce menina. Doce garota venha aqui. — Eu colapso contra ela, chorando em sua camisa. Ela cheira a desinfetante e detergente. Lentamente escovando meu cabelo, ela sussurra coisas calmantes para mim enquanto eu me inclino contra ela, me perguntando como eu nunca notei como a pele de suas mãos são tão pálida, quase translúcida, fina como a asa de uma borboleta, e como ela sempre parece que está prestes a passar da exaustão.

— Sinto muito, Coralie. Eu realmente não posso dizer como estou arrependida. Eu realmente esperava estar no seu casamento. Ver você se casar com meu filho. Eu queria te ajudar quando você tivesse seu primeiro bebê com ele. Eu queria... — sua voz se choca em sua garganta, e ela não pode falar por um segundo. — Eu queria ver a... vida maravilhosa que vocês dois construiriam por si mesmos. Mas eu tenho esse sentimento de que... Eu vou conseguir ver de alguma forma. Oh Deus, me desculpe. Shh, vamos, agora. — Ela me empurra em seus braços, e eu estou inundado com essa terrível sensação de injustiça.

Nunca uma vez desde que minha mãe morreu eu senti o ressentimento por ela. Não de uma forma real ou significativa. Fiquei infinitamente triste por ela e por não ter estado por perto, mas eu nunca a odiei pelo que ela escolheu fazer. Ela não aguentava mais, e eu sempre entendi isso. Agora mesmo, estou tão furiosa com ela, no entanto.

Ela jogou seu carro de uma ponte, decidiu optar por sair de sua vida e dizer adeus a todos. Ela devolveu o presente de sua vida. E agora, Jo, a mulher que essencialmente me tratou como sua filha desde que a conheci, está me dizendo que está morrendo e que está triste porque não vai ficar por perto para todos os eventos monumentais da minha vida. Isso dói. Dói tanto, eu não sei como vou sobreviver a isso.

— Por quê? — eu pergunto — O que é isso? Por que não há nada que eles possam fazer? — O fato de que Jo é uma médica torna isso dez milhões de vezes pior. Parece que deve haver algo que os especialistas no hospital podem fazer por um dos seus. Eu sei que este é um pensamento ridículo, os médicos deixarem os tratamentos realmente

bons para as pessoas que eles gostam, mas ainda corre pela minha cabeça.

— Linfoma de Hodgkin. — Jo diz suavemente. — Pode ser difícil de detectar em seus estágios iniciais. O câncer havia se espalhado por todo o lugar antes que alguém soubesse. Não é culpa de ninguém, Coralie. Ninguém é culpado. É só... a vida. Parte da vida está morrendo, certo? Só estou indo por essa jornada um pouco mais cedo do que planejei.

Eu sinto um soluço estrangulado tentando trabalhar e subir e sair da minha garganta. Eu tenho que parar de respirar para me impedir de uivar e acordar Callan. — Quando você vai dizer a ele? Quando?

— Em um minuto. Depois que você partir. — Jo diz — Eu espero que você me perdoe por colocar isso em seus ombros antes dele, mas ele vai precisar de você agora, Coralie. Ele é forte e é corajoso, meu filho lindo, maravilhoso, mas ele não vai lidar bem com isso. Você... você acha que pode estar lá para ele quando... ele precisar de você? — Ela mal pode falar. Eu mal posso ver através das minhas lágrimas. Juntos, somos uma bagunça completa. Eu aceno, tentando sufocar a dor e o medo que estou sentindo enquanto Jo me aperta contra ela.

— Você é uma boa menina, Coralie. Você é uma alma doce. Eu vou odiar ter que dizer adeus.

Eu não aguento mais. Eu me desfaço de seus braços e corro para fora da casa antes que eu me perca totalmente. Do lado de fora, a chuva começou a cair, salpicando a calçada no caminho até a minha casa. Uma luz estranha e misteriosa se assentou sobre tudo, roxo e azul, zangado, como a aurora está doendo por Jo, e por mim, e logo por Callan.

Eu subo o cano de suporte do meu quarto, escalando através da janela aberta e me jogo em minha cama, tentando não fazer um som enquanto eu grito. Duas horas depois, estou rastejando para fora da casa, na esperança de não acordar o meu pai quando eu saio para a escola.

Callan não está esperando dois quarteirões de distância por mim como ele normalmente faz.

Ele não vai à escola por três dias.

Quatorze

Coralie

Como você me ama também

NAQUELE TEMPO

Todo ano, meu pai vai para uma reunião com seus velhos amigos militares. Duas semanas inteiras onde a casa permanece quieta e eu não salto a cada rangido e tensão que o velho lugar faz. Friday vem e traz o meu jantar à noite. Eu digo a ela que ela não precisa - eu cozinho todos os dias normalmente de qualquer maneira - mas ela diz que isso a faz feliz. Traz Algie, e ele rasga o andar de baixo da casa, derrapando por todo o lugar, com as unhas fazendo tap, tap, tocando sons nas tábuas polidas do chão.

Meu pai ama sua viagem. As semanas que antecederam sua partida estavam realmente bem; Ele não me tocou uma vez, e assim pela primeira vez em muito tempo eu não tenho uma única marca no meu corpo. Callan vem e me pega de manhã antes da escola, permitindo-se entrar na casa, e parece libertador de alguma forma, como se por apenas por um segundo eu fosse uma adolescente normal e meu namorado fosse permitido sair comigo, sem medo de ter suas bolas cortadas fora com uma faca enferrujada.

Nós estamos caminhando para casa da escola três dias depois que meu pai saiu, quando Callan dobra seus braços em torno de mim e me atrai para perto contra ele, me beijando na rua. Minha respiração parece como água, lentamente me enchendo, subindo do meu estômago todo o caminho até o topo da minha cabeça. Minha pele explode em arrepios, e Callan deve sentir a mudança em mim porque ele ri, esfregando as mãos para cima e para baixo meus braços. — Parece estranho, certo? Não se preocupar com o seu velho. — diz ele.

É estranho que não falemos muito sobre isso, mas papai lança uma enorme sombra sobre nós em todos os momentos. Callan tem

aceitado minhas respostas cortadas e firmes sempre que ele sugeriu que ele viesse e se apresentasse a Malcolm. Talvez eu não seja tão boa em mascarar meu terror miserável sempre que ele traz isso à tona, mas Callan nunca insiste. Ele deixa o assunto imediatamente, e dois segundos depois é como se nunca tivéssemos falado sobre minha vida doméstica.

— Isso parece certo, não é? É bom não ter que se esconder. — Callan diz em meu cabelo. Ele mordisca o lóbulo da orelha, juntando meu cabelo em ambas as mãos e varrendo-o pelas minhas costas, fora do caminho, então ele tem melhor acesso ao meu pescoço.

— Ainda estamos em público — digo, arquejando um pouco. — Nós ainda temos que observar as leis da decência comum. — Eu não quero que ele pare o que ele está fazendo, no entanto. Sua boca na minha pele parece tão boa. Mal consigo pensar direito.

— Observar as leis da decência comum? Parece que você tem cinquenta anos. — diz Callan, rindo. Mal sabe ele que a linha vem diretamente da boca do meu pai, que está perto o suficiente dos cinquenta. Ele diz isso o tempo todo quando vê pessoas de mãos dadas na rua. — Somos jovens. Somos novos. É esperado sairmos pelas ruas, fazendo as pessoas velhas se sentirem constrangidas. Eles também costumavam fazer isso, Bluebird. Garanto que a Sra. Lowercroft costumava ter os dedos dentro dela quando ela era uma adolescente.

Sra. Lowercroft, a mulher que ele se refere, está andando com seus sacos de supermercado em volta dos dois braços do outro lado da rua. Ela deve ter seus sessenta anos agora, cabelos feitos majestosamente com grampos e mechas cinza. Ela nos envia um olhar de relance bastante severo quando passa, saltos altos fazendo barulho batendo contra a calçada.

— Não há como ela ter deixado um garoto tocar sua vagina. — eu digo. — Aquela mulher é muito respeitável. O marido provavelmente ainda é virgem.

Callan dá uma gargalhada. — Eles tiveram um filho. Ele morreu porém, anos atrás.

— Mesmo? Eu não sabia disso.

— Sim. Ele tinha câncer. Ele tinha apenas vinte e três anos. Minha mãe me disse que ela tinha uma enorme paixão por ele. Ela chorou antes de dormir por dois meses depois que ele faleceu.

Eu posso imaginar Jo fazendo isso. Ela é uma pessoa tão empática. Ela sente tudo por todos. Sua própria dor deve ser de tirar o fôlego. Pobre Jo. Vamos pegar algumas flores no caminho de casa.

Cortamos caminho por detrás da Loja de Cigarros e saltamos a cerca para os campos, rindo como idiotas enquanto a Sra. Lowercroft permanece na esquina da 5ª com a Principal, nos observando como se tivéssemos perdido a cabeça. Eu ficaria preocupada que ela pudesse contar a meu pai sobre meu comportamento, mas ela sempre o odiou. Não importa o que eu faça, ela prefere fofocar com as amigas do que confrontar meu pai diretamente sobre a criança errante que ele criou.

A grama alta chicoteia nossas pernas enquanto Callan e eu corremos. Os campos estendem-se até o reservatório que minha mãe costumava me levar para nadar quando eu era pequena. O sol bate baixo, fazendo com que o suor brote e corra pelas minhas costas enquanto recolhemos ramos de Cosmos Amarelas, Manta Indiana, Limão-Menta e Susan de Olhos-Negros. Retiro a câmera descartável que Callan me deu na semana passada, esta deve ser a nossa sétima câmera agora, e fico atrás, tirando uma foto dele caminhando à minha frente, as flores seguradas ao seu lado, a mão livre para fora, descendo os topos selvagens de trigo e grama. Estou bêbada do sol e tão feliz que eu poderia estourar antes de chegarmos à água. Reflexos de luz fora da superfície plana do reservatório, o vasto e profundo corpo de água tão calmo que se parecia com um espelho.

Callan deixa cair sua mochila com livros no chão e coloca seu ramo cuidadosamente colhido de flores em cima dela. Quando se levanta, me olha maliciosamente. — Então? — ele diz.

— Então o quê?

— Vamos entrar? Está mais quente do que Hades aqui fora, e eu sei que você está morrendo para tirar a minha roupa. — Ele balança as sobancelhas.

— Você deveria ter tanta sorte, Callan Cross. — Eu o golpeio, mas minhas bochechas ficam vermelhas. Eu estou envergonhada. Eu quero tirá-lo de suas roupas, mas eu não sei como fazer isso acontecer. Eu não sou experiente. Não tenho ideia de como seduzir um cara. Quando nos encontramos e nos tocamos na casa de Callan, parecia secreto, como se não estivesse acontecendo porque está no escuro. Quando Callan me fez gozar com os dedos, estávamos nos abraçando como se tivéssemos nos afogando, tentando ficar à tona, e o milagre que ocorreu entre nós é sagrado, algo que não se deve falar.

Quando eu fiz Callan gozar pela primeira vez, eu estava tão surpresa que eu rolei e fingi estar dormindo. Tinha de ter sido ridículo. Callan riu suavemente em tom baixo e levantou-se para buscar um rolo de papel higiênico. Ele enrolou-se em volta de mim por trás e suavemente limpou seu sêmen do meu estômago e minhas coxas, e então ele beijou meu ombro e acariciou meu cabelo até que eu realmente adormeci.

— Friday vai ficar louca se eu chegar em casa molhada, Callan. — Eu deixo minha bolsa no chão ao lado dele, esperando para falar sobre isso, no entanto. Callan vê através de mim.

— Você não vai ficar molhada. Você estará seca quando retornarmos. Eu prometo.

— Eu não acho que eu deveria...

Callan dá um passo e cobre minha boca com a dele, suas mãos colocadas pesadamente uma em cima da outra na base da minha espinha. Ele me beija profundamente, mais intensamente do que quando ele estava me provocando com seus lábios na rua agora a pouco. Se a Sra. Lowercroft tivesse testemunhado isso, provavelmente teria chamado a polícia. Sua língua entra em minha boca, acariciando suavemente minha língua. Callan respira devagar, mas é uma respiração trêmula. Ele está tentando levar isso devagar, ser calmo e controlado, embora seus esforços não pareçam estar ganhando.

Suas mãos fazem o seu caminho para debaixo da minha camisa, dedos ligeiramente deslizando sobre as minhas costas enquanto eles vão para cima, para cima, para cima entre os meus ombros. Meu estômago está nu. O metal aquecido da fivela do cinto de Callan pressiona contra a minha barriga, e eu tenho a mais estranha reação ao contato. Eu tremo, a sensação começando no meu pescoço, viajando pelo meu peito e subindo pelas minhas bochechas ao mesmo tempo. Callan alcança através da gola da minha camisa e segura a base do meu crânio, seu polegar esfregando levemente sobre o meu lóbulo da orelha novamente.

— Você pode me parar. — diz ele. — Se você não quiser isso, pode me parar. Você sabe que vai ficar bem, certo?

Olho para ele e sei que ele está falando a verdade. Eu ouço o que as pessoas falam na escola; muitos rapazes no nosso ano estão tão determinados a ter sexo que intimidam suas namoradas a ter relações sexuais. Nunca é estupro, mas ao mesmo tempo não é uma decisão mútua. Não consigo imaginar Callan tentando me forçar a fazer nada.

Ele é forte e ousado, e tem uma boca inteligente, mas ele nunca me pediu para fazer qualquer coisa que eu estivesse desconfortável em fazer.

— Eu estou bem. — eu digo a ele suavemente. — Está certo.

— Bom. — Ele sorri para mim, mostrando os dentes, e meu coração acelera. Seu sorriso é coisa das lendas de Hollywood. Não é que seus dentes sejam perfeitamente brancos e perfeitamente retos, porque eles não são. É a maneira como seus lábios cheios se separam e então pressionam juntos, aquela covinha louca formando em sua bochecha. Faz minha própria boca doer, como se eu tivesse comido algo demasiado doce. Quando ele sorri para mim assim, posso dizer que está pensando coisas nefastas - parecendo que quer me devorar da maneira mais sexual. — Eu vou tirar minhas roupas agora. Todas elas. Se você ficar apavorada com o meu físico de Adonis, eu posso colocá-las novamente. Mas eu realmente gostaria de nadar pelado com você agora, Bluebird. E eu acho que você quer fazer o mesmo. Estou errado?

Sou tão covarde. Leva uns vinte segundos inteiros de eu mastigando meu lábio antes de eu acenar com a cabeça. — Certo, tudo bem. Nadar pelada. Eu posso fazer isso.

Callan sorri. Suas mãos deslizam para fora da minha camisa, e ele começa a se despir, começando com a fivela do cinto em sua cintura. Ele chuta os sapatos ao mesmo tempo em que ele puxa sua camiseta sobre sua cabeça. Callan dorme em camiseta e calções quando eu estou por perto, embora eu saiba que ele odeia isso. Esta é literalmente a primeira vez que eu estou vendo ele sem uma camisa, e eu estou chocada como isso me faz sentir: tonta, virada, excitada e assustada, tudo de uma vez. Callan cuidadosamente dobra sua camisa ao lado de sua bolsa e depois desabotoa seu jeans, chutando fora deles. Suas meias são as próximas. Ele fica ali com os dedos enganchados por baixo da cintura de suas boxers, e me dá aquele sorriso destruidor novamente.

— Pronta?

Eu encolho os ombros, como se isso não fosse grande coisa. Realmente é, embora. Eu o toquei, claro. Eu o senti crescer duro em minhas mãos, maravilhada com a sensação e a suavidade dele, mas eu nunca o vi nu à luz do dia. — Sim, claro. — eu digo agradavelmente. Minha voz se agita, porém, arruinando minhas esperanças de parecer imperturbável. Callan abafa mais risadas. Ele empurra sua cueca para baixo e sai dela, sorrindo timidamente. Ele tem uma ereção. Sua ereção

é enorme e está de pé, atenta, quase roçando contra o umbigo. — Desculpe. — ele diz. — Mas, você sabe... cara adolescente. Garota linda. Beijando e tocando. É certo que ia acontecer.

— Claro. Está tudo bem. — Estou tentando não olhar para seu pau com admiração. Há uma possibilidade muito grande de minha admiração parecer horror, e eu não quero que ele pense que eu estou assustada. Ele vai se vestir novamente em um instante e será isso. — Eu deveria... — Eu diminuo a intensidade. — Suponho que também deveria tirar minhas roupas — digo, me corrigindo. Perguntar a ele o que eu deveria fazer não é sexy. Tina me informou de forma confiável que os caras adoram mulheres confiantes, então é isso que eu deveria ser agora. O único problema é que eu não tenho ideia de como projetar uma mulher confiante, sexy, dado que eu tive zero experiências nessa área.

Eu disfarço o fato de que minhas mãos estão tremendo me movendo rapidamente enquanto eu removo minha camisa e meus shorts jeans. Eu hesito por um segundo enrolando com o fecho do meu sutiã.

— Ei. — Callan se aproxima, tocando meu braço. — Ei, Bluebird. Não surte. Olhe para mim. — Eu olho para ele. Ele está relaxado, sorrindo, sua pele banhada pelo sol, seus cabelos escuros parecendo quase caramelo pela luz quente. — Respire. Eu não estou indo a lugar nenhum. A menos que você queira que eu vá, claro.

Eu então rio, meus nervos acalmando um pouco. Eu inclino minha testa contra seu peito nu, exalando profundamente em um suspiro. — Desculpa. Você deve pensar que eu sou um acidente de trem.

— Um acidente de trem muito bonito. — ele me diz, me beijando no topo da minha cabeça. — Meu maravilhoso e belíssimo acidente de trem. — Ele me beija de novo, e lentamente tudo se funde. Eu ainda posso sentir meus nervos se afastando em algum lugar no fundo, mas eles se tornam fáceis de ignorar. Eu me derreto em Callan, me perco nele. Enquanto nos beijamos, ele desamarra meu sutiã e desliza as tiras sobre meus ombros, e eu não estou mais preocupada. Eu me levanto reta, desfrutando do sol em meu corpo quase nu. A temperatura aumenta uma centena de vezes quando Callan olha para baixo e examina o meu peito, no entanto. Posso sentir meu rosto ficando vermelho. Meus mamilos são picos, apertados e sensíveis.

Callan parece fascinado por eles. Ele toma meu peito direito, curvando-se lentamente para que ele possa pegar meu mamilo em sua boca. O calor é intenso e surpreendente, e é tão bom. Eu tremo enquanto ele acaricia sua mão sobre meu outro peito, beliscando e rolando meu mamilo entre seus dedos.

— Meu Deus, Coralie. Você é tão perfeita. Eu não posso suportar isso. — Todos os pensamentos sobre água e nadar pelados são esquecidos. Callan me põe na grama, que me parece espinhosa e seca debaixo de mim, meio que desconfortável, mas não me importo. Ele sorri, seus olhos dançando um pouco enquanto ele se abaixa ao meu lado. Curiosamente, ele parece um pouco nervoso. Ele põe a cabeça em seu braço, usando-o como um travesseiro, e ele me observa, movendo a mão lentamente para cima e para baixo em meu corpo. — Eu te amo. Você sabe disso, não é? Eu amo cada parte de você. — Ele sorri, cutucando meu ombro com a ponta de seu nariz. — Eu amo seus olhos loucos e estranhos. Eu amo seu rosto não simétrico. Eu amo a maneira como você olha as coisas, tentando descobrir como você vai pintá-las. Eu adoro o jeito que você sussurra quando está tentando se concentrar. E eu adoro a forma como você olha para mim, Coralie.

— Como eu olho para você?

— Como se você me amasse também. Como se houvesse coisas sobre mim que fazem seu coração inchar em seu peito. Como se você pudesse me amar o suficiente para estar comigo pelo resto de sua vida. — Ele pega um cacho do meu cabelo e torce suavemente em torno de seus dedos. — É assim que você se sente? — ele sussurra. — É isso que você quer?

Esta é a primeira vez que ele fala sobre amor. Tem sido uma palavra evasiva entre nós, mas nunca tinha passado em minha mente que nenhum de nós disse isso. Não era preciso dizer. Eu senti isso crescer cada vez mais forte a cada dia. Nunca duvidei por um segundo que Callan estivesse apaixonado por mim, assim como nunca duvidei que eu estivesse apaixonada por ele. Eu sinto uma pressão agradável em todo o meu corpo enquanto eu lhe respondo.

— Sim, é assim que eu me sinto. Eu te amo tanto, Callan. Eu nunca quero ficar sem você. Você acha que podemos fazer isso? Você acha que vamos acabar ficando juntos para sempre?

Callan me segura pela mão e beija meus dedos um de cada vez. Ele para no meu dedo anelar, mordendo-o gentilmente. — Eu me

casaria com você amanhã, Bluebird. Se você quisesse, nós descobriríamos.

Sinto-me tonta. Isto é muito para absorver de uma só vez. Callan sussurra suavemente enquanto ele beija minha mão novamente. — Claro, esperar até depois da faculdade é provavelmente uma boa ideia. — diz ele, seus olhos enrugando nos cantos. — Seríamos o pior estereótipo do sul, se chegarmos à nossa primeira turma como os casados da Carolina do Sul.

— Depois da faculdade, então. — Estou cheia de luz. É uma sensação tão estranha e desconhecida para mim - ser tão feliz. Eu nunca pensei que eu iria experimentar a alegria da vida da mesma forma que todos fazem. Não com o meu pai perto, de qualquer forma. Dias de mágoa e tristeza, infinitos, estendendo-se tanto quanto pude imaginar: era isso que eu imaginava para o meu futuro. Até Callan, era isso. Agora, eu ousa sonhar. Agora, eu fico acordada à noite, animada para o que o ano que vem trará para nós. Teremos terminado o ensino médio e vou ser uma adulta. Malcolm não terá mais controle sobre mim. Eu serei livre, e estarei com Callan.

Sua mão viaja deliberadamente pela minha barriga, onde ele encontra a faixa de renda no topo da minha calcinha. Ele não vai para debaixo dela no início. Em vez disso, ele se move mais para baixo, entre as minhas pernas, me tocando levemente sobre o material. Eu já estou molhada, o que é meio embaraçoso, mas parece que Callan fica excitado. Ele rosna enquanto aplica pressão, enviando ondas de calor, disparando através de meu corpo. Eu adoro quando ele me toca assim. Quanto mais excitado, mais possessivo e determinado ele se torna; A mesma coisa acontece hoje, exceto que agora eu posso olhá-lo nos olhos enquanto ele me beija. Eu posso ver como ferozmente ele se preocupa comigo quando finalmente puxa minha calcinha fora do caminho e empurra um dedo profundamente dentro de mim.

— Oh Deus. Porra, Callan. — Eu ofego, sentindo um pouco de luz. Sempre que ele empurra dentro de mim, eu sinto uma pressão poderosa se acumulando dentro de mim. É tão bom, mas eu posso dizer que vai beirar a dor se ele empurrar mais longe. Callan sente meu corpo tenso - ele deve, porque ele se afasta, acariciando a almofada de seu polegar sobre meu clitóris. Estou bem familiarizada com o meu corpo, tenho me tocado muitas vezes, mas é tão diferente quando Callan me toca. É mais significativo, mais poderoso. Isso me deixa louca.

Eu abro a mão e pego seu pênis na minha mão, lentamente movendo minha palma para cima e para baixo pelo comprimento dele,

apertando um pouco. Ele realmente parece gostar disso; ele empurra os quadris para frente, empurrando em minha mão, gemendo um pouco, e uma emoção de excitação corre por mim. Eu faço ele se sentir louco, pelo som das coisas.

Logo nós dois estamos respirando pesadamente, mãos vagando sobre os corpos um do outro enquanto perdemos nossas inibições. Callan balança os quadris para trás, afastando-se, o que me confunde até que ele diz. — Vá devagar. Lento. Se você não for, vai me fazer gozar.

Eu realmente quero fazer ele gozar, mas eu sei que não é o objetivo final aqui. Ele quer estar dentro de mim. Eu quero ele lá também, mais do que tudo, mas eu sou muito tímida para instigar isso. Felizmente Callan já deve saber disso. Ele se senta de joelhos, varrendo sua bolsa de livros até encontrar o que está procurando - um preservativo. Ele puxa um quadrado prateado brilhante de sua carteira e rasga-o, então rola em seu pau, observando-me o tempo todo.

— Parece que você já fez isso antes. — eu digo calmamente.

— Eu fiz. Cerca de cinquenta e sete milhões de vezes. Todos os caras praticam, Bluebird. Você ainda gostaria de ter relações sexuais comigo se a coisa caísse e me atingisse nos olhos enquanto eu tentava me vestir?

— Isso não seria sexy. — Eu rio, que mata os últimos remanescentes de minha ansiedade. Callan rola os olhos, mas fica sério um segundo depois.

— Eu não vou foder isso, está bem? — ele diz. — Isso vai ser perfeito, eu juro.

Eu acredito nele. Já é perfeito porque somos eu e ele, e nada poderia estar errado com isso. Ele me beija de novo, enganchando uma mão debaixo de mim na cintura para que ele possa me virar do meu lado. Ficamos deitados no chão, de frente para o outro, adorando um ao outro, acariciando e lambendo, sugando os lábios um do outro, usando nossos dentes. Nós acariciamos e agradamos um ao outro até que eu simplesmente não consigo mais. Meu cérebro parece parar de trabalhar completamente. Estou me esfregando contra Callan quando ele se posiciona e sobe em cima de mim, guiando-se entre minhas pernas.

Enrolo minhas coxas ao redor dele, e toda a situação começa a parecer muito real. Está acontecendo. Isso está acontecendo agora, e eu estou mais do que bem com isso. Callan respira fundo e me abraça com força. — Tem certeza?

Estou sem fôlego e um pouco atordoada, então apenas aceno. Há tanto amor em seus olhos. Eu posso sentir ele pressionando contra minha buceta, quase empurrando para dentro, e meu coração chuta em trabalhar demais. Lentamente, lentamente, ele começa a aplicar mais pressão...

De repente, sinto-me tão cheia. Era uma coisa ter seus dedos dentro de mim, mas este é um jogo totalmente diferente. Callan pragueja, pairando sobre mim, ficando imóvel. — Porra, Bluebird. Você é tão apertada. Maldita seja. — Ele aperta a mandíbula, fechando os olhos. Tenho certeza que ele nem sequer está na metade, e está começando a doer.

Tirar fora esta parte será uma porcaria. Eu envolvo meus braços em torno de Callan, cavando minhas unhas em suas costas. — Apenas faça, Cal. Por favor... — Ele sussurra, praguejando novamente. — Por favor, baby...

A segunda vez que eu imploro, ele continua. Empurrando para a frente, sinto resistência e depois dor enquanto ele empurra todo o caminho dentro de mim. Eu grito, e Callan me aperta contra seu peito, segurando-me, sussurrando coisas suaves e bonitas em meus cabelos, meu pescoço, minha orelha. Ele me segura assim até que a dor diminua. Por cima do ombro, minúsculos pássaros voam por cima, chamando um ao outro, girando e girando em manobras de caça.

Depois de alguns minutos, a dor aguda e abrasadora transforma-se num palpito maçante. Eu inclino meus quadris, testando, vendo o quão ruim será a dor se eu ficar contra ele. Surpreendentemente não é muito ruim. Callan geme enquanto me movo novamente, desta vez puxando para trás o suficiente para que eu possa sentir a fricção entre nós quando ele desliza para dentro de mim. Parece quente e cru e bom. Em cima de mim, Callan está fazendo o possível para não se mexer. Eu posso dizer pela forma como ele está segurando a respiração que isso é difícil para ele. — Deus, eu quero te foder tanto Coralie. Isso é tão difícil.

— Então faça. Foda-se, Callan. Por favor... eu quero você.

— Eu não quero te machucar.

— Você não vai. Você não vai. Por favor.

Isso é tudo que precisa. Callan vai todo o caminho para fora de mim, então, empurrado dentro com cuidado, e depois repetindo o processo. Ele não é brusco, embora eu possa dizer que ele quer ser. Eu

me movo contra ele, esmagando meus quadris contra os dele, encorajando-o a acelerar.

— Porra, Coralie. — ele sussurra as palavras entre os dentes cerrados, e então sopra duramente pelo nariz. Deus sabe por quê, mas sua necessidade me excita tanto. Mal posso me manter inteira enquanto balanço contra ele. Eu sei que ele está tão perto de gozar. Eu posso lê-lo em todos os lugares - na forma como os músculos em seus braços estão se contorcendo e tremendo. A maneira como seus olhos estão estreitos, mal sequer abertos. A propósito, duas linhas profundas se formaram entre suas sobrancelhas. E também pelo jeito que seu membro fica dentro de mim. Cada pequeno movimento, cada pequeno pulso envia uma onda de choque através de mim, e ele está ficando cada vez mais bruto a cada segundo.

Ele está se segurando, e eu não quero que ele se segure. Eu quero testemunhá-lo gozar, sentir isso acontecer dentro de mim, a fim de alimentar esse desejo insano que eu tenho de ficar tão fisicamente perto dele quanto possível. Eu me inclino para baixo e ao redor, torcendo meu corpo debaixo dele um pouco, assim eu posso segurar as bolas de Callan. É quase como se eu o tivesse eletrocutado. — Jesus Coralie. Você vai me fazer gozar se você fizer isso. Porra.

— Bom. — Eu não sei de onde veio essa garota secreta descarada, mas eu gosto dela. Arqueio minhas costas um pouco, escovando meus seios nus contra o peito de Callan, e eu cuidadosamente massajeio e provoco suas bolas enquanto ele me fode. Em alguns momentos, as costas de Callan também arqueiam e ele está enterrando seu rosto no meu ombro, gemendo quando ele chega ao clímax. Eu sinto tudo isso, e é incrível.

Ele se segura em mim e não vai me deixar. Não que eu queira. Nunca me senti tão ligada com ninguém em toda a minha vida. Antes que Callan chegasse, eu estava sozinha. Eu não tinha ninguém. Apenas o fantasma da minha mãe e caixas de memórias empoeiradas. Com ele na minha vida, tenho Jo. Eu tenho Tina e Shane. Eu tenho esperança.

— Eu te amo tanto. — eu digo, passando meus dedos levemente em seu cabelo.

— Eu sei que sim, Bluebird. Eu também te amo.

Três meses depois ele repete isso em meu cabelo quando eu finalmente tive a coragem de dizer-lhe que estou grávida. Estávamos protegidos. Éramos inteligentes. Mas às vezes, não importa o quão protegido ou inteligente você é, o destino tem outros planos para você.

Quinze

Coralie

Velocidade Terminal

AGORA

Velocidade terminal. Eu sei sobre velocidade terminal desde o ensino médio, mas eu nunca senti seu impacto em minha vida antes. Não diretamente.

A velocidade constante que um objeto que cai livremente atinge, quando a resistência do meio através do qual está caindo impede a aceleração adicional.

Essa é a definição que você terá quando procurar o termo no dicionário. Chega um ponto onde você está se movendo o mais rápido que pode ir, e as coisas ao seu redor que o impediram de aumentar a velocidade em direção ao seu destino já não têm qualquer relação com a sua trajetória de voo.

É assim que eu estou me sentindo agora.

Ben; minha carreira; Friday; minha necessidade de não ser uma completa fodida toda a minha vida - essas coisas me impediram de sair de controle desde que saí de Port Royal, mas agora nada parece mais importar. Eu nunca deveria ter dormido com Callan. Nada tem mais perspectiva. Nada mais importa. Eu poderia perder Ben amanhã e eu ficaria feliz com isso. Eu poderia nunca mais vender outra pintura e eu não iria perder o sono sobre isso. Mas agora, quando eu sair de Port Royal para o que eu espero ser a última vez, quando eu tiver que dizer adeus a Callan para o que eu sei que vai ser a última vez, será o fim do mundo para mim.

Eu ainda posso sentir os restos do álcool que eu bebi na noite passada zumbindo silenciosamente em minhas veias. Eu estou sóbria, mas de maneira alguma eu sairia ileso se passasse por um bafômetro, então eu deixo o Porsche onde está no estacionamento do hotel e tomo o meu segundo táxi do dia para o necrotério da cidade.

Eu tomei banho e troquei as roupas, mas devo parecer o inferno, porque a mulher atrás do balcão literalmente salta quando ela me percebe em pé na frente dela. Ela está usando uma camiseta com um disco-voador na frente, com o slogan 'Entre Perdedor,' o que parece estranho considerando o clima sóbrio que eu me encontro. Eu entrego a papelada do departamento da xerife e digo a ela porque eu vim.

— Ótimo. Obrigada. Agora, tudo o que precisamos que você faça é identificar os restos do seu pai e podemos liberar seu corpo. — a garota disco-voador me aconselha.

Eu a olho em branco. — Me desculpe. O quê?

— Sim. Tudo o que temos a fazer é que você veja o corpo e então possamos confirmar oficialmente que é o seu pai. Então o cara da funerária pode vir buscar o corpo e você pode organizar o funeral.

— Você tem que estar brincando comigo.

— Me desculpe, você não...? — Ela sai, parecendo perplexa. — Algumas pessoas acham terapêutico ver o corpo de seus entes queridos mortos? — diz ela. Sua voz sobe no final, como uma pergunta, como se ela já soubesse pelo olhar no meu rosto que está cometendo um erro grave ao sugerir uma coisa dessas.

— Eu não olhar o corpo. — eu digo.

— Bem, é apenas algo que temos que fazer para finalizar nossa papelada, Sra. Taylor. Desculpe, mas realmente não há como...

Eu me viro e saio do escritório. De jeito algum eu vou ficar parada só para ter a chance de olhar para um corpo frio, sem vida do homem que me atormentou por tanto tempo. Não vai acontecer. Lá fora no estacionamento, eu me dobro ao meio e vomito.

Eu não me sinto culpada. Não coloquei os dedos na minha garganta desta vez. Não aconteceu porque eu queria tomar o controle da situação. Aconteceu porque a própria ideia de ter que vê-lo novamente me aterrorizava. Estou tremendo quando eu começo a andar. O necrotério da cidade são uns bons vinte minutos de distância do centro de Port Royal, mas de alguma forma os minutos e os quilômetros

passam sem que eu perceba e acabo por me encontrar de volta na Main Street.

Eu não sei para onde vou. Eu não sei o que estou fazendo. Eu continuo andando até estar diante de Willoughby, a loja de ferragens que Callan costumava trabalhar há muito tempo. A família de Shane costumava dirigir o lugar; tenho certeza que eles ainda fazem. Eu entro, não tendo certeza o que planejava fazer, ver Shane após o desempenho da noite passada. Encontro ele encostado no balcão, com a testa encostada na viga de apoio ao lado. Seus olhos estão fechados, e para todo o mundo parece que está dormindo.

De repente eu me sinto muito boba. Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar no necrotério, gritando com a garota disco-voador até que ela concordasse em liberar o corpo de Malcolm. Eu deveria estar fazendo algo sobre o fato de que eu preciso sair desta cidade esquecida por Deus. Estou prestes a me virar e sair da loja quando Shane abre os olhos e sorri para mim, como se minha presença fosse esperada.

— E aí, Cora. — ele diz. — Eu tive essa estranha sensação de que ia te ver hoje.

— Você teve?

— Uhuh. Primeiro porque Callan estava no telefone, desesperado porque você desapareceu, e eu pensei, é... Ela vai encontrar seu caminho até aqui em algum momento. Nenhuma dúvida sobre isso.

— Ele lhe disse que eu fui lá ontem à noite?

Shane acena com a cabeça.

— Droga, eu o odeio.

— Essa é a maior mentira que eu já ouvi sair da sua boca, menina. E eu ouvi você contar algumas boas mentiras.

Anos atrás eu poderia ter ficado ofendida, poderia ter perguntado o que diabos ele quis dizer com isso, mas já passou tanto tempo que as mentiras que eu costumava dizer sobre por que eu tinha que estar em casa todas as noites, por que eu não poderia ir para as festas, de onde veio o hematoma estranho... que nada disso parece mais ser relevante, como a quantidade de tempo que passou desde que eu disse que estava tudo bem. Tomo seu comentário com calma.

— O que ele disse? — pergunto.

Shane se afasta de seu poleiro inclinado, me dando um olhar divertido. — Você quer saber o que um cara disse sobre você entrando em sua casa no meio da noite e se sentindo confortável em sua cama?

— Ele não te deu detalhes. — digo. — Ele nunca faria isso. Me refiro sobre a parte do desaparecimento.

— Ele estava chateado.

— Bom.

— E ele disse que iria te caçar e sequestrar hoje. E que ele ia te forçar a ouvi-lo até que todas essas besteiras fossem resolvidas.

— É um pouco tarde para isso, você não acha?

Shane sorri. — Você me diz. Parecia que vocês queriam arranhar o rosto um do outro lá na Friday, mas a partir do que ouvi, vocês dois ficaram um pouco mais acomodados nas primeiras horas da manhã.

Eu preferi ignorar essa farpa, também. — Eu estava surpresa. E bêbada. E triste. Este lugar... como diabos você ficou aqui por tanto tempo, Shane?

Shane suspira. — Eu tive uma explosão aqui quando era criança. Passei os melhores anos da minha vida pulando em riachos. Pegando sapos-boi. Escalando árvores. Conheci o amor da minha vida aqui. Eu me casei aqui. Eu tenho meu próprio negócio aqui. Estou prestes a ter o meu primeiro filho aqui. Por que eu iria querer ir embora?

Quando ele coloca as coisas assim, me faz parecer louca por querer fugir. É louco como uma jogada de dados e a sorte podem lhe dar uma experiência totalmente diferente na vida. Isso acontece o tempo todo. As pessoas nascem em países sem direitos humanos básicos, oprimidos, famintos e assassinados aos milhares sob a cobertura da escuridão, enquanto outros nascem em Beverley Hills, mimados além do normal, conhecendo apenas excesso e oportunidade. No microcosmo que é Port Royal, nascendo a duas ruas de mim, Shane teve a infância mais paradisíaca possível. Enquanto isso, eu perdi minha mãe, a mulher que tomou seu lugar, o cara que eu amava, minha inocência e boa parte de tudo que é bom dentro de mim.

Shane parece ter pena de mim. — Você sabe... nós éramos crianças, mas você poderia ter me contado. Você poderia ter contado a qualquer um de nós. Você não precisava passar por qualquer dessas coisas com seu pai por conta própria.

Eu olho para trás agora e eu sei que ele está certo. Era pura loucura que eu não confiasse em alguém, mas o abuso a longo prazo faz coisas estranhas à mente. Especialmente mentes jovens e impressionáveis, que só conheceram esse abuso. Eu aceno, olhando para os meus sapatos. Eu nem sei o que dizer a isso - qualquer coisa que eu possa lhe dizer é completamente inútil agora, anos depois do fato.

— Eles não liberarão seu corpo. — eu digo. — Não até que eu o identifique. E não posso ir para casa até o enterrar.

— Por que não? Se você está realmente tão infeliz, você deveria apenas deixá-lo naquele armário no necrotério. — Shane escova o cabelo para fora do rosto, linhas profundas se formando em sua testa. — Não é como se eles fossem mantê-lo lá para sempre, Coralie. Eles vão ter que colocá-lo na terra em algum momento.

— Se eu não tiver certeza que ele receba o funeral que ele quer, eu não pego as coisas da minha mãe. — eu digo cansadamente. — Ele nunca me deixou tê-las quando eu era mais jovem. Não me permitia vê-las, tocá-las, ficar com elas. De todos os jogos mentais que ele fazia, ele sabia que esse era o que me machucava mais. E ele ainda está jogando agora, mesmo depois de morto. Ainda tentando me controlar, me forçando a fazer o que ele quer, me dobrando à sua vontade.

— Porra.

— Sim. Então... Eu tenho que decidir se quero as coisas da minha mãe, ou se eu quero renunciar ao trauma de identificar seu corpo.

— Me desculpe por dizer isso, mas você não viveu sem as coisas de sua mãe nos últimos vinte anos, Cora? Seria tão ruim se você nunca os recuperasse?

Ele tem um ponto válido. — Não é nem mesmo sobre as coisas dela. São apenas livros. Sapatos. Vestidos. Coisas que eu não preciso para sobreviver. Mas se eu deixar ele vencer, como vou sobreviver a isso? Não haverá uma segunda rodada em algum lugar mais tarde pelo caminho. Não haverá outra hora para eu bater o pé frente a ele. Ele não será nada mais que um cadáver, apodrecendo no chão, e eu vou ficar presa sabendo que deixei ele tirar o melhor de mim uma última vez.

Shane anda em volta do balcão e coloca seu braço sobre meus ombros. — Então parece que você sabe exatamente o que precisa fazer. — diz ele.

— Sim. Talvez. Mas não hoje, embora. Eu simplesmente não tenho isso em mim.

Dezesseis

Callan

Paciência

AGORA

Eu não sou um homem paciente. Eu não gosto de esperar pelas coisas, nunca gostei, e estive esperando por Coralie por mais da metade da minha vida adulta. Eu a vejo saindo da casa de Willoughby, a cabeça baixa, os olhos fixos na calçada na frente dela, e eu tenho que lutar para ficar um pouco mais paciente. Correr pela rua para conversar com ela, simplesmente para que ela me olhe nos olhos, para estar perto de mim, está tudo bem. Mas no que vai ajudar?

Ela obviamente entrou em pânico esta manhã. Se ela não tivesse, ela não teria levantado e saído antes que eu acordasse. Seria mal aconselhado de minha parte se eu comesse a persegui-la nas ruas de Port Royal, quando ela precisa de algum espaço para processar. Eu a deixei ir. Todo o tempo que ela se afasta, eu estou coçando por dentro, nervoso com a ideia de que ela poderia apenas pegar um avião de volta para Los Angeles a qualquer momento, e eu vou estar de volta onde comecei, quilômetros de distância dela e ainda transtornado por causa disso.

Shane sai de Willoughby não muito tempo depois que a figura de Coralie desapareceu de vista. Ele vem diretamente para mim – que ao contrário de Coralie, deve ter me visto encostado ao enorme carvalho vivo que costumávamos escalar quando éramos crianças.

— Tudo que você precisa é de um sobretudo e um par de binóculos e você vai realmente ser um especialista. — ele me diz.

— O que isso deveria significar?

— Você está realmente canalizando seu stalker interior agora. Isso é o que significa. — Shane me entrega uma cerveja, e então toma

um gole profundo de sua própria garrafa. Eu tinha esquecido como era aqui, um lugar comum para as pessoas ficarem nas esquinas, tagarelando enquanto ficam lentamente bêbadas e bêbadas. Tomo um gole, olhando para longe, uma cópia de carbono de Shane.

Ele olha para mim com o canto do olho. — Se o pai de Coralie escondeu as coisas da mãe dela, onde você acha que essas coisas podem estar agora? — ele pergunta.

— Eu não tenho ideia. Como ele vai devolver isso a ela? Ele está morto.

— Bem, seu advogado lhe diria onde está, certo?

— Sim. — Eu penso sobre isso. — Então certamente o advogado o teria, certo?

Shane acena com a cabeça. Bebe sua cerveja. — Vou fechar a loja esta tarde. Acho que devemos pagar uma visita para Ezra Mendel.

— Não tenho a liberdade de discutir isso com vocês cavalheiros. Desculpe, mas só estou aqui para garantir que os desejos do meu cliente sejam cumpridos. — Ezra tem esse olhar nos olhos dele. Ele sabe que Shane e eu provavelmente não somos os tipos de caras que sairiam do seu pequeno escritório com esse tipo de resposta. Shane é um maldito ursinho de pelúcia, mas também é um ator bem decente. Ele fez o Peter Pan na produção escolar três anos seguidos porque todos os outros garotos de Port Royal High eram terríveis. Agora, ele parece um vilão de um filme de Guy Ritchie.

Eu sou o que avança, embora. — Seu cliente está morto Ezra. Nós estamos na sua frente, bem vivos, bem chateados, pedindo para nos fazer um favor. Por que você não nos faz um favor e nos dá o que queremos?

Ezra sacode um dedo para mim, um sorriso nervoso brincando sobre seu rosto. — Não podem me ameaçar cavalheiros. Eu sei como vocês dois são. Assim que saírem daqui, vou ligar para a xerife, podem contar com isso.

Eu me viro para Shane, fingindo confusão. — Eu não entendo. Ele continua nos chamando de cavalheiros. Eu nunca fui acusado disso antes. Você já?

Shane sacode a cabeça. — Não. Psicopata, talvez. Lunático. Mas nunca cavalheiro.

Eu passei pela casa e peguei o taco de beisebol antes de nos dirigirmos para o escritório de advocacia de Mendel, e o velho está olhando para ele agora como se fosse uma cobra enrolada, pronta para atacar. Em lealdade a ele, eu estou girando em minhas mãos como se estivesse pensando em usá-lo a qualquer momento. — Ah, não se importe comigo. Eu estava apenas dizendo para o meu amigo aqui como seria muito divertido ir esmagar algumas bolas. Depois que terminarmos aqui, é claro. — Eu olho para a virilha dele, certificando-se de que ele saiba exatamente quais bolas eu estou me referindo, no entanto. Ezra olha para o telefone em sua mesa, o pânico escrito em todo o rosto, mas Shane e eu somos uma parede de músculos em pé entre ele e sua linha de vida. Não tem como ele fazer chamadas sem passar por nós primeiro, e, bem... isso não vai acontecer.

— Eu estaria quebrando tantas leis se eu lhe desse as posses do Sr. Taylor sem sua permissão. — diz Ezra. — Eu não tenho o direito de fazer isso.

— E o Sr. Taylor não tinha o direito de abusar fisicamente de sua filha por dezessete anos. Não há muito a ser feito sobre isso agora, no entanto, há? Eu diria que a redistribuição de algumas caixas de roupas é uma boa reviravolta, não é?

— Eu não sei onde você ouviu isso, Sr. Cross, mas...

— Callan. Me chame de Callan. Somos todos amigos aqui, certo?
— Eu bato o bastão contra a minha palma.

— Sim, claro. Callan. Conheci Malcolm Taylor por vários anos. Eu lhe asseguro, embora ele tenha sido um homem bastante severo, eu realmente não acho que ele teria levantado uma mão para a sua fi...

Nem sequer consigo ouvi-lo terminar sua frase. Eu levanto o bastão acima da minha cabeça e o coloco para baixo em cima de sua mesa. O local é preenchido com o som de estilhaços de madeiras e plásticos quebrando. Sinto meu sangue batendo em minhas veias, muita pressão na minha cabeça enquanto tento me acalmar. — Se você sabe o que é bom para você, — eu grito. — não vai dizer mais uma

palavra sobre Malcolm Taylor. Agora, onde diabos estão as coisas de Coralie?

Ezra Mendel engole, seu pomo de Adão balançando descontroladamente em sua garganta. Shane ri com a respiração, olhos arregalados, como se ele não pudesse acreditar no que eu acabei de fazer. — Jesus Cristo Cal. — ele sussurra.

— Eu estou prestes a realmente perder a minha mente, Ezra. Destruição intencional de propriedade não é algo que eu me importo em minha ficha. Neste momento eu provavelmente não me importo com assalto, tampouco. Fui claro?

Ezra tropeça em seus próprios pés enquanto ele se desliza ao nosso redor, procurando a gaveta superior de sua mesa. — Sim. Sim claro. Aqui. Aqui, pegue isso. — Ele estende uma chave para Shane, ficando tão longe de mim quanto humanamente possível no processo. — Tem um armário lá em baixo. As caixas estão marcadas.

— Obrigado Ezra. Isso não foi tão difícil, foi? — Nós o deixamos lá, abraçando a parede, branco como papel.

Shane me empurra no ombro enquanto abro a fechadura acima no nível da rua. — Você sabe que ele está falando sério sobre chamar a polícia. — diz ele.

— Ele não vai chamar ninguém. Seu orgulho não deixa. — Dentro do armário, encontramos o que estamos procurando e carregamos as caixas até a picape de Shane. — Você se importa de parar no necrotério da cidade no caminho de volta? — eu pergunto. Shane faz uma pausa, me dando um olhar cauteloso.

— Por quê? Não pode esmagar ninguém no necrotério, Callan. É um prédio do governo. Não funciona assim.

— Não se preocupe, eu não vou esmagar mais nada. Só vou ter uma palavra tranquila com eles.

— Porra. — Shane parece prestes a ter um colapso nervoso. — Você sabe, se você me fizer ser preso, Tina vai castrar você. E então ela vai me castrar, e eu gosto do meu pau, cara.

— A ideia me ocorreu, sim. Eu prometo, ninguém será preso.

Apesar disso, deixo Shane no carro no necrotério. Se esses caras não me derem o que eu quero, eu poderia ser tentado a fazer uma cena, afinal, e eu realmente não quero excitar a ira de sua esposa grávida.

Ameaçar as pessoas com bastões de beisebol e gritar com os funcionários do necrotério não era como eu imaginei que seria hoje quando acordei mais cedo, feliz pra caralho, ainda pensando que Coralie estava na cama ao meu lado. Quando abro a porta do necrotério, uma garota aturdida, de vinte e poucos anos, olha para mim, piscando através de seus óculos de fundo de garrafa, como se estivesse sendo pega assistindo pornô.

— Uh, posso ajudá-lo?

— Sim. Preciso identificar o corpo de Malcolm Taylor.

Ela me olha sem entender. — Você é um membro da família?

— Não.

— Então sinto muito senhor, mas...

— Por quanto tempo você quer ficar trancada naquele congelador lá atrás... — Eu varro sua camiseta estranha de disco-voador, tentando encontrar uma etiqueta com nome. Não há uma.

— Raynor. — ela diz.

— Raynor.

— Nós legalmente temos que segurar um corpo não reclamado por sessenta dias antes que possamos liberá-lo para o enterro.

— Certo. Então você quer que eu venha aqui todos os dias por dois meses, assediando você, fazendo a mesma pergunta, manhã, tarde e noite? Porque é isso que vai acontecer.

— Uh... Eu não...

— Raynor, o que acontece se houver um corte de energia aqui? O que acontece com todos os corpos?

— Temos um gerador de backup que mantém tudo refrigerado. — diz ela lentamente.

— E se isso falhar? Quem chega primeiro de manhã para encontrar carne humana deteriorada e derretida no assoalho? E quão ruim seria esse cheiro no auge do verão?

Raynor se afasta de trás de sua mesa, o horror puxando suas feições em cinco direções diferentes. — Isso seria muito, muito ruim. — diz ela.

— Então talvez você escreva nos seus formulários que eu sou o filho de Malcolm Taylor, e você me leva para ver sua carcaça azul gelada e enrugada antes de eu ir procurar uma caixa de fusíveis.

Pobre, pobre Raynor. Ela parece confusa. — Eu não sei se eu posso fazer isso.

— Certamente você pode. Você é responsável pela papelada, certo?

Ela assente com a cabeça.

— Então é uma simples questão de cruzar alguns falsos I's e pontilhar alguns falsos T's. — Eu aplico meu mais encantador, o mais bastardo sorriso - aquele que eu sei que as mulheres caem, por alguma razão estranha e masoquista - e um sorriso minúsculo flutua sobre o rosto de Raynor em resposta. Deus, eu não tenho ideia de como as meninas podem olhar para o cano de uma arma carregada e ainda bater seus cílios como se fossem cegas para o perigo em que se encontram.

— Uhhh... Okaaaay, mas quero dizer, eu realmente não deveria. Isso poderia me colocar em um monte de problemas.

— Eu não vou dizer uma palavra a ninguém Ray Ray, eu juro.

Ela parece esquecer tudo dos últimos três segundos atrás em que eu estava insinuando que iria transformar os residentes atuais do necrotério em gosma se eu não conseguir o que quero. Em vez disso, ela entrega alguns documentos para preencher enquanto ela chama os técnicos do necrotério, pedindo-lhes para preparar o pai de Coralie para o reconhecimento.

Eu tenho que esperar vinte minutos antes de um cara em um avental aparecer através das portas duplas atrás de Raynor e fazer gestos para eu segui-lo.

O local em que fui levado é frio e estéril. Não há nada aqui além de uma maca de metal, com a forma irregular de um corpo expirado em cima dele, que é coberto com uma folha de papel azul pálido. O cara que me conduziu aqui para baixo limpa sua garganta e dobra suas mãos enluvadas de borracha na frente dele. Ele está usando óculos de segurança, como se ele ocasionalmente ficasse salpicado na cara enquanto executa o seu trabalho.

— Deixe-me saber quando você estiver pronto. — diz ele.

Eu colo minhas mãos em meus bolsos. — Sim. Eu estou pronto.
— Eu sorrio firmemente para ele, balançando nas pontas de meus pés.

— Tem certeza de que não precisa de um momento para recolher seus pensamentos? Isso pode ser uma experiência traumática para algumas pessoas, especialmente se não tiverem certeza do que esperar.

— Não. Entendi. Palidez mortal. Lábios azuis. Pele encerada. Vamos fazer esse show.

Do olhar em seu rosto esse cara acha que estou louco, mas ele cuidadosamente, lentamente tira a folha de papel cobrindo a parte superior do corpo de Malcolm e dá um passo para trás para que eu possa ver.

Malcolm, o bastardo, parece praticamente o mesmo da última vez que o vi, apesar de sua coloração. Sem vida, ele parece menor de alguma forma. Talvez tenha encolhido nos últimos anos. Ainda tem a mesma torcida cruel de sua boca. Ainda tem a mesma ruga cruel entre suas sobrancelhas. Eu me inclino para baixo, tão perto como qualquer um deve se inclinar sob os restos velhos de um homem morto, e estudo o que sobrou dele. Ele causou tanto sofrimento a Coralie. Física e mentalmente. Ele arruinou as coisas para nós de muitas maneiras. Estou de repente dominado por uma enorme e terrível sensação de ódio que não consigo manter dentro de mim. Eu pigarreio e cuspo em seu rosto. A saliva corre por sua bochecha direita, descendo por sua pele petrificada, até que escorre para sua orelha. A indignidade daquilo me faz sorrir.

— Com licença senhor. Você não pode fazer isso. Você não pode cuspir...

— Está tudo bem. Pode marcar as caixas e me dar a papelada que preciso. Terminamos aqui.

Dezessete

Coralie

Pontas soltas

AGORA

Dois dias passam. Eu ando ao longo do estreito fio de rio que serpenteia preguiçosamente através de Port Royal, recusando-me a por o pé em Main Street. Vejo as chamadas de Ben. Eu não tenho a energia para lhe enviar uma mensagem de texto e dizer-lhe que estou bem. Eu nem tenho força de vontade para fingir que ainda o amo e quero estar com ele. Estranhamente, tenho a sensação de que ele sabe a verdade. Ele para de chamar eventualmente.

Passo horas imaginando-o fodendo alguma outra garota na cama que compartilhamos na Califórnia, que é o que eu suspeito que ele esteja fazendo, e não sinto nada. Talvez alívio. Certamente não ciúmes ou tristeza. Eu sei que não é normal, dado o fato de que estamos juntos há tanto tempo, mas aquela coisa com Callan supera Ben. Ela substitui tudo.

Passaram cinco dias desde que cheguei em Port Royal, e eu não consegui nada. Além de entrar em brigas e ficar com raiva a maior parte do tempo, parece que estar aqui tem sido uma perda de tempo.

Estou sentada nas margens do rio, perdida nos meus pensamentos, perdida em lembranças de mim e de Callan, de nossos poucos verões passados juntos aqui, tirando fotos, brincando e me apaixonando, quando Sam o sacerdote aparece do nada, coberto de suor. Ele está vestido para sua corrida novamente, shorts e uma camiseta. O homem, aparentemente, nunca faz qualquer serviço de sacerdote, tanto quanto posso dizer.

— Coralie? Coralie Taylor? É você. Perfeito!

— É? — Eu olho para ele, protegendo meus olhos do sol.

— Sim, com certeza. Eu queria falar com você sobre os arranjos de flores. Eu sei que seu amigo disse que era inteiramente comigo, mas isso me parece um pouco estranho para falar honestamente. Malcolm estabeleceu instruções muito específicas, mas normalmente os entes queridos do falecido querem desempenhar algum papel na organização do serviço.

— Eu pensei que eu não poderia mexer em nada ainda. Não até... não importa. — Estou tão farta desse jogo ridículo. — Espere, um amigo?

Sam sorri amplamente para mim. — Seu amigo do cemitério. Sr. Cross. Ele passou com o diretor de funeral no outro dia e marcou um encontro. Próxima segunda. Isso é... — Seu sorriso desliza. — Isso é o que você queria, não é? Ele parecia muito inflexível, que você queria que o serviço acontecesse o mais rápido possível.

Não posso acreditar. Eu não tenho ideia de como Callan conseguiu fazer as coisas andarem com o funeral de Malcolm, mas eu me sinto leve de repente. E conflituosa. Ele não deveria andar por aí, fazendo planos atrás das minhas costas, mas estou tão grata por ele ter ido. — Não, não, isso é perfeito. Mesmo. Você realmente pode fazer o que quiser sobre as flores. Callan tinha razão.

Sam acena com a cabeça, embora ele pareça um pouco inseguro de si mesmo agora. — Se você precisar de mais tempo...

— Não! Eu definitivamente não preciso de mais tempo. Obrigada, Sam. Eu passarei pela igreja mais tarde para deixar um cheque para o que for preciso pagar.

Sam sai correndo novamente, encaixando um fone em sua orelha direita. — Não precisa. — ele chama por cima do ombro. — Seu amigo cuidou de tudo.

Encontro Callan no quintal de trás da casa de sua mãe com uma moto serra em suas mãos. Ele não me ouve com o grunhido alto da máquina. Sua velha Leica está no degrau de trás sozinha, e assim que a vejo, sou atingida por um fluxo de lembranças. Eu não posso acreditar que ele ainda a tem. Ele a possuía muito antes de me conhecer. Ela já deveria estar caindo em pedaços por agora. Eu me sento no degrau de

trás, despercebida, e eu pego a câmera. Eu mal me lembro de qualquer coisa que Callan me ensinou, mas eu sei o suficiente para alterar as configurações de luz, concentrar a lente e tirar uma foto dele quando ele se move rapidamente em torno do jardim, cortando os arbustos e arrancando as plantas velhas que sua mãe costumava cuidar tão amorosamente.

Eu tentei não reparar, mas o fato de Callan não estar vestindo uma camisa e há suor correndo em rios pelas costas é difícil de não olhar. Ele não está tão bronzeado como costumava ser quando andávamos em Port Royal mal usando qualquer roupa. Nova York não me parece o tipo de lugar onde as pessoas andam sem blusa. Eu o vejo trabalhar, alheio ao fato de eu ter me juntado a ele, e eu tomo um segundo para admirá-lo.

A outra noite foi frenética e apressada. Não podíamos esperar para tirar as roupas um do outro. Eu não tive tempo de apreciá-lo, maravilhar-me com as linhas fortes e musculosas de seu corpo. Para apreciar o quanto ele cresceu desde a primeira vez que ele tirou as suas roupas e ficou diante de mim em toda a sua glória descarada.

Agora, há duas covinhas profundas na base de sua espinha, uma em cada lado, onde as linhas de suas costas arqueiam para encontrar suas omoplatas. Eu vejo seus músculos mudarem e flexionar enquanto ele trabalha, e eu não posso parar, encontro-me a relembrar a forma como nos encaixamos e como ele me fodeu na outra noite. Seu corpo é fenomenal. Eu já vivi na Califórnia o suficiente agora para ser ligeiramente imune a caras com um corpo sexy - há centenas deles literalmente em todos os lugares - mas este é Callan. Este é o homem que eu me apaixonei quando era realmente apenas um menino. Sempre será diferente com ele.

— Você vai ficar sentada aí, me espionando e tirando fotos, ou vai me trazer um copo de água? — Callan grita. Então estou presa. Devia ter sabido que ele teria seu olhar periférico firmemente fixado em sua preciosa Leica. Com cuidado pouse a câmera dele e me levanto. Eu deveria dizer algo, tenho certeza. Eu tinha sido terrível com ele a última vez que nos vimos, e parece que ele tinha estado muito ocupado resolvendo a minha vida por mim desde então. Ele não precisava fazer isso. Por direito, ele deveria ter estado no primeiro voo de volta para Nova York, e eu ainda estaria pensando em como resolver toda essa bagunça.

Ainda não posso lhe agradecer. Eu não posso dizer nada, então eu escovo minha saia e sigo pela porta traseira da cozinha para lhe

buscar a água. Minha respiração fica presa na minha garganta quando vejo as caixas de papelão empoeiradas, empilhadas uma sobre a outra na mesa da cozinha.

— Oh meu Deus. — Eu coloco minhas mãos sobre minha boca. Já se passou muito tempo, mas eu reconheceria aquelas caixas em qualquer lugar. As coisas da minha mãe. Como? Como diabos ele conseguiu?

Eu giro em volta, prestes a correr para fora e perguntar a ele, mas eu não posso porque ele está bem ali, de pé atrás de mim, coberto de suor, sua presença silenciosa se elevando sobre mim. — Você pegou para mim. — eu sussurro.

— Eu peguei.

— Como?

Ele coça a parte de trás do pescoço, formando uma covinha em sua bochecha. — Eu pedi com educação. — ele diz isso de uma maneira que me leva a acreditar no contrário, no entanto.

— Eu não posso acreditar que você as recuperou.

— Não tem de que.

— Por quê? Eu não entendo. Por que você se preocupou em organizar o funeral se você já tinha feito isso?

Eu conheço todos os tiques de Callan como a palma da minha própria mão. A memória deles foi enterrada, porém, deslocada sob anos e anos de peculiaridades de outras pessoas e traços de caráter. Quando eu vejo a boca de Callan curvar-se no começo de um sorriso, eu sou fixada pela familiaridade dele. É uma bela e dolorosa bofetada no rosto. — Eu sei que você acha que seria mais fácil fugir de tudo isso e nunca olhar para trás, Coralie, — diz ele. — Mas você precisa de um encerramento. Você precisa saber que essa coisa está terminada de uma vez por todas. A única maneira que você vai conseguir isso é vê-lo enterrado, ver a pilha de terra em cima de seu túmulo, então você saberá que ele nunca vai voltar.

Eu penso em negar, mas eu sou tão boa em fugir. Desaparecer é minha primeira reação quando sinto que as coisas estão se tornando incontroláveis. Evitar o meu medo definitivamente não é a melhor maneira de lidar com eles, eu sei. Foi-me dito tantas vezes pelo meu terapeuta. Eu tenho que começar a ouvir. Eu tenho que começar a enfrentar meus demônios. — Você está certo. — eu digo calmamente. —

Eu não sou uma pessoa forte, Callan. Eu não sou alguém que pode levantar o queixo e se preparar para o impacto. Eu tomei muitas pancadas. E cada vez fica mais difícil levantar.

Callan corre a mão livre ao longo do canto de uma das caixas de papelão, e se senta em cima da mesa da cozinha de Jo. Eu me pergunto... Foi aí que ela o disse que estava morrendo? De alguma forma, eu não acho que foi. Saí da cama e o deixei dormir naquela manhã. Posso imaginar Jo silenciosamente entrando em seu quarto e deitada ao seu lado em sua cama, acariciando seus cabelos, sorrindo para ele tristemente enquanto ela esperava que ele despertasse do sono. Ela costumava olhar para ele de uma forma que me atordoava - como se ela estivesse revivendo o dia em que ela deu à luz e o conhecia pela primeira vez, seu milagre de bebê.

Gostaria de tentar assistir a outros pais com seus filhos, para ver se todas as mães e pais amaram seus filhos com tal ferocidade, mas eu nunca vi isso em seus rostos. Decidi que talvez fosse apenas uma comunicação de amor que se passava entre pessoas atrás de portas fechadas, e que eu tive a sorte o suficiente para ser capaz de testemunhar entre Jo e o menino que eu amava.

— Você é muito mais forte do que você pensa. — diz Callan. Seus olhos parecem mais escuros, oscilando de chocolate quente a quase preto. Eu costumava saber como ele estava se sentindo com base na tonalidade de suas íris; Quanto mais escuros eram, mais intenso ele era sobre o que ele estava estudando na época. Geralmente eu.

— Se eu fosse forte, eu teria ficado.

Há uma luz de advertência nos olhos de Callan. — Doeu mais do que qualquer coisa no mundo quando você saiu, Bluebird. Mas acima da minha raiva e da minha dor, eu sabia porque você fez isso. Anos escondendo coisas de seus amigos. Da escola. — Ele balança a cabeça. — De mim. E depois perder o bebê...

Que porra é essa? Eu cambaleio longe dele, minhas costas batendo no balcão da cozinha. O que diabos ele está fazendo, falando sobre o bebê? Ele não deveria dizer isso. Ele não deveria nem pensar nisso. Sinto-me oca, mas cheia de água gelada ao mesmo tempo. Como ele pode dizer essas palavras em voz alta sem hesitar? Como ele consegue se lembrar disso? — Não. — eu digo. — Por favor, meu Deus, não.

— Coralie...

— Callan, estou falando sério.

— Jesus Coralie, faz doze anos. Nós éramos crianças. Acho que devemos ser capazes de discutir isso sem explodir um no outro.

Eu balanço a cabeça tão forte que parece que meu cérebro está rangendo dentro de meu crânio. — Você não entende. Você não pode. — É isso. Esta é a única coisa que eu não posso falar com ele. Se eu fizer, eu vou dizer algo que eu não deveria. Se eu disser algo errado, ele vai saber que eu menti. Deus, eu tenho que sair daqui agora foda-se.

A raiva substitui a frustração nos olhos de Callan. Ele aperta a mandíbula, bufando pesadamente pelo nariz. — Por quê? Porque perder nosso bebê não me machucou também? Porque eu sou um cara? Porque eu não fiquei me lamentando?

— Não. Não, é... é diferente para mim. Você não passou por isso. Você não sentiu o fim.

— Como o inferno eu não senti. — ele agarra. — Eu o senti muito. Eu te segurei em meus braços na escola quando você me disse, e eu senti como você morria um pouco também. Isso doeu mais do que eu poderia compreender na época.

Deus, eu quero explicar-lhe corretamente. Quero explicar o que aconteceu, mas sei como ele vai reagir. Ele vai me culpar, e ele vai estar certo. Foi minha culpa. Se eu tivesse dito algo sobre meu pai mais cedo, se eu tivesse sido corajosa o suficiente, Malcolm nunca teria sido capaz de me machucar do jeito que ele fez. Ele não teria sido capaz de me jogar abaixo daquelas escadas. Socar-me no estômago. Bater e me chutar tão forte que parecia que meu corpo estava se dividindo em um milhão de pedaços.

Eu olho para o chão, olhos trancados em uma mancha negra nas minhas sapatilhas vermelhas. — Obrigada por buscar as coisas da minha mãe para mim, Callan. Eu vou passar com meu carro mais tarde e levá-las. Espero que não se importe.

— Não seja uma covarde do caralho, Coralie. Eu sei que não deveria ter vendido essa foto. Foi a coisa mais idiota que eu já fiz, mas eu não queria te machucar. Eu tinha dezessete anos, e parecia que o mundo estava acabando.

— Nunca foi sobre aquela estúpida foto, Cal! — Eu respiro, lutando para me segurar. — Eu não saí por causa disso. — As palavras estão fora antes que eu possa pará-las. Eu apertei minha boca,

desejando poder retroceder os últimos segundos para que eu pudesse levá-las de volta. Mas agora é tarde demais. Eu já puxei o gatilho, e Callan está parecendo que acabou de ser baleado.

— O quê? O que você quer dizer?

— Eu não... merda.

Ele se inclina para frente, me encarando. — O que você quer dizer com isso? Diga-me agora ou eu vou perder a cabeça. — Eu posso ver que ele está dizendo a verdade. Há uma luz selvagem em seus olhos que é nova para mim.

— Eu só disse que era a foto. — eu murmuro. — Mas eu não me importei. Todo mundo em Port Royal tinha visto meu olho roxo. Na época, não importava se o mundo inteiro tivesse visto isso. Só disse que fiquei chateada porque... porque não te amava mais, Callan. Eu não queria estar com você!

Em pé, Callan pisca para mim. Ele ajusta sua mandíbula, sua cabeça sacudindo de volta depois de um momento, como se o que eu disse finalmente chegou a ele. Espero que ele pareça abatido. Ou alguma coisa. O momento nunca chega, no entanto. Ele continua a olhar para mim como se eu tivesse duas cabeças. Gradualmente, aço se forma em seus olhos. Ele estende a mão para mim, com a palma para cima.

— Venha comigo, Bluebird.

— Não, Callan. Eu tenho que ir.

— Você quer que eu a jogue no meu ombro? Neste ponto, eu já não me importo mais.

— Não se atreva!

— Ok, então eu acho que estamos fazendo isso aqui. — Ele se apressa, pisa perto antes que eu possa detê-lo ou me afastar. Eu ainda estou esperando que ele se quebre com a minha mentira flagrante. Fico desequilibrada por sua proximidade súbita. Sua presença é enorme, engolindo-me, fazendo meu corpo zumbir com energia. O cheiro dele inunda meus sentidos. O calor que derrama de seu corpo me ilumina, faz minha cabeça girar. Ele está tão perto, eu posso ver seu pulso batendo freneticamente na linha de sua garganta.

— Eu não sou seu namorado bonzinho de Los Angeles. — grunhe Callan. — Eu não sou Friday. Eu não sou Shane ou Tina. Eu não sou

alguém que vai engolir algo, simplesmente porque as palavras saíram de sua boca. Eu conheço você. Eu vejo através de você. Seu coração é meu coração. Sua respiração é minha respiração. Sua alma é minha alma. Sua dor... sua dor é a porra da minha dor. Então, não espere que eu acredite em você quando você diz que deixou de me amar, porque eu te olhei nos olhos quando você me disse adeus, Bluebird. Meu coração se despedaçou quando o seu também o fez. Meus pulmões pararam de respirar quando o seus pararam. Minha alma doeu quando a sua também doeu. Minha dor parecia que estava me matando, assim como o sua. Você me amou desde então. Você nunca deixou de me amar. Você ainda me ama agora, da mesma forma que eu ainda te amo.

Sua boca cai, seus lábios pressionam fortemente contra os meus, e eu sinto tudo de uma vez - tudo o que ele estava falando. Nossas almas, corações, corpos e mentes verdadeiramente como um, quebrando e selando juntos novamente. Eu não posso me mexer quando ele me beija. Meus pés parecem como se estivessem enterrados em cimento. Eu quero tropeçar para trás, para esbofeteá-lo no rosto, sair correndo da cozinha e bater a porta atrás de mim, mas eu não posso. Meu ser inteiro está combinado com o dele neste momento, perdido e encontrado ao mesmo tempo, preso em uma corrente que não pode ser desfeita. Esta é uma força da natureza. Eu teria mais chance de resistir a um furacão.

Eu me sinto pequena. Eu me sinto vulnerável. Eu me sinto salva.

Callan envolve seus braços em torno de mim, puxando-me para seu peito nu, e ele segura apertado. Minha respiração chega a minha garganta enquanto ofego, tentando recuperar o fôlego ao redor de seus beijos. Minha mente está nadando, balançando selvagememente de medo para alívio enquanto ele pressiona minha boca com a dele, provando suas palavras para mim.

Eu já sei a verdade, entretanto. Estou plenamente consciente de que sem Callan, sou apenas metade de uma pessoa, emocionalmente desfigurada e deslocada no mundo. Eventualmente, algo se encaixa dentro de mim. Eu não posso lutar mais com isso. Eu não quero. Ficar sem ele é muito difícil. É como se eu estivesse presa, correndo em trilhos de trem. Há um trem bala de alta velocidade no horizonte, chegando mais e mais perto, não importa quão rápido eu corra. Não há escapatória. Não importa quão rápido eu corra, o trem está sempre vindo me pegar. Callan sempre vai estar lá, e eu sempre vou amá-lo. Então, qual é o motivo? Qual é a porra do motivo de eu esconder as coisas dele?

Eu o beijo de volta, meu coração saltando fora do meu peito, minhas mãos tremendo enquanto eu me levanto e cavo minhas unhas nos amplos e musculosos planos de suas costas. Sua pele é quente e lisa com suor sob minhas palmas. Quando abro a boca mais largamente, permitindo que Callan mergulhe sua língua em meus lábios, ele estremece, gemendo. É o suficiente para me fazer girar. Eu deslizo minha língua em sua boca também, provando-o da mesma maneira que ele está me provando, e eu mal posso manter minhas pernas rígidas debaixo de mim. Cal me aperta, como se ele me sentisse enfraquecendo contra ele. Ele agarra meu cabelo em suas mãos, reunindo-o em um nó na parte de trás da minha cabeça para que ele possa inclinar sua cabeça para trás e mover-se rapidamente para baixo, beijando na linha da minha mandíbula, meu pescoço, minha clavícula.

— Porra, Bluebird. Você é a única coisa que eu quero nesta vida. — Suas mãos descem pelo meu pescoço, meus braços, minha caixa torácica, até que ele está empurrando o material da minha camisa, tentando ficar por baixo dela. — Eu preciso de você. Eu preciso estar dentro de você agora mesmo.

Antes de conhecer Ben, eu tive alguns namorados. Alguns deles quase chegaram à marca de doze meses antes que eu saltasse fora e terminasse por uma razão ou outra. Eu sabia que nunca iria dar certo com eles, porque nenhum me fez sentir assim. Nenhum deles nunca me fez sentir como se estivesse me trazendo de volta à vida, dando-me algo que eu nunca poderia encontrar por mim. Eu só desisti de me importar com Ben, era a única maneira de eu poder ficar com ele, mas agora que estou sentindo esse poderoso, impossível tumulto de emoções com Callan, eu sei que não há nenhuma maneira que eu possa voltar.

Ele faz um som frustrado enquanto suas mãos trabalham seu caminho sobre meu estômago nu, em direção aos meus peitos. Seus dedos esfregam ao longo da borda do meu sutiã, cavando um pouco enquanto minhas costas arqueiam, curvando meu corpo no dele. Ele sabe como me tocar. Ele sabe como me fazer ter fome por ele. Na verdade, agora eu sinto que estou faminta por ele.

— Deus, Callan. Porra. — eu ofego. Seus olhos se encontram com os meus, profundos, escuros e perturbadores. Ele para de se mover. Não diz nada. O silêncio entre nós é quilômetros de profundidade e largura, e parece que poderia ser quilômetros de mais algo ainda se qualquer um de nós permitisse. Callan me dá um olhar que me deixaria aterrorizada se eu ainda tivesse dezessete anos. — Nós passamos por muito. — ele sussurra. — Você foi a minha primeira, e eu fui o seu. —

Sua voz é tensa, controlada, como se ele está tendo problemas para mantê-la junta. — Mas agora somos adultos, Coralie. Naquela época eu te amava como uma criança. Agora eu planejo te amar como um homem. Você sabe o que isso significa? Você acha que consegue lidar com esse tipo de merda?

Na verdade, isso já é demais para mim. Eu não podia voltar atrás ou virar e ir embora agora, mesmo se eu quisesse. É tarde demais para mim. Sinto-me tão fora da minha profundidade na maior parte do tempo; A diferença agora é que parece bem estar fora da minha profundidade. Callan me pegou. Eu sei que ele não vai me deixar afogar, machucar, sofrer, mesmo que pareça que isso é tudo que tenho para fazer.

— Eu não sei. — eu sussurro. — Eu não sei se eu posso lidar com isso. Mas eu quero descobrir.

A boca de Callan se curvou para um lado, formando aquela covinha em sua bochecha novamente. — Lá está ela. — ele diz calmamente. — Veja. Você acha que não é corajosa, mas você é. E a coragem será recompensada, Bluebird. — Ele me pega em seus braços, e eu estou presa contra ele, presa, enquanto ele me leva até a mesa da cozinha. Em um movimento rápido, atira as caixas empilhadas contendo as roupas da minha mãe no chão. Ele resmunga em voz baixa quando percebe o que ele simplesmente jogou no chão, mas isso não o impede de me deitar sobre a madeira desgastada.

— Eu quero usar a Leica, Bluebird. — Callan rosna no meu pescoço enquanto lambe e beija minha pele. Minhas mãos estão enterradas em seu cabelo grosso, meus dedos apertados em torno de seu cabelo. Eu puxo um pouco mais quando ele diz isso. — Ahhh. Quero lhe mostrar tudo o que vejo. Eu quero que você veja quão linda você é.

Ele arrasta seu polegar pelo meu lábio inferior, pressionando o dedo contra os meus dentes inferiores, pressionando minha boca aberta um pouco. Ele passa a língua sobre meu lábio inferior, então, prendendo-o entre seus próprios dentes e puxando.

— Por que diabos eu deixaria você tirar fotos de mim? — eu suspiro.

— Porque... aparentemente você não se preocupou com as outras que eu tirei. Se é verdade, você não vai se importar com estas agora. Você pode ficar com cada uma delas quando as revelar. Você pode ficar com os negativos, também. — Ele morde meu lábio novamente, forte o

suficiente para que eu clame. O som do meu prazer misturado com a dor parece deixá-lo louco. Suas mãos estão em toda parte, puxando minhas roupas; Eles encontrar o seu caminho debaixo da minha camisa novamente para que ele possa beliscar e rolar os meus mamilos através do meu sutiã. Meu corpo responde, minhas costas arqueando-se para fora da mesa, meus pés flexionando, meus músculos da coxa se contraindo. Callan se desloca para que fique entre minhas pernas. Ele me segura pelos quadris e me empurra para ele, de modo que minha buceta é pressionada duramente contra sua ereção. — O que você acha, Bluebird? Deseja posar para mim?

Devo deixá-lo fazer o que está sugerindo? Devo permitir ser vulnerável para ele novamente? Dar-lhe meu corpo é uma coisa, mas deixá-lo tirar fotos é outra coisa totalmente diferente. Eu não estava mentindo. Eu realmente não fiquei chateada com a foto. Claro, teria sido muito melhor para mim se milhares de pessoas não me vissem machucada e ferida, mas não era o fim do mundo. Eu o teria perdoado com bastante facilidade. Meus ferimentos são todos internos agora; Eles não devem aparecer em uma foto, mas eu tenho a sensação de que Callan de alguma forma conseguirá mostra-los quando revelar as fotos. Sua arte sempre tem essa qualidade. As pessoas em seus retratos parecem quebradas, exaltadas, delirantes ou abatidas. Quem quer que seja o sujeito, a foto sempre transmite seus mais profundos ferimentos ou alegrias quase perfeitamente, não importa se eles estão se expressando na imagem ou não.

Ele se inclina um pouco para trás, deslocando minha camisa solta para expor meu sutiã. Ele puxa o lado direito para baixo e começa a circular sua língua em torno do meu mamilo duro, seus olhos fixos em mim o tempo todo. Lentamente, ele mostra os dentes e mordisca o pequeno botão rosa de carne. A dor que se segue é quase insuportável, mas eu aceito, andando no alto do contato com a sensação crescente sobre mim.

— Ok. — eu digo, fechando meus olhos. — Ok, você pode usar a câmera. Mas eu mantenho tudo.

Os olhos de Callan estão cheios de fogo enquanto ele volta para pegar a câmera. — Tire sua camisa. — ele comanda. Ela quase já esta fora de qualquer maneira, subindo e expondo meus seios. Eu cuidadosamente me sento, com os olhos sobre ele e eu deslizo o material de algodão sobre a minha cabeça. Meu sutiã é liso e preto, mas Callan está avidamente olhando para o meu peito como se os meus

peitos fossem o segredo mais sexual do mundo. — Incline sua cabeça para trás. — diz ele.

Eu cumpro, dobrando minha cabeça para trás para que meu queixo seja elevado. A posição me faz sentir confiante, cheia de desejo. Callan segura a Leica em seu rosto e rapidamente dispara uma foto, fazendo um som profundo e estridente na base de sua garganta. Ele parece gostar do que vê. — Deslize lentamente as alças do seu sutiã por seus ombros, Bluebird.

Eu faço.

— Boa. Aqui. — Callan rapidamente tira outra foto, balançando a cabeça. — Você é incrível. — ele me diz. — A criatura mais perfeita que já vi. — Estou tão acostumada a não sentir nada quando tenho relações sexuais. Tão acostumada a sentir-me confortavelmente entorpecida quando Ben me toca. Este forno ardente que acende a minha vida quando Callan aponta a lente de sua câmera é um choque para o meu sistema. — Agora sua saia, Coralie. — ele diz. — Deslize-a para cima. Deixe-me ver como você é perfeita lá. Mostre-me.

Levando a bainha da minha saia em minhas mãos, eu lentamente a ajusto, puxando o tecido leve até minhas coxas, expondo polegada após polegada de carne, ele assiste com um olhar de pura luxúria dominando as suas feições. Seus olhos são escuros, tensos, cheios de desejos. Suas mãos permanecem firmes enquanto levanta a câmera mais uma vez, mas posso dizer que isso o afeta. — Sua calcinha, Coralie. Tire-a. Eu preciso ver.

Maldito seja. Meu coração está batendo como um pássaro preso em uma gaiola, batendo contra minhas costelas num ritmo alarmante. Estou fora de mim, acima de mim, olhando para baixo a cena, observando as minhas mãos, como meus polegares cuidadosamente engancham a renda sobre meus quadris e eu deslizo o material sobre a minha pele, pelas minhas pernas. Eu não me reconheço. Eu nunca faria isso por Ben. Não há outro homem vivo por quem eu faria isso. Eu saio da minha roupa interior e o calor inundando minhas bochechas, manchando-os de vermelho.

— Deus! — grita Callan. — Abra. Abra suas pernas para mim. — Sua mão se estende para baixo, onde ele se toca, o contorno de sua ereção dura em sua mão. Ele aperta, e minhas próprias mãos se contorcem, como se eu pudesse sentir - quão rígido e urgente seu corpo se tornou. Eu quero chupa-lo. Lambe-lo. Provocá-lo com a minha boca. Provar a doçura dele na minha língua. Sentir seu pau crescendo mais e

mais duro enquanto ele se aproxima do seu limite. Minha necessidade por ele me surpreende, quase me tira o fôlego. Eu estendo minhas pernas, inclinando meus quadris para cima para que ele possa me ver corretamente, e Callan respira fundo. Ele dá três passos na minha direção e prepara a câmera.

— Eu nunca esqueci. — ele diz. — Você foi a primeira garota que eu toquei. A primeira garota que eu já provei. A primeira garota que eu estive dentro. Cada mulher com quem eu estive desde então foi uma sombra de você. Elas nunca foram tão perfeitas. Eu nunca quis esgotar-me fazendo-as gozar com a minha língua do jeito que estou prestes a fazer com você. Eu nunca quis senti-las apertar-se em torno do meu pau enquanto elas gritam o meu nome. Sempre foi mecânico. Meu coração não está nele, porque foi com você o tempo todo. — Ele está perto o suficiente para estender a mão e pegar a minha agora. Ele me guia para baixo, de modo que eu estou me tocando entre minhas pernas, meus dedos molhados e lisos, eu percebo o quão excitada estou. — Eu quero assistir. — ele respira. — Toque seu clitóris para mim, Coralie. Mostre-me o quanto você me quer.

Eu não sou mais eu. Eu sou outra pessoa, alguém muito mais corajosa e muito mais desperta sexualmente. Coralie Taylor não é o tipo de garota que se masturba na frente de ninguém. Ela é o tipo de menina que entra no chuveiro, rápido, eficiente, sempre tentando se distanciar de sua necessidade de libertação. A garota que sou agora, essa pessoa estranha e desviante, toca levemente com a ponta dos dedos na vagina dela, movendo o dedo indicador sobre o clitóris em um círculo lento e preguiçoso, assim como o belo homem que estava diante dela pediu.

Callan suspira, soltando a respiração com tanta força que faz um som frustrado e dolorido. — Jesus, Coralie. Isso vai ser a minha língua em breve. Você não tem ideia de quão bem eu vou fazer você se sentir. Eu vou fazer você desmoronar, e quando eu fizer, eu não vou parar. Eu vou me deslizar dentro de você e fodê-la até que você não possa sequer lembrar o seu próprio nome. Eu vou te foder tanto que os últimos doze anos não importarão mais. Eu vou fazer você gozar tão duro em meu pau que você nunca vai querer ficar sem mim novamente.

Enquanto ele me diz isso, eu movo meu dedo em um círculo mais apertado, sentindo meu clitóris crescer mais inchado e sensível. Eu já estou tremendo, meu corpo tremendo como onda após onda de prazer me atinge, fazendo os cabelos minúsculos na parte de trás do meu pescoço ficar em pé. — Porra, Callan. Isso é... isso é loucura.

— Está prestes a ficar mais louco. — Callan se inclina mais perto e para baixo. Ele resmunga enquanto tira uma fotografia dos meus dedos, deslizando dentro da minha buceta. — Ah, merda. Foda-se. — Ele põe a câmera no balcão da cozinha, rosnando sob sua respiração. — Eu não posso esperar mais. Pare de se tocar, Coralie.

É difícil fazer isso, no entanto. Quero-o tanto. Eu quero senti-lo dentro de mim. A queimadura lenta que choca pelo meu corpo é quase viciante. Eu continuo olhando para ele enquanto empurro meus dedos para dentro de mim mesma - eu sei que eu pareço desafiante agora, desafiando-o a fazer algo sobre meu mau comportamento. Callan não decepciona. Ele agarra segurando-me pelo pulso e força minha mão para cima. Meus dedos estão brilhantes e molhados; Callan olha para eles e zumbe, a vibração vindo profundamente de dentro de seu peito.

— Eu tenho esperado tanto tempo por isso, Bluebird. Eu acordei suando frio incontáveis vezes, imaginando o seu gosto na minha língua. Mostre-me o que eu tenho perdido, querida. Alimente-me.

Ele não solta a minha mão. Em vez disso, ele a puxa para cima, mais perto de sua boca, perto o suficiente para eu curvar meus dedos em direção a ele e esfrega-los contra seus lábios. Callan mal consegue segurar. Eu posso ver a tensão em seu rosto enquanto eu gentilmente levo a ponta do meu dedo em sua boca. Ele vai me lambe, a sua língua sai dos seus lábios, mas eu empurro meus dedos para longe, sorrindo.

— Oh Deus. Foda-se, Coralie. Não brinque comigo.

Dou-lhe o que ele precisa. Eu pressiono meus dedos juntos, deixando ele tê-los, e Callan os suga, seu corpo vibrando com luxúria.

— Não é suficiente. — ele sussurra, arrastando os dentes em seus próprios lábios. — Eu preciso de mais. Eu sempre vou precisar de mais — Ele se move rapidamente, agarrando-me pelas pernas novamente, me puxando para mais perto, e então ele está mergulhando para baixo, caindo de joelhos, enganchando minhas coxas sobre seus ombros enquanto ele enterra sua língua em minha buceta.

Eu grito, oprimida pelo calor de sua boca e o calor entre minhas pernas, todo o meu corpo, fazendo meus músculos flexionarem com o contato. Callan leva sua língua sobre mim repetidas vezes, enviando violentas ondas de choque pelo meu corpo, tão poderosas e inegáveis que nem sei como reagir. Meus braços e pernas funcionam sem minha permissão, meus dedos enrolando através de seu cabelo, puxando sua cabeça em mim da maneira mais desavergonhada com as minhas pernas envolvendo-o, prendendo-o no lugar.

A intensidade da minha resposta parece alimentar Callan. Ele pega meus quadris e enterra sua língua mais profunda, aumentando a velocidade com que lambe e suga meu clitóris. Ele adorava me lamber quando éramos crianças, mas ele parece ter tomado uma aula de mestre em algum momento. Este nível de especialização é algo que ele aprendeu sem mim. Eu ficaria triste com esse fato, se eu não estivesse tão delirante no meu prazer. O mundo parece que está simplesmente derretendo. Callan grunhe, suas costas arqueando quando ele muda para ter um melhor acesso a mim. Dois segundos mais tarde, ele está empurrando um de seus dedos dentro de mim, continuando seu assalto selvagem no meu clitóris, e eu estou gritando, minhas costas curvando tão forte que parece que minha coluna vai se desencaixar a qualquer momento. Usando a mão livre, Callan pressiona a palma para baixo contra a minha parte inferior do estômago, massageando seu dedo dentro de mim em um movimento de ir e vir e de repente tudo se aprofunda, se intensifica, cresce quase incontrolável sua força. Eu nunca me senti assim antes. Isso é diferente. Isso é diferente e surpreendente e estranho ao mesmo tempo.

Um pressão bizarra começa a construir entre as minhas pernas. — Callan? Oh... Oh meu Deus. — Minhas pernas apertam em torno de sua cabeça. Callan olha para mim, metade de seu rosto obscurecido. Ele para o que está fazendo com a boca por um segundo e fala sem fôlego.

— Não se preocupe, Bluebird. Apenas relaxe. Se solte. É normal.

Eu não sei como ele sabe o que eu estou sentindo agora, mas parece longe de ser normal. — Eu sinto que vou...

— Você não vai fazer xixi, eu prometo a você. Eu só vou fazer você gozar corretamente. Você só pode fazer isso se você relaxar, no entanto. Você tem que confiar em mim.

Constrangimento vibra ao redor nas bordas do meu subconsciente, mas, em seguida, Callan propositadamente passa a ponta da língua lentamente para cima e sobre o meu clitóris, me dando o sorriso mais perverso quando ele faz isso, e eu não posso reconhecer uma emoção da outra. É quase como se eu estivesse sentindo tudo em cores. A sala se transforma em um tom estranho de vermelho, tingido de roxo como aquela estranha sensação novamente.

— Ah Merda. Foda-se, Callan. Eu não acho que... eu não posso parar... — E eu não posso. Eu não posso conter a onda de poder que rasga através de mim como a eletricidade. Minha respiração parece que

está sendo sugada de meus pulmões enquanto eu grito em silêncio. Eu posso ouvir Callan resmungando em algum lugar, posso sentir seus dedos ainda dentro de mim, posso senti-lo me fodendo com eles enquanto eu me contorço e debato na mesa da cozinha.

— Merda. Merda! — Eu estou perdida em um vazio. Meus ouvidos estão quase surdos, enquanto um toque distante soa em algum lugar fora da sala. Meus lábios estão formigando, quase pinicando, como se as minhas terminações nervosas estivessem em fogo, impiedosamente por todo o meu corpo. Eventualmente minha audição começa a clarear.

Quando eu abro os meus olhos, Callan coloca suavemente beijos contra o interior das minhas coxas. Ele parece incrivelmente satisfeito consigo mesmo, e estou me sentindo estranhamente molhada. Eu tento fechar as pernas, mas Callan abre-as novamente. — Não se atreva. — ele rosna. — Isso é meu.

Lentamente ele olha para mim, traçando sua língua sobre minha buceta e sobre o interior das minhas pernas, suavemente beliscando minha pele, fazendo meu corpo pular e se contorcer. — Isso é... normal? — eu sussurro. Minha garganta parece crua, como eu tivesse gritado por horas. Callan envia-me um olhar pelo comprimento do meu corpo. Ele acena com a cabeça.

— Só se você gostou. — diz ele. — Eu espero que tenha gostado.

— Meu rosto está dormente. Eu acho que não pode se mover.

— Fantástico. — Ele sorri enquanto se endireita, fixando-me em um olhar penetrante. — Lembre-se do que eu disse, Coralie. Eu disse que ia sentir sua buceta apertar em torno do meu pau. Agora nós vamos descobrir se você pode lidar comigo. Você está pronta?

Eu não acho que meu corpo está preparado para mais um orgasmo assim, mas eu devo gostar de castigo. Encontro-me acenando com a cabeça. — Sim.

— Boa menina.

Callan desabotoa a calça jeans e sai dela, revelando um par de cuecas boxer preta por baixo. Elas estão apertadas o suficiente para que eu não precise usar minha imaginação para descobrir o que está acontecendo sob o tecido esticado. — Você quer me chupar, Coralie? — ele pergunta. Ele aperta o pênis novamente, tremendo um pouco quando ele toca a si mesmo.

— Sim. Deus, sim.

Isso é tudo o que ele precisa ouvir. Ele remove suas boxers em um movimento urgente, liberando seu pau duro. Ele brota livre, escovando-se contra os seus músculos do estômago quando ele pisa em volta da mesa. Eu não consigo parar de olhar para ele. Quando fizemos sexo na outra noite em seu quarto velho, nenhum de nós estava prestando atenção aos detalhes. Estávamos tão frenéticos, desesperados para nos reivindicar outra vez, para sentir a outra metade de nós mesmos encaixar de volta no lugar, que obter um segundo para apreciar o outro não foi realmente uma opção. Agora que eu estou esticada, praticamente nua sobre a mesa, eu tenho um segundo para apreciar a vista, e que vista magnífica que é. Callan é impecável. Seus ombros largos levam até o músculo forte que parece que foi embalado em seu peito e estômago pela força. Não há uma polegada de gordura sobre ele em qualquer lugar. Suas coxas e bunda são tão tonificadas como o resto dele, e seu pênis... Eu não posso tirar os olhos dele.

Ele está em proporção com o resto do seu corpo, embora no lado grande. Muito maior do que Ben ou qualquer um dos outros caras que eu já dormi com o passar dos anos. Um tremor frio corre sobre a minha pele quando eu penso como ele tirou a minha virgindade com aquela coisa. Tinha doído no momento, sim, mas eu estava tão pronta para tê-lo dentro de mim. Tinha sido uma dor perfeita. Uma dor bonita que eu tinha acarinhado no momento.

Callan sorri para mim, com as mãos trabalhando habilmente para remover minha camisa e sutiã amontoados, libertando meus seios corretamente agora. — Quer uma foto? — ele pergunta. — Eu posso realmente fazer isso acontecer. Eu conheço um cara.

— Não. — Eu sorrio, mas assim que eu recuso a oferta, eu quase me arrependo. Callan levanta uma sobrancelha para mim, como ele sabe exatamente o que está acontecendo dentro da minha cabeça.

— Se você mudar de ideia...

Eu grito quando ele escava suas mãos debaixo de mim e levanta-me da mesa, colocando-me cuidadosamente de pé. Minha saia, engatada em torno da minha cintura até que um segundo depois, de repente está no chão, e Callan está agachado atrás de mim, arrastando sua língua sobre a curva do fundo das minhas costas. Suas mãos são fortes, me segurando no lugar, seus dedos cavando a carne das minhas nádegas enquanto ele lambe e morde. Calor me percorre quando ele geme, espalhando-me aberta e ele usa a língua em uma área do meu corpo que eu nunca sequer considerei ser lambida. É uma sensação incrível. Totalmente não era o que eu poderia imaginar. Eu caio para a

frente, plantando minhas mãos na mesa da cozinha, ofegante. — Callan, oh merda, Callan, pare. Eu preciso de você. Por favor, por favor...

— Você precisa de mim onde Bluebird? Aqui? — Ele desliza um dedo dentro da minha buceta, fazendo-me chupar uma respiração profunda. — Ou aqui. — Ele remove o dedo e desliza-o de volta. Está molhado do orgasmo anterior, mas ele não o empurra dentro da minha bunda. Ele circula com o seu dedo, aplicando um pouco de pressão, provocando. Eu nunca pensei que iria me sentir tão bem. Nunca me ocorreu que eu poderia realmente considerar lhe dizendo que eu quero ele lá. Callan ri quando eu simplesmente suspiro em resposta.

— Eu quero você na minha boca. — eu sussurro. Ele roça meu cabelo para trás dos meus ombros, recolhendo-o em suas mãos. Pressionando-se contra mim por trás, seu pau escava em minha bunda, me fazendo corar.

— Então é melhor ficar de joelhos para mim. — Ele puxa meu cabelo um pouco, longe de ser suficiente para me machucar. Apenas o suficiente para me mostrar o que ele quer. Eu me viro e afundo até ficar de joelhos. Quando eu o levo na minha boca, Callan aperta o meu cabelo. Duvido que seja uma coisa consciente, mas a aspereza me excita. Ele tem um gosto incrível. Sua ereção dura, sua pele lisa. Eu deslizo-o profundamente em minha garganta, não me importando que eu realmente não possa respirar. Sentindo-o tenso, ficar rígido, cada vez mais enquanto eu corro minha língua sobre a cabeça de seu pau, é incrível. É a sensação mais satisfatória. Callan tenta ficar quieto, posso dizer pelo jeito que ele solta o meu cabelo e os punhos formam bolas ao lado do corpo, mas, eventualmente, ele começa a empurrar-se na minha boca, resmungando cada vez que ele desliza para fora e, em seguida, novamente.

Eu posso senti-lo se perder. Depois da maneira como ele me fez gozar, parece incrível que eu possa fazer ele se sentir assim. Eu aumento a minha velocidade, abrindo mais a minha boca, levando-o mais profundo, e, em seguida, Callan de repente para, puxando seus quadris para trás de modo que não posso continuar.

— Foda-se. — Ele range os dentes. — Eu não aguento mais. Você vai me fazer gozar.

— Eu quero. Eu quero provar você.

Ele balança a cabeça de um lado ao lado, massageando-se com sua mão. — Não é assim que funciona, pequena Bluebird. Eu vou te

foder agora. Eu vou te foder forte, e eu vou gozar dentro de você. Está tudo bem para você?

— Eu estou tomando pílula. Quando eu perdi nosso bebê, eu jurei que nunca mais sofreria assim; Desde então eu sempre me cuidei. — A ideia de Callan gozar dentro de mim é intensa e me excita. Eu aceno, mordendo meu lábio inferior. Callan se inclina e me joga por cima do ombro, fazendo-me guinchar. Ele me leva até a sala de estar e me coloca no chão. Os móveis ainda estão cobertos com lençóis, tudo ainda está embrulhado e escondido, como se as memórias do lugar pudessem ser mantidas à distância, nada é como antes. Callan se mantém em cima de mim, inclinando-se para mim de modo que ele possa beijar e morder meu pescoço.

— Quando terminarmos aqui Coralie, você vai admitir que você quer estar comigo. Então vamos descobrir isso. Eu não me importo como. Você vai se mudar para Nova York, ou eu vou mudar para Los Angeles. Não importa para mim. Desde que paremos de desperdiçar nosso tempo e admitir que precisamos estar juntos. De acordo?

Há tantos obstáculos que estão no nosso caminho, tanta água debaixo da fonte, que dizer sim agora parece que seria uma mentira. Eu estou tão presa nele, no entanto; Eu quero acreditar que há uma forma de fazermos isto funcionar. Eu preciso acreditar que de alguma maneira, depois de tudo, podemos encontrar uma forma de estarmos finalmente juntos. Medo corre em minha mente numa espiral, mas eu luto para desligá-lo. Aqui não. Agora não.

— Ok. — eu digo a ele, beijando-o de leve no peito. — De acordo.

Callan me fode então. Ele agarra-me com tanta força enquanto ele empurra para dentro de mim pela primeira vez. Estou arrebatada com emoção agriçoce quando ele pressiona a testa contra a minha, me prendendo em seu olhar enquanto ele faz amor comigo. Eu agarro-me a ele como se minha vida dependesse disso. Aos poucos, a nossa necessidade pelo outro assume. Seus movimentos tornam-se cada vez mais exigentes, me empurrando mais duro à medida que ele se afunda em mim.

Eu balanço contra ele, sentindo meu clímax subindo, ameaçando roubar meus sentidos novamente. Callan segura meu rosto com uma mão, apertando sua mandíbula. — Fique comigo, Bluebird. Fique comigo.

Eu mantenho meus olhos abertos, observando-o enquanto ele me fode furiosamente. Ele é uma obra de arte. A peça que faltava em mim.

Um estudo da perfeição. Ele inclina a cabeça para trás, seus lábios se separaram um pouco, e eu posso sentir seu pênis crescendo tão duro dentro de mim. Tenho quase certeza de que é difícil estar tão duro, mas ele não mostra sinais de desconforto, quando ele bate-se em mim uma e outra vez.

— Diga-me. — ele cerra fora. — Diga-me quando você for gozar.

Gostaria de colocar isso em palavras agora, mas eu não posso falar. Eu me sinto roubada de toda a linguagem. Eu lamento, balançando a cabeça, dizendo-lhe o que ele precisa saber com meus olhos quando o início do meu orgasmo ondula em cima de mim.

— Foda-se. — Callan pega o ritmo, com o rosto enterrado no meu pescoço, ambos gozamos. Eu quero cravar minhas unhas em suas costas, mal conseguindo segurar enquanto ele grita, em seu clímax. Ele pulsa dentro de mim, a base de seu pau duro esfrega contra o meu clitóris inchado enquanto me sinto desmoronar.

Callan tomba em cima de mim, incapaz de manter seu peso por mais tempo, e nós ficamos absolutamente imóveis, ofegantes, tentando recuperar o fôlego.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Uma calma pesada cai sobre nós, chamando-nos para dormir, mas nenhum de nós se rende. Callan acaricia a mão sobre o meu cabelo de uma forma suave repetitiva que traz lágrimas aos meus olhos. Depois de muito tempo, ele puxa fora de mim e fica ao meu lado, me observando, ele continua a escovar sua mão sobre a minha cabeça. Ele deve ver as lágrimas nos meus olhos. Eu não quero ser patética. Eu não quero ser tão emocionalmente incapaz por causa do que aconteceu, mas é impossível evitar. Ele quer tentar consertar nossas vidas agora. Ele quer tentar chegar a algum plano que significa que podemos ficar assim juntos para o resto de nossas vidas.

Eu preciso disso mais do que o meu corpo precisa de oxigênio para sobreviver, mas isso não pode acontecer. Não sem ele saber toda a verdade. É quase como se Callan pudesse ler meus pensamentos. Quando uma lágrima corre pelo meu rosto, ele enfia o braço debaixo da minha cabeça e me puxa para seu peito. Ele beija minha testa e suspira. — Vamos, Coralie, — ele sussurra em meu ouvido. — Esta é a hora da verdade, menina. Diga-me o que é que você precisa me dizer.

Então eu faço. Eu respiro fundo, reunindo cada pequeno pedaço de coragem que tenho, e eu lhe digo. — Eu não perdi simplesmente o bebê, Callan. Meu pai... ele descobriu que eu estava grávida. Ele ficou

louco. Ele... ele me bateu. Ele me machucou. Ele me machucou durante horas, até... até que o nosso bebê morreu. É tudo culpa minha, Callan. Se eu tivesse dito algo a alguém, mais cedo, isso nunca teria acontecido. Eu sou a razão que ele morreu, Callan. Eu posso muito bem tê-lo matado.

Dezoito

Coralie

Chita

NAQUELE TEMPO

Eu deveria saber que meu pai perceberia como minha barriga cresceu. Eu não esperava que ele viesse a mim da maneira que ele fez, no entanto, com os punhos balançando. Um mês antes, quando eu estava apenas grávida de três meses, ainda com o estômago liso e escondendo bem meus vômitos matinais, o meu professor de arte tinha encurralado meu pai no supermercado e disse-lhe que o meu último trabalho na sua aula tinha me dado uma viagem para o New York Institute of Art com uma potencial bolsa de estudos. Ele não tinha sido capaz de lhe dizer que não ia me deixar ir, já que a viagem tinha todas as despesas pagas. Callan acabara de ser aceito na Columbia para estudar fotojornalismo, então nós estávamos sonhando com a vida que poderíamos ter juntos fora de Port Royal.

Chegou o momento de eu ir embora - eu estava esperando na frente da casa pelo táxi que ia me levar ao aeroporto, e eu não tinha notado Malcolm subindo atrás de mim no corredor. Ele gritou, agarrando-me por trás, prendendo a mão sobre a minha boca, impedindo-me de soltar um grito.

— Você é nojenta, sabia? — Ele cuspiu em meu ouvido. — Uma prostituta suja. Você não pode se esconder, Coralie. Você não vai poder esconder isso. Ele enfiou o punho cerrado na barriga, rosnando furiosamente. Através da porta da frente aberta, eu tinha visto o táxi amarelo virar ao longo da rua, pronto para me levar embora, mas eu não iria mais para Nova York. Eu estava indo para o porão, e meu pai ia bater em cada pedaço de mim.

Agora, está escuro. Eu não sei se isso é porque eu ainda estou no porão, ou se é porque meus olhos estão fechados de tão inchados. Malcolm andava de um lado para o outro durante horas, de um lado para o outro, de um lado para o outro, enquanto eu estou deitada no chão quase sem consciência. Eventualmente, felizmente, eu desmaiei. Agora que eu acordei e não consigo ver nada, não posso dizer se ele ainda está lá ou não, apenas sentado em silêncio, aguardando seu tempo. Dói em todos lugares.

A menos de quinze metros, Callan provavelmente está ajudando sua mãe a cozinhar o jantar. Ou ele está em seu quarto, suas grossas cortinas pretas tapam a janela, uma toalha pressionada contra a porta enquanto ele desenvolve algumas de suas fotos. Ele provavelmente está pensando sobre quando eu voltar da minha viagem, quando estamos planejando contar a Jo sobre o bebê.

Em cima uma tábua de assoalho range, e eu quase salto para fora da minha pele. O zumbido da televisão sai e o alívio se apodera de mim. Ele não está aqui comigo. Ele está lá em cima na sala de estar, sem dúvida sentado com uma cerveja em sua cadeira como se nada tivesse acontecido. Eu esforço para abrir os olhos. Eles estão inchados, quase ao ponto de não conseguir abri-los, mas consigo separar minhas pálpebras o suficiente para distinguir a sombra do meu pai na escuridão. Levo um tempo para me levantar, e depois ainda mais para ficar de pé. Dores afiadas correm em toda a minha barriga, fazendo-me dobrar cada vez que um nova câibra chega. A agonia é de tirar o fôlego. Conto os passos que tomo antes de finalmente chegar ao fundo da escada em direção ao piso térreo da casa. Há um interruptor de luz lá, que eu acho facilmente. Estou em pânico por um segundo, supondo que meu pai teria simplesmente removido a lâmpada, a fim de punir-me mais, mas quando a pequena sala se inunda com a luz estou aliviada.

Ou seja, até eu olhar para baixo e ver todo o sangue.

Está em toda parte, quase preto, encharcando meu jeans entre minhas pernas. No chão, a poucos metros de distância, presumivelmente onde eu estava deitada há um momento, uma mancha escura vermelha se reuniu na sujeira, meio seca, meio molhada ainda... há muito disso. Eu estou segurando minhas mãos em meu rosto, para cobrir minha boca para não gritar de horror, mas minhas mãos estão cobertas de sangue também, minha pele manchada de vermelho brilhante e pegajosa, e essa é a gota final. Eu caio no chão, dobrando e pressionando minha testa contra o solo frio enquanto eu soluço, fios de

saliva escorrem pelo meu rosto. Eu fecho meus braços ao redor do meu estômago, sabendo agora porque estou com tanta dor.

O bebê. O bebê se foi.

Não sei quanto tempo fiquei ali. Depois de um tempo, a dor no meu estômago se torna tão grande que eu acho que vai me matar. Estou feliz com isso; Eu quero morrer mais do que qualquer outra coisa no mundo. Eu caí no sono. Quando eu acordo, Deus sabe quanto tempo mais tarde, a dor ficou ainda pior, mas meu corpo começou a se sentir entorpecido, como se minhas terminações nervosas estivessem exaustas, incapaz de registrar a profundidade da dor que estou tendo.

Tirei minha calça jeans e minha roupa interior, presa pela súbita e inegável necessidade de empurrar. Eu grito. Eu grito e eu grito. Peço ao meu pai para chamar um médico. Lá em cima a casa está em silêncio. Eu adormeço novamente, exausta.

Na próxima vez que acordo, uma bandeja com jantar foi colocada no chão ao meu lado, e sobre ela há meio copo de água e um sanduíche de queijo. Nada mais. Sem medicação para dor. Sem roupas limpas. Não há nada. Eu atiro o copo de água na parede, soluçando enquanto a água derrama e o vidro se quebra. Sinto-me enjoada demais para comer o sanduíche que é atirado também. De alguma forma consigo me arrastar até meus pés, mas quando chego ao fundo da escada, não tenho energia para subir. Eu rastejo.

No topo, eu encontro a porta trancada e não importa o quão duro eu chacoalho ou grito, ninguém vem para abri-la.

Penso em Callan ao lado, levando sua vida diária. Devem ter passado dias agora desde que eu deveria ter saído para o Instituto de Belas Artes. Ele deve estar se perguntando por que eu ainda não lhe liguei. Ele não vai se preocupar, no entanto. Ele vai pensar que eu estou apenas me divertindo, aprendendo, concentrando toda a minha atenção na oportunidade diante de mim, exatamente como ele me disse. Eu choro por horas porque eu sei que ninguém vem me buscar.

A dor parece diminuir por um tempo, mas depois retorna como uma vingança algumas horas mais tarde. Eu sou esmagada com a necessidade de empurrar novamente, então eu faço, chorando, sentindo que minha alma está sendo arrancada do meu corpo enquanto eu dou à luz o meu bebê.

No começo eu não consigo olhar. Dói muito. Quando eu reúno a coragem, meu coração quebra no ser minúsculo, meio formado que

deveria ter sido permitido crescer dentro de mim. Por um tempo eu não sei o que fazer. Eu me sinto muito melhor, estranhamente, embora incrivelmente fraca. Eu encontro algumas de minhas pinturas velhas empilhadas uma sobre a outra em um canto escuro da sala. Pego a mais bela pintura - um pássaro azul, cheio de cor vibrante e vida - e eu rasgo a chita do quadro. Eu uso o material para fazer uma mortalha minúscula e então eu enterro meu bebê na sujeira onde eu o perdi. Eu não tenho nenhuma maneira de saber se ele era um menino, mas por alguma razão eu estou com a certeza de que isso é verdade. Eu me deito em cima do local onde o enterrei e eu soluço até adormecer.

Eu rezo para que eu não acorde. Quando eu faço, eu descubro que eu estou em pijamas limpos e em minha cama, e a luz do sol está derramando através da janela do meu quarto. Meu pai se senta na minha cadeira de leitura do outro lado da sala, lendo um livro. Quando ele vê que estou acordada, ele se levanta e caminha até a cama. Sentado na beirada do colchão ao meu lado, ele segura a parte de trás de sua mão até a minha testa. Percebo que seus nódulos estão vermelhos e cobertos de crostas.

— Você estava com febre. — ele me diz. — Você dormiu por três dias. Mas você parece estar melhorando agora.

Eu quero recuar longe de seu toque, mas meu corpo parece como um peso de chumbo na cama. — Que dia é hoje? — eu murmuro

— Sexta-feira. — A voz do meu pai é estranhamente quente. — Não se preocupe. Você tem outra semana antes de estar de volta de Nova York. Suas contusões terão desbotado até então. Você vai se sentir muito melhor. — Ele me puxa, como se tudo estivesse funcionando perfeitamente e ele não pudesse estar mais feliz. — Claro, provavelmente haverá um par de sombras escuras no seu rosto. Você terá que cobri-las com maquiagem. Você pode fazer isso por mim, não pode Coralie?

Eu aceno com a cabeça. Eu não quero fazer nada para alterar seu humor já tão bipolar. Minha pele está arrepiada, porém, meu interior fervendo com sua proximidade.

— Você deve estar com muita fome, — ele diz, coçando o rosto. — Você perdeu muito sangue. E você não comeu a comida que eu trouxe para você, menina tola. Eu vou ter que cuidar de você, certifique-se de manter a força.

A próxima semana vai ser puro inferno. Ele não vai me deixar fora de sua vista. Mesmo se eu fosse capaz de me levantar desta cama e ir

para a porta ao lado - o que eu mais definitivamente não consigo - ele estará pairando sobre mim como um falcão. Estou presa aqui até que ele julgue necessário ou apropriado que eu vá embora.

— Agora, eu sei que você provavelmente ainda não está se sentindo tão bem, querida, mas você e eu precisamos conversar um pouco, você não acha? — ele diz isso tristemente, sorrindo, como se ele simplesmente tivesse me apanhado beijando um garoto pela primeira vez e ele está planejando me contar sobre os pássaros e as abelhas. Eu hesito diante da perspectiva do que está por vir. — Você mentiu para mim, Coralie. Você me disse que queria esperar até se casar antes de ter intimidade com um menino, mas claramente não foi esse o caso. Você tem feito coisas atrás das minhas costas. Você tem alguma ideia de quanto isso me machuca?

Tenho de ser cuidadosa. Se eu não lidar com essa situação da maneira certa, ele vai perder a cabeça. Não importa que eu já esteja deitada na cama, incapaz de me sentar. Ele vai me bater de novo, e desta vez eu não vou perder meu bebê. Eu vou perder a minha própria vida.

— Desculpe, papai. Eu não queria te machucar.

— Bem, Coralie. Você quebrou meu maldito coração. No entanto, posso te perdoar. É importante para nós fortalecermos nosso relacionamento e avançar, você não acha?

— Claro. Isso é realmente importante.

— Bom. Então vamos fazer isso acontecer. Diga-me quem foi que fez isso com você, e vamos seguir em frente.

— O quê? — Eu mal engasgo a palavra. Ele quer saber, então ele pode matá-lo em sua cama, sem dúvida.

— Nenhum de nós pode seguir em frente até que a pessoa que a enganou possa ser punida, Coralie. Eu não vou ser capaz de perdoá-la até que você tenha confessado cada pecado que você cometeu. Eu preciso saber o que ele fez com você, onde ele tocou em você, como ele tocou você. Cada detalhe. Você tem que me dizer, e então eu vou tratar disso. — Ele parece incrédulo, como se isto fosse óbvio para mim. Como se fizesse perfeito sentido eu lhe contar tudo

— Eu não acho que posso, papai. — eu digo suavemente.

— Por que não? — A raiva se aproxima das bordas de seu tom. Ele estreita os olhos para mim, inclinando-se para frente, para que eu

possa ver que ele tem um derrame de sangue em seu olho direito. Deve ter sido de quando ele estava gritando comigo.

Eu tenho que tratar isto cuidadosamente. Deus, eu tenho que medir e pesar cada palavra que sai da minha boca. Eu me esforço, tentando pensar em alguma maneira de corrigir esta situação. Não vou contar a ele sobre Callan. De jeito nenhum. Por quase dois anos, temos sido muito cuidadosos. Eu não mencionei seu nome. Eu não olhei para ele. Eu não fiz nada para chamar a atenção para ele, até mesmo dar a meu pai a impressão de que eu sei que ele existe. Eu não vou voluntariar a informação livremente agora, isso é certo. Eu prefiro levar outra surra.

Porra! Que diabos eu deveria dizer? O que diabos eu possa dizer que seja aceitável aos olhos de meu pai?

Algo vem a mim, mas não é uma decepção fácil. — Eu fui atacada. — eu sussurro. — Eu estava indo para casa da escola uma noite e alguém me agarrou por trás.

Meu pai olha para mim. Isso claramente não era o que ele esperava que eu dissesse. Não é o que ele queria que eu dissesse. Ele quer um culpado por este crime, este desrespeito que deveria ser tratado. Quase me espancar até a morte não foi suficiente. Ele quer que outra pessoa pague o preço também. — O que você quer dizer, você foi atacada?

— Estava escuro. Eu estava voltando da biblioteca e eu estava com meus fones de ouvido. Eu não ouvi ninguém me seguindo. Eu deveria ter prestado atenção, mas eu estava pensando em meus exames, e...

— O que ele fez com você? — Eu não posso dizer se ele já percebeu a minha mentira, ou se ele está ficando com raiva diante da perspectiva de alguém me abordar na rua. Ele está esmagando os dentes juntos, como se ele estivesse preparado para moê-los em pó, no entanto.

— Ele colocou a mão sobre a minha boca. Eu não conseguia gritar. Ele... ele colocou a mão na minha camisa. — Eu começo a chorar. É vital que ele acredite que eu passei por uma experiência traumática. As lágrimas vêm rápido e fácil.

— O que então? — ele exige.

Eu começo um conto de luta e violência. Eu faço isso parecer horrível e torturante. Meu pai se contorce na beira da minha cama, absorvendo tudo o que eu digo até que minha história acabe. Eu prendo a respiração, esperando para ver se ele está prestes a estalar e destruir o quarto. De pé, passa as mãos pelo cabelo, sibilando. Ele anda de um lado para o outro. — Você deveria ter me dito quando aconteceu. — ele se encaixa.

— Eu sei. Eu me senti envergonhada. Eu... eu estava humilhada. E eu não queria aborrecê-lo.

Ele diz algo depois que me atordoa. — Você não fez nada de errado, Coralie. Você não deveria ter se sentido assim. Você é boa e pura. Inocente. Eu sempre soube que você era. — ele diz, abanando um dedo em mim. — Eu sempre soube que você era uma boa menina. Se você tivesse dito algo de imediato, eu poderia ter matado o filho da puta, no entanto. Eu sou seu pai. Você sabe que pode me dizer qualquer coisa. É meu trabalho proteger você.

Se eu não estivesse morrendo de medo, eu estaria rindo histericamente agora. Ele tem sido a única coisa de que eu tive medo por um longo tempo. Ele é o único que repetidamente me machucou, ano após ano. Ele é quem me faz acordar com suores frios desde que posso me lembrar, aterrorizada por ele, espreitando no meu quarto, esperando para emergir das sombras.

— Eu sei, papai. Eu sinto muito. — gaguejo. — Eu estava tão confusa. E... e eu tenho medo desde então.

Ele fuma enquanto anda. — E você não viu o rosto dele? Você não tem ideia do quem ele é?

Eu balanço a cabeça. — Estava escuro. Ele estava atrás de mim o tempo todo.

— Eu quero esfolar aquele bastardo vivo. — ele cospe. — Quero matar alguém.

Ele não reconhece que ele já matou alguém. Ou talvez seja apenas que ele não se importa. Ele não me perguntou sobre o que aconteceu no porão, embora ele certamente deva saber. Ele deve ter me ouvido gritar. Ele deve ter visto o sangue quando ele desceu para deixar a comida e a água. Ele escolhe fingir que nunca aconteceu. Ele cimenta isso quando diz: — Você ainda é virgem, Coralie. Não importa o que aconteceu. Na minha mente, você ainda está intocada. — Isso parece ser criticamente

importante para ele. Eu apenas aceno. — A partir de agora, vou buscá-la na escola todos os dias. E não vai sair depois de escurecer. Nunca.

Minha vida está praticamente acabada agora. Enquanto estava na cama, todo o meu corpo dolorido e palpitante, sentindo-me oca por dentro, eu percebo que é isso. Não posso mais ficar aqui. Eu tenho que sair. Apesar do ritmo e das palavras irritadas, ele está relativamente calmo agora. Conheço-o. Não vai durar. Ele vai mudar de ideia em algum momento, decidir que isso foi minha culpa, e eu não vou acordar na próxima vez. Eu vou ser enterrada no porão, assim como meu filho.

E ao contrário dele, ninguém saberá que eu estou lá.

Dezenove

Coralie

Subir e cair

NAQUELE TEMPO

Eu fico na cama por uma semana. Eu luto para chegar até o banheiro. No começo, meu pai insiste em me ajudar a tomar banho. Não consigo convencê-lo de que não preciso da ajuda, então fico ali de pé, com os ombros arredondados, o corpo encurvado, os olhos fechados, a água fria batendo meu corpo. Após o terceiro dia, ainda estou sangrando, no entanto, a visão do sangue circulando em torno do ralo no chuveiro parece repulsa-lo. Ele me diz então que, até eu ficar melhor, devo ficar na cama.

Ele estava certo sobre minhas contusões. As profundas sombras roxas no meu rosto desaparecem rapidamente, pelo menos. Até o momento em que eu tenho que voltar para a escola, elas são uma sombra dolorida de verde e amarelo. Com uma aplicação sutil de alguma maquiagem, são quase invisíveis.

Posso andar por aí se eu andar devagar, mas meu pai me leva para Port Royal High de qualquer maneira, exatamente como ele disse que faria. Eu vejo Callan me esperando fora de Willoughby como sempre, mas ele não me vê sair do carro. Eu finjo não o notar.

Ninguém fala comigo nos corredores da escola. Os outros estudantes mudam de classe para a aula, rindo e brincando, ignorando o fato de que o mundo terminou. Callan e eu não temos aulas juntos, então eu não o vejo até o almoço na lanchonete. Ele deixa cair sua bolsa em uma mesa vazia e faz uma corrida para mim assim que ele me vê. — Lá está ela, minha pequena Bluebird. — Ele envolve seus braços ao meu redor e me puxa para um beijo, e eu nem sei como responder. Estou tão aliviada ao vê-lo. Estou muito confusa ao vê-lo, também,

porque tenho que lhe dizer o que aconteceu e não sei como. Eu não vou ser capaz de encontrar as palavras certas para fazer a notícia ferir menos; Vai matá-lo. Ele me beija levemente, segurando a nuca em sua mão, e eu me sinto desmoronando. Do outro lado da lanchonete, Shane e Tina gritam e torcem enquanto Callan me beija, e eu fico ali, indo com ele porque Callan parece feliz e eu não quero mudar isso ainda. Sua mão se desloca entre nós, secretamente escovando minha barriga, secretamente tentando cumprimentar nosso bebê. Nosso bebê que não está mais lá.

Callan pega uma caneta atrás de sua orelha e segura para mim. — Preciso de tinta fresca. — diz ele, puxando a manga do casaco, expondo o braço. — Eu perdi meus trabalhos de arte originais de Coralie Taylor.

— Callan podemos...

Ele agita a caneta na frente do meu rosto, sorrindo angelicamente. — Por favor?

Pego a caneta dele, sem realmente vê-la, ou a pequena e precipitada gravura que crio em seu pulso de um pássaro. Um pássaro azul para ser precisa. Estou a três segundos de irromper em lágrimas. Callan deve vê em meu rosto.

— Whoa... whoa, o que diabos, Coralie. O que há de errado? — O rosto de Callan cai, e por um momento eu acho que ele descobriu, que eu não estou mais grávida. Mas então ele diz: — Oh merda. Você já sabe, não é? Você já viu isso? — E eu sei que ele não tem ideia.

— Já viu o quê?

— A foto que tirei de você um par de semanas atrás com o hematoma sob seu olho. O que você conseguiu jogando lacrosse? Eu... — Ele geme. — Deus, eu sei que eu deveria ter perguntado, mas era uma imagem tão crua e você estava fora, em Nova York, e, bem... eu meio que a vendi.

Meu estômago ronca. Eu conheço a foto de que ele está falando muito bem. Eu voltaria para casa uma noite e Malcolm estava cego de bêbado. Eu não tinha feito nada de errado. Ele não tinha desculpas por ter me atacado com o seu cinto, pegando-me no lado da cabeça com a sua fivela. Um centímetro mais alto e ele teria me cegado. Não havia nenhuma maneira para eu escondê-lo, assim o meu pai tinha me treinado como dizer que eu tinha começado a ferida durante um jogo de lacrosse. Callan não tinha adivinhado. Eu não lhe dei nenhuma razão

para isso. Ele pediu para deixá-lo tirar uma foto com sua Leica, no entanto. Disse que as contusões contrastavam loucamente em uma imagem. Eu acabei cedendo e lhe disse que podia. Nunca em meus sonhos mais selvagens eu pensei que qualquer um mais a veria. — Você fez o quê?

— Porra. — ele assobia em voz baixa. — Eu sou tão idiota. Eu a vendi, Coralie. Eu vendi para Rise And Fall Magazine. Ele passa a explicar quem são Rise e Fall Magazine, mas eu sei muito bem; Ele tem uma pilha de suas publicações em sua cabeceira que datam de pelo menos quatro anos. — Eles tiveram uma competição e eu pensei, inferno, eu não vou ganhar com qualquer coisa. E, em seguida, na quinta-feira eles ligaram e me disseram que eu tinha ganho, e... merda, eles colocaram na capa. Saiu ontem.

O quê, porra? Eu deixei Callan tirar uma foto de mim, e ele apresentou para uma capa de revista? Eu franzi a testa, examinando seu rosto, tentando descobrir se ele está brincando. Callan não está mais sorrindo; Ele parece preocupado. — Eu tenho uma cópia dela na minha bolsa, Bluebird. Você quer ver?

Eu aceno silenciosamente. Callan pega sua bolsa e tira uma cópia da revista em questão, e lá estou eu, olhos brilhando de emoção, minha boca ligeiramente mais cheia de um lado do que o outro, como sempre... e uma contusão escura e brutal embaixo do meu olho direito. Três palavras sobrepõem a imagem em letras brancas grandes: Nossos jovens problemáticos. E depois por baixo: Imagens e Obras de arte originais a partir do Badlands - Um Novo Capítulo das Jovens Vozes da América.

Eu continuo olhando para ele, esperando que meu rosto na capa se transforme em alguém. Ele não sabe o que fez. Ele não tem ideia de quão ruim isso é. Se meu pai vir a ver isso, ele vai matar Callan e ele vai me matar.

— Você está com raiva, não está? Jesus, eu sinto muito, Bluebird. Só achei que você não se importaria. Você não é uma menina feminina. Você não usa toneladas de maquiagem. Você não é fútil como noventa e nove ponto nove por cento das meninas aqui. Eu honestamente nunca teria vendido a imagem se eu pensasse que você diria não. Você acredita em mim, não é?

Meus olhos permanecem presos na revista que ele está segurando em sua mão. — Eu perdi o bebê. — eu sussurro.

Eu seguro a revista mais baixa enquanto o braço de Callan cai para seu lado. — O quê? — A voz dele mal está lá. Ele soa sem fôlego, como se eu apenas o tivesse perfurado no peito. — O que quer dizer, você perdeu?

Suponho que a reação dessa maneira faz parecer que eu simplesmente o extraviei ou algo assim. — Quero dizer... — Minha garganta está queimando, doendo, fechando. É doloroso engolir. Eu só preciso tirar as palavras. Uma vez que elas estão em aberto entre nós, metade da batalha está feita. — Quero dizer, eu não estou mais grávida. Eu perdi o bebê. Ele morreu.

— Eu não entendo. Quando? Por que você não me ligou?

Ele não tem ideia de quão dolorosa essa pergunta é, dado que eu teria dado um órgão principal para fazer exatamente isso quando eu estava trancada naquele porão. O ressentimento transborda dentro de mim, deixando um gosto amargo em minha boca. Tenho de me lembrar que nada disso é culpa dele. Eu deveria estar fora. Ele sabia que não era provável que soubessem de mim. Ele queria que eu desfrutasse meu tempo fora do estado, longe do meu pai arrogante. — Não era algo que eu queria lhe dizer por telefone. — eu digo. Os olhos escuros de Callan estão brilhando, cheios de dor, raiva, tristeza, negação. Eu posso ver as emoções todas se revezando enquanto ele empurra sua revista de volta em sua bolsa e enfia os braços dele através das alças.

— Eu tenho que sair daqui. — diz ele. Shane e Tina chamam por nós, acenando-nos para a sua mesa quando passamos por eles, mas Callan continua andando tropeçando como um zumbi. Do lado de fora, o sol está alto, o ar distorcido pelo calor ondulado, o asfalto do quarteirão, macio e pegajoso sob os pés, cheirando a ozônio. Ninguém está por perto. Ninguém está louco o suficiente para estar vagando fora nessas temperaturas.

— Você está bem? — Callan gira ao redor, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Foi ruim? Você está bem? — ele repete.

Eu apenas aceno, não querendo arriscar o discurso. Minha voz vai quebrar e isso será o fim para mim; Vou começar a chorar e não vou conseguir parar.

— Eu gostaria de estar lá. — ele murmura. — Eu deveria estar lá.

— Você não poderia ter feito nada. — Isso é mais verdadeiro do que ele jamais saberá. Se ele estivesse lá quando meu pai descobriu

nosso segredo, ele estaria em uma cadeira de rodas pelo resto de sua vida - se tivesse sorte - e nosso bebê ainda estaria desaparecido.

— Por quê? Por que aconteceu?

Eu mordi meu lábio, meus olhos ardendo furiosamente. — Às vezes... acontece Cal. Às vezes é apenas o que deve ser.

Ele pensa sobre isso por um segundo, olhos fixos em um ponto distante sobre minha cabeça, embora eu possa dizer que ele não está vendo nada. — Bem. Eu sei... Eu sei que eu provavelmente não poderia ter evitado, mas eu deveria ter estado lá para você, Coralie. Você deve ter precisado de mim. — Eu aceno novamente. Eu me sinto amassada, a expressão dura que tentei manter no meu rosto se desintegrando quando eu explodo em lágrimas. — Merda. Venha aqui. — Callan me toma em seus braços e me segura, beijando minha têmpora e meu rosto suavemente enquanto ele nos balança de um lado para o outro. Eu posso sentir suas lágrimas molhando meu rosto, também. Eu só o vi chorar uma outra vez - quando eu subi na cama com ele um par de noites depois que Jo nos disse que ela estava morrendo. Desde então, ele tem se feito de corajoso, ajudando-a quando ela está doente, levando-a para sessões de quimioterapia. Ele tem sido forte para ela, o que não significou lágrimas. Até agora, é claro.

Ele segura meu rosto em suas mãos, brilhantes gotas de diamantes pendurados nas extremidades de seus cílios. — Desculpe, Bluebird. Estou tão arrependido. Eu sei que não planejamos ter um filho. Eu sei que somos jovens, mas eu teria cuidado de vocês dois. Eu teria apoiado e amado a ambos, não importa o quê. Mais tarde, quando estivermos prontos, podemos tentar novamente. Se você quiser. Se você ainda pode se ver tendo uma família comigo. — Eu posso sentir sua dor irradiando dele, doendo da mesma forma que dói em mim. Fiquei tão assustada quando descobri que estava grávida, mas dizer a Callan mudou isso. Ele me acalmou, me fez sentir animada sobre isso pela primeira vez. Eu não quero nada mais no mundo do que ter uma criança com ele, mas nunca vai acontecer agora, no entanto. Eu sei o que tenho que fazer, e isso vai me destruir.

— O almoço está quase acabando. — ele diz, inclinando a cabeça contra a minha. — Você vai poder vir mais tarde? Talvez devêssemos falar mais sobre isso.

Eu digo a ele que posso e eu dou um beijo de despedida.

Vinte

Coralie

Adeus

NAQUELE TEMPO

A cozinha na casa de Callan é impecável. Entre a escola, cuidar de sua mãe e o basquete, (Jo se recusou a deixá-lo sair) Callan de alguma forma conseguiu manter este lugar perfeitamente limpo e arrumado, também. Posso ouvi-lo lá em cima, conversando com sua mãe enquanto ela tosse e gagueja. É muito difícil para ela dormir a maior parte do tempo. Ela desenvolveu pneumonia um tempo atrás como um efeito colateral de seu tratamento de câncer, e mesmo que ela melhore, eventualmente, ela nunca realmente vai se livrar da tosse que envolve ela sempre que se deita.

Malcolm adormeceu cedo esta noite. Ele parecia aliviado por eu ter voltado para a escola e ninguém ter me questionado sobre o meu tempo distante, ou a tênue matiz amarelada das contusões que eu cobri no rosto, e assim ele me deixou. Eu ainda não tinha desfeito a mochila que tinha arrumado para a minha viagem a Nova York, por isso reunir as minhas coisas tinha sido simples. Eu joguei algumas camisetas extras na mochila e chutei-a debaixo da minha cama. Então só tinha sido a questão de sentar na beira da minha cama e esperar por uma queda escura.

Eu passei três horas empoleirada lá, me perguntando se Callan viria comigo depois que eu lhe dissesse o que Malcolm fez. Agora, de pé em sua cozinha, ouvindo-o no andar de cima com Jo, é muito claro que ele não pode vir comigo. É impossível. Ela precisa dele aqui. Ela poderia facilmente ter recursos para contratar alguém para ajudar em torno da casa. Peça a uma enfermeira de cuidados terminais que venha para

casa e banhe-a, administre os remédios e certifique-se de que tem tudo o que precisa. Mas ela não teria seu filho, e isso seria a coisa mais cruel que eu poderia fazer para a mulher. A coisa mais cruel que eu poderia fazer a Callan, também. Nem consigo colocá-lo nessa posição.

Eu permaneço imóvel por muito tempo, a correia da mochila mordendo a carne da minha palma, e eu tento absorver tudo. As vistas e os sons da casa dos Cross são uma segunda natureza para mim, mas logo eles serão nada mais do que uma lembrança. Eu nunca serei capaz de voltar aqui. Nunca mais vou poder vê-lo.

Eu sinto que meu corpo está sendo despedaçado. Eu não tenho ideia de como vou conseguir passar por isso. Nenhuma ideia. Não parece justo que eu tenha que colocar Callan diante disto, ou eu mesma para esse assunto, mas eu não posso ver outra maneira fora desta situação. Meu pai está se tornando cada vez mais errático e vicioso conforme os meses passam. Ele não será capaz de deter-se em breve, e ele vai me matar, sem querer ou em um acesso de raiva. De qualquer maneira, eu não quero acabar morta por sua mão, e eu não quero que Callan tenha que ver meu corpo sendo lançado da porta para fora em uma maldita maca, coberto com um saco.

Melhor que ele me odeie. Melhor que ele pense que eu estou furiosa com ele e nunca mais querer vê-lo novamente.

Eu já estou chorando enquanto eu começo a minha viagem até o segundo andar da casa. Callan está saindo do quarto de sua mãe, fechando a porta do quarto atrás dele, enquanto alcanço o patamar. Seu rosto é cinza, e há círculos escuros sob seus olhos. Ele não diz nada quando me vê. Apenas fica muito quieto. Ele está lá com a mão ainda na maçaneta da porta, seus olhos percorrendo meu corpo, percebendo que estou carregando uma mochila na minha mão e as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Ei, Bluebird. — ele sussurra. Eu agito a cabeça, tentando respirar fundo antes de dizer-lhe o que estou prestes a fazer. Eu não tenho a chance, no entanto. Callan suspira, esfregando uma mão sobre seu rosto. — Bem, hoje foi um dia sério, merda, mas eu tenho um sentimento que está prestes a ficar dez vezes pior, hein?

Eu olho para os meus pés. — Eu não posso ficar. — eu sussurro. — Você sabe que não posso.

— Por quê? — Sua voz é baixa.

— Porque... eu não sou feliz. — Esta é uma mentira. Apesar de tudo o que passei e tudo que sofri, sou capaz de ser feliz. Ele me faz feliz. Ele de alguma forma corta toda a dor e continuamente ajuda a acreditar que há esperança para o meu futuro. Serei para sempre grata a ele por isso. Estou tão danificada agora, no entanto. Eu não sei como qualquer coisa que eu toque ou acalente ou ame poderia ser bom.

— Você não está pensando direito. — diz Callan. — Isso é por causa do bebê? Porque você não é a única que perdeu algo aqui, Coralie. Eu perdi meu filho também. — ele fala calmamente, suas palavras lentas e medidas, como se ele estivesse tentando manter a calma em face de grandes chances. Ele está dolorido. Posso ver tudo sobre ele. Ele está mal, preso por um fio. Quero ir até ele, deixá-lo me abraçar, deixá-lo me beijar, deixá-lo consertar tudo isso para mim, mas ele já está carregando tanto. Se eu fizesse isso com ele, o esforço dele iria quebrá-lo e tudo seria culpa minha.

— Não é o bebê. — eu digo. — Foi a foto. Eu não poderia ficar mesmo se eu quisesse. Se meu pai ver essa revista, ele vai perder a cabeça. Ele não vai me bater na próxima vez. Ele vai me matar.

O rosto de Callan entra em parafuso. Ele dá um passo para trás. — O quê? O que quer dizer com ele não vai bater em você? Quando ele já bateu em você?

Merda. Eu não queria dizer isso. Estou distraída, tentando não quebrar em uma inundação de lágrimas. Eu não estou pensando sobre as palavras que estão saindo da minha boca. — Eu não quis dizer...

Callan levanta a mão, guiando-me para longe do quarto de sua mãe, conduzindo-me ao dele. Ele fecha a porta atrás de nós e, em seguida, rodando em volta mim, os olhos acesos com horror. — Porra, o seu pai bate em você? Quando? O que aconteceu?

Eu suspiro. Sua reação é de imediatismo - o tipo reservado normalmente para notícias de última hora. Isso é novo para ele. Uma atrocidade que exige ação. Para mim, a crueldade é tão comum que se tornou rotina. Não há surpresa aqui. Nenhuma indignação.

A luta me deixou completamente. Eu não posso mesmo reunir a força para continuar mentindo sobre isso. Eu me sinto cansada em meus ossos e mais profundo do que isso, mais perto de minha alma. — Ele sempre fez isso, Cal. Sempre. Desde que minha mãe morreu.

Callan afunda pesadamente em sua cama. Algumas fotografias escorregam de cima do edredom, voando para o chão. Eu vejo uma foto

minha lá no assoalho, cercada pela grama longa, face iluminada na luz solar dourada. Eu estou sorrindo, meus dentes mostrando, mas eu posso ver a dor calma em meus olhos. Como ele não pode ter visto? Como ele não pode ter sabido de alguma forma?

— Droga, Coralie. Você deveria ter dito alguma coisa.

— Eu deveria ter feito um monte de coisas.

— Esse golpe foi porque ele bateu em você, então? Você não o ganhou jogando lacrosse?

— Sim. — Minha boca forma a palavra, mas nenhum som real sai. Pelo menos eu acho que não. Meus ouvidos estão tocando, zumbindo com um ruído agudo que apaga todo o resto.

Callan cobre o rosto com as mãos e fica ali sentado por um longo tempo, os ombros erguendo-se e caindo enquanto respira profundamente. Quando ele finalmente olha para mim, seus olhos estão injetados e seu rosto está ainda mais cinzento do que antes.

— Você tem que ficar. — diz ele. — O que posso fazer para que você fique?

Eu olho para ele e vejo tudo na minha vida que me traz alegria. Vejo horas passadas nas margens do rio depois da escola. Eu vejo a maneira gentil como ele me estuda quando ele está dentro de mim. Eu vejo o amor, e eu vejo a esperança, e eu vejo a possibilidade, e dói muito, porra. Eu vou até ele, colocando uma mão em sua bochecha, sentindo a picada afiada de sua barba na minha palma.

— Nada, Callan. Não há nada que você possa fazer. — Eu soo estrangulada quando eu forço para fora minhas palavras seguintes. — Não me siga. Eu sinto muito. Adeus. — Eu o beijo rapidamente, esmagando meus lábios contra os dele. Ele segura meu pulso, fazendo um som ofegante, mas eu me afasto. Viro-me e saio, e não olho para trás.

Vinte e Um

Callan

Culpa

AGORA

— Eu não entendo. — Eu continuo olhando para ela, tentando descobrir o que diabos ela está falando, mas isso simplesmente não faz nenhum sentido. — Você me disse na escola que era apenas uma dessas coisas. Que às vezes as mulheres só têm abortos espontâneos. E agora você está dizendo que foi Malcolm? Ele descobriu que você estava carregando meu filho e ele te bateu até que você o perdeu?

— Sim. E me senti tão culpada. Eu tive que ir embora. Eu ia pedir para você vir comigo, mas...

— Mas?

— Eu vim aqui naquela noite Callan, e sua mãe estava tão doente. Você era o único a ajudá-la. Você a amava e você a estava perdendo. O que você teria feito se eu tivesse pedido para você ir embora?

— Eu teria convencido você a ficar. Comigo. Você poderia ter se mudado para casa. Você sabe que minha mãe não teria se importado. Especialmente se ela soubesse o que estava acontecendo com você. Foda-se, Coralie! Eu não posso acreditar nisso. — Ela parece estar exausta, cansada por sua confissão. Lentamente ela envolve um dos lençóis em torno de seu corpo nu, lágrimas derramando em seu rosto.

— Eu não poderia ter ficado perto daquela casa por mais um segundo. Eu não poderia ter morado aqui, bem ao lado, sabendo o que eu tinha passado naquele porão. Ele nunca teria me deixado ir. E você teria entendido isso. Você teria vindo comigo Callan, e Jo precisava de você. Ambos precisavam um do outro. Eu não poderia fazê-lo.

— Não era sua decisão, Coralie. Jesus. Eu não posso acreditar que você não me disse. — Eu me levanto e caminho para a cozinha,

onde encontro minhas roupas. Eu coloquei minha boxers e minha calça jeans de volta, e então eu levo as roupas de Coralie de volta para ela onde ela está sentada no sofá, inundada pelo velho material esfarrapado que ela tirou da mesa de centro. Ela pega suas roupas de mim e rapidamente se veste, sem me olhar. Eu me inclino contra o batente da porta, observando-a, dividido entre gritar com ela e chorar. Ela passou por isso sozinha. Ela passou por tudo sozinha, e eu teria apoiado ela. Gostaria de ter cuidado dela e ter nos dado oportunidade, mas ela escolheu carregar o fardo por conta própria, e veja o que aconteceu.

— Então você estava aqui? Durante todo o tempo em que pensei que estava em Nova Iorque, estava aqui? Próxima porta? No porão?

Coralie enterra seu rosto em suas mãos, soluçando. Sua cabeça se inclina para cima e para baixo. Ela não pode falar. Eu tenho que correr de volta para a cozinha. Inclinando-me na pia, eu vomito, meu estômago tenso, minhas costas tensas, tudo tenso quando percebo o que isso significa. Ela estava sozinha. Coralie aparece silenciosamente na cozinha, ainda chorando, embora pareça ter reunido seus sentidos. Ela coloca a mão em minhas costas, e eu me viro, segurando-a no pulso. — Você me amou? Naquela época?

— Claro que sim. Eu não podia respirar sem você metade do tempo, Callan.

— Então como você pôde ter me mantido no escuro assim? Como você não confiou em mim o suficiente para me deixar mantê-la segura?

Ela mergulha a cabeça, engolindo em seco. — Eu sempre confiei em você, Callan. Eu sempre confiei em você. Tudo estava tão cru na época, no entanto, e eu sabia como isso iria afetá-lo. Conhecer a verdade sobre o que aconteceu o teria virado de dentro para fora, e era tarde demais para me manter segura. Eu estava além disso. E você... você ainda era bom. Você ainda era leve. Eu sabia que a perda de Jo ia ser tão dolorosa como foi. Eu não poderia acumular mais dor e sofrimento em você. Eu simplesmente não podia fazer isso.

— Maldita seja. Eu poderia ter feito isso, Coralie. — Eu começo a andar de um lado para o outro na pequena cozinha, tentando me livrar da frustração que estou sentindo, mas ela não se dissipa. Ela só cresce mais forte e mais forte, construindo dentro de mim até que me leve. Estou tão irritado, apto para explodir de raiva que eu não sei o que fazer comigo mesmo. Eu deixei isso tomar conta no final. Eu entrego-me ao caos borbulhante e efervescente dentro de mim, e a próxima coisa que eu sei é que estou empilhando meu punho através da placa de

gesso da parede da cozinha. A poeira branca voa por toda parte, embaçando o ar, mas eu não consigo me refazer dessa merda. Coralie grita, retrocedendo, envolvendo os braços ao redor de si mesma. Ela parece tão assustada, e por um batimento cardíaco eu luto para entender o porquê. Tudo se encaixa. Quando uma voz pequena na parte traseira de minha cabeça diz: ela foi espancada, seu idiota. Seu pai usou a violência contra ela por anos. Claro que ela vai enlouquecer se você começar a esmurrar o punho em coisas.

— Meu Deus, Coralie, desculpa. Porra. Venha aqui. — Ela está rígida como uma tábua, tremendo como uma folha enquanto eu a agarro e a puxo para mim. — Eu nunca, nunca machucaria você, não importa o quão zangado eu estiver, Bluebird. Sinto muito, não deveria ter feito isso. — Minha mão está pulsando com dor, meus nódulos arranhados e machucados, mas isso não dói em qualquer lugar tanto quanto em meu coração. Coralie chora contra mim, suas lágrimas escorrendo pelo meu peito nu, e nós dois ficamos ali assim por algum tempo. Eu sei que ela está com dor. Ela está sofrendo por todos esses anos. Eu me machuco por ela, por tudo o que ela passou, mas também estou um pouco ressentido. Se ela tivesse fé em nós. Se ela tivesse confiado em mim para protegê-la. Claro, eu era um idiota adolescente na época, mas o amor que tínhamos era real. Eu teria dado a minha vida por ela se eu tivesse pensado por um segundo que ela estava em perigo. Eu teria movido montanhas e retido os mares se apenas isso significasse que ela estava segura.

Eventualmente Coralie para de chorar. Ela olha para mim, os olhos arregalados, molhados de lágrimas e eu me vejo perdido nessa maldita mancha escura em sua íris. Eu disse a ela uma vez que parecia a tempestade furiosa na superfície de Júpiter, e ainda parece. Ela é a criatura mais impressionante e fascinante que já conheci. Ela realmente é como um pássaro - pequeno, cauteloso, intrincado e bonito. E pronto para tomar voo no primeiro sinal de perigo.

— Preciso que você vá embora agora. — digo a ela.

Seu rosto cai, como se estivesse esperando que isso acontecesse desde que ela falou. Como se ela já tivesse aceitado. — Claro. Está bem. Eu compreendo.

— Só preciso de um momento para processar tudo. Eu não posso fazer isso quando você está me olhando assim.

Ela assente com a cabeça. — Eu sei que você provavelmente não será capaz de me perdoar Callan, mas você deve saber que eu lamentei

minha decisão todos os dias desde que eu disse adeus a você. Eu sei que eu deveria ter dito a você, e eu sei que eu deveria ter ficado. — Ela me deixa e desliza silenciosamente para fora da cozinha. Eu fiquei olhando através do buraco gigantesco, fodido, que eu abri na parede, e pela primeira vez em doze anos eu me sinto vazio. É um alívio.

Vinte e Dois

Callan

Sem surpresas

AGORA

Falei com Malcolm Taylor apenas uma vez. Durante todo o tempo que Coralie e eu estávamos nos esgueirando, tirando fotos, segurando ferozmente um ao outro na minha cama, correndo tão selvagens quanto possível, com o velho bastardo controlando-a tão obstinadamente, eu só tive a oportunidade de enfrentá-lo e realmente falar com ele uma vez. Isso parece estranho para mim agora, mas na época eu estava aliviado. Coralie tinha me dito que ele era um cara difícil, super protetor, e eu estava disposto a acreditar nela e evitá-lo a todo custo.

— Você nunca suspeitou que ele estivesse machucando ela, no entanto. Naquela noite que ela saiu da cidade foi a primeira vez que ela disse algo sobre isso. Eu me lembro cara. Lembro-me de estar chocado quando você me disse, também. Ela sempre escondeu bem. — Shane me dá uma terceira cerveja. Eu tinha sentado em casa e tentado pensar nas coisas depois que Coralie saiu, mas eu tinha começado a ficar um pouco louco. Parei no Willoughby's, à procura de um velho amigo para conversar, e acabamos indo para Chase's - o único boteco na cidade que parece ter escapado da comunidade - regenerado — Shane e eu costumávamos vir aqui e ficar doidos depois que minha mãe morreu. Nem me lembro quantas vezes eu vomitei no banheiro dos homens. À velocidade que estamos indo, eu provavelmente ia acabar revisitando essa tradição hoje à noite, mesmo que seja por amor aos velhos tempos.

— Sim. Eu não tinha a mínima ideia. Ainda. Parte de mim sente que eu deveria ter de alguma forma.

— Porra, cara. Eu ainda não posso acreditar que você ia ser pai. Eu não posso acreditar que você ia ser um pai e você não me disse.

— Desculpa. Parece que estávamos cheios de segredos naquela época. — Eu pego a minha cerveja, agradecido por estar gelada, então não posso saborear quão barata a porcaria é. — Não é como se estivéssemos gritando isso dos telhados na época, saca?

— Hmm. — Shane resmunga. — Você está com raiva dela? Você a culpa pelo que aconteceu?

Faço uma pausa com minha garrafa de cerveja apertada aos meus lábios, olhando para o zumbido de luz amarela e vermelha refletida no espelho de bar do jukebox atrás de nós. Minha mente parece ter chegado numa parada. — Eu não sei. — digo a ele, porque é a pura verdade. Eu não sei o que diabos eu deveria estar pensando mais. Eu sei que a amo. Isso nunca vai mudar? Mas eu a considero responsável pela morte do nosso filho? Seria fácil ficar com raiva e colocar a culpa onde ela encaixa mais facilmente. Malcolm já está morto, assim odiá-lo ainda mais não vai me fazer sentir melhor. Odiar Coralie pode me fazer sentir hipócrita e finalmente livre, capaz de voltar para Nova York sem sentir como se eu tivesse falhado em conseguir algo com ela aqui, mas seria forçado. Ela não mentiu para me enganar. Ela mentiu para me salvar de mais dano. Eu balanço a cabeça, levantando a garrafa de cerveja na minha mão e despejando metade de seu pela minha garganta.

— Eu apenas não sei o que eu penso ou sinto mais. Eu pensei que tudo isso era uma marca no meu relacionamento com Coralie, mas agora parece que é a única coisa na minha cabeça. Eu não consigo pensar em mais nada. — Eu balanço a cabeça. — Jesus, nós teríamos sido pais terríveis.

— Não, vocês não seriam cara. Vocês teriam sido ótimos. Todo pai pensa que vai ser um grande fracasso ao criar uma criança, acredite em mim. Eu sei. Tina chora a cada cinco minutos porque ela pensa que vai acidentalmente deixar nosso recém-nascido se afogar na banheira ou algo assim. Mas quando acontece com você, você faz dar certo. Você descobre como fazer isso. Você e Coralie teriam descoberto também. Você teria uma chance melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheço, de qualquer maneira.

— Por que você acha isso?

— Porque vocês se amaram muito. Todo mundo na escola costumava ver vocês juntos e sair, porque vocês dois estavam tão colados um no outro. Não havia Callan ou Coralie. Apenas Callan e Coralie.

— Pffftttt. — Eu deixo sair um grande suspiro. Parece tão sentimental pensar naqueles dias. No passado eu tentei tão fortemente parar de pensar em Coralie, mas isso sempre foi um exercício inútil.

— Nós não sabíamos que éramos especiais na época. — eu digo, mas esta é uma falácia. Nós dois absolutamente sabíamos. Não havia segredo nenhum sobre isso.

— Olha cara, eu sei que ela é tudo o que você queria na última década, mas confie em mim. Acabar com sua namorada do ensino médio não é tudo o que dizem. Você as conhece de dentro para fora, de fora pra dentro. Você sabe o que elas estão pensando em todos os momentos. Você pode muito bem adivinhar o que elas vão usar cada dia com base em como elas disseram bom dia para você quando você saiu da cama. Vocês podem antecipar um ao outro, saber exatamente o que vai sair da boca do outro quando vocês estão chateados, quando estão felizes, quando estão tristes...

— E essas coisas são ruins, por quê...?

Shane se aproxima ao meu lado, lançando um olhar cauteloso para a garçonete como se ela fosse uma espiã soviética. — Não há surpresas, Callan. Nenhuma. É horrível.

Eu rio pela primeira vez desde que Coralie saiu da minha casa.

— Você não diria isso se não tivesse tido, idiota. Confie em mim.

— Eu não acho que posso confiar em um cara que preferiria dormir com uma mulher o resto de sua vida em vez de pegar toda buceta disponível de Nova York.

Shane está falando merda. Eu o conheço. Conheço-o toda a vida. Ele não é um cara do tipo sexo casual. Ele não saberia como ter sexo casual mesmo que houvesse uma mulher nua deitada numa cama na frente dele, dizendo-lhe que queria ser fodida e nunca mais vê-lo. Ele está com Tina desde sempre. Tenho bastante certeza de que ela é a única mulher com quem ele já dormiu - a única mulher com quem ele já quis dormir. Ele só está tentando me fazer sentir melhor, e não está funcionando.

— Apenas pare de falar. — eu digo a ele.

Shane fecha a cara para mim e depois gesticula para a garçonete para nos trazer outra rodada de cervejas. Ela lhe dá um olhar scandalizado, jogando seu pano de limpeza no bar. — Você não está nem na metade, Shane Willoughby. — diz ela.

— Estou ciente. Mas no ritmo que você se mexe, Carolyn Anderson, eu já vou ter terminado e bebido o dele. — Ele tenta tirar a minha cerveja de mim, mas eu atiro-lhe um olhar que lhe diz muito claramente o que vai acontecer com ele, se ele tentar tocar na maldita garrafa de novo.

Estou prestes a dizer a garçonete Carolyn para não se preocupar em buscar outra bebida pra mim, mas o meu celular começa a vibrar no bolso. Quando o tiro, vejo o número de Angela Ricker piscando na tela. Deus sabe o que ela quer. Eu não ouvi falar dela há algum tempo. Na verdade, eu não fiz nenhum trabalho para Rise and Fall Magazine em mais de um ano. Eu atendo o telefonema, fazendo uma cara de desculpas para Shane. — O que há, Angela?

— Callan Cross. Você é um homem difícil de achar. Eu tenho estado a sua procura há dias. — Ela provavelmente tem, e eu não teria ideia. Estive muito preocupado com Coralie e seu pai. — Eu até passei por sua casa na noite passada, mas o porteiro disse que você estava fora da cidade. Carolina do Sul? Eu disse a ele que ele deveria estar enganado. Caras da cidade grande nunca voltam às raízes de suas pequenas cidades depois que escapam delas.

— Ha! E ainda assim, aqui estou. — Há uma longa pausa no outro lado da linha. Angela parece estar esperando por mim para dizer a ela o que diabos eu estou fazendo aqui. Ela vai ter que me perguntar se ela quiser saber, entretanto, e mesmo assim eu provavelmente não vou lhe dizer a verdade.

— Certo, bem. — diz ela. — Eu tenho um trabalho que você não será capaz de recusar. Você andou se esquivando dos trabalhos da empresa por muito tempo, Cal. Não há nenhuma maneira que você vai desistir dessa sessão, no entanto. De jeito nenhum.

— Eu não quero, Angela.

— Você nem sabe o que é ainda. — Ela é uma daquelas mulheres que faz beicinho desnecessariamente. Eu posso imaginá-la fazendo isso agora enquanto sua testa enrugada de frustração. — É a chance de uma vida. E o pagamento é fenomenal. Eu não vou parar de incomodá-lo sobre isso até que você pelo menos me deixe explicar.

— Bem. Diga-me o que é para que eu possa dizer-lhe não novamente e desligar.

Angela resmunga no telefone, fazendo ruídos desagradáveis. Ela não está acostumada a ter que implorar trabalhos para fotógrafos.

Normalmente os fotógrafos se engalfinham pra ter uma chance de trabalhar com eles. — Nós queremos que você tire algumas fotos políticas. Alberto Capali vai tomar posse como o novo prefeito de Nova York, e queremos que você vá para casa dele e tire fotos de sua família, de sua casa, ele andando com o cachorro, se você quiser. Mas queremos fotos sinceras. Nenhuma propaganda. Se você ver algo que parece estranho, fotografe. Se ele discutir com sua esposa ou seu filho, fotografe. Se você acha que Capali parado no frio em samba canção daria uma fotografia surpreendente, então você tira a droga da fotografia. Ele concordou em ser um livro aberto.

— Não faço trabalho político, Angela. Você sabe disso.

— Besteira. Cada foto que você tira é política. E a revista tem um orçamento de trinta mil dólares para a peça. — Ela faz uma pausa. Quando eu não faço nenhum comentário, ela diz: — Você me ouviu, Cross? São trinta mil dólares para um par de dias de trabalho. Normalmente você teria que se escravizar por dois meses para conseguir um salário como esse.

Trinta mil dólares é muito dinheiro. E ela tem razão: leva-me um par de meses para ser pago assim. — Tudo certo. Desde que é um trabalho em Nova York, vou considerar. Envie as informações. Quando eu voltar, vou dar uma olhada nisso.

— Vamos, Cross. Você deve saber melhor do que isso. Isso tem que acontecer neste fim de semana. Vou ter que te colocar em um voo na parte da manhã, e você terá que ir direto do aeroporto para a casa de Capali. Esse é o único problema.

— Certo. — Então, será isso. Só terei esta noite em Port Royal se eu aceitar este trabalho. Shane obviamente pode ouvir o que foi dito no telefone. Ele ergue uma sobancelha para mim, esperando para ouvir qual será minha resposta. Eu suspiro, então tomo um gole da minha cerveja.

— OK. Bem. Envie-me a passagem. Voltarei para Nova York de manhã.

Eu desligo, e Shane me bate no braço. — Cara, eu não achei que você fosse concordar com isso.

— O que você quer dizer? Você estava me dizendo cinco segundos atrás que eu deveria estar animado para voltar para casa.

Ele franziu o cenho. — Sim, bem. Eu não sei. Eu realmente não pensei que você me ouviria. Achei que você ia ficar aqui, descobrir como lidar com tudo e com ela. Você é um filho da puta teimoso, Callan. Quando você tem seu coração em algo, você normalmente não desiste tão fácil.

— Mmm. — Eu termino a minha cerveja, passando para a próxima. — Eu acho. Mas você sabe o que dizem sobre a definição de insanidade. Repetir os mesmos atos esperando um resultado diferente. Estou cheio disso, Shane. Ela estava certa o tempo todo. Houve muita dor entre nós. Muito sofrimento. Eu não sei de alguém capaz de superar o que já passamos. Eu tenho que ser esperto. Eu tenho que saber quando seguir em frente. E agora, eu acho que chegou a hora.

Vinte e Três

Coralie

Fim da estrada

AGORA

O passado é como um país estrangeiro. Parece que visitei há muito tempo, mas não tenho ideia de como voltar lá. E mesmo se eu pudesse voltar lá, eu não sei se eu iria querer tomar uma jornada tão perigosa e terrível. Às vezes, eu não tenho uma escolha, no entanto. Há ocasiões em que eu sou arrastada de volta pra lá pelos meus calcanhares e eu não consigo parar, não importa o quão forte eu chute e grite e chore.

Eu viajo de volta para a primeira noite no porão o tempo todo. Por um tempo, vomitar foi a única maneira de bloquear as lembranças violentas que me atingiam repetidamente. Vomitar foi a única maneira de quebrar o ciclo.

Eu pensei que uma vez que eu tivesse deixado Port Royal, tudo ficaria melhor. Mas não. Durante anos eu estive doente, perturbada sobre o que tinha acontecido. E perder Jo. Não ser capaz de dizer adeus a ela. Principalmente, eu estava despedaçada por perder Callan. Na minha cabeça, eu tive que me agarrar à ideia de que eu estava brava com ele. Que eu o odiava por vender aquela fotografia minha para o mundo. Isso facilitava que ele fosse embora. Que eu tinha ido embora.

Agora parece que ele está indo embora, e eu não o culpo. Não posso. Quer dizer, eu tive bem mais de uma década para chegar a um acordo com o que aconteceu e eu ainda não consegui. Como posso esperar que ele passe por isso e aceite em menos de vinte e quatro horas? E como posso esperar que ele me perdoe por manter isso em segredo? Meu pai deveria ter ido para a prisão por causa do que ele fez, tanto para mim como para nosso bebê, e eu o deixei escapar disso. Eu não poderia ter enfrentado a denúncia do crime. Levou anos para confessar a um terapeuta, e eu tive um ataque de pânico quando eu

disse as palavras. Foi quando meu transtorno alimentar ficou pior. Quando minha bebedeira estava além do controle. Eu nunca estive tão perto de cair naquele buraco como eu tenho estado nas últimas semanas. Eu não estou com medo de perder o controle, no entanto. Eu estava com medo porque eu sabia que eu ia ter que contar para Callan, e agora que eu contei, apesar do quão terrível e difícil foi, eu me sinto um pouco mais leve. Eu não quero derramar uma garrafa de vodka na minha garganta. Eu não quero vomitar o suficiente para rasgar meu esôfago.

É um alívio.

— Você é uma garota tola. — Friday me diz, me entregando um copo de chá doce. — Você devia ter me dito sobre todas essas tolices quando aconteceu. Eu entendo, no entanto. Verdade. Às vezes a única coisa que pode consertar tudo é o tempo, e você teve que chegar lá sozinha. Não é uma jornada que outras pessoas possam fazer por você. Ou mesmo te acompanhar.

Eu não tenho nada a dizer sobre isso. Eu não falo sobre minhas emoções facilmente. Sempre houve esse bloco dentro de mim, esse muro insuperável que nunca consegui vencer. Escalar o muro ou tentar derrubá-lo sempre foi uma tarefa fútil. Agora que pareço ter conseguido, estou contente em levar as coisas devagar, um passo de cada vez.

— Você e ele nunca foram feitos para ficar aqui, Coralie. Vocês dois tinham a intenção de sair e ver o que havia no mundo. As circunstâncias para você irem foram do pior tipo, mas foi o seu destino. E agora o destino os trouxe de volta aqui para curar suas feridas.

— As feridas de Callan são muito recentes. Vão levar muito tempo para curar.

Friday encolhe os ombros, olhando para longe. Atrás de nós, eu posso ouvir o suave sussurro do rio, a mesma cadência e conversa que tem sido sussurrada durante o tempo que me lembro. Cigarras cantam e se aquietam, uma bizarra e bela sinfonia. — Os homens são criaturas estranhas, Coralie. — diz Friday suavemente. — Eles se recuperam de seus ferimentos diferente das mulheres. Quem sabe quanto tempo o coração desse menino levará para ficar no lugar. Pode não ser tanto tempo quanto você pensa.

Nós duas nos sentamos, vendo o mundo continuar lentamente ao nosso redor. Depois de um longo tempo, Callan chega em seu Ford batido, entrando em sua garagem do outro lado da rua, e eu percebo pela primeira vez que é o carro velho de sua mãe - o que ele costumava

dirigir para fazer as tarefas que ela pedia ainda quando éramos crianças.

— Você vai falar com ele, garota? — Friday pergunta.

Eu penso sobre isso por um momento, e então eu balanço a cabeça. — Eu disse tudo o que posso dizer, Friday. Está feito agora. Acabou. — Meus olhos piscam para a casa ao lado de Callan – colunas antigas rachadas, pintura descascando, janelas com hera, kudzu envolto em arcos graciosos sobre o pórtico - e eu realmente vejo o lugar pela primeira vez desde que cheguei. Eu evitei olhar para ele, não querendo vê-lo, reviver qualquer dor que aconteceu lá, e agora que estou enfrentando, deixando entrar, nada acontece. Eu não estou com medo como eu pensei que estaria. Eu me lembro de minha mãe me empurrando em um balanço de pneu no quintal quando eu era pequena. Lembro-me de horas passadas conversando com Callan através da abertura de sete metros que fica entre as propriedades. É isso aí. Nada mais.

Callan sai do carro e fica ao lado dele, olhando para o chão por um momento. Eventualmente ele olha para cima e nos dá um breve aceno. Dois dias atrás, ele estaria aqui como um tiro, tentando falar comigo, para que eu o ouvisse. Parece que suas prioridades mudaram, no entanto. Ele nos dá um sorriso apertado e entra em casa. Eu considero irromper em lágrimas.

— Deixe-o respirar, garota. Deixe-o lidar com isso por um tempo. Eu vejo vocês juntos há anos. Eu sei que não está acabado. Acredite, os dois ainda têm um longo caminho a frente, e vocês estarão caminhando juntos, sem dúvida.

Callan fecha a porta da frente atrás dele, engolido pela escuridão dentro da casa, e meu coração se estilhaça um pouco mais. — Eu não sei sobre isso, Friday. Acho que a nossa estrada finalmente chegou ao fim. Acho que é aqui que eu sigo meu caminho e ele o dele. Para sempre, desta vez.

Vinte e Quatro

Callan

Pássaro azul

AGORA

Ver Coralie na sexta-feira foi difícil. Cada molécula dentro do meu corpo é atraída por ela, querendo que eu fosse até lá e a tomasse nos meus braços, a abraçasse e nunca a deixasse ir. Por anos eu me senti assim. Vai levar mais do que cinco minutos para acabar com essa necessidade dela, mesmo que eu não queira mais sentir isso. E eu não consigo descobrir se é mesmo o que eu quero.

Deus. Por que ela tinha que manter segredos de mim? Por um lado, eu entendo. Deve ter sido horrível para ela passar por isso. Vítimas de abuso estão muitas vezes tão mentalmente machucadas pelo que aconteceu com elas que nunca realmente o admitem a ninguém. Já li sobre isso antes. Vejo frequentemente com as modelos que eu fotografo. Eu nunca pensei que seria tão cego para isso, especialmente com alguém que eu estava tão perto no momento. Faz-me sentir como se eu tivesse falhado com ela. E ela falhou comigo. Que merda de bagunça.

Devo ir até lá e dizer adeus a ela? Devo dizer a ela que vou embora? Eu não sei mais o que fazer. Estou tão perturbado pelos acontecimentos dos últimos dias que não posso confiar em mim mesmo para tomar a decisão certa. Eu caminho pela casa, tentando pensar, mas uma hora depois nada está mais claro. Meu voo de volta para Nova York é em pouco mais de doze horas. Este trabalho com Capali deve ser uma boa distração, mas há uma boa chance da minha cabeça simplesmente não estar no jogo. Se isso acontecer, meu trabalho será uma merda.

Droga. Talvez eu devesse seguir em frente. Ir para o aeroporto mais cedo, ver se há voos mais adiantados. Eu fico na sala de estar, assaltado por visões do que aconteceu aqui com Coralie no passado, e

eu me encontro novamente despedaçado. Eu empurro os sentimentos pra longe. Só tenho que ir embora. Preciso ir embora daqui.

Correndo escadas acima, vou para o meu quarto e pego a minha mala. Eu alcanço minha cama, prestes a apertar o interruptor de luz para que eu possa sair, quando eu chuto algo pesado debaixo da cama. Uma parte do meu cérebro já sabe o que é, mas eu me vejo olhando de qualquer maneira, agachando e jogando de volta o edredom para revelar a cesta de vime que mamãe costumava guardar meus Legos quando eu era mais novo. Eu tinha jogado eles fora quando eu tinha treze anos, no entanto. Comecei a usá-lo para o meu equipamento de fotografia. Minha mão repousa em cima das fibras tecidas, meu coração doendo em meu peito de repente. Se eu abrir isso e vir o que está dentro, eu sei perfeitamente bem o que vai acontecer.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis...

Eu conto até vinte antes de decidir e puxar o cesto para fora.guardo mais um minuto com ambas as mãos cobrindo minha boca, respirando com dificuldade, antes de soltar o prendedor e levantar a tampa.

Câmeras descartáveis. Pelo menos trinta delas. Metade delas são minhas; Metade delas é de Coralie. Dentro dessas câmeras estão mais de dezoito meses de memória, amor, alegria, sofrimento e dor. Nós concordamos que esperaríamos para revela-las - elas deveriam ser impressas no aniversário de dez anos depois que começamos a namorar. Elas estão paradas aqui dois anos mais do que elas deveriam. Quando eu tinha dezessete anos, eu estava ansioso para revelar elas. Eu imaginava que Coralie e eu nos trancaríamos juntos em um quarto escuro e observaríamos cada exposição, esperando com a respiração nervosa, enquanto um registro do nosso passado florescia na existência. Era para ser um momento bonito. Era pra ser especial.

Eu olho para as câmeras com data marcada e eu considero levá-las para o quintal, jogá-las no lixo e tacar fogo. Por um momento, sinto como se isso fosse uma libertação, como deixar ir. Mas então eu imagino a sensação de perda depois que o plástico, o cartão e o filme forem devorados pelas chamas, e eu me sinto vazio por dentro.

Levanto-me e corro escada a baixo, indo direto para a cozinha. Eu não comprei comida aqui, não há nada na geladeira, mas felizmente eu liguei a geladeira quando eu cheguei. Tem cubos de gelo no freezer o suficiente para o que eu preciso. Eu coloco-os em uma tigela velha e volto lá pra cima. Fecho a porta do meu quarto, puxando meu velho

roupão desgastado do gancho, e atiro-o no chão, chutando-o contra a abertura da porta para bloquear qualquer luz ambiente. Em seguida, eu fecho as cortinas blackout que eu convenci minha mãe a instalar para mim e ligo a luz vermelha pendurada sobre a minha cama. Então o quarto está iluminado por um brilho carmesim, proporcionando suficiente contraste e sombra para que eu possa ver o que estou fazendo. Todo o meu equipamento antigo de revelação ainda está na cesta, juntamente com as câmeras. Revelador, auxiliar de lavagem, fixador, LFN - tudo está exatamente onde eu o deixei. Eu já tenho uma garrafa fechada de água destilada na minha cabeceira de quando eu tinha saído no outro dia. Há uma boa chance de que o fixador e o revelador no meu kit tenham sido alterados quimicamente ao longo dos anos que estiveram parados acumulando poeira, mas estou disposto a arriscar arruinar algumas imagens para descobrir.

Eu trabalho rapidamente enquanto eu configuro o resto do equipamento que eu preciso em minha mesa antiga: copos de medição, os meus rolos, abridor de cassetes, troca de saco, termômetro e temporizador. Estou tão acostumado em trabalhar em salas escuras agora que eu não preciso usar um termômetro e temporizador mais. Eu desenvolvi uma fina arte ao trabalhar com isso. Ainda assim, eu configuro tudo do jeito que eu costumava quando era mais jovem, seguindo o processo exato que eu fiz naquela época. Era praticamente um ritual religioso para mim, algo do que eu era muito orgulhoso.

O revelador está muito quente agora. Derramo um copo e coloco-o na minha banheira de gelo improvisada, e então espero. Selecionar uma câmera para usar nesta experiência é difícil. Há uma boa chance de que isso não vai funcionar e eu vou acabar destruindo o rolo, então eu tenho que estar bem em perder a que eu abrir. É tão difícil lembrar o que e quando estava acontecendo durante o tempo que passamos pulando um em cima do outro e tirando fotos. Março? O que diabos estava acontecendo em março? Primavera chegou com tudo no início do ano. Foi anormalmente quente. Eu me lembro de Coralie coberta de flores, nós dois deitados de costas na beira do rio, o céu tão azul sobre nós. Lembro-me de Coralie se esgueirando pra dentro da minha casa pela primeira vez, depois de eu ter tentado convencê-la durante semanas. Sabendo o que eu sei agora, ela tinha sido tão corajosa em fazer isso tudo. Eu nunca teria tentado convencê-la a fazê-lo se eu soubesse como seu pai era louco. O que significaria para ela se ela tivesse sido pega.

Eu coloco março de volta na cesta. Junho é o próximo. Eu estava ensinando-a a dirigir durante nossos períodos livres. Seu pai não a

deixava ter um carro, nem pagaria pra ela ter aulas. Ele disse a ela que ela não era competente o suficiente para dirigir, e que dar-lhe os meios para dirigir um carro só iria machucá-la. Estou disposto a apostar que ele não queria dar-lhe as habilidades necessárias para escapar dele, no entanto.

Outubro. Outubro foi o mês antes de Coralie ter dado a notícia de que ela estava grávida. Foi a única vez que já brigamos. Ela parecia muito chateada e nervosa o tempo todo. Discutimos constantemente por três dias e, em seguida, não tinha falado por uma semana inteira. Tinha sido horrível. Não haverá um mês melhor para escolher do que este se eu preciso encontrar imagens que eu não me importo de perder. O filme inteiro está provavelmente cheio de fotos de bonecos de vodu de Callan Cross com pinos saindo de seus globos oculares.

Eu quebro a cassete e preparo o filme. O revelador está pronto então eu misturo a solução e vou para o trabalho. Eu ando para cima e para baixo enquanto espero pela primeira das imagens se revelarem. Eu só posso mergulhar cinco folhas de cada vez, então eu tenho que fazê-los em etapas. Eventualmente, as imagens começam a surgir no papel.

A primeira imagem é uma foto de Coralie e eu juntos, dois idiotas sorrindo para a lente da câmera. Nós parecemos tão jovens. Tão felizes. Tão ridiculamente apaixonados. É incrível o quão pouco ela mudou desde então. Eu pareço um pouco mais velho, eu acho. Rígido, de alguma forma, como se houvesse uma barreira entre mim e o mundo exterior agora.

A segunda é um retrato de Friday e seu louco cãozinho. Coralie compôs a imagem para fazê-la parecer uma espécie de retrato de família vitoriana, Friday olhando austeramente para baixo enquanto acariciava Algie. A terceira imagem é minha – uma foto de perfil. O fundo é brilhante e exagerado, tanto que eu estou quase completamente de silhueta. Ainda posso ver a profunda carranca no meu rosto, no entanto. O olhar de concentração intensa em meus olhos. Eu não tenho ideia do que estou fazendo ou por que eu pareço tão focado. Depois de um tempo, Coralie ficou inteligente sobre o modo como ela tirava suas fotos. Ela iria encontrar o momento certo quando eu estava total e verdadeiramente distraído ou envolvido em alguma tarefa e então é quando ela iria me pegar, como um maldito atirador.

Eu me movo para a imagem número quatro e decepção afunda profundamente dentro de mim. Parece que eu vou perder algumas das fotografias depois de tudo. O papel permanece branco. Eu dou-lhe um minuto extra para me certificar de que nada irá aparecer sobre ele, mas

ele permanece em branco. Ou pelo menos eu penso que está até que eu estou tirando-o do revelador, deixando o fluido correr fora dele, e eu percebo a pequena mancha escura no canto inferior esquerdo. Eu olho para isso, tentando descobrir se é um clique acidental de Coralie ou se é outra coisa. O pequeno remendo escuro é pequeno demais para ter certeza de qualquer maneira, então eu deslizo-o para o fixador e deixo-o lá enquanto eu passo para a próxima imagem. É o mesmo negócio. Um remendo escuro maior desta vez, um rabisco de preto contra um fundo branco. É definitivamente algo. Talvez algo escrito? Algo que ela escreveu para mim?

Eu me movo rapidamente, deslocando sobre o papel e definindo cinco novas imagens no revelador. Cada uma delas sai da mesma maneira, com formas e linhas escuras aleatórias nelas. Eu alterno-as no fixador e desloco as outras imagens para fora para secar. Não demora muito para terminar todo o rolo de filme. Há mais fotos minhas lá, muitas de Coralie sorrindo feliz, mas há nove dos cliques brancos com as marcas negras neles.

Uma vez que o papel secou um pouco, eu pego as fotos e colocoo-as em uma grade no chão, três de largura e três de altura, e eu olho para elas, esperando que elas façam sentido. É preciso alguma reorganização, mas eu eventualmente descubro onde as linhas e manchas se conectam.

Afinal de contas, não é um recado. É uma pintura. Uma pintura de um pássaro. Teria sido enorme. Está em uma tela - deve ter sido pintado sobre o material que comprei para ela, desde que seu pai se recusou a comprar seus materiais. É lindo. Agora que eu estou olhando mais de perto eu posso ver que não há apenas um pássaro como eu pensei primeiro, mas há na verdade três, um dentro do outro, o menor apenas uma pequena silhueta feito com três torções de um pincel. É uma pintura tão simples, definitivamente não é a coisa mais complicada que Coralie já pintou, mas é linda porque eu sei o que ela representa. Sou eu e ela. E nosso bebê.

Era assim que ela ia me dizer. Ela veio aqui em casa um dia, no tempo que estávamos brigando e ela queria que eu revelasse sua câmera. Eu fui um idiota teimoso e recusei. Então é por isso que ela queria me mostrar. Eu me agacho, olhando para as fotografias, meu coração tropeçando a cada batida. Eu não estou acostumado a me sentir assim, tão despedaçado, sendo puxado em tantas direções de uma só vez.

Estou com raiva dela. Ela estragou tudo. Mas então eu estraguei tudo também. Nós dois estragamos. Se não tivesse sido assim, talvez nós tivéssemos feito algo mais tarde, magoado um ao outro, feito algo estúpido para nos afastar um do outro e ir para caminhos diferentes. Eu estava tão certo de nós naquela época que eu nunca pensei que iria acontecer, mas quem sabe.

Eu queria que nossos caminhos se cruzassem novamente, para que nos encontrássemos e reparássemos as mágoas dos últimos doze anos, mas a confissão de Coralie mudou as coisas. A questão é, mudou as coisas o suficiente para me fazer desistir da mulher que eu amo? Eu não posso parar de olhar para a pintura que Coralie meticulosamente fez de cliques para me dizer que ela estava carregando meu filho. Ela estava com tanto medo no momento - petrificada, de fato. Lembro-me muito bem. Mas esta pintura não está carregando uma mensagem de más notícias. É simples e frágil, mas parece-me uma mensagem de esperança. Claro, ela estava nervosa no início sobre o que eu ia dizer, mas ela estava esperançosa. A forma como o pequeno pássaro no centro da imagem está sendo embalada pelos outros dois é amorosa e protetora.

Somos uma família nesta foto; Nós três teríamos sido uma família perfeitamente imperfeita, tão cheia de felicidade e alegria. Teria sido trabalhoso. Teria sido difícil, mas teria valido a pena.

Cuidadosamente, recolho as fotografias e empilho-as uma sobre a outra, suspirando sob a minha respiração. Eu tenho estado tão preso em Coralie não me dizer a verdade sobre como ela perdeu o bebê que eu não tenho realmente focado na real pessoa da qual eu deveria estar com raiva.

Malcolm.

Aquele filho da puta tirou tanto da filha dele. Ele tirou a infância dela. Ele tirou sua inocência. E então ele tirou nosso bebê.

A raiva inunda-me, poluindo-me de dentro para fora. Que tipo de homem levantaria os punhos para uma criança? Especialmente sua própria filha? Coralie era alta para a sua idade, mas ela era graciosa e dificilmente forte. Não comparado com ele, de qualquer maneira. Ela era vulnerável, e ele abusou de sua força, usando-a para controlar e manipulá-la para sua vontade. Ele era um velho homem vil sem um único osso de compaixão em seu corpo.

Levou-me muito tempo para chegar ao ponto de ebulição, mas agora que estou aqui, agora que estou em chamas e estou tão sufocado de raiva que mal consigo respirar, não consigo me acalmar.

Se Malcolm Taylor ainda estivesse vivo, eu mesmo o mataria.

Pego a bandeja cheia de solução reveladora e atiro-a pelo quarto, gritando, liberando minha raiva. A pequena lâmpada na minha mesa de cabeceira cai, caindo no chão onde a base de cerâmica quebra em pedaços. O revelador rola para a parede do meu quarto, molhando tickets de cinema e galerias.

— Foda-se. — Eu não posso lidar com isso. Não posso fazer isso, porra. Coralie está do outro lado da rua, tão mal quanto eu. Ela perdeu tanto quanto eu. Mais. Ela experimentou isso em primeira mão, teve de sentir os punhos de seu pai impactando contra seu corpo repetidamente. Ela teve que viver com a perda, sentindo isso acontecer dentro dela, sentindo a vida desvanecer-se e tornar-se nada. Não consigo compreender o quão terrível deve ter sido para ela. E então sentir-se responsável? Culpar a si mesma por todos esses anos?

Jesus, ela não tinha culpa. Ela era uma apenas uma garota que nunca deveria ter estado nessa posição em primeiro lugar. Sim, a minha raiva por ela não me dizer a verdade foi mal colocada. Tem sido difícil ver isso até agora. Sinto-me desamparado. Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para isso não ser assim, mas não há. Malcolm está morto. Ele ganhou de certa maneira. Ele tirou a própria vida, então agora eu não posso aliviá-lo da tarefa.

Os próximos minutos são surreais. Eu não abro propositadamente a porta do meu quarto, arruinando as poucas fotos restantes que estão apenas metade reveladas. Eu não me encontro de propósito caminhando para fora e para a garagem, atravessando caixas velhas empoeiradas e recipientes de plástico de parafusos até encontrar uma caixa cheia de gasolina na parte de trás do espaço cheio. Eu não caminho propositadamente, em seguida, para a velha casa de Coralie e atinjo o meu punho através da janela de vidro na porta da frente, de modo que eu possa abri-la e entrar.

Minha mente não está fixada na natureza altamente ilegal do que estou prestes a fazer. Na verdade, nem estou pensando nisso. Só estou pensando na tarefa que devo realizar no porão.

Dentro da casa, tudo está estranhamente limpo e arrumado. Pensei que estaria como a minha casa, empoeirada e oca, mas na realidade, parece que Malcolm ainda está morando aqui. Como se a

qualquer momento, ele pudesse descer a escada, os punhos apertados, a fúria em seus olhos, pronto para me espancar. Eu passei tão pouco tempo nesta casa que ela não carrega lembranças para mim enquanto eu ando pelo corredor largo, espiando através das portas abertas e nos quartos escuros e silenciosos além.

Meu corpo está repleto de arrepios enquanto coloco o recipiente com gás em meus pés; Eu parei na porta do porão. Eu estremeço quando vejo o fecho de segurança deste lado da porta. A madeira lascada e estilhaçada onde alguém tentou forçá-la aberta do outro lado. Foi Coralie. Essa era a mulher que eu amo, presa e assustada, sabendo o que estava acontecendo dentro dela.

Malcolm provavelmente esteve exatamente onde eu estou parado agora, observando a protuberância da porta contra suas dobradiças, e ele provavelmente sorriu. Posso imaginá-lo fazendo isso. Não havia compaixão no homem. Nenhuma alma. Sem coração. Ele não teria se importado quando ouviu sua filha chorando e implorando por sua ajuda. Ele teria esperado que ela ficasse em silêncio, horas de inconsciência, antes de deslizar para trás o parafuso de ferro e levá-la para fora daquele lugar.

Meus olhos cintilam com lágrimas enquanto abro a porta e desço.

Está muito escuro. Levo um tempo para encontrar um interruptor de luz, e durante esses momentos de cegueira, sozinho, alheio ao que poderia estar esperando por mim, parece que a escuridão é uma coisa viva, espessa, como nadar sobre de cola, e estar tentando escorregar pela minha garganta, serpentear pelo meu nariz, tentando me afogar e sufocar minha voz.

Foi assim que ela se sentiu quando estava sozinha aqui embaixo? Coralie estava na escuridão, sentindo que não podia respirar?

Eventualmente meus dedos rastejam ao longo da parede ao lado de mim e encontram o que estavam procurando. No entanto, eu não aperto o interruptor imediatamente. Levo um segundo para puxar um último suspiro superficial, para tentar entender como isso deve ter sido para ela. Teria sido aterrorizante, sem dúvida.

Eu não sei o que estou esperando quando acendo a luz. Talvez um conjunto de correntes no canto, aparafusado à parede. Um colchão sujo, manchado no canto, espirais enferrujadas de molas que picam através do tecido comido por traças. Marcas de unhas nas paredes. Não é esse o caso. Quando eu acendo a luz, corpo tenso e preparado para o pior, vejo que não há nada aqui embaixo. Literalmente nada. Não há

mesas de trabalho. Sem ferramentas. Sem congelador. Nenhuma das coisas que você pode encontrar em qualquer porão normal. As paredes são de concreto. O chão é terra dura batida, plana e uniforme. As vigas expostas que suportam o teto e as paredes são de madeira bruta, e elas parecem ter sido tratadas em algum momento com algum tipo de verniz. O espaço parece que nunca foi usado para nada, muito menos como uma prisão para uma menina de dezessete anos de idade.

Eu tenho que deixar o porão e voltar para minha própria garagem para encontrar uma pá. Jo Cross está gravado no cabo de madeira. Parece estranho usar o equipamento de jardinagem da minha mãe para esse propósito, mas não tenho paciência para encontrar outra coisa. Volto a escada do porão ao lado, com meu coração em algum lugar na minha garganta e um buraco no meu estômago, cabeça girando com raiva, e começo a trabalhar.

Coralie nunca disse onde ela enterrou o corpo.

Em algum momento eu tiro a minha camisa, meu torso liso com suor, e eu trabalho por um longo tempo. Eu não tenho ideia de quão fundo ela teria ido. Eu não tenho ideia se ela teria tentado esconder o lugar de Malcolm. Tudo o que sei é que não vou deixar este lugar sinistro e horrível até encontrar o corpo do meu bebê.

É depois da meia-noite quando eu atinjo meu objetivo. Eu levantei cuidadosamente mais da metade do chão do porão, cavando e enchendo os buracos enquanto eu trabalhava, até que finalmente encontro um material de comprimento pequeno e branco, um quilômetro abaixo da superfície. Está dobrado e desgastado, tão esfarrapado e velho que quase desmorona em minhas mãos enquanto eu o levanto para fora da terra.

É tão leve. Talvez este pacote dobrado de pano não seja o que eu estou procurando depois de tudo. Coralie só tinha quatro meses e meio de gravidez. O bebê mal teria sido formado. Certamente não teria pesado muito. E depois de todo esse tempo...

Penso em abrir o pano. Que droga, isso é tão macabro, no entanto. Eu simplesmente não consigo. Meu filho, seja ele ou ela quem for, está em repouso há muito tempo. Seria errado perturbar esse descanso. Quebraria meu coração fazer isso. E, além disso, quando eu cuidadosamente viro o pacote mais em minhas mãos, eu vejo algo distinto que me permite saber que isso é o que eu estou procurando - O esboço desbotado, enlameado de um pássaro azul.

Sinto como se alguém tivesse as mãos ao redor da minha garganta, impedindo-me de respirar fundo. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. É muito surreal, muito horrível. Muito doloroso. Afundando no chão, eu embalo o delicado feixe de fibras, segurando-o em ambos os braços, e eu soluço. Eu soluço até que minha garganta fique rouca e meus olhos não funcionam mais.

Coralie

Eu fico na casa de Friday. É estranho, mas saber que Callan está do outro lado da rua me dá alguma forma de conforto. Passei muito tempo aqui em Port Royal tentando escapar dele, para estar o mais longe possível, mas agora que eu contei a ele tudo, isso mudou. Eu quero estar com ele. Eu preciso estar com ele. Eu quero ser perdoada. No fundo dos meus ossos, acho que pode ser tarde demais.

Está escuro como tinta preta do lado de fora da janela do quarto quando Friday entra em seu pequeno quarto de hóspedes na parte de trás da casa e me sacode.

— Criança. Coralie, garota. Levante-se e saia da cama neste instante.

Eu pisco pra ela, tentando entender o que está acontecendo. — O quê? Que horas são? Está tudo bem? — Friday sempre parece saudável como um cavalo, mas a verdade é que ela está bem em seus oitenta agora. E ela realmente não gosta de tomar seu medicamento para a diabetes. Por um momento eu sinto pânico, pensando que algo está terrivelmente errado com ela.

Seus olhos estão arqueados, os brancos a mostra enquanto ela freneticamente me sacode na cama.

— O que eu disse, garota? Eu disse para se levantar e sair da cama neste segundo. Alguma coisa está acontecendo do outro lado da rua. Algo ruim, eu diria.

Imediatamente eu não estou mais preocupada com a diabetes de Friday, e eu estou muito preocupada com Callan na casa velha de sua

mãe, machucado de alguma forma. Há todas as chances de que ele tenha ficado bêbado, esbravejando dentro da casa, caído das escadas e quebrado seu pescoço. Eu escapo da cama e corro pelo corredor, esquivando em torno da circunferência considerável de Friday enquanto luto para chegar à rua. Estou usando uma de suas grandes camisolas. Assim que abro a porta da frente e me apresso para a varanda, uma rajada de vento quente atinge o tecido, fazendo-o grudar ao meu redor em um mar de algodão branco. Atrás de mim, Friday bufa e grunhe enquanto ela desce as escadas. Do outro lado da rua, do outro lado da calçada, minha casa velha está sendo comida viva pelo fogo.

Colunas altas de fumaça se erguem, irritadas e cinzentas contra o azul profundo da noite no céu. Os dedos vermelhos, alaranjados e brancos das chamas lambem as janelas, cujo vidro se quebrou, permitindo que o inferno se levante como uma luz líquida, desafiando a gravidade à medida que salta para cima das estrelas.

— Puta merda.

— Verdade. — Friday concorda, de pé ao meu lado. Seu cabelo está em rolos, preso a sua cabeça. O fogo lança um brilho alaranjado em sua pele, refletindo nas piscinas de seus olhos. — Parece que o inferno não estava satisfeito com o corpo dele. — diz ela. — Ele veio e reivindicou a casa do seu pai, também.

Eu dou um único passo para fora no gramado da frente, minha boca aberta, tentando descobrir o que poderia ter acontecido, a fim de que a minha casa de infância de alguma forma esteja em chamas. E então eu vejo a silhueta escura de alguém parado na frente do lugar, uma figura escura contra o caos e a luz, e eu sei exatamente o que aconteceu. Callan. Callan Cross fez isso acontecer.

Eu tropeço através do asfalto rachado, meus pés descalços, a camisola de Friday ainda ondulando em torno de mim como uma vela. O portão da frente ressoa enquanto ele fecha atrás de mim e caminho no jardim da frente pela primeira vez em doze anos. Callan ouve - seu ombro ligeiramente tenso ao som do eco de metal que desce pela rua deserta.

Ele não se vira, entretanto. Ele continua olhando para as chamas, olhos travados na porta da frente aberta e a loucura que ele criou.

— Isso tinha que acontecer. — ele sussurra. — Você não está com raiva. — Ele diz isso como uma declaração, apenas no caso de eu estar pensando em dizer o contrário. No entanto, não pretendo fazê-lo. Estou atordoada enquanto estou ao lado dele, olhando para a destruição que

está acontecendo, devorando o local onde fui atormentada por tantos anos.

É real e bonito, selvagem e esmagador, tudo de uma vez.

Eu não consigo segurar minhas lágrimas. O rosto de Callan está cheio de fuligem e suas próprias lágrimas. Parece um animal selvagem. Distante. Perdido. Eu sofro em meu próprio coração - uma dor radiante que me queima no fundo do meu estômago até o coração, minha garganta, minhas mãos, minhas pernas, em toda parte. Eu sofro na alma. É doloroso e libertador ao mesmo tempo. Deus, eu não tinha ideia de quão livre eu poderia me sentir até este momento.

A casa nunca foi o problema. Foi apenas o pano de fundo para a violência e o abuso. Mas agora que está queimando, rugindo e estilhaçando, caindo aos pedaços, vigas e paredes caindo do lado de dentro, parece que estou realmente e verdadeiramente livre. Eu não tenho ideia de como isso poderia ser o caso, mas é a verdade.

Estou assustada quando Callan pega minha mão na dele. Quando eu estava tropeçando até aqui, as pernas não funcionavam corretamente, a mente agarrada em espanto, me ocorreu que Callan poderia ter incendiado o lugar como um ato de raiva direcionado a mim. Como um ato vingativo, uma vez que o valor da venda da casa estava destinado a vir para mim.

Mas não... Vejo quando me viro e olho nos olhos dele que isso não tem nada a ver comigo. Tratasse de dor, superar a dor. Retomando o controle.

— Eu deveria ter feito isso. — eu sussurro. — Eu deveria ter feito isso há muito tempo.

— Você não poderia. — diz Callan. Sua mão aperta a minha um pouco, e então ele me puxa para que ele possa envolver seu braço em volta do meu ombro. — Você foi criada em violência, mas sua alma não a deseja, Bluebird. Apesar de tudo, você ainda é gentil por dentro. Você ainda é você.

Como ele pode me ver assim? Como ele pode ver alguma parte de mim como gentil? Isso não faz sentido. Eu choro ainda mais, virando para que eu possa enterrar meu rosto em sua camisa cheia de fumaça. Posso sentir o cheiro de gasolina nele, uma mordida química agarrada às suas roupas quase tão ferozmente como agora me agarro a ele. Ele passa a mão sobre meu cabelo uma e outra vez mecanicamente enquanto vê a casa queimar.

— Eu tenho que voltar para Nova York amanhã. — ele diz calmamente.

— Você vai embora? — Meu Deus, espero que ele não esteja indo. Eu não quero que ele vá embora agora. Ele não pode. Felizmente, Callan balança a cabeça.

— Não. Não, eu não vou a lugar algum, Bluebird. Eu vou ficar aqui e nós vamos consertar as coisas. E quando formos, nós vamos juntos. Não pode ser de outra maneira. Não permitirei que seja.

Dessa vez eu não discuto com ele. Ele tem razão; não pode ser de outra maneira. Não há outra maneira agora. Tem que ser eu e ele. Eu e ele pra sempre, como deveria ser antes do mundo desabar.

Callan e eu ficamos lá e observamos. Depois de um tempo, o sol começa a subir e a estrutura da casa desaba. Ninguém chama a emergência. Quando os caminhões de bombeiros aparecem, minha antiga casa foi destruída e todo rastro de Malcolm Taylor desapareceu.

Vinte e Cinco

Coralie

Adeus Parte II

AGORA

O velório ocorreu três dias depois.

Eu vesti um dos vestidos da minha mãe – o preto que eu estava planejando vestir na noite que Callan me chamou para ir à festa com ele. Eu lembro de pensar uma vez que não seria capaz de caber nas roupas de mamãe, e isso me deixou imensamente triste. No entanto, conforme me tornei uma mulher, meu corpo emagreceu, tornou-se esbelto e compacto, e quando eu abri as caixas que Callan confessou ter tirado de Ezra, todas as suas coisas me couberam perfeitamente.

O dia está claro e fresco. A umidade sufocante que tinha domínio sobre Port Royal havia diminuído, e uma gentil brisa fresca bate nos ramos do enorme carvalho vivo que preside o cemitério de St. Regis dos Mártires da Igreja Católica. É como se o vento estivesse sussurrando para nós, enquanto nos reunimos junto à sua pequena sepultura, cabeças baixas, tristes, mas leves ao mesmo tempo.

Friday, Tina e Shane foram as únicas pessoas que chamamos para comparecer. Ninguém mais realmente importava. A única pessoa que eu iria querer aqui é Jo. Callan está triste que sua mãe também não está conosco agora. Consigo ver isso nele. De certa forma ela está, no entanto. A pequena sepultura que nós preparamos para o nosso filho está bem acima da dela. Eu sei que onde quer que ela esteja, vai zelar pelo nosso bebê da mesma forma que zela por nós todos os dias.

O Padre Sam foi literalmente um enviado de Deus quando nós o dissemos o que nós queríamos fazer. Ele não fez perguntas quando nós dissemos que não tínhamos nenhuma papelada. Ele não disse uma palavra quando nós dissemos que ele não poderia examinar o corpo.

Ele e Callan saíram ao amanhecer e cavaram o buraco no topo da sepultura de Jo, menos profundo, próximo à superfície, mas ainda ali com ela. Com o tempo teremos um pedreiro e gravaremos o nome do nosso filho na lápide, abaixo do dela, mas por enquanto, Callan me pediu para pintar uma série de pássaros sobre o mármore polido. Eles irão sumir. Em um curto espaço de tempo, o vento e o sol irão desgastá-lo até desaparecerem, mas por agora é um tributo apropriado.

Tina soluça incontrolavelmente enquanto Sam fica de pé sobre a estreita faixa de terra aos seus pés e fala. Callan e eu somos como um, seus braços enrolados ao meu redor, minha cabeça descansando no seu peito. Nós encontramos conforto um no outro enquanto nós ouvimos.

— Eu sei que nenhum de vocês são frequentadores da igreja, então nem se importem em fingir. — Sam diz, enviando um olhar estupefato pelo nosso pequeno grupo. — Mas eu sou um homem de Deus, e eu acredito em Sua infinita misericórdia. Crianças são um dos AGORAs mais sublimes. Existem muitas citações que eu poderia ler agora, algumas que são diretamente relevantes para a passagem do inocente, mas eu pensei que esse trecho específico da escritura seria mais apropriado. É dos Cantares de Salomão — Ele limpa sua garganta suavemente e continua em baixo tom: — Meu amado fala e me diz: ‘Levanta-te, amada minha, formosa minha, e vem. Pois eis que já passou o inverno, a chuva cessou e se foi; aparecem as flores na terra; já chegou o tempo de cantarem as aves, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira começa a dar seus primeiros figos; as vides estão em flor e exalam seu aroma. Levanta-te, amada minha, formosa minha, e vem. — Sam se volta para nós então, e sorri tristemente.

— Callan, Coralie, seu filho foi chamado há muito tempo, mas ele ainda permanece com vocês. Quando duas almas se unem para criar uma vida, cada uma dedica uma pequena parte dela mesma para seu filho. Uma vez que isso é feito, a morte não pode cortar os laços entre vocês. Vocês não precisam acreditar em Deus para acreditar nisso. Essa pode não ser uma teoria que meus superiores necessariamente sorririam, mas não importa quem nós somos ou quem nos criou, nós somos todos energia. E energia que se une por amor, não pode ser despedaçada. Não pelo tempo. Não pelo luto e pela dor. Nem mesmo pelo véu da morte.

Callan me abraça mais apertado, se mantendo tão firme quanto uma estátua enquanto Sam termina seu sermão. Ele fala eloquentemente, gentilmente, e faz Friday se virar e afastar-se, enxugando seus olhos com a ponta do lenço. Eventualmente, ele diz: —

Nós enviamos o espírito desta criança até você, oh Senhor. Nós o confiamos ao seu cuidado, que Você possa zelar por ele até a eternidade. Que Você o abençoe e o guarde sempre. Nós o chamamos...? — Sam dá um olhar questionador a mim e a Callan. Nós dois respondemos ao mesmo tempo.

— Nós o chamamos de Joseph.

— E agora? — Shane bate de volta uma dose de Jamison e faz uma careta. Tina o entrega outra dose, o que é surpreendente, mas eu acho que ela quer ficar bêbada. Como ela não pode, está permitindo seu marido empurrar bebida forte garganta abaixo. Shane aponta um dedo à Callan e então balança para mim como se fosse uma arma ofensiva. — Los Angeles? Ou New York? E não venham me dizer que vocês não vão resolver as coisas de uma vez por todas e finalmente ficarem juntos, porque eu vou literalmente esfaquear vocês.

A três bancos de distância, a cerveja da xerife Mason para na metade do caminho em sua boca; ela olha para Shane, franzindo a testa.

— Não literalmente, claro, Amanda. Mas figurativamente. — Shane diz.

— Fico feliz em ouvir isso.

Quando ele se volta para nós, com a terceira dose em sua mão, ele tem uma careta feroz em seu rosto, no entanto. — Eu farei. — ele silva. — Eu conheço todos os melhores lugares para enterrar um corpo por aqui. Mmm. Falando nisso, isso significa que você não vai ficar para o funeral do seu pai?

— De jeito nenhuma ela vai ficar. — Callan diz. — Ela vai voltar para LA pela manhã e eu vou voltar para New York. Nós dois temos algumas... coisas para resolver. Depois disso, vamos nos mudar para o Colorado.

Shane quase cospe seu whisky. — O quê?

— É tipo no meio, Shane. E nós dois estaremos mais perto de Port Royal, também, então para de reclamar.

Eu nunca pensei que estar perto de Port Royal seria levado em consideração, mas agora que meu pai se foi, bem, eu acho que será. Minha mãe está enterrada aqui. E agora Joseph teve um enterro

apropriado aqui também. Parece certo que possamos voltar aqui de vez em quando para visitá-los.

— Vocês dois são sortudos, eu suponho. — Tina diz. — Vocês são do tipo criativo. E podem trabalhar em qualquer lugar do mundo.

— Exatamente. — Eu levanto minha própria dose de whisky e o pessoal batem seus copos contra o meu. — E existem muitas coisas para pintar e fotografar no Colorado, também.

Callan me dá um sorriso secreto. Ele me beija levemente, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto enquanto ele enche minhas bochechas com toques suaves dos seus lábios.

Meu coração está tão completo. Quando Ezra ligou e disse que eu precisava voltar aqui, pareceu a coisa mais difícil do mundo. Eu não achei que conseguiria. A escuridão que eu associei a este lugar, a escuridão que abasteceu meus demônios ameaçou me arrastar para baixo de uma vez por todas. Eu nunca imaginei que ao invés disso, voltar aqui consertaria alguma coisa. Coloquei alguns desses demônios para trás. Eu não sou tola o suficiente para pensar que estou livre e limpa da bagagem que venho arrastando comigo desde que fui embora doze anos atrás, mas agora eu não sei. De alguma forma, essa bagagem parece ser manejável. Eu tenho a sensação de que o peso dos meus fardos pode até se tornar imperceptível, em algum momento no futuro.

Callan enche-me de beijos de novo. — Vem aqui fora comigo. — ele sussurra. — Tem algo que quero te dar. — Eu acho que meu pânico deve estar estampado no meu rosto. Ele ri. — Não se preocupe. Não é nada assustador.

Na frente do bar, Callan estende a mão para o bolso e puxa algo que faz meus olhos saltarem: é uma câmera descartável, exatamente igual às que ele costumava me dar quando estávamos juntos antes.

Ele parece chateado, quase mesmo envergonhado. — Eu pensei em só te dar uma câmera automática. Teria sido muito mais fácil para você usar e muito menor, também. Mas... eu não sei. — Ele encolheu os ombros enquanto estendia a câmera para mim. — Eu esperava que você recomeçasse nosso pequeno desafio. Esta merda de dez anos. Nós deveríamos revelar essas fotos depois de um ano. E nós deveríamos fazer isso juntos.

Ele me contou como revelou minhas fotos e encontrou minha pintura dos três pássaros. Em algum momento relembramos o restante das câmeras e a revelação de todas elas. Existem incontáveis histórias,

piadas e segredos armazenados naqueles rolos de filme. Seria uma pena não revisitá-los, mesmo se eles trouxessem memórias dolorosas do passado. Eu pego a câmera descartável dele, sorrindo para ela. — Claro. Acho que pode ser divertido. Estou ansiosa por isso. — Olhando para o corpo da câmera, eu vejo que a pequena janela exibindo quantas haviam sido tiradas já está definida para trinta e um de novo, do mesmo jeito que estava quando Callan me deu aquela primeira câmera no meu aniversário.

— Você trapaceou de novo? — Eu perguntei, apontando para o pequeno número branco através do plástico. — Essa é outra mensagem de Eu amo você? Porque se é, você foi passado para trás nessa, Callan Cross. Eu descobri essa há muito tempo atrás.

Callan contém um sorriso, me puxando para seus braços. Eu tenho que erguer meu pescoço para olhar para ele, apertando os olhos como se não confiasse nele. Callan pode estar fazendo um fantástico trabalho fingindo que não quer rir como um idiota agora, mas ele não consegue esconder o que está nos seus olhos. — Não é isso, eu juro. — ele diz.

— Você vai me dizer o que é?

Lentamente, ele balança a cabeça de um lado para o outro. — Parece que você vai ter que ficar comigo tempo suficiente para descobrir, não é mesmo?

— Parece que sim. — Eu seguro a câmera até o meu rosto, dando um enorme passo para trás para enquadrar ele todo. Ele ri quando enquanto eu tiro a foto dele, cabeça levantada para trás, sua garganta exposta para as lentes. Ele está perfeito naquele momento – pacífico, de certo modo. Relaxado, como se tudo estivesse finalmente se encaixando em seus devidos lugares. E eu suponho que realmente esteja.

Callan tira a câmera de mim e enrola o filme, iluminando seus dentes para mim. Nós não dormimos juntos desde a noite que ele queimou a casa de Malcolm. Nós temos passado cada momento do dia juntos, beijando e nos abraçando, acariciando e amando, mas ele não tem estado dentro de mim. Entretanto, posso dizer que essa noite isso vai mudar.

— Você está preocupada em ver Paul de novo? — Callan pergunta. — Você acha que existe alguma chance de você passar por aquela porta e se apaixonar perdidamente por ele de novo e esquecer de mim?

— Você sabe perfeitamente bem que o nome dele é Ben. E não, eu não estou preocupada em vê-lo. Nós não somos a pessoa certa um para o outro por anos. E eu sou uma pessoa muito mais forte do que era quando deixei a Califórnia. Eu vou empacotar minhas coisas e dirigir para fora de lá sem nem olhar para trás. Mas, e você? Como se chamava a sua? Stevie? Eu estiro minha língua para ele.

— Rae. E Rae e eu nunca namoramos, éramos só amigos.

— Com benefícios.

A câmera voltou para o seu bolso. Ele dá um passo à frente, segurando meu rosto com ambas as mãos. — Mas eu nunca tive olhos para ela, Coralie. Eu nunca tive olhos para ninguém além de você. A primeira vez que nos falamos, quando você estava enterrada em todos aqueles livros, espalhados pelo chão, eu apenas tive olhos para você. Você era tudo. Ainda é. Levou um dia ou dois para superar a mágoa do que você me disse, Bluebird. Mas quando eu me tranquei no meu quarto e revelei aquelas fotos que você tirou, não havia mais mágoa. Não havia espaço para raiva. Apenas tristeza por todas as coisas pelo que passamos, e uma determinação de aço para que nenhum de nós passássemos por nada como aquilo de novo. Você me promete isso, Coralie? Deus, promete compartilhar tudo comigo a partir de agora, independentemente de qualquer coisa?

Eu tento inclinar a cabeça, meus olhos queimando enquanto tento me livrar das lágrimas, mas Callan não deixa eu olhar para outro lugar. Ele abaixa-se até nosso olhar estar no mesmo nível, e eu posso ver o quanto ele precise que eu diga isso. Não porque ele não confia em mim. Não porque ele não está sendo honesto comigo e ainda está com raiva. Ele precisa que eu dê isso a ele porque ele me ama, e quando eu me machuco ele se machuca. Ele precisa saber que eu darei a ele a oportunidade de me salvar, mesmo que meu orgulho não queira.

Eu aceno, engolindo seco. — Eu prometo. Eu juro. — Ele me beija de novo, e dessa vez não são os gentis beijinhos de borboleta que ele estava me dando dentro do bar. É profundo e penetrante. Ele me reivindica com sua boca, nossos lábios fortemente pressionados juntos, suas mãos no meu cabelo, sua respiração morna e difícil. Quando ele me afasta, ele inclina sua testa contra a minha sorrindo suavemente.

— O presente e o futuro não podem mudar o passado. — ele sussurra. — Mas o passar do tempo deixa a dor nas nossas costas menos severa. Tudo o que temos que fazer é olhar para frente e olhar

para a luz. O que há atrás de nós pode ser escuro, Bluebird, mas eu sinto aqui dentro de mim. Há grandes coisas à nossa frente.

Epílogo

Coralie

Colorado

Eu raramente penso no meu tempo em Los Angeles. Parece tão surreal agora, imaginar que passei tanto tempo lá, vivendo uma vida estranha e silenciosa. Eu falei para Tina quando estava em Port Royal que eu preferia trabalhar sozinha no meu estúdio, sem nunca ver ninguém durante o dia, e na época eu acreditava naquilo. Porém, isso mudou quando Callan e eu nos mudamos para o Colorado. A casa que compramos tem vista para o Rio Platte do Norte, sobre uma imensidão de floresta e montanhas, e eu comecei a hospedar retiros de artistas. Pessoas vinham de todo lugar do país para ficar em pequenas cabanas que nós construímos no nosso terreno, e eu os ensino a pintar e desenhar. É muito mais gratificante do que a solitária existência que eu vivia.

Callan ainda tem que viajar para fotografar, mas ultimamente ele está em casa com mais frequência. Ele parou de fazer ensaios de moda. Ele quase trabalha exclusivamente para revistas de vida selvagem e natureza, o que ele parece gostar bem mais do que as coisas de estúdio e estilo de vida.

Nós escalamos. Nós caminhamos. Nós nadamos. Nós fazemos amor. Nós fazemos muito amor. Estar com Callan de novo parece ter me acordado sexualmente. Eu tão jovem quando perdi minha virgindade com ele. Sexo era tão novo e sufocante. Eu estava sempre com tanto medo de fazer algo errado, que eu não o satisfazia. Isso não é mais um problema. Eu sei como deixá-lo louco, e ele sabe como me levar à beira do abismo. Nós passamos hora após hora explorando o corpo um do outro, dizendo um ao outro o que é bom. Nós passamos tanto tempo na cama nos últimos dez meses que tecnicamente não deveria existir nada em nós para ser descoberto, mas ainda assim sempre que ele põe as mãos sobre mim, parece novo. Revigorante. Emocionante.

Eu estou colocando meus materiais em ordem, revivendo a última vez que Callan se deitou sobre mim, tremendo ligeiramente, quando eu escuto a porta da frente bater no andar de baixo. Eu pulo, derrubando um recipiente de plástico cheio de pincéis no chão, e eles caíram da caixa se espalhando no assoalho.

— Bluebird! — Lá embaixo, Callan grita por mim. Eu ouço um barulho alto e então o barulho dos seus sapatos sendo tirados. É um hábito que ele tem – a parede da entrada é arranhada e marcada onde ele chuta os sapatos que batem na pintura toda vez que chega em casa. — Bluebird, cadê você?

Eu sorrio, correndo para fora do estúdio. Olhando sobre o corrimão, eu o vejo encostado contra o batente da porta, me olhando com um sorriso enorme e bobo estampado no seu rosto. — Aí está ela. — ele diz. — O que está aprontando, Bluebird?

— Arrumando algumas coisas. O que você está aprontando? Não era para você voltar até amanhã. — Eu desço as escadas correndo e lanço meus braços ao redor de seu pescoço enquanto ele beija meu rosto, minhas bochechas, minha testa e minhas têmporas.

— Eu peguei um voo mais cedo. Queria te ver. — ele me diz. — Senti saudade de você. E eu sei que senti saudade de mim. Seu vibrador provavelmente tem vapor saindo dele de tanto que usou.

— Hey! Que atrevido. — Eu bato no seu braço, mas ele meio que está certo. Eu estou tão acostumada a transar com ele regularmente, duas vezes por dia, que ficar sem sexo durante uma semana inteira é difícil pra caramba. — Por que você não me ligou? Eu poderia ter ido te buscar no aeroporto.

— Porque eu queria te fazer uma surpresa. — Ele beija a ponta do meu nariz. — Hoje é nosso aniversário.

Eu entro em pânico por um momento, me perguntando como diabos eu poderia ter esquecido, mas então eu percebo que ele está errado. Nós estamos juntos há apenas dez meses. Dez meses desde que meu pai morreu. Dez meses desde que eu terminei com Ben, e Callan terminou com Rae. Dez meses de pura felicidade juntos. — Eu acho que você está um pouco adiantado. — eu digo, puxando seu lábio inferior com meus dentes.

Os olhos de Callan brilharam do modo mais perigoso. — Bem, você me conhece por ser muito adiantado, Bluebird. — ele sussurra. Deslizando sua mão pra dentro da minha blusa, ele traça seus dedos

até alcançar meu sutiã. Ele aperta meu mamilo sob o tecido fino, fazendo-me arrepiar.

— Nós estamos juntos a menos de um ano. — eu digo. — Ainda temos mais nove semanas até agosto. Você está adiantado agora. — Eu mal consigo me concentrar no que estou dizendo. Ter suas mãos em mim é muito distrativo, principalmente quando ele está apalpando e amassando meus seios. Ele me fixa em seu olhar, me encarando com tanta fome que me faz ofegar.

— É nosso aniversário de dez meses. — ele diz, sorrindo. — E eu não posso mais esperar para te dar seu presente. Mas primeiro... — Ele me reivindica com sua boca, pressionando seus lábios sobre os meus, sua língua passando pelos meus dentes para lamber e me provar. Ele me segura perto, suas mãos fortes, uma na base das minhas costas, a outra segurando atrás do meu pescoço enquanto ele me beija. É um beijo intenso. Um beijo hollywoodiano de tirar o fôlego, afobado e excitante, na mesma medida. Eventualmente, Callan para de tentar me fazer gozar apenas com sua boca e dá um passo atrás. — Vamos para o tanque. — ele diz. — Eu tenho uma coisa para te mostrar.

O tanque é nome que demos para o permanente quarto escuro no segundo andar. Eu arqueio uma sobancelha para ele, lhe dando um olhar desconfiado. — O que eu ganho com isso?

— Você ganha eu não te colocar sobre meus joelhos e te espancar por ser desobediente. Isso é bom o bastante? — Ele me olha como se estivesse realmente pensando em fazer isso, e pela expressão do seu rosto ele está pensando que seria uma boa ideia. Talvez ele queira mesmo que eu desobedeça.

— Acho que é melhor eu me mexer, não é mesmo?

Callan bate na minha bunda quando eu me viro e corro para subir as escadas. Ele me dá uma vantagem e então sobe as escadas atrás de mim. Olho sobre meu ombro para ver se ele está me alcançando e eu o pego quase caindo quando alcança o andar superior e patina em suas meias. Eu não consigo evitar; Deixo escapar uma gargalhada e Callan xinga. — Você vai pagar por isso, Taylor.

Eu grito, correndo pelo corredor. Alcanço a porta para o tanque dois segundos antes de Callan – tempo suficiente para eu entrar e tentar fechar a porta na cara dele, mas não tempo suficiente para ter sucesso. Ele lança o corpo na abertura, rindo como um maníaco enquanto eu tenho empurrá-lo para fora e fechar a porta.

— Entregue-se graciosamente e eu te deixo manter a calcinha enquanto espanco você. — ele disse.

— Nunca. — Eu estou ofegando, sem ar, costelas doendo de tanto rir.

— Que seja. — Ele dá um empurrão na porta e eu não consigo aguentar mais. Eu cambaleio e ele perambula pelo quarto, me encarando por baixo de seus longos cílios, como um predador à caça de sua presa. — Agora você está com problemas. — ele diz.

Não há lugar algum para ir. Eu olho ao redor do quarto, procurando uma forma de fugir dele, mas o tanque não é tão grande e está lotado de bancos e equipamentos de impressão. Houve um tempo que eu teria ficado assustada nessa situação. Se Ben tivesse tentado me perseguir, sob a ameaça de me espancar, eu teria desmaiado. Eu provavelmente o teria esfaqueado com uma faca da cozinha. Mas as coisas são diferentes com Callan. Eu confio nele cegamente. Ele nunca me machucaria. Nunca faria nada que me colocasse em perigo. Ele dá um passo à frente, com as mãos ao alto. Como se estivesse se rendendo, mas eu posso ver o brilho perverso em seus olhos e eu sei que não.

— Poderia se entregar também, Bluebird. Eu farei ser agradável. Eu juro.

Eu sei que ele está dizendo a verdade, realmente será bastante agradável, mas tem algo muito emocionante em ele vir atrás de mim desse jeito. Desistir simplesmente não seria tão divertido. Eu me protejo atrás da bancada, tentando manter uma cara séria. — Você vai ter que vir me pegar. — eu disse, encolhendo os ombros.

— Tudo bem, você pediu. — Eu espero que ele venha até mim pela esquerda, então já vou contornando pelo outro lado, mas ele coloca as mãos no banco entre nós e salta por cima dele, parando bem na minha frente. Ele me pega, envolve seus braços ao meu redor, e eu sei que acabou. Não há mais lugar para eu ir. Eu me debato por um segundo, incapaz de respirar, rindo demais para fazer algum sentido enquanto eu imploro pra ele me soltar.

Callan morde meu pescoço, um grunhido baixo ressoando na base da sua garganta. — Não vou ser gentil agora, Bluebird. A calcinha vai sair e eu vou bater nessa bundinha perfeita até ficar rosa.

Eu grito, tentando me contorcer, mas o homem me tem no seu aperto. — Porfavorporfavorporfavor! Me solta. Eu tenho trabalho para

fazer. Eu preciso fazer compras na mercearia. Eu não depilei minhas pernas.

— O que qualquer uma dessas coisas tem a ver com a surra que eu estou prestes te a dar? — Ele morde meu pescoço de novo, enviando uma descarga elétrica pelos meus braços e pernas.

— Callan, não se atreva! — eu sussurro. Ainda não parei de rir. Ainda não consigo respirar corretamente. Ele está sorridente como o demônio dentro dele, enquanto me beija. Eu tento me libertar novamente, mas sua boca está quente e exigente e ele é impossível de resistir. Eu caio inerte em seus braços, me libertando pra ele, permitindo que me tome. Não demora muito para que me perca no beijo, perdida nele enquanto ele solta seu aperto em mim e começa a acariciar suas mãos de cima abaixo no meu corpo.

— Porra, senti sua falta. — ele sussurra.

— Senti sua falta também.

Callan não se demora em tirar minhas roupas. Depois de toda perseguição e simulação, eu estou ansiosa demais para ter suas mãos na minha pele nua. Ele fecha a porta com um chute e acende a luz vermelha. Tira suas roupas rapidamente, e eu assisto, meu coração batendo num ritmo frenético quando ele tira a camisa, depois suas meias, jeans e sua boxer. Nossos corpos estão banhados em vermelho, ambos uma mistura de luz e sombra. Callan se senta no tamborete que mantém embaixo da bancada e dá uma palmadinha no joelho.

— Vamos. Melhor acabar logo com isso. — Ele está tão sinistro nessa luz, sorrindo para mim como se quisesse me devorar. Meus mamilos estão duros, doendo, e já estou molhada, excitada pelo mero pensamento do que está prestes a acontecer.

— É melhor você ser legal. — eu digo para ele.

— Vou ver o que posso fazer.

Me curvo sobre seu colo, me sinto corada e quente. Eu quero ele pra caralho. Meu corpo está tão sintonizado a ele agora, tão acostumado a se encaixar nele. Quero ele dentro de mim. Preciso dele dentro de mim. Eu sei que vou ter o que quero muito em breve. Mas primeiro, Callan parecer ter a intenção de fazer do seu jeito.

A primeira vez que suas mãos descem atrás de mim, eu uivo, não esperando a dor aguda. Dói, mas também é ridiculamente bom. Callan

silva. — De novo? — ele pergunta. Ele está me dando a opção de recusar, mas sabe que não o farei.

— De novo.

— Mmm. Bom — Sua mão me atinge de novo, mais forte dessa vez, eu tenho que morder o lábio para segurar o choro. Abaixo de mim, o pênis de Callan pressiona contra meus seios, ficando mais duro a cada segundo. Depois da quarta investida, eu posso dizer que ele está perdendo sua força de vontade. Ele quer me comer tanto quanto eu preciso que ele me coma.

— Você já me quer, Bluebird? — ele murmura. Enrolando meu cabelo ao redor do seu punho fechado. Ele puxa, forte o suficiente para levantar minha cabeça e me fazer olhá-lo.

— Sim. Deus, por favor, Callan.

— Você é uma boa garota por pedir tão educadamente — Ele serpenteia um braço ao redor da minha cintura, me levantando em colo. Meus pés não tocam o chão. Me senta na sua bancada de trabalho, abre minhas pernas e abaixa-se repentinamente, gentilmente lambendo minha vagina. Ele geme na primeira vez que sua língua me toca, aplicando uma pressão autoritária contra meu clitóris. — Porra, seu gosto é maravilhoso, Bluebird. Eu quero te devorar.

E ele devora. Ele lambe e chupa e provoca, fazendo meu corpo tremer, fazendo-me desmoronar. Ele sabe quando eu estou prestes a gozar. Quando começo a deslizar da bancada, ele empurra seus dedos dentro de mim e parece que tem fogos de artifício explodindo dentro da minha cabeça.

— Porra, Callan. Merda. Merda!

— Vamos Coralie. Goze pra mim. Deixe-me prová-la. — Callan bombeia seus dedos dentro de mim, os dedos da sua mão livre encravando na minha coxa e meu quadril enquanto ele me segura para baixo e me mantém no lugar. Eu fiquei ofegante, pasma, desfeita. Callan beija o interior da minha coxa, murmurando coisas lindas e suaves enquanto eu flutuo pelo meu prazer. Eu fico radiante e entorpecida quando ele se empurra dentro de mim.

— Vou fazer você gozar de novo, Coralie. Você está pronta para isso? Vai gritar a porra do meu nome? — Ele é tão grande dentro de mim, duro para caralho. Eu não consigo falar, então eu só aceno com a cabeça, pronta para que ele faça o que prometeu.

Não demora muito. Eu ainda estou muito sensível da sua boca. Tê-lo dentro de mim é intenso – estou tremendo, arrepiada, mal conseguindo controlar meu próprio corpo enquanto Callan me fode. Ele não se segura. Eu me deito na bancada e ele espalma meus seios, lambendo e mordendo meus mamilos enquanto balança seu quadril, investindo dentro de mim, cada vez mais forte. Eu posso senti-lo chegar lá. Eu enlaço minhas pernas ao redor da sua cintura, apertando-o contra mim, esbarrando meu quadril contra o dele, e os mais deliciosos dardos de prazer ricocheteiam através de mim quando começo a gozar.

— Oh merda. Porra, eu vou gozar, Callan. Não pare. Por favor, não pare.

Ele fica tenso. Percebo que ele quer se afastar, para se acalmar, para continuar por mais tempo, mas não posso aguentar. Eu preciso senti-lo gozar dentro de mim. Eu preciso ouvir ele perder a cabeça, do mesmo jeito que estou prestes a perder a minha.

— Tudo bem. Você quer? — ele rosna. — Vou te dar — Ele me fode com força. Ele se bate dentro de mim diversas vezes, até eu ser arrastada para baixo, me afogando nas ondas de prazer. Callan se afoga comigo, ofega comigo, choraminga comigo. Eu me agarro a ele quando nós dois gozamos, perdidos no momento, cobertos de suor. Ele é perfeito.

Eu nunca pensei que teria isso. Eu nunca pensei que teria isso com ninguém, o fato é que eu quero compartilhar com ele o quanto ele é maravilhoso. Existe tanto amor entre nós. Também existe um poço profundo, mas ele não atrai mais nenhum de nós. Ele nos junta, nos aproxima. Nós somos definidos por nossa alegria e nossa felicidade, ao invés da escuridão. Enquanto recuperamos nossa respiração, dedos se deslizam gentilmente sobre a pele nua um do outro, eu sei que isso é para mim. Eu nunca amarei alguém mais do que isso. Eu nunca serei tão feliz ou completa como sou agora. Callan deposita beijos preguiçosos na minha clavícula, sua cabeça descansando no meu peito.

— Está pronta para sua surpresa de aniversário de dez meses? — ele pergunta.

— Sim, por favor. Seria maravilhoso.

Ele sai de cima de mim, sorrindo enquanto beija meu mamilo esquerdo e depois o direito. — Ótimo. Fique bem aqui. Volto num minuto.

Ele permanece nu enquanto se direciona ao outro lado do tanque e alcança uma câmera descartável de uma das prateleiras na parede. Ele ri e segura para que eu veja. — Reconhece isso?

— Claro. — É a câmera que ele me deu do lado de fora do bar em Port Royal. Com o passar das semanas, eu enchi a câmera com fotos da viagem para o Colorado, pássaros, casais apaixonados. Eu enchi de fotos dele. — Está na hora? — eu perguntei.

Ele acena que sim. Observo ele abrir a câmera e revelar o filme. É um processo longo, mas estou feliz em apenas olhar enquanto ele trabalha. Ele é lindo. Nunca ficarei cansada de vê-lo fazer isso, principalmente quando está nu e eu posso encarar sua bunda. Em algum momento ele começa a pendurar as fotos. Callan olha a primeira imagem na direção oposta, distante de mim, e eu começo a ficar nervosa. Não faço ideia do que está na primeira foto, mas é a primeira que ele tirou antes de passar a câmera para mim, isso é óbvio. Ele fica lá, sorrindo para mim, me estudando, sem dizer nada enquanto a foto é revelada. Quando acaba, ele retira da linha e a segura em seu peito.

— Vem sentar aqui comigo, Bluebird. — Ele se empoleira na beira do banco, ainda nu. Levanto da bancada e caminho até ele, meu coração saltando um pouco. Não faço a menor ideia de porque estou tão nervosa de repente. Talvez seja porque Callan parece estar um pouco nervoso, o que não é normal para ele. Ele é sempre tão certo e autoconfiante. O olhar hesitante em seus olhos está me deixando inquieta.

Sento-me em seu colo, prendendo meus braços ao redor de seu pescoço para que ele me segure contra ele. — Você sabe que eu te amo mais que qualquer coisa na face desse planeta. — ele sussurra.

— Eu sei.

— E você sabe que eu faria qualquer coisa para mantê-la segura. Para cuidar de você e te proteger?

— Eu sei.

— Bom. — Ele respira fundo e vira a fotografia. A foto que ele me entrega é de uma caixa de joias fechada. — Eu queria revelá-la no aniversário do nosso primeiro mês, Bluebird. Quis revelar todos os meses após esse, também. Finalmente, não pude esperar mais...

Eu encaro a imagem, me perguntando se é o que estou pensando. Eu sei muito bem o que é, mas meu cérebro apenas não processa a informação. — Você está falando sério? — eu sussurro.

Callan acena vagarosamente. — Eu te perdi doze anos atrás, Coralie. Não quero ficar sem você nunca mais. Eu quero ser seu marido. Quero cuidar de você e criar uma família com você. Eu quero te dar a vida mais perfeita. — Cuidadosamente ele tira a foto das minhas mãos e a deixa cair no chão. Ele levanta e me carrega para um conjunto de gavetas no outro lado do cômodo, onde ele abre a gaveta de cima e apresenta exatamente a mesma pequena caixa de veludo que me mostrou na fotografia. Ele parece preocupado por um segundo, como se estivesse ansioso em me entregar.

— Eu te amo, Coralie. O que você diz? Quer casar comigo?

Ele não precisa nem abrir a caixa. Ele poderia ter perguntado sem mesmo ter um anel e eu diria a mesma coisa. Eu sinto como se fosse desmaiar. — Sim. Sim, claro que eu caso com você, bobo.

De repente tenho quinze anos novamente. Estou sentada no chão da biblioteca, em algum lugar muito distante, e tem um garoto me olhando como se eu fosse a criatura mais desconcertante que ele já viu. Eu estou perdendo minha virgindade com ele. Estou dizendo que o amo. Estou dizendo a ele que estou grávida. Estou dizendo que estou deixando ele. Ele está me dizendo que nunca vai me deixar ir, novamente. Ele está dizendo que agora tudo será perfeito. Ele está me mostrando que é verdade. Eu estou imaginando a perspectiva das coisas que estão por vir. As crianças que teremos. Os caminhos que ainda temos que percorrer. As aventuras que compartilharemos.

Lágrimas enchem meus olhos quando Callan me beija, e eu me sinto tonta, leve, como se estivesse voando. Como se eu fosse um pássaro.

É a vida.

Fim